



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS  
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO: JORNALISMO  
ÁREA: JORNALISMO ESPORTIVO

## **O PERFIL DO JORNALISTA ESPORTIVO CONTEMPORÂNEO**

PRISCILLA FIGUEIREDO MELO  
RA Nº 2031404/3

PROF.<sup>a</sup> ORIENTADORA:  
MÔNICA IGREJA DO PRADO

Brasília/DF, junho de 2009

PRISCILLA FIGUEIREDO MELO

## **O PERFIL DO JORNALISTA ESPORTIVO CONTEMPORÂNEO**

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Ms. Mônica Prado

Brasília/DF, junho de 2009

PRISCILLA FIGUEIREDO MELO

## O PERFIL DO JORNALISTA ESPORTIVO CONTEMPORÂNEO

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Ms. Mônica Prado

### **Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Mônica Igreja do Prado  
Orientadora

---

Prof. Paulo Roberto Assis Paniago  
Examinador

---

Prof. Severino Francisco da Silva Filho  
Examinador

Brasília/DF, junho de 2009

## Dedicatória

A todos os jornalistas esportivos que mesmo diante de tantas cobranças e exigências conseguem fazer um trabalho de qualidade e com ética. Àqueles que amam e valorizam o esporte.

## Agradecimentos

A Deus por estar presente em tudo que faço e me permitir mais essa conquista. Aos meus pais por me darem amor e apoio para que eu pudesse alcançar minha meta de ser jornalista. Aos meus irmãos, pelo carinho e convivência, sem a qual a felicidade não se faria presente em minha vida. Aos outros familiares, muito obrigada por tudo. Vocês são muito importantes para mim. Agradeço ao meu namorado que sempre me auxiliou na vida acadêmica. Obrigada pelo amor, companheirismo e total incentivo aos meus estudos e sonhos. A Joana Pantoja pela dedicação e ajuda, por sempre demonstrar grandes expectativas em relação ao meu futuro profissional. As minhas amigas, pela força e pelos inúmeros momentos de alegria. A minha orientadora que pacientemente me ajudou e acreditou neste trabalho. Por me fazer crer que sou capaz e me mostrar as possibilidades e caminhos que posso percorrer no Jornalismo. E a todos que de alguma maneira me ajudaram a alcançar essa vitória. A vocês toda a minha alegria e gratidão.

“Sim, o show precisa continuar, mas o jornalista não é nem artista nem ilusionista, precisa se preocupar em jogar luz sobre os fatos, por mais que a cobertura esportiva seja contaminada, necessariamente, pela emoção que desperta”.

*Juca Kfour*

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo levantar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo. Compreender qual é o perfil ideal do profissional desta área, na perspectiva dos próprios jornalistas esportivos que estão neste mercado hoje. Para tal, foram realizadas entrevistas em profundidade com 15 jornalistas esportivos de Brasília de diferentes mídias e veículos. O método usado foi a análise de bibliografia sobre o assunto, de monografias de Jornalismo Esportivo do UniCEUB e análise do conteúdo das respostas das entrevistas por categorização. O perfil do jornalista esportivo contemporâneo está em plena fase de mudança, pois as novas tecnologias estão alterando o papel deste profissional. A pesquisa revela que o perfil profissional do jornalista esportivo é: um jornalista com credibilidade, que seja multimídia, que tenha um texto diferenciado, especialista na área que cobre, que tenha noção da amplitude do esporte e que seja empreendedor. O estudo mostra que o mercado está cada vez mais exigente e o público também. O jornalista esportivo é um profissional que precisa dominar várias áreas além do esporte. A linguagem e o texto mudaram, saíram apenas do factual e cada vez mais é preciso ser analítico e criativo. O merchandising está encravado na área esportiva e o profissional precisa ter jogo de cintura para não perder a credibilidade e a ética. A proliferação de informação pelas novas mídias obriga o jornalista esportivo a estar mais bem preparado profissionalmente e ter amplitude de conhecimento sobre os assuntos políticos, econômicos e sociais que circundam a atividade desportiva, no geral. Quem não souber lidar com as novas tecnologias ficará para trás. As novas tecnologias podem ter acabado de vez com o profissional generalista que escreve sobre todos os esportes. A tendência é que os jornalistas esportivos se especializem em determinado esporte.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo. Perfil profissional. Multimídia.

## Sumário

1. Introdução .....	8
1.1 Reflexões: pergunta e hipótese .....	9
1.2 Caminhos e pegadas .....	10
1.3 Justificativa .....	11
1.4 Objetivos .....	16
1.4.1 Objetivo geral .....	16
1.4.2 Objetivos específicos .....	16
2. Fundamentação Teórica.....	17
2.1 Primeiros registros da imprensa esportiva brasileira .....	17
2.1.1 Nos veículos impressos .....	17
2.1.2 No rádio.....	18
2.1.3 Na televisão .....	19
2.1.4 Na TV fechada .....	21
2.1.5 Na internet.....	21
2.2 O esporte e a mídia .....	23
2.3 O jornalista esportivo e as novas tecnologias.....	24
2.4 O perfil profissional do jornalista.....	28
3. Procedimentos Metodológicos .....	30
3.1 Coleta de dados.....	32
3.1.1 As monografias do UniCEUB .....	32
3.1.2 As entrevistas.....	40
3.2 Tratamento dos dados.....	43
3.3 Análise e discussão dos resultados.....	45
3.4 Considerações sobre os resultados.....	53
4. Conclusão .....	57
5. Referências .....	60
6. Anexos .....	62
6.1 Anexo A: Questionário.....	62
6.2 Anexo B: Respostas questionário.....	63
6.3 Anexo C: Planilhas .....	118

## 1. Introdução

O esporte é um dos fenômenos sociais de maior adesão no mundo. É crescente o interesse da mídia em divulgar e falar sobre o tema. Embora o jornalismo esportivo brasileiro no início tenha enfrentado dificuldades para estabelecer a sua importância na sociedade, o esporte sempre marcou presença pela paixão e interesse das pessoas.

Levando em consideração o enorme alcance que a mídia esportiva tem, é óbvia a importância e responsabilidade que o jornalista esportivo deve ter. Para isso, o jornalista precisa ter ética, conhecimento, técnica e talento. Afinal, é um formador de opinião e sua missão é informar a sociedade.

Uma vez consciente da responsabilidade que este profissional carrega, é importante que ele tenha uma boa preparação para atuar nesta área. Mas, muitas instituições de ensino superior não têm ainda um curso de jornalismo esportivo para adequar os princípios gerais do jornalismo ao esporte. Como fazer então, para ingressar nesse mundo inédito e de extrema importância? Os estudantes devem sair da faculdade com uma noção, no mínimo, básica do que este profissional específico precisa saber. Conhecer o perfil do jornalista esportivo será essencial a esses jovens que querem entrar nesta área do jornalismo.

A faculdade é responsável pela formação de profissionais e cidadãos críticos, que têm como dever zelar pelo destino da sociedade em que vivem. É importante que estes centros de ensino conheçam o perfil dos profissionais que trabalham com notícias esportivas, já que o esporte é um meio de exteriorizar a cultura da sociedade. A formação, o perfil, as habilidades e competências desejáveis ao jornalista esportivo são questões cruciais, uma vez que a prática profissional destes comunicadores é tão importante quanto às de outras editorias, como economia, política, cidades ou cultura.

Com as novas tecnologias este perfil talvez tenha se modificado. De acordo com Roger Silverstone (2002, p.47), as mudanças podem ser, e certamente têm sido profundas: a maneira de fazer jornalismo muda. As novas tecnologias mudam tanto visível como invisivelmente, o mundo que vivemos. O autor diz que as mudanças tecnológicas transformam a escrita e a imprensa, a telegrafia, o rádio, a telefonia, a televisão e a internet, pois, conseqüentemente, cada um oferecerá novas maneiras de administrar a informação e novas maneiras de comunicá-la; novas maneiras de

articular desejos e de influenciar e agradar. Efetivamente, novas maneiras de fazer, transmitir e fixar significado. Talvez novas maneiras de se fazer jornalismo, inclusive o esportivo.

Com certeza essa mudança traz conseqüências para o perfil do jornalista esportivo que está no centro deste turbilhão. Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006, p. 98) afirmam que as novas descobertas da tecnologia praticamente forçam o jornalista esportivo a acrescentar informações ao que já está sendo mostrado na imagem, por exemplo.

### **1.1 Reflexões: pergunta e hipótese**

O jornalismo esportivo já viveu épocas de muito preconceito. Era encarado como entretenimento que jamais poderia preencher uma capa de jornal. O preconceito partia até mesmo dos próprios colegas de profissão que acreditavam que para trabalhar nessa área o profissional não precisava ter muito conhecimento. Hoje, esse quadro mudou devido ao interesse despertado por parte dos leitores em relação ao esporte. Inclusive os estudantes de jornalismo que antes não tinham interesse em trabalhar na área, agora têm.

Ao cursar jornalismo, os estudantes sentem dificuldade em aprender a atuar no jornalismo esportivo, já que as faculdades pouco ensinam a especialização dessa área. O único jeito de aprender a trabalhar nesse segmento é “dando a cara à tapa”, na prática, quando você já está, de fato, no mercado de trabalho. A impressão que se tem é que o jornalismo esportivo tem uma área muito vasta e abrangente, tudo está muito indefinido. O jornalismo esportivo é um segmento? Há diferenças entre os profissionais que cobrem essa área em mídias diferentes? Os profissionais desta área devem se especializar em algum esporte ou precisam saber de todos? É preciso ter conhecimento de coisas além do esporte? O jornalista deve ser crítico? Multimídia? As novas tecnologias mudaram o perfil do jornalista?

Levando em consideração que as novas tecnologias estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho, é preciso analisar o quão útil estão sendo e se os profissionais do jornalismo esportivo estão se inteirando dessas novidades. Afinal, como diz Silverstone (2002, p.46), novas tecnologias, novas mídias, estão cada vez mais convergentes pelo mecanismo da digitalização, estão transformando o tempo e

o espaço sociais e culturais. Esse novo mundo não pára: 24 horas de noticiário. O jornalista está preparado para trabalhar nesse mundo digital?

Como os profissionais dessa área devem agir em relação às novas tecnologias? É diferente o modo de atuar e pensar dependendo para qual veículo ou mídia o jornalista trabalha? Jornal impresso, revista, rádio, TV aberta, TV fechada, jornal on-line, blog... Há ética diferente dependendo da mídia em que se trabalha?

Essas novas tecnologias como a TV digital, jornalismo para celular, exigem mudanças radicais no perfil do jornalista esportivo contemporâneo? É preciso inovar? Como será o profissional do futuro?

Às vezes, a impressão é que muitos estudantes e jornalistas pararam no tempo e continuam se inspirando no modelo antigo de se fazer jornalismo. Barbeiro e Rangel (2006, p. 177) exemplificam que, na rádio esportiva, o modelo dominante se inspira nas transmissões das décadas de 1950 e 1960 e, como mostram os números das pesquisas de audiências, está em queda. É preciso mudar, mas como?

Muitos estudantes de jornalismo estão entrando nesse mercado específico sem ter a menor idéia do que devem saber, como se portarem e o que podem esperar do futuro nesta área. Talvez, os próprios jornalistas esportivos não saibam.

#### **PERGUNTA-PROBLEMA:**

Qual é o perfil do jornalista esportivo contemporâneo?

#### **HIPÓTESE:**

Os próprios jornalistas esportivos têm dificuldade em definir o perfil do profissional do jornalismo esportivo na contemporaneidade, assim como não há consenso a respeito desta questão nem tampouco sobre o preparo acadêmico e profissional para o futuro nesta área. Há uma crise de identidade recorrente na reflexão que os jornalistas esportivos fazem sobre si próprios.

### **1.2 Caminhos e pegadas**

Para a formulação do perfil do jornalista esportivo contemporâneo o método utilizado será o de entrevistas individuais aprofundadas. O intuito é buscar informações, percepções e experiências dos informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. A intenção é fazer entrevistas abertas a fim de,

a partir de certos questionamentos básicos, apoiados em hipóteses e reflexões que interessam à pesquisa, apontar aspectos que possam ajudar a levantar o perfil profissional do jornalista esportivo contemporâneo. “A vantagem desse modelo é permitir criar uma estrutura para comparação de respostas e articulações de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes” (DUARTE, 2005, p. 67).

Os profissionais da área de jornalismo esportivo utilizados como fontes das entrevistas foram escolhidos por trabalharem em diferentes mídias a fim de ter uma noção mais completa possível de cada meio de comunicação. Saber qual a definição do perfil do jornalista esportivo que o próprio jornalista de cada área faz. Ninguém melhor que os profissionais da área para julgar o ideal do jornalismo esportivo.

Os resultados obtidos nesta pesquisa também podem contribuir com o ensino do jornalismo nas universidades, uma vez que apontado o perfil dos profissionais que trabalham com jornalismo esportivo, poder-se-á definir as habilidades e competências necessárias aos futuros jornalistas. Assim, também o mercado poderá ter um retorno concreto, que pode ser convertido na qualificação de seus profissionais, seja por meio do investimento em graduação, pós-graduação ou aperfeiçoamento técnico.

Sendo alvo de ocasional interesse, o jornalismo esportivo não tem uma tradição de estudos acadêmicos, nem costuma ser alvo de reflexões aprofundadas por parte da classe jornalística. Daí, a importância e o ineditismo do estudo proposto nesta monografia.

### **1.3 Justificativa**

Na justificativa optou-se em escrever o texto em primeira pessoa por se tratar da descrição de experiências vivenciadas pela pesquisadora. Após este relato, o discurso volta a ser na terceira pessoa.

Sempre me interessei por esporte, apesar de não levar muito jeito na prática. Mas gosto de assistir, estudar, conhecer as regras, enfim, tudo que envolva o “mundo dos esportes”. Por ter três irmãos e meu pai em casa, programas de esportes são frequentemente vistos na televisão, desde que eu era criança. Com o passar dos anos, comecei a gostar de assistir aos jogos, mesmo que o time para o qual torço não estivesse em campo.

Gosto muito do trabalho dos jornalistas esportivos. Desde quando comecei a fazer o curso de jornalismo tenho vontade de aprender a atuar nesta área. Porém, fiquei contrariada por estar na reta final do curso e ver que pouco aprendi sobre o assunto na faculdade. Aliás, já presenciei aulas em que professores desvalorizaram os profissionais da área. Mas, sempre que tive oportunidade, escrevi e desenvolvi trabalhos sobre o tema. No segundo semestre, ao cursar Introdução à Filosofia, fiz um trabalho de hermenêutica no qual analisei uma canção de capoeira. No terceiro semestre, quando cursei a matéria Ética e legislação em Jornalismo, analisei durante uma semana os cadernos de esporte dos jornais *Correio Braziliense* e *Jornal de Brasília*, e cheguei à conclusão que 90% das matérias são sobre futebol, enquanto 10% ficam para outros esportes. Além de verificar que as matérias eram “pobres”, pois havia apenas informações de resultados de jogos. No mesmo semestre, ao cursar Estética e Cultura de Massa tive a oportunidade de ler as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues. No quarto semestre, ao cursar Editoração Eletrônica escrevi sobre a capoeira e os Jogos Pan-Americanos. Também analisei revistas esportivas para diagramar a minha matéria. No mesmo semestre quando fiz Fotojornalismo, escolhi tirar fotos de capoeiristas. No quinto semestre, em Telejornalismo, gravei uma matéria em série, sobre a história da capoeira no Brasil e no exterior. No mesmo semestre ao cursar Radiojornalismo gravei dois programas com notícias de esportes quando tive a oportunidade de entrevistar um jornalista esportivo. No sexto semestre, ao cursar o jornal-laboratório *Esquina*, fui editora e repórter de esportes, aliás, a única aluna a reivindicar o cargo. No sétimo semestre, em Jornalismo On-line fiz o planejamento de um *site* de esportes. Fica claro que tentei trazer o esporte em todos os momentos do curso.

Mas o principal motivo que me levou a querer aprofundar estudos sobre o perfil do jornalista esportivo contemporâneo foi a entrevista realizada em março de 2007, com o subeditor do caderno de esportes do *Correio Braziliense*, o jornalista José Cruz. Durante a entrevista, que virou um bate-papo, tive a oportunidade de tirar minhas dúvidas a respeito do jornalismo esportivo. Diante de tantas informações e conhecimentos vindos do jornalista, me senti totalmente leiga no assunto “mundo esportivo”. Vi o quanto preciso aprender para um dia atuar nesta área. E notei que o jornalismo esportivo precisa de pessoas com especialidade na área. Fiquei curiosa em aprofundar o tema, saber qual é o perfil do profissional desta área hoje.

É importante conhecer o perfil principalmente neste momento em que Brasília vive em relação ao esporte. Cada vez mais forte na capital, o esporte está abrindo o mercado de trabalho para o jornalista esportivo.

Este profissional estará em destaque e em grande atuação em Brasília com a chegada da Copa do Mundo de Futebol de 2014, da qual o Brasil será anfitrião. Essa será a segunda Copa realizada no país, a primeira aconteceu em 1950. No jogo final, a seleção brasileira foi derrotada pelo Uruguai no estádio Maracanã. A final da Copa de 2014 já tem lugar certo, o mesmo estádio. Uma chance de mudar esta lembrança.

Brasília é uma das cidades que irá sediar os jogos. Como consequência, os jornalistas esportivos da capital do país que ainda não tiveram oportunidade de cobrir grandes eventos esportivos terão sua grande chance. Até lá é importante que este profissional esteja preparado. A cidade receberá jornalistas esportivos do mundo inteiro, ocasião única para trocas de experiências dos profissionais da capital com jornalistas esportivos do país e do mundo.

Para Brasília sediar os jogos da Copa de 2014, o Governo do Distrito Federal (GDF) terá que cumprir algumas exigências da Federação Internacional de Futebol (Fifa). Em encontro com os inspetores da Fifa, em março de 2009, o governador de Brasília, José Roberto Arruda, disse que o estádio Mané Garrincha será reformado, para obedecer todas as exigências.

Construído em 1970, o estádio Mané Garrincha possui capacidade de 45.300 lugares para o público. Após a reforma, esse número aumentará para 70 mil. De acordo com a Fifa, todos os locais reservados ao público devem ser preferencialmente cobertos. Para tal, o estádio passará a ter uma cobertura em estrutura metálica. A arquibancada superior será reproduzida por todo o estádio, de maneira a fechar o anel da arena na parte de cima. De acordo com o GDF (2009), também será feita a construção de uma nova tribuna de honra e camarotes *Vips*, além de área de mídia com as cabines de transmissão de áudio e TV, estúdios, salas de trabalho e *lounge*. Três subsolos serão criados para estacionamentos privativos de autoridades, equipes de segurança e jornalistas. Também abrigarão quatro vestiários para os jogadores, dois para árbitros, dois para gandulas, a central médica, a sala de exames antidoping e as áreas de apoio exigidas pela Fifa. Para o acesso dos torcedores vão ser construídas 12 rampas. Além de um estacionamento para 28 mil carros. A obra está estimada em R\$ 500 milhões.

Há grande expectativa tanto da parte de autoridades quanto da população, e claro, dos jornalistas esportivos de este evento acontecer em Brasília.

Durante o ciclo de conferências, *A Imprensa discute a Imprensa*, o editor de Esportes do *Correio Braziliense*, Paulo Rossi, disse que a demanda por esporte e por cultura na capital é imensa. Para ele, a Copa realizada em Brasília será fato que credencia o público da capital a assistir aos jogos da Copa, ainda que os novos estádios corram o risco de “ficar às moscas” depois do evento. “Para que isso não ocorra, tem que haver planejamento”, alertou. Após ser questionado durante o evento de que o Brasil não teria condições de realizar grandes eventos esportivos, Rossi discordou. O editor citou alguns exemplos como a Coreia do Sul, que realizou uma Olimpíada antes mesmo de se transformar num tigre asiático, e lembrou que o México já realizou duas Copas do Mundo. Sendo assim, o Brasil, como uma das dez maiores economias do mundo, estaria apta a receber, não só o mundial de futebol, mas também outros eventos internacionais.

No ano de 2008, Brasília recebeu vários eventos esportivos, a começar pela *Maratona Pão de Açúcar de Revezamento* realizada em junho com mais de quatro mil participantes. Outro evento foi o *Track & Field Run Series* que em setembro reuniu 1.500 atletas na corrida de rua. Também em setembro, Brasília e Rio de Janeiro sediaram a Copa do Mundo de Futsal, sendo que quatro jogos foram realizados na capital. O torneio foi o maior mundial de futsal que a Fifa já realizou, reunindo pela primeira vez 20 seleções. A brasileira conquistou o título e se tornou hexacampeã. Os jogos em Brasília ocorreram no Ginásio Nilson Nelson que, no mesmo ano, passou por uma reforma para sediar o campeonato. As arquibancadas foram completamente reformadas e todo o anel superior ganhou cadeiras. A capacidade de público do ginásio, que antes suportava 20 mil torcedores, caiu para 11.771 pessoas, visando melhorar o conforto e segurança dos torcedores. Além disso, 84 câmeras de vigilância foram instaladas, quatro na área externa e o restante dentro do ginásio.

E os eventos não acabaram por aí. Em outubro do ano passado foi a vez da Maratona de Revezamento *Ayrton Senna Racing Day*, onde dois mil corredores participaram da prova no autódromo da capital.

Já em novembro de 2008, Brasília viu o amistoso de futebol entre Brasil e Portugal. A seleção brasileira ganhou a disputa e os torcedores brasilienses um estádio reformado. O jogo foi realizado no estádio Walmir Campelo Bezerra

(Bezerrão) que tinha acabado de passar por uma obra que custou cerca de R\$ 45 milhões. A capacidade foi ampliada de 15 mil para 20 mil assentos. O estádio ganhou 242 pontos de iluminação. Toda a reforma seguiu as exigências da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Em 2009, o esporte também está presente na capital. Em abril, Brasília realizou a abertura do *Circuito Mundial de Vôlei de Praia*. Cerca de 30 mil pessoas passaram por lá durante o período do evento. Já em julho ocorrerá o *Brasília Multisport - Desafio no Cerrado*. A competição reunirá triatletas, corredores de aventura, remadores e amantes dos esportes para uma maratona de 135 km e um desafio mais leve de 25 km, com diversas etapas de corrida, ciclismo de asfalto e canoagem em lago e rio. Brasília também está na lista das cidades que podem receber a *Fórmula Indy* em 2010. Segundo Willy H. Herrmann, representante da Indy no Brasil, o Autódromo Internacional Nelson Piquet têm chances de receber a prova. Porém, a decisão só será tomada após as cidades concorrentes serem visitadas. Após a avaliação das outras pistas, um laudo será elaborado com as possíveis reformas e mudanças que devem ser feitas para que a corrida possa acontecer.

Diante deste “boom” do esporte em Brasília, o GDF tem elaborado projetos de incentivo no intuito de formar jovens atletas e cidadãos. Vilas olímpicas estão sendo construídas em Brasília e Entorno. De acordo com o GDF, serão 20 unidades no Distrito Federal. Cada vila olímpica contará com ginásio de esporte, quadra poliesportiva coberta, piscinas semi-olímpicas com sistema de aquecimento, campo de areia, quadra de tênis, muro de escalada, pistas de skate e de atletismo, além de campo de futebol com grama sintética.

Além disso, a Secretaria de Esportes do DF oferece escolinhas para quem quer praticar atividades físicas. Em fevereiro deste ano foram abertas 1.700 vagas em 15 modalidades. Qualquer morador do DF e Entorno pode se beneficiar. As modalidades oferecidas são: alongamento, basquete, ciclismo, condicionamento postural, corrida de rua, corrida dentro da piscina (*deep water*), futsal, ginástica localizada, judô, natação, pólo aquático, saltos ornamentais, tênis, e voleibol.

O Programa *Segundo Tempo* também faz parte dos projetos do Distrito Federal. Desenvolvido pela parceria entre a Secretaria de Esporte e Lazer e o Ministério do Esporte. O *Segundo Tempo* contempla mais de 10 mil crianças, de sete a 17 anos, em 50 núcleos espalhados pelo DF. O objetivo é permitir o acesso à prática esportiva aos alunos matriculados em escolas públicas.

Outro programa de incentivo ao esporte é o *Bolsa Atleta* que foi criado pela Secretaria de Esportes para garantir ao desportista ajuda mensal para custear os treinamentos no DF sem precisar mudar para outros estados. O projeto atende a 116 atletas em 17 modalidades olímpicas. O valor da bolsa pode chegar até a R\$ 3.305, dependendo do nível do atleta (estudantil, estadual, nacional, internacional e olímpica).

Fica claro que o esporte cresce em Brasília, conseqüentemente o mercado de trabalho para o jornalista esportivo também aumentará na capital do país. Mas será que os estudantes e os recém formados estarão preparados para o que vem aí?

## **1.4 Objetivos**

Diante do contexto e da problematização acima, são objetivos desta monografia:

### **1.4.1 Objetivo geral**

Levantar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo. Compreender qual é o perfil ideal do profissional desta área, pela visão dos próprios jornalistas esportivos que estão neste mercado hoje.

### **1.4.2 Objetivos específicos**

- Verificar se o trabalho dos jornalistas esportivos hoje ainda é baseado nos modelos antigos de jornalismo esportivo;
- Investigar se houve mudanças no perfil do profissional desta área com a chegada das novas tecnologias;
- Compreender por meio das entrevistas qual seria o perfil ideal do jornalista que deseja trabalhar nesta área esportiva;
- Entender o que é preciso saber para ingressar nesta área do jornalismo esportivo;
- Comparar como era o perfil do jornalista esportivo que trabalhava no século XX, com o perfil do jornalista que trabalha neste campo nos dias atuais;

- Saber quais são os subsídios que contribuem para a formação ética, técnica e teórica dos profissionais que trabalham no jornalismo esportivo.

## 2. Fundamentação Teórica

### 2.1 Primeiros registros da imprensa esportiva brasileira

#### 2.1.1 Nos veículos impressos

O marco do aparecimento da imprensa esportiva no Brasil, segundo Juarez Bahia (1990, p. 152), é o ano 1856 quando foi publicado no Rio de Janeiro o jornal *O Atleta*, cujo objetivo era difundir ensinamentos para o aprimoramento físico dos habitantes da então capital do país. O noticiário da época era restrito às práticas de educação física e lazer<sup>1</sup>.

No entanto, para Paulo Vinicius Coelho (2003, p. 8), o jornalismo esportivo teve seu começo em São Paulo, em 1910 quando foi lançado o jornal *Fanfulla*, que tinha páginas de divulgações esportivas. De acordo com o autor, o jornal não era voltado para a elite, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos. Em 1930, o *Jornal dos Sports* nasceu no Rio de Janeiro. A rigor, foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país. O veículo foi fundado por Mário Filho, irmão mais velho do cronista dos jogos de futebol Nelson Rodrigues.

Quando o esporte enquanto competição começou a ganhar as páginas dos jornais impressos, era uma editoria que ocupava pouco espaço e dispunha de pouco prestígio. Para Coelho (2003, p. 9), nas redações do passado – e isso se verifica também nas de hoje – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte. O jornalismo esportivo era considerado uma tarefa feita por profissionais despreparados, mal remunerados e alheios aos padrões éticos. A prática esportiva que atualmente consideramos a paixão nacional sempre foi considerada “pobre” e sofreu preconceito da imprensa. Isso porque o esporte era praticado por camadas pobres da população e estava longe de ser a preferência da

---

<sup>1</sup> Segundo Fonseca (1997), o primeiro periódico dedicado ao esporte no mundo teria surgido na França em 1854. Nas páginas do *Le Sport* era possível encontrar relatos sobre esportes hípicas, atividades relacionadas à caça e pesca, natação, boxe, jogos de bilhar, entre outros.

elite. Tal desvalorização da imprensa e do cronista de esportes perdurou até o início da década de 1940.

O desenvolvimento da imprensa esportiva no Brasil deve muito ao futebol, que sempre chamou a atenção dos brasileiros. “O futebol ingressou no espaço nobre da imprensa depois do carnaval e do jogo do bicho. O esporte traz um componente emocional que se transformará na maior paixão popular do país.” (BAHIA, 1990, p. 153) Se não fosse pela importância que adquiriu no Brasil, talvez as informações esportivas até hoje ainda estivessem relegadas a um segundo plano no jornalismo brasileiro e nem teria se tornado uma editoria independente.

Mas foi só no fim da década de 1960, de acordo com Coelho (2003, p. 10), que os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. No final dos anos de 1960, surgiu a revista *Placar*, inovadora por ser exclusivamente dedicada ao futebol. A partir daí, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão.

### 2.1.2 No rádio

O rádio foi o primeiro veículo a ver as possibilidades do futebol. Primeiro anunciava informações curtas como resultados das partidas. Depois, em 1931, Nicolau Tuma, da Rádio Educadora Paulista, fundada em 1923, teve a responsabilidade de transformar uma partida de futebol em espetáculo radiofônico, fazendo a primeira transmissão ao vivo de um jogo<sup>2</sup>. A partida era do oitavo campeonato brasileiro de futebol, um jogo entre as seleções de São Paulo e do Paraná. Na primeira narração Nicolau Tuma estabeleceu padrões que ainda são utilizados.

Conhecia as regras do jogo. Isso era fundamental. Como não tinha um modelo de narração, optei por uma descrição fotográfica, que desse ao ouvinte a imagem exata do campo e do jogo. Fiquei na arquibancada e improvisei o nome deste local dizendo que era o reservado da imprensa. Ao abrir o microfone disse: estou aqui no reservado da imprensa do campo, contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerais e vou tentar transmitir para vocês que me ouvem o relato fiel do que irá acontecer no campo. Pensem num retângulo à sua frente ou peguem uma caixa de fósforos. Do lado direito estão os paulistas e do esquerdo os paranaenses. (Depoimento de Nicolau Tuma. In: Globo Repórter, TV Globo, 1981. *apud* GUERRA, 2000, p. 72)

---

<sup>2</sup> Há certa polêmica com relação a quando a primeira partida de futebol foi transmitida e quem foi o pioneiro. Parte da literatura aponta Nicolau Tuma, que teria feito a primeira transmissão em 10 de fevereiro de 1932. Outros creditam a Amador Santos a façanha, situando a transmissão entre 1929 e 1930.

Em 1938 o rádio brasileiro transmitiu pela primeira vez em rede nacional um campeonato mundial de futebol: a Copa do Mundo da França, na qual a nação italiana foi bicampeã mundial. Serviços de alto-falantes foram instalados nas praças de centenas de municípios brasileiros para que a população pudesse acompanhar as partidas através da narração de Gagliano Neto, que era também o responsável pela estruturação da então Emissora Continental. A rádio tinha um forte componente esportivo, seu slogan era: “100% esportiva e informativa”.

Os principais eventos esportivos transmitidos pela Continental nos primeiros anos de atividade (1948) foram as Olimpíadas de Londres; partidas do Vasco da Gama, Bangu e Fluminense no México, Chile e Uruguai, respectivamente; a regata oceânica Buenos Aires-Rio; o campeonato sul-americano de basquete, ocorrido em 1950 no Paraguai e eliminatórias da Copa do Mundo na Espanha, Portugal e Escócia.

Atualmente, existem muitas emissoras voltadas somente para eventos esportivos, principalmente o futebol. Entre as líderes de audiência em transmissões esportivas estão a Rádio Globo, Rádio Bandeirantes e Jovem Pan.

### **2.1.3 Na televisão**

As primeiras transmissões esportivas na televisão começaram na década de 1930. Americanos registraram um jogo de beisebol em 1935. Já os alemães tiveram sua presença marcada pela cobertura dos jogos Olímpicos de Berlim em 1936. No ano seguinte, foi a vez dos ingleses com a disputa de tênis de Wimbledon. E finalmente a vez do futebol, quando os franceses transmitiram a copa do mundo em 1938.

O advento da televisão e sua significativa introdução nos lares brasileiros nas décadas de 1960 e 1970 ampliaram o alcance do futebol, que já estava popularizado. A televisão passa a tomar conta das transmissões e dos jogos. Em 1970 ocorreu a transmissão, ao vivo, da Copa do Mundo, no México. O Brasil conquistou a taça do tricampeonato e surgiram ídolos como: Pelé, Rivelino, Jairzinho, Tostão e Gérson.

A transmissão da Copa do Mundo de 1970 foi gerada do México no sistema *NTSC (National Television System Committee)*. No Brasil o sinal chegou à Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel). A *TV Cultura* de São Paulo possuía um

videoteipe no sistema NTSC e pôde gravar as imagens em cores. Como não havia aparelhos, tanto para transmissão quanto para recepção, o público assistiu em preto e branco. Devido a Copa do Mundo ser ao vivo do México, chegou ao número de 4 milhões os lares que possuíam aparelhos de televisão, equivalendo, aproximadamente, a 25 milhões de telespectadores.

No ano de 1994, o Brasil conquistou o tetracampeonato mundial de futebol, no EUA. Nesse ano foi o recorde de audiência no mundo com três bilhões de telespectadores, isto é, 1/3 da população mundial. A partir de então aumentaram a audiência dos programas esportivos e também a concorrência entre eles.

Assim, as transmissões esportivas pela televisão se tornaram regulares nas emissoras de TV. Inicialmente, o relacionamento entre a televisão e dirigentes esportivos foi marcado pela rivalidade, pois os dirigentes temiam que a TV pudesse diminuir o público pagante de ingressos nos jogos. Com as transmissões via satélite a longa distância, esporte e televisão passaram a se apoiar e desde então mantêm um relacionamento, segundo Coelho (2003, p. 63), dependente, principalmente no que se refere ao quadro econômico. Hoje, algumas emissoras de TV têm direitos exclusivos de transmissão de campeonatos de futebol. Os clubes de times que antes achavam que iriam aumentar seus dividendos com dinheiro da TV, não conseguiram criar campeonatos suficientemente lucrativos para que a televisão dependesse deles. Ao contrário, hoje, os clubes dependem da televisão. Fica clara, então, a importância e influência da TV no futebol, nos times e nos telespectadores.

Atualmente, as grandes transmissões envolvem mais de cem profissionais, entre jornalistas e técnicos. Antigamente, as transmissões utilizavam duas ou três câmeras; agora são várias. Em jogo da seleção brasileira em Goiânia, por exemplo, o chute do jogador Kaká foi mostrado por 23 ângulos diferentes. De câmeras pesadas às portáteis e digitais. Do microfone e infinidades de cabos, ao sem fio e com captação de grande alcance. Imagens congeladas, *replays* de vários ângulos, *slow motion*, tudo permite, hoje, maior precisão nos comentários e na narrativa de jogos. Imagens em detalhe do torcedor feliz ou angustiado, trazendo o telespectador para mais próximo da partida. O esporte na TV hoje virou show.

### 2.1.4 Na TV fechada

De acordo com Coelho (2003, p. 69), a história das televisões por assinatura começou no Brasil em 1991. Inicialmente, o mercado de TV por assinatura no país contava com três canais de esportes: SporTV (de propriedade da Globosat); ESPN International (ABC / Disney e Hearst) e ESPN Brasil (50% Abril e 50% ESPN International).

Segundo Coelho (2003, p. 69), a briga tomou conta dos bastidores no início da história das transmissões em televisão fechada. A partir de 1997, após intensa batalha jurídica, o ESPN Brasil perdeu o direito de transmissão do Campeonato Brasileiro, que se tornou exclusivo do SporTV. Apesar de haver um contrato com validade para as temporadas de 1997 a 2001 — firmado com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e o Clube dos Treze — o mesmo foi rompido unilateralmente e os direitos repassados ao SporTV com exclusividade, e sem que houvesse possibilidade de renegociação dos valores. O ESPN Brasil perdia, assim, o mais popular evento do esporte de maior repercussão do Brasil.

O ESPN Brasil também foi prejudicado quando perdeu o direito de transmissão dos principais jogos dos Campeonatos Paulista e Carioca, adquiridos com exclusividade pela Globosat, que passou a vendê-los para transmissão em *pay-per-view* (pague para ver).

Em meados de outubro de 2000, a Globosat realizou uma série de transações que acentuou o desequilíbrio do mercado: a primeira foi aquisição de 25% da ESPN Brasil; a segunda a compra de 33% da ESPN International para transformá-lo em ESPN Fox e, por fim, decidiu disponibilizar o ESPN Brasil (até então exclusivo de fato de outras operadoras) para os assinantes Net/Sky. Em contrapartida, não ofereceu aos concorrentes o SporTV, que transmite a maioria dos eventos esportivos nacionais, sobretudo os futebolísticos.

Até hoje, a televisão por assinatura não explodiu no Brasil. Ainda há um número pequeno de assinantes. No total, eles não passam da casa dos 3,5 milhões em todo o país. Não vale nem lembrar que há 170 milhões de habitantes no Brasil. (COELHO, 2003, p. 73)

### 2.1.5 Na internet

Na segunda metade dos anos de 1990, a febre da internet tomou conta do Brasil. De acordo com Coelho (2003, p. 59), já havia alguns anos o fenômeno tomara conta dos Estados Unidos. E da Europa. Mas os sites ainda não eram

difundidos a ponto de tornarem negócio. Os empresários só atentaram para este investimento mais tarde. O autor diz ainda que isso foi refletido quando, num negócio de milhões de dólares, o grupo AOL comprou a Warner em 1997. Na mesma época foi lançado o jornal especializado em esporte, o *Lance!* Junto ao diário era lançado o [www.lancenet.com.br](http://www.lancenet.com.br).

Em 1994, os grupos Abril e Folha já haviam se unido para criar o portal Universo On Line (UOL), e, 11 anos depois, no início de 2005, a Folha se uniu ao portal para formar uma única companhia. No entanto, voltando ao início do ciclo da internet no Brasil, Coelho (2003) diz que esse segmento só viria a se tornar um grande negócio em 1999. A criação de diversos sites especializados em esportes fez com que jornalistas consagrados migrassem dos impressos para os noticiários online.

Entre outros, surgiram o *site* do canal esportivo PSN e o portal Pelé.net. Os portais de informação e entretenimento em geral também passaram a dar maior atenção à editoria de esportes, como o Internet Grátis (IG). Hoje, os sites esportivos se tornaram agências de notícias e realizam coberturas durante todo o dia e inserem informações em tempo real.

O “boom” da internet acirrou a concorrência entre os sites. Os anúncios de publicidade garantiam grande lucratividade para os veículos e viveu-se um período de bonança também entre os jornalistas.

Parecia a redenção dos jornalistas. Acostumados a salários minguados no final do mês, alguns receberam propostas milionárias. A situação lembrava de longe a de jogadores de futebol, convidados por clubes rivais a ganhar duas, três vezes do que recebiam dos clubes anteriores. (COELHO, 2003, p. 60)

Mas em 2001, com a desvalorização da moeda brasileira frente à americana, muitos sites enfrentaram problemas financeiros e fecharam as portas, pois a maioria dos investimentos havia sido feita em dólar. Com isso, a grande euforia da internet começou a se sufocar. Houve uma fuga de investidores. Com poucos recursos financeiros muitos sites saíram do ar após fazerem grandes cortes em suas equipes. Bons profissionais deixaram o mercado e enfrentaram e ainda enfrentam dificuldades para retornar a ele. A crise se abateu em todos os segmentos da internet e não apenas sobre a área de esportes.

A partir daí, adotou-se uma política de pés no chão e a situação se estabilizou em 2002. Permaneceu neste mercado apenas quem teve competência para resistir a esse complicado período.

Segundo Coelho (2003, p. 62), o fenômeno dos grandes índices de audiência, no entanto, deixou um legado ruim para a geração de jornalistas que se iniciava na profissão naquele momento e para as gerações futuras. A visão da instantaneidade e quantidade era o que imperava nas redações on-line. A disputa pela primazia de noticiar algo antes do concorrente muitas vezes produzia informações de pouca qualidade.

Esse efeito devastador da internet brasileira ainda poderá ter conseqüências duradouras nas próximas gerações de jornalistas. E não há efeito mais difícil de remover do que o da falta de referência. O da falta de critério, da falta de cuidado com a informação. Isso ainda persiste em grande parte das empresas ligadas à internet. Vale a velocidade, mais do que o critério jornalístico. Vale, portanto, todo cuidado do mundo ao jovem jornalista convidado a fazer parte de uma dessas aventuras. (COELHO, 2003, p. 62)

## 2.2 O esporte e a mídia

Hoje, pouquíssimos fenômenos possuem a dimensão planetária do esporte. Em *Esporte e mídia: projeção de cenários futuros para a programação regional e global*, o doutor em educação física Luiz Alberto Pillati (2004) explica que o esporte, inserido nos meios de comunicação, torna-se um espetáculo sem igual, capaz de colocar mais de dois bilhões de pessoas numa mesma plateia. Com a inserção midiática, as pessoas, praticantes ou simplesmente admiradoras do esporte, passaram a fazer parte de um mundo que cresceu de modo impressionante. O mercado esportivo está diretamente ligado a uma indústria mundial que envolve cifras bilionárias, uma indústria que alcança a todos que se ligam na emoção do esporte, em qualquer parte do planeta.

De acordo com Pillati, foram os satélites que possibilitaram a apropriação do esporte pela indústria do entretenimento quando ligaram os continentes pela imagem, há aproximadamente 40 anos. O espetáculo esportivo, que antes acontecia apenas para o deleite das arquibancadas, foi globalizado. A televisão multiplicou a plateia de milhares para criar a audiência e o mercado de milhões. Na opinião de Pillati, o produto sempre foi bom, o esporte fascina porque é uma verdade absoluta, uma realidade incontestável que ocorre diante dos olhos do espectador. Pillati destaca que o esporte é confronto, é vontade, é talento, é derrota, é vitória, é a

busca do limite e a certeza do inédito, como a jogada de um gol, nunca se sabe como será, até o instante em que é. O esporte não tem enredo, contagia o mundo com a espontaneidade, dá lucro com a emoção.

José Marques de Melo (2003, p. 114) diz que não é só na televisão que o esporte é um bom produto. Para ele, o esporte no jornal impresso também consegue fascinar seus leitores-torcedores. Melo desenvolveu uma pesquisa em 1996, onde analisou os principais jornais microrregionais, editados no interior do estado de São Paulo, bem como cinco outras publicações de duas metrópoles nacionais — Rio de Janeiro e São Paulo. De acordo com a pesquisa, os jornais regionais paulistas elegem o esporte como temática principal, a ela dedicando, em média, 14% do espaço jornalístico, mais do que seções como geral, política, cultura ou polícia. Já os de prestígio nacional colocam o esporte em quarto lugar na sua lista de prioridades, talvez devido à importância da circulação nacional, mas ainda assim em lugar de certa relevância: 7% na incidência por assuntos, contra 14,5% para a seção de economia, 14% para cultura e 10% para informática. Os dois jornais nacionais cariocas, entretanto, são mais receptivos ao esporte que os jornais paulistas: o *Jornal do Brasil* dedica 10% de seu espaço diário, enquanto que *O Globo* dedica 9,5% da centimetragem média.

Esse destaque reflete, segundo o autor, a importância que o esporte vem alcançando no Brasil. E admite que isso se deve, em grande parte, à projeção do espaço ocupado pelo esporte-espetáculo na mídia eletrônica (rádio e televisão).

### **2.3 O jornalista esportivo e as novas tecnologias**

Em razão do espaço cada vez maior do esporte na mídia mundial, regional e local, torna-se evidente o crescimento do campo de trabalho para o jornalista esportivo. A qualificação dos futuros profissionais, através da definição de um perfil profissional adequado, pode ser o diferencial neste novo cenário, o que valoriza ainda mais a formação profissional e a capacidade técnica de adaptação do jornalista esportivo.

Apesar de os anos passarem e o jornalismo esportivo ter conquistado espaço, há quem duvide que o esporte seja uma segmentação dentro das redações.

Ok, mas e o esporte? Ele é uma especialidade jornalística ou uma 'função' dentro da repartição? Minha resposta temporária é: esporte deveria ser uma especialidade jornalística. Mas me parece impossível

(e talvez nem seja recomendável ou viável) um jornalista dominar todos os meandros e todas as modalidades esportivas. Concordemos ou não, o fato é que ser jornalista esportivo, hoje, no frígido dos ovos, significa cobrir um ou alguns esportes. (BOAS, 2005, p. 8)

Muitos acusam os profissionais desta área de relatar apenas os placares dos jogos, e que isso qualquer pessoa consegue fazer. Jornalistas especializados na área afirmam que não é tão simples assim. Sérgio Villas Boas (2005, p. 8) diz que esporte é muito mais que um jogo: envolve ciência, tecnologia, saúde, política, história, comportamento, economia. Há inúmeras interfaces possíveis, polêmicas e necessárias que o jornalista pode costurar para não se ater somente à questão da disputa. Barbeiro e Rangel (2006, p. 21) também seguem esta linha de pensamento quando afirmam que o jornalismo esportivo possui características próprias da sua área, como abordagem mais criativa, detalhes e aprofundamento das informações. E acrescentam que o jornalista esportivo tem que estar sempre atento aos fatos que ocorrem fora da editoria, pois existem aspectos econômicos, políticos, internacionais que afetam diretamente o esporte.

Fica claro que o jornalista esportivo deve dominar não só o conteúdo esportivo, mas também áreas que vão além dos jogos. E não para por aí. As novas tecnologias estão cada vez mais presentes no mercado do jornalismo esportivo. É preciso dominar também as novas mídias e ficar “ligado” nas novidades tecnológicas. Silverstone (2002, p. 60) afirma que é preciso compreender a tecnologia a fim de aprender as sutilezas, o poder e as consequências da mudança tecnológica. Talvez essa mudança reflita também no perfil do jornalista esportivo que deve se adaptar a essas tecnologias.

Barbeiro e Rangel (2006, p. 97-101) afirmam que não há dúvida de que os altos investimentos e a evolução dos equipamentos colaboraram para o crescimento da qualidade das transmissões esportivas. O *replay* em *slow motion* (câmera lenta) foi uma grande novidade na Copa do México em 1970. De lá para cá, muitos foram os avanços tecnológicos como as câmaras *microlink*, que funcionam sem cabos e aumentam a agilidade dos jornalistas nas entrevistas dentro do campo, as câmaras submersas utilizadas nos esportes aquáticos. A computação gráfica possibilita a criação de cenários virtuais, animações, quadros dos recordes batidos, raia ocupadas pelos nadadores. Na internet, através dos *hiperlinks*, o torcedor tem a possibilidade de interagir com a notícia, pode acessar todo tipo de detalhe, como galerias de fotos do time, títulos conquistados, enfim, um verdadeiro banco de dados

esportivo. Os autores destacam ainda outro grande avanço tecnológico: o sistema de televisão interativa que permite aos telespectadores mudar de uma imagem em grande angular para um *close-up* enquanto assistem a jogos de futebol.

O contato com os espectadores vai se intensificar ainda mais com a TV digital. A tendência é que cada vez mais a mídia trabalhe para proporcionar diferentes sensações ao público, usando sons, imagem e textos para informar.

Para Barbeiro e Rangel (2006, p. 98), a evolução tecnológica contribuiu também no campo editorial, porque com tantos detalhes – como a dor de um jogador, o olhar de um cobrador de pênalti, a reação do torcedor –, o leque de pautas ficou muito mais amplo. Os autores afirmam que é preciso usar toda esta sofisticação das transmissões para dar mais espaço para a informação. Para eles, a informação deve andar de mãos dadas com a tecnologia. As novas descobertas da tecnologia praticamente forçam o jornalista esportivo a acrescentar informação ao que está sendo mostrado.

Outra grande mudança que as novas tecnologias trazem é a velocidade de comunicação com o público. Mauro Beting comentarista da rádio e TV Bandeirantes e colunista de futebol do jornal *Lance!*, revelou em entrevista ao blog *Jornalismo B*, que isso às vezes até altera a rotina de transmissão de jogos:

Converso com as pessoas no meu blog ou no site de relacionamentos *Orkut*. Com alguns eu até troco informações pelo *Messenger*. Eles chegam até a me ajudar durante as partidas com informações e dados.

Sobre esse assunto Sérgio Xavier (2008), diretor de redação da revista *Placar*, na mesma entrevista se refere às diversas mídias que o jornalista esportivo trabalha e a velocidade de cada uma:

O assunto é geralmente o mesmo. Falando de jornalismo esportivo, é o futebol, são os jogadores, são os jogos. Agora, a gente pega uma mídia nova, nesses últimos anos, que é o celular. Você tem que ser curto. Tem um SMS, uma mensagem curta de cem toques, e tem que informar em cem toques, não pode passar disso. Uma revista tem o dever de aprofundar, de contar a história com mais calma, com fôlego, como se o leitor tivesse um tempo grande para fazer isso. Então tem que aproveitar esse tempo e aprofundar. E assim vai. Cada mídia tem a sua velocidade. É mais velocidade do que qualquer outra coisa.

Xavier ainda acrescenta que o futuro do jornalismo esportivo vai ser mais segmentado, menos gente falando sobre tudo e mais gente com foco nos assuntos que realmente sabe. O diretor de redação afirma que estamos vivendo uma explosão dos blogs, em que todo mundo fala sobre tudo. Que isso é uma fase que

não pode durar muito, porque não é assim que funciona. Para ele, as pessoas precisam ter mais propriedade sobre o que falam. Para isso, é necessário conhecimento e estudo.

Mas quanto aos blogues, os próprios jornalistas esportivos também aproveitam o espaço, como é o caso de Juca Kfourri. Com mais de 40 milhões de acessos, é um dos blogs esportivos mais lidos do Brasil. Em mais de 35 anos de carreira, Juca acredita que, dependendo da audiência, o blog exige mais dedicação do jornalista, porque os leitores acompanham o trabalho intensamente. “Eu sinto que meu blog exige mais de mim que qualquer outro veículo, mais que as grandes mídias. Se eu deixo de atualizar por um dia, porque tenho de fazer muitas coisas, as pessoas cobram, me perguntam se aconteceu alguma coisa, se estou doente”, revelou durante um seminário de jornalismo esportivo em São Paulo.

Mauro Beting acredita que mesmo que as novas tecnologias apareçam, o jornalismo esportivo e seu conteúdo, ainda serão o mesmo:

Não importa a mídia: o jornal, que vai atrás de bola desde os primeiros pontapés no balão de couro em solo nacional, em 1894, em São Paulo; o rádio, que vestiu a camisa da Seleção Brasileira na Copa de 1938, com um *speaker* oficial, Gagliano Neto, e nunca mais deixou os gramados; a televisão, que desde a primeira transmissão interestadual (1956), desde a primeira partida via satélite (Santos x Inter de Milão, 1969), mudou o modo de ver o jogo, e de o jogo ser visto; a revista, que luta com fervor religioso para se manter viva, como a *Placar*, em campo desde 1970, com idas e vindas; a internet, que faz TV, rádio, jornal, revista e a própria internet desde 2000, com mais frequência; e a futura mídia, que eu não sei qual é, mas que ainda estará falando de Pelé. (BETING, 2005, p. 19)

No entanto, John Pavlík<sup>3</sup> acredita que as mudanças com as novas tecnologias vão mais além e que irão mudar o jeito de se fazer jornalismo. Ele define *new media* (nova mídia) como a convergência entre computadores, telecomunicações e os meios tradicionais de comunicação. O resultado dessa “mistura digital” on-line inclui a internet, mas também outras coisas como as ferramentas para a apuração de notícias, todos os tipos de câmeras, as imagens remotas via satélite, as formas de transmissão da informação e as formas de armazenamento dessas informações. Para ele, a maneira de indexar a informação e as novas e fascinantes possibilidades de tratamento e processamento de imagem e áudio, os novos suportes para edição,

---

<sup>3</sup> John Pavlík é professor de jornalismo e diretor do Center for New Media, criado em 1994 como parte do curso de pós-graduação em jornalismo da Universidade de Columbia em Nova York.

ou seja, as diversas maneiras como os jornalistas podem trabalhar digitalmente com vídeo, imagem ou som estão alterando as várias etapas de produção da notícia.

Na opinião de Pavlík, o papel do jornalista está mudando e as novas tecnologias exigem que o profissional desta área aprenda a trabalhar de outras formas. Para ele, os jornalistas terão que aumentar os seus padrões, serem melhores do que são agora, para que as pessoas tenham interesse naquilo que produzem. As funções do jornalismo são mais importantes do que nunca, porque vivemos em um oceano de informações, estamos soterrados por informações. Enfatiza ainda que as funções do jornalismo devem se afastar do sistema de valorização da rapidez na transmissão da notícia, e caminhar em direção à análise da informação. Nesse caso, o jornalista contribui para construir o sentido dos acontecimentos, situando-os dentro de contextos mais amplos. O jornalista precisa ter ampliado esse papel, como aquele que colabora para a construção do sentido das situações, e reduzir o tempo que gasta na competição em ser o mais rápido, mesmo porque para isso não é necessário um grau elevado de inteligência. Pavlík defende ainda que os jornalistas devem começar a evoluir para o nível de colaboradores na construção do sentido dos acontecimentos, o que exige muito mais inteligência.

## **2.4 O perfil profissional do jornalista**

Antes de levantar o perfil profissional do jornalista esportivo contemporâneo é preciso saber que habilidades, competências e aptidões cabem aos jornalistas. Para traçar este perfil profissional houve a necessidade de recorrer aos estudos de Recursos Humanos (RH). Enio Resende é consultor de RH e especialista em Desenvolvimento Organizacional, durante seus estudos conseguiu definir as competências de várias profissões, entre elas a de jornalista. Quanto às competências técnicas, denominadas por Enio Resende de domínio de conhecimentos, ele aponta:

Em resumo, o jornalismo exige conhecimentos técnicos de reportagem, de redação, de comunicação e animação verbal, de condução de entrevistas e debates, principalmente. Todos com auxílio de imagens fotografadas, narradas e televisionadas. (RESENDE, 2008, p. 156)

No que diz respeito às competências de atuação profissional, que significa saber fazer ou atuar, saber aplicar conhecimentos e experiências, Resende faz uma longa descrição, que será aqui transcrita com o objetivo de enriquecer este estudo.

Saber realizar a captação e tratamento escrito, oral, visual ou gráfico de fatos e informações, utilizando algumas técnicas específicas em qualquer uma de suas formas e variedades: preparação de pautas, apuração de dados, redação de textos ou falas e edição. Capacidade para identificar situações de interesse, bem como buscar e localizar fontes de informação. Saber movimentar-se agilmente para registrar fatos e obter informações. Capacidade de planejar roteiros para a realização de reportagens e matérias especiais direcionadas a revistas, jornais ou à televisão. Saber realizar entrevistas em diversas circunstâncias – planejadas ou improvisadas, presenciais, por telefone, por e-mail etc. Saber expressar-se verbalmente ou por escrito, de forma clara e objetiva. Capacidade para lidar com dificuldades para cumprir as pautas jornalísticas. Saber utilizar recursos auxiliares de gravação, fotografia e digitação de textos. Saber sintetizar informações nas entrevistas e reproduzi-las com veracidade e qualidade. Capacidade para lidar com diferentes assuntos no trabalho. Saber adequar-se às condições do ambiente em que atua. Disposição e capacidade para lidar, nas reportagens, com situações dramáticas ou drásticas, como acidentes, incêndios, conflitos sociais, entre outros. Saber realizar pesquisas em sua área de atuação. Saber administrar bem o tempo e outros recursos utilizados. (RESENDE, 2008, p. 156-157)

A habilidade destina-se a qualificar formas ou maneiras mais permanentes de aplicar conhecimentos, ainda que diferentes; corresponde a mais ou menos um adjetivo, assim define Resende. De forma bem simples, podemos definir habilidades como uma maneira melhor de agir, de aplicar conhecimentos, expressar-se e fazer coisas. Sobre as habilidades (competências facilitadoras do saber fazer), Resende assim as descreve em relação ao jornalista:

Possuir habilidade de organização e exposição das idéias. Muita habilidade para a redação e exposição verbal. Versatilidade intelectual. Desenvolvido senso de observação. Habilidade para captar situações de maior interesse. Capacidade de analisar e interpretar situações. Habilidade de assimilação de idéias e conhecimentos. Habilidade para elaborar estratégias de ações e movimentações. Versatilidade postural, ou jogo de cintura, para se ajustar a diferentes demandas e situações. Habilidade para ajustar formas de relacionamento em diferentes situações e com diferentes tipos de pessoas e grupos. Habilidade investigativa. Demonstrar criatividade e inovação nos métodos de atuação. Habilidade para “saca-rolhar” (*aspas do autor*) informações nas entrevistas. Saber estabelecer correlação entre fatos e situações. Capacidade de adotar atitudes ousadas. Ser proativo. Saber manter o bom humor em situações desfavoráveis. (RESENDE, 2008, p. 157-158)

Quando se fala de aptidão, Resende afirma que já nascemos com ela. Ou pelo menos com a tendência ou vocação para tê-las. As aptidões (capacidades mentais, físicas e motoras, inatas e aperfeiçoadas) são assim descritas pelo autor:

Possuir inteligência geral (visão de conjunto), abstrata e prática. Habilidade de raciocínio analítico-dedutivo, bem como de raciocínio verbal. Inteligência espacial. Aguçada capacidade de observação e percepção de detalhes. Muita presença de espírito. Muito dinamismo e energia vital. Pensamento criativo. Senso de curiosidade. (RESENDE, 2008, p. 158-159)

No caso do jornalista, Resende (2008, p. 159) diz que as aptidões se dividem em dois tipos: as competências emocionais e as sociais. Para o autor, o jornalista deve ter a competência emocional para conviver com situações adversas ou agressivas bem desenvolvida. Saber manter a calma em situações tensas, de maus tratos e outros desconfortos. Além disso, deve ter controle emocional diante de desastres diversos. Capacidade para resistir a pressões no trabalho. Saber demonstrar empatia em relação aos problemas das pessoas com quem lida profissionalmente.

Sobre as competências sociais, diz Resende (2008, p. 159) que o jornalista precisa possuir muita disponibilidade e habilidade para relacionamentos sociais em diversas circunstâncias mais ou menos agradáveis. Ser desprovido de qualquer preconceito. Mostrar isenção ideológica em suas atuações. Saber assumir responsabilidades sociais. Ser agente de mudanças culturais e comportamentais. Saber manter reserva de situações delicadas.

Após este levantamento do que é o perfil profissional e o que corresponde ao jornalista em termos de competência, habilidade e aptidão, fica mais fácil compreender o que devemos analisar para buscar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo. Neste capítulo, Enio Resende explica detalhadamente o que compete ao jornalista. Levando em consideração que já temos o perfil deste profissional, basta a esta pesquisa descobrir o que compete especificamente ao jornalista da área esportiva.

### **3. Procedimentos Metodológicos**

A primeira etapa da pesquisa começou com o levantamento bibliográfico dos temas pertinentes ao objeto de estudo. Foram feitas revisões de bibliografia,

monografias e textos que discutem não só a história do jornalismo esportivo no Brasil como também a estrutura jornalística para a cobertura de eventos e do cotidiano esportivo, respeitando suas particularidades.

A segunda etapa da pesquisa diz respeito ao trabalho de campo. Os dados de análise da pesquisa foram obtidos por meio de entrevistas, cuja intenção era levantar o perfil profissional do jornalista esportivo contemporâneo. De acordo com Jorge Duarte (2005, p.65) a entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível que tem como finalidade buscar informações pessoais e diretas por meio de uma conversa orientada, no cuidado, rigor e objetivo de compreensão e na noção de que há, explicitamente, um participante interessado em apreender o que o outro tem para oferecer sobre o assunto.

Desta forma, foi elaborado um questionário com sete perguntas abertas e individuais. As perguntas a todos os entrevistados foram idênticas. Assim, foi possível criar uma estrutura de comparação de respostas e articulações de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes. As entrevistas são fundamentais, na medida em que se deseja compreender as diferentes visões dos profissionais que trabalham na mesma área, mas em mídias diferentes. Para preservar o anonimato dos entrevistados, garantindo-lhes a privacidade e o direito de se expressar sem serem identificados, não foram tratados pelo nome, mas identificados por Entrevistado A, Entrevistado B e assim sucessivamente.

Foram entrevistados 15 jornalistas (profissionais de rádio, TV, impresso, online e blog), sendo todos de mídia de Brasília. Os entrevistados das amostras foram escolhidos de forma aleatória.

A terceira etapa, após o ciclo de entrevistas, é destinada ao tratamento do material apurado, como a degravação das entrevistas e realização de quadros de análise. Após este ciclo, é feita a discussão e análise dos resultados selecionando idéias-chaves para classificar em categorias. Após todas essas etapas chegaremos às conclusões e resultados.

### 3.1 Coleta de dados

#### 3.1.1 As monografias do UniCEUB

Este levantamento de bibliografias tem como objetivo estudar todos os aspectos e temas que envolvam o “mundo dos esportes” que já foram pesquisados no Centro Universitário de Brasília por seus alunos. O intuito é avaliar se o objeto de pesquisa, no caso, os jornalistas esportivos, já foram analisados do ponto de vista de seu perfil profissional. Saber se em alguma monografia foi abordado as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabem ao jornalista esportivo. Se sim, o que se fala sobre este assunto. O quadro abaixo descreve e comenta as monografias feitas no período entre 2004 e 2008, no curso de Comunicação Social.

SEMESTRE E ANO	NOME DO AUTOR	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
1º sem. 2004	Luís Augusto Evangelista	Paulo Roberto Assis Paniago	Juca Kfourì – Jornalista, advogado ou simplesmente torcedor: análise de discurso da coluna do jornal <i>on-line Lancenet</i>
<p><b>Resumo:</b> Esta monografia analisa os textos que compõem a coluna do jornalista Juca Kfourì no jornal esportivo eletrônico <i>Lancenet</i> e que foram publicados entre os dias 10 de agosto e 30 de setembro de 2004. Observa a estrutura da coluna, tipo de discurso, intertextos presentes na fala, marcas discursivas, propriedades discursivas, lugar de fala e personagens-paradigmas. Pode-se perceber que a coluna esportiva goza de uma liberdade tanto no âmbito da opinião quanto no discurso adotado pelo jornalista. Além disso, percebe-se que o colunista realiza a função de <i>gatekeeper</i> ao eleger os personagens paradigmas. Utiliza-se metodologia baseada em pesquisa bibliográfica e análise de discurso.</p>			
<p><b>Comentário:</b> Esta monografia tem o foco no jornalista Juca Kfourì. É analisado o discurso que o jornalista usa e como escreve sua coluna no site <i>Lancenet</i>. De acordo com o autor dessa monografia, esse jogo de falas que Kfourì usa, só é possível porque o jornalista aderiu ao colunismo, gênero do jornalismo opinativo que permite ao profissional maior liberdade na hora de construir textos.</p>			
<p><b>Aproveitamento para Monografia:</b> Durante as entrevistas para esta monografia onde se pretende levantar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo, será verificado se para ter sucesso hoje nesta área esportiva do jornalismo é importante ser crítico, e entender como é essa mistura de informação com opinião, como faz Juca Kfourì.</p>			
SEMESTRE E ANO	NOME DO AUTOR	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
1º sem. 2005	Marcos Augusto de Queiroz	Paulo Roberto Assis Paniago	Imprensa, fábrica de heróis – A mitificação de jogadores de futebol pela imprensa esportiva brasileira: análise de reportagens do jornal eletrônico <i>Lancenet</i>
<p><b>Resumo:</b> Este trabalho analisa como a imprensa fabrica mitos heróicos no futebol brasileiro através da análise de discurso de reportagens publicadas no jornal esportivo <i>on-line Lancenet</i> entre os meses de abril e maio de 2004 e março e abril de 2005. Identifica os elementos de linguagem utilizados nos textos, bem como o sentido do discurso, e os relaciona aos conceitos de esporte e mito. Pode-se constatar que a imprensa atribui a alguns jogadores a condição de herói. Dessa forma, ela cria heróis que são esquecidos rapidamente, pois não correspondem, à tal condição mítica.</p>			

<b>Comentário:</b> Nesta monografia é analisado como a imprensa exalta os jogadores de futebol como heróis.			
<b>Aproveitamento para Monografia:</b> Em nenhum momento é abordado as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabe ao jornalista esportivo.			
SEMESTRE E ANO	NOME DO AUTOR	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
1º sem. 2005	Gustavo Franco de Carvalho Curado Jaime	Severino Francisco	Tostão, o craque das letras: Uma análise comparativa das crônicas de um dos maiores colunistas esportivos da atualidade
<b>Resumo:</b> O trabalho traça um rápido histórico da crônica esportiva brasileira para logo depois explicar a dimensão que as análises de Tostão tomam em um contexto que transcende o futebol. O intuito é mostrar como o comentarista leva assuntos do esporte, tais como a nostalgia, o profissionalismo em oposição ao amadorismo, o humanismo e heroísmo, a imprevisibilidade do jogo, a discussão entre talento e técnica e a questão da identidade nacional, para o campo da escrita. Nesse ambiente, foram comparados os textos de Tostão com o de outros especialistas e com as definições de teóricos.			
<b>Comentário:</b> Esta monografia foca a crônica esportiva, principalmente as de Tostão. O intuito foi mostrar que ao se referir à crônica esportiva, é possível observar a riqueza de detalhes e abordagens, na forma e conteúdo, das apreciações dos escritores muitas vezes marginalizados tanto pela literatura quanto pelo próprio jornalismo.			
<b>Aproveitamento para Monografia:</b> Em nenhum momento é abordado as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabe ao jornalista esportivo.			
SEMESTRE E ANO	NOME DA AUTORA	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
1º sem. 2005	Mayara Paz Costa	Fernando Antônio Pereira Braga	Transmissão de jogos de futebol pelo rádio: Fidelidade do público às transmissões jornalísticas de futebol via rádio
<b>Resumo:</b> Esta monografia analisa a fidelidade do público aos jogos de futebol transmitidos pelo rádio. Aborda as características do rádio, um veículo popular, de fácil acesso e que atende a distintos públicos com uma linguagem de fácil compreensão, desde sua invenção até seu desenvolvimento, obstáculos e progresso na sociedade. Observam-se as causas dos ouvintes ainda buscarem tais transmissões pelo rádio, mesmo diante da cobertura esportiva de outros veículos, como a TV. No presente trabalho há além de constatações bibliográficas, entrevistas de ouvintes e do renomado locutor esportivo da Rádio Globo, José Carlos Araújo, explicando sobre o veículo rádio e o porquê de tal fidelidade.			
<b>Comentário:</b> No capítulo desta monografia intitulado: <i>O campo minado da ética jornalística</i> é abordado o papel ético do jornalista. A autora da monografia lembra que o Código de Ética do Jornalista, em vigor desde 1987, detalha as normas às quais esses profissionais terão que se submeter. Direito à informação, conduta profissional do jornalista, deveres e responsabilidades são apresentados em forma de regras. Estas deverão ser seguidas pelos profissionais na busca e fornecimento constante da informação para a sociedade. Em específico ao jornalista esportivo são discutidas questões éticas, por exemplo, a imparcialidade, se o jornalista esportivo deve ou não anunciar para qual time torce, se é correto o jornalista esportivo fazer merchandising, o partidário exagerado de certos locutores ou comentaristas.			

**Aproveitamento para Monografia:**

Durante as entrevistas para esta monografia onde se pretende apontar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo, será feito um levantamento sobre a ética profissional deste segmento. Diante da monografia de Mayara Paz sobre rádio, surgem dúvidas como: as novas tecnologias mudaram a maneira de se fazer jornalismo esportivo? Percebe-se que a rádio é a que menos se adapta às novas tecnologias e se mantém mais tradicional. Mesmo não aderindo às novidades tecnológicas ainda matem seu público fiel. A rádio digital poderá ser uma grande novidade. Neste sentido, será que o jornalista esportivo de rádio terá que inovar e aderir também às novas tecnologias? Perguntas como estas poderão ser feitas aos jornalistas esportivos de Brasília.

SEMESTRE E ANO	NOME DA AUTORA	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
1º sem. 2006	Flaviana de Cerqueira Souza	Severino Francisco	Função Social do Jornalismo Esportivo: Uma Análise dos Programas <i>Globo Esporte</i> e <i>Esporte Espetacular</i>

**Resumo:**

Esta monografia analisa a função social do jornalismo esportivo, especialmente o da televisão, e como é o posicionamento da mídia diante a esta instituição: A veiculação do esporte é pautada na história dos vencedores de competições ou vencedores na vida? Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o assunto e uma análise dos programas esportivos, *Globo Esporte* e *Esporte Espetacular*. Além disso, ainda como forma de enriquecimento do trabalho, foram realizadas entrevistas com a atleta Daiane dos Santos, com o editor de esportes do jornal *Correio Braziliense*, Paulo Rossi e com o subeditor e colunista esportivo do mesmo veículo, José Cruz, sobre as dimensões sociais que o esporte possui. Neste estudo de caso obteve-se como resultado que o jornalismo esportivo televisivo prioriza a veiculação do esporte como espetáculo e a história dos vencedores do que a dimensão educacional e social. Logo, ele dispensa pouca atenção aos vencedores na vida.

**Comentário:**

Na monografia da Flaviana Souza, a análise é sobre a função social do esporte. O estudo conclui que na TV poucas matérias abordam o social. Analisando o conteúdo da monografia, em apenas um momento a autora se refere à competência social que o jornalista deve ter. A autora afirma que os jornalistas, inclusive os especializados em esporte, têm o dever prioritário de relatar fatos e informar de forma crítica para a sociedade e não em favor dos interesses das grandes corporações.

**Aproveitamento para Monografia:**

Levando em consideração esta afirmação que a autora faz, vale entender pelas entrevistas se os jornalistas esportivos contemporâneos concordam com esta afirmação e se isso de fato acontece.

SEMESTRE E ANO	NOME DO AUTOR	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
2º sem. 2006	Luiz de Melo Guimarães	Luiz Cláudio Ferreira	Da construção ao fracasso de um mito e os rituais da mídia: Ronaldinho Gaúcho na <i>Copa do Mundo 2006</i>

**Resumo:**

O esporte, juntamente com a figura do esportista, vem sofrendo grande influência por parte da mídia, detentora do poder de alavancar o crescimento da carreira de um atleta, tornando-o reconhecido como personalidade pública, ídolo, herói e até mesmo um mito. Baseado nesse contexto, o estudo pretendeu refletir sobre a linha de análise do desempenho do jogador Ronaldinho Gaúcho no jornal *Correio Braziliense* no Mundial de futebol deste ano. Para tal, foram analisadas as matérias vinculadas entre os dias 10/6/2006 a 02/7/2006, além de sites esportivos reconhecidos que trataram do assunto. Os resultados mostraram o poder da influência da mídia em torno de um esportista que através da mesma se tornou uma celebridade mundial, mas que apesar de toda expectativa nele depositada, não deixou de ser um ser humano sujeito a falhas como qualquer outro.

**Comentário:**

O foco nessa monografia é o jogador e como a mídia pode enaltecê-lo ou destruí-lo.

**Aproveitamento para Monografia:**

Em nenhum momento são abordados as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabem ao jornalista esportivo.

SEMESTRE E ANO	NOME DO AUTOR	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
2º sem. 2006	Thiago Rizério Sanches Lima	Severino Francisco	A relação entre a imprensa e o futebol no processo de identificação nacional
<p><b>Resumo:</b> A monografia aborda o surgimento do futebol no Brasil. No princípio era um esporte excludente, no qual apenas a alta sociedade podia praticá-lo. A popularização abriu os olhos da imprensa, que destinou espaços maiores nas páginas para o futebol. O objetivo do trabalho é fazer a relação entre o processo de identificação do brasileiro com o futebol, caracterizando o caráter de identidade nacional. A conclusão é que a imprensa contribuiu para a superação de certos comportamentos do brasileiro, como o racismo ou o “complexo de vira-latas”, por exemplo, para a construção de uma esportividade madura e, conseqüentemente, de uma identidade nacional que associa o brasileiro com o país do futebol.</p>			
<p><b>Comentário:</b> Nesta monografia, o autor comenta que a partir da década de 40 os relatos apaixonados sobre o futebol foram surgindo e ganhando destaque na imprensa. O autor cita Paulo Vinícius Coelho que fala: “Desses tempos para os dias de hoje a única mudança foi a realidade. Não a realidade em si, mas a maneira de como é tratada pelos profissionais da área esportiva”.</p>			
<p><b>Aproveitamento para Monografia:</b> Durante as entrevistas para esta monografia onde se pretende levantar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo, será verificado se houve essa mudança na maneira de se fazer jornalismo esportivo.</p>			
SEMESTRE E ANO	NOME DO AUTOR	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
2º sem. 2006	Vagner Santos de Vargas	Severino Francisco	Basquetebol como ferramenta social e educacional: Análise da cobertura do <i>Mundial Masculino de Basquete</i> feita pelo <i>Correio Braziliense</i>
<p><b>Resumo:</b> A monografia trata primeiramente do surgimento do basquetebol, com o intuito de introduzir o assunto. Em seguida, são abordados educação e jornalismo e a relação destes temas com o basquetebol atual. Por fim é feita uma análise da cobertura realizada pelo jornal <i>Correio Braziliense</i> sobre o <i>Campeonato Mundial de Basquete</i>, realizado entre 18 de agosto e 3 de setembro de 2006, no Japão. O trabalho permite concluir que o basquetebol possui as ferramentas para ser grande, tanto nas quadras quanto nas escolas e universidades, mas as pessoas que estão com estas ferramentas nas mãos não possuem a capacidade necessária para manejá-las, o que acaba fazendo com que o esporte viva um momento de profunda crise no Brasil. Neste sentido, o papel do jornalismo é importantíssimo, para alertar e criticar o que precisa ser feito para melhorar as condições do esporte nacional.</p>			
<p><b>Comentário:</b> Nesta monografia o autor cita Paulo Vinícius Coelho que diz: “O conhecimento é fundamental para o jornalista que pretende cobrir basquete e esportes de menor visibilidade. Não apenas conhecimento jornalístico, mas conhecimento do jogo, das regras, dos jogadores, é importantíssimo saber o que acontece dentro da quadra para poder passar aos leitores, que normalmente não são profundos conhecedores, o que de fato acontece. É raro ver jornalistas especializados somente em basquete, ou vôlei, ou handebol. Ao contrário do que acontece no futebol, onde o profissional fica focado apenas naquele esporte. E esta é uma boa opção para o jornalista, que sabe se virar falando dos mais variados esportes, não apenas um específico”.</p>			
<p><b>Aproveitamento para Monografia:</b> Durante as entrevistas para esta monografia onde se pretende levantar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo, vale verificar qual é o perfil ideal do jornalista esportivo, se os jornalistas esportivos devem saber das regras dos esportes, se devem entender de todos os esportes ou se especializar em apenas um.</p>			

SEMESTRE E ANO	NOME DO AUTOR	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
2º sem. 2006	Fabio Souza Diniz	Severino Francisco	Futebol, imprensa e sociedade: Uma análise do jornalismo esportivo na sociedade brasileira
<p><b>Resumo:</b> Este trabalho analisa as relações entre a comunidade futebolística, a imprensa e a sociedade. Analisa a missão social do jornalismo, buscando informações que nos possibilitem enxergar onde a imprensa se localiza na dinâmica da sociedade e qual a relevância de seu papel. Esse trabalho se insere no ramo da Crítica da Mídia, utilizando a Análise de Discurso como ferramenta para tal. O trabalho constitui de pesquisa bibliográfica, coleta, análise e interpretação de amostras de reportagens, sobre o futebol no Brasil. Neste estudo obteve-se como conclusão que a quase total falta de presença de temas sociais no jornalismo esportivo brasileiro reflete uma realidade: a de que a imprensa, desviando-se de seu caráter de servidora pública, deixa de cumprir seu papel e que enxerga as partidas de futebol e as páginas dos cadernos de esporte como mero entretenimento, e não como um instrumento, uma poderosa arma, para contribuir com o desenvolvimento do Brasil.</p>			
<p><b>Comentário:</b> Em sua monografia, Fabio Diniz afirma que o jornalismo esportivo deve ser usado como uma poderosa arma de comunicação e que assim, a imprensa deveria aproveitar a audiência e o alcance do esporte para divulgar assuntos mais sociais.</p>			
<p><b>Aproveitamento para Monografia:</b> Seria uma competência do jornalista esportivo divulgar matérias mais voltadas ao social? Durante as entrevistas para esta monografia onde se pretende levantar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo, poderá ser entendido porque faltam matérias de cunho social no jornalismo esportivo.</p>			
SEMESTRE E ANO	NOME DA AUTORA	PROFESSORA ORIENTADORA	TÍTULO
2º sem. 2006	Simone Lage Mendonça Ribeiro	Maria Gláucia Magalhães	Ayrton Senna herói nacional — A contribuição do piloto e da imprensa na construção de sua imagem: Análise de reportagens e citações do Jornal <i>Folha de São Paulo</i> .
<p><b>Resumo:</b> A proposta deste estudo é analisar a formação de um dos maiores mitos brasileiros: Ayrton Senna. Focaliza-se a sua própria participação para a construção de sua imagem de herói, por meio de suas citações no jornal <i>Folha de São Paulo</i>. A participação do jornal também é abordada. É, portanto, a abordagem de dois dos alicerces do tripé que, segundo a aluna, contribui para a formação do mito: povo, imprensa e o próprio indivíduo. Para tanto, é feito um breve histórico sobre a história da Fórmula-1 no Brasil, sobre a vida e a carreira de Senna e sobre a cobertura jornalística do automobilismo no País. Depois, são apresentadas teorias sobre Mito e Herói, que foram o suporte para a análise das matérias.</p>			
<p><b>Comentário:</b> A autora chega à conclusão que o preparo e o interesse pessoal do piloto em cuidar de sua imagem foram os alicerces primordiais para que sua imagem fosse o que representa. Isso aliado aos interesses comerciais da mídia se transformou num dos melhores exemplos de como é possível construir e consolidar um mito.</p>			
<p><b>Aproveitamento para Monografia:</b> Em nenhum momento são abordados as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabem ao jornalista esportivo.</p>			
SEMESTRE E ANO	NOME DA AUTORA	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
1º sem. 2007	Carolina Meneses de Souza Silva	Luiz Cláudio Ferreira	Confusão na Área: Uma pesquisa sobre como a editoria de esportes do <i>Jornal de Brasília</i> aborda a violência nos estádios de futebol
<p><b>Resumo:</b> Este trabalho mostra uma análise do caderno <i>Torcida</i> do <i>Jornal de Brasília</i> para investigar como as matérias sobre a violência nos estádios ocupam cada vez mais espaço na editoria de esportes. Pelo</p>			

que foi apurado, a mídia sensacionaliza a violência nos estádios, uma vez que ela propaga os conflitos e crimes ocorridos envolvendo as partidas de futebol. A análise ocorreu ao longo dos meses de fevereiro e março de 2007, com o intuito de verificar a ênfase dada a matérias sobre violência relacionada aos esportes em detrimento das matérias de conteúdo exclusivamente esportivo. Os resultados apontam que não se pode afirmar que a mídia é culpada pela violência no futebol, visto que os números obtidos sugerem que a incidência desse tipo de matéria é muito pequena se comparada com o total apresentado.

**Comentário:**

Nesta monografia o foco é saber se a imprensa é culpada ou não em estimular a violência no estádio de futebol.

**Aproveitamento para Monografia:**

Em nenhum momento são abordados as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabem ao jornalista esportivo.

SEMESTRE E ANO	NOME DA AUTORA	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
1º sem. 2007	Nathália Cristina Pinheiro Siqueira	Luiz Cláudio Ferreira	Fragilidade, ode ao corpo e “derrota”: Uma pesquisa sobre como a mulher no esporte é representada no jornal <i>Correio Braziliense</i>

**Resumo:**

A partir de levantamento realizado com o *Correio Braziliense*, o trabalho apresenta um estudo sobre a representação da mulher no esporte. O trabalho constata o preconceito sobre as atletas femininas. Os resultados quantitativos apresentados evidenciam que neste veículo, como em outros, elas continuam a serem pouco representadas pela mídia, apesar do crescente número de mulheres participando e sendo bem-sucedidas no esporte.

**Comentário:**

Este estudo acompanhou as narrativas do *Correio Braziliense* no período de trinta dias, e analisou se o discurso da mídia impressa vem veiculando representação preconceituosa quanto à participação da mulher no esporte. O que se percebe é uma grande desigualdade no trato que a mídia aborda o esporte masculino e o feminino.

**Aproveitamento para Monografia:**

Em nenhum momento são abordados as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabem ao jornalista esportivo.

SEMESTRE E ANO	NOME DA AUTORA	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
2º sem. 2007	Andrea Lopes Vasconcelos	Luiz Cláudio Ferreira	As dimensões sociais do esporte na cobertura jornalística esportiva do <i>Correio Braziliense</i>

**Resumo:**

O que aparece na mídia esportiva, na maioria das vezes, é o campeão. É ele que é tratado como deus, herói, mas, sempre depois de recordes batidos e medalhas no peito. Porém, esta monografia aborda o outro lado do esporte. Enfatiza a questão social e questiona o fato de projetos sociais e iniciativas esportivas serem esquecidas nos meios de comunicação, em especial, no caderno de esportes do *Correio Braziliense*. Foram analisados os meses de maio e junho de 2007, por conta da proximidade com os Jogos Pan-Americanos, realizados no mês de julho de 2007, com o objetivo de saber com que frequência foram divulgadas matérias relacionadas ao esporte social, baseadas nos conceitos de dimensões sociais do esporte, de Manoel Tubino. Durante todo o processo de elaboração da pesquisa foi notado a despreocupação do caderno de esportes, do *Correio Braziliense*, com matérias de teor social.

**Comentário:**

Mais uma vez é discutido o valor social nas matérias de esporte. Esta é a segunda monografia que se atenta para este fato. Porque a imprensa não faz matérias voltadas ao social no mundo dos esportes? Será pelo fato de que o que interessa é quem ganhou um jogo ou uma competição?

**Aproveitamento para Monografia:**

Seria uma competência do jornalista esportivo divulgar matérias mais voltadas ao social? Durante as entrevistas para esta monografia onde se pretende levantar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo, poderá ser entendido porque faltam matérias de cunho social no jornalismo esportivo.

SEMESTRE E ANO	NOME DA AUTORA	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
2º sem. 2007	Bruna de Lacerda Aquino	Severino Francisco	<i>Globo Esporte</i> : cobertura nacional ou regional? O destaque dado aos times de futebol cariocas e paulistas
<p><b>Resumo:</b> Este trabalho resulta de pesquisa bibliográfica e decupagem das edições de sete de maio e do mês de agosto de 2007 uma análise da cobertura do Campeonato Brasileiro série A feita pelo programa televisivo <i>Globo Esporte</i>, que questiona tal cobertura por privilegiar clubes cariocas e paulistas. O início se dá com o histórico do futebol, tanto no mundo quanto no Brasil, bem como a relação desse esporte com a cultura e o jornalismo esportivo mundial e brasileiro. Em seguida, é realizado um recorte sobre a história do telejornalismo e introdução ao programa em questão. O presente trabalho é embasado pela teoria da agenda-<i>setting</i> e apresenta uma relação entre o <i>Globo Esporte</i> e o agendamento. Por último, é apresentada a análise das imagens decupadas, a fim de verificar o tempo que o programa cedeu a cada time do Campeonato Brasileiro de Futebol, durante o mês de agosto. A conclusão deste trabalho é que os times do eixo Rio-São Paulo têm torcedores espalhados por todo Brasil. Isso explica o porquê de a <i>Rede Globo</i>, através do programa <i>Globo Esporte</i>, divulgar em maior escala informações a respeito dos times do Rio de Janeiro e São Paulo. Isso porque o critério mais considerado o jornalismo é a abrangência que uma notícia é capaz de alcançar.</p>			
<p><b>Comentário:</b> Nesta monografia, a autora Bruna Aquino, questiona porque o programa <i>Globo Esporte</i> privilegia os clubes cariocas e paulistas na sua grade de programação.</p>			
<p><b>Aproveitamento para Monografia:</b> Em nenhum momento são abordados as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabem ao jornalista esportivo.</p>			
SEMESTRE E ANO	NOME DA AUTORA	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
2º sem. 2007	Mariana Corrêa Monteiro Vitória	Severino Francisco	Futebol Feminino: Uma análise das matérias do jornal <i>Correio Braziliense</i> na cobertura das Olimpíadas 2004 e dos Jogos Pan-Americanos 2007
<p><b>Resumo:</b> A mídia esportiva dá prioridade ao futebol. É o principal esporte do Brasil, o mais amado. No entanto, os veículos de comunicação não divulgam tudo sobre futebol. Eles deixam de lado uma parcela que tem se destacado pelas conquistas e desempenho nessa modalidade: o futebol feminino. Esta monografia aborda justamente essa discriminação no jornal <i>Correio Braziliense</i> em relação às meninas do futebol. Foi analisado o caderno de esporte do jornal durante os Jogos Olímpicos de 2004 e os Jogos Pan-Americanos de 2007. Para enriquecer o trabalho foram feitas entrevistas com jornalistas esportivos, uma jogadora de futebol e um técnico. Após análise de dezoito dias do caderno de esportes do jornal <i>Correio Braziliense</i>, houve a constatação de que realmente há preconceito embutido nas matérias. Foi verificado que de 136 matérias sobre futebol publicadas durante as Olimpíadas, somente 12 falavam das mulheres. Já nos Jogos Pan-Americanos, das 172 reportagens, apenas 13 diziam respeito à prática feminina.</p>			
<p><b>Comentário:</b> Esta monografia debate a questão do gênero no esporte. O futebol feminino ainda sofre preconceitos.</p>			
<p><b>Aproveitamento para Monografia:</b> Em nenhum momento são abordados as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabem ao jornalista esportivo.</p>			

SEMESTRE E ANO	NOME DA AUTORA	PROFESSORA ORIENTADORA	TÍTULO
1º sem. 2008	Priscila dos Santos Mendes	Mônica Prado	Esporte local na marca do pênalti: Critérios de noticiabilidade usados no <i>AQUI DF</i> e <i>Correio Braziliense</i>
<p><b>Resumo:</b> Este trabalho resulta de pesquisa bibliográfica, análise quantitativa e qualitativa das edições de dezenove a vinte e seis de janeiro de 2008 das editorias de esportes dos veículos <i>AQUI DF</i> e <i>Correio Braziliense</i> e de entrevistas com os respectivos editores Leonardo Meireles e Paulo Rossi sobre o agendamento do esporte local nos jornais. A pesquisa mostra que há uma predominância de matérias nacionais e internacionais em detrimento de notícias esportivas locais, e o maior destaque dado do futebol candango em relação às demais modalidades praticadas na cidade. Os critérios de noticiabilidade usados nas edições estão diretamente ligados às questões comerciais, com objetivo de alcançar maior tiragem e número de leitores. O grau de importância dos eventos e dos atletas locais, que devem ter destaque na esfera nacional, é fundamental para que sejam agendados nos veículos analisados.</p>			
<p><b>Comentário:</b> Nesta monografia, Priscila Mendes analisa os critérios usados para o agendamento do esporte local nos jornais.</p>			
<p><b>Aproveitamento para Monografia:</b> Em nenhum momento são abordados as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabem ao jornalista esportivo.</p>			
SEMESTRE E ANO	NOME DO AUTOR	PROFESSOR ORIENTADOR	TÍTULO
1º sem. 2008	André Damasceno Barroso	Luiz Cláudio Ferreira	O espaço da aventura no <i>Esporte Espetacular</i>
<p><b>Resumo:</b> O quadro <i>Caminhos da Aventura</i>, do programa <i>Esporte Espetacular</i> (exibido nas manhãs de domingo pela <i>TV Globo</i>), tem uma estrutura diferente de uma matéria jornalística convencional. A repórter é o próprio personagem do quadro e é quem conduz as reportagens, todas sobre esportes de aventura, gravadas em diversos lugares do Brasil e do mundo. Neste trabalho foram analisadas algumas edições do <i>Caminhos da Aventura</i>, onde foram destacados os pontos que comprovam que a estrutura difere da convencional. Também foram destacados trechos de entrevista oral realizada com a repórter do quadro, Daniela Monteiro, em março de 2008, exclusivamente para este trabalho, onde fica claro que a estrutura do <i>Caminhos da Aventura</i> foi propositalmente escolhida para aproximar o quadro do público. Também foram aplicados questionários, por amostragem, para demonstrar a repercussão do quadro junto aos praticantes de esportes de aventura no Distrito Federal.</p>			
<p><b>Comentário:</b> Esta monografia faz um raio-x do quadro <i>Caminhos da Aventura</i>, do programa <i>Esporte Espetacular</i>. O foco está no formato do programa.</p>			
<p><b>Aproveitamento para Monografia:</b> Em nenhum momento são abordado as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabem ao jornalista esportivo. Apenas tem a observação de que a apresentadora do quadro, Daniela Monteiro, atua mais como personagem do que repórter nas matérias. Mas não é questionado se esse papel é ou não permitido aos jornalistas esportivos. Isso poderá ser verificado durante as entrevistas para esta monografia onde se pretende levantar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo,</p>			

De maneira geral as 17 monografias analisadas acima abordam freqüentemente quatro assuntos: 1) A falta de coberturas esportivas de cunho social. De todas as monografias, 23% delas tratam deste assunto; 2) A capacidade da imprensa exaltar os atletas como heróis e depois esquecê-los ou destruí-los. De

todos os trabalhos analisados, 18% deles levantam esta questão da mitificação dos jogadores e esportistas; 3) Discriminação de gênero. Do total de pesquisas analisadas, 12% delas abordam este assunto; 4) A preferência que os jornais dão ao futebol em relação aos outros esportes e a prioridade dada ao futebol nacional e internacional ao invés do futebol local. De todas as monografias analisadas, 12% delas debatem este assunto. As outras monografias restantes, ou seja, 35% delas tratam de assuntos diversificados.

Ao final do levantamento e leitura das monografias, verifica-se que nenhuma delas aborda as habilidades, aptidões, atributos ou competências que cabem ao jornalista esportivo. Algumas trazem questões que poderão ser utilizadas na elaboração do questionário a ser aplicado aos jornalistas esportivos de Brasília. Mas nenhuma tem o foco específico de estudar o perfil deste profissional que atua na área esportiva. Diante deste quadro, há um vazio, uma lacuna a ser preenchida por esta monografia, que irá complementar os estudos acadêmicos na área do jornalismo esportivo com um tema inédito.

### **3.1.2 As entrevistas**

As entrevistas realizadas com os jornalistas esportivos de Brasília foram iniciadas em 26/03/2009 e finalizadas em 20/04/2009. A duração total das 15 entrevistas foi de 11h10m59s. O total de horas levadas para a gravação de todas as entrevistas foi de aproximadamente 50h. O principal meio para contactar os jornalistas foram os seus e-mails de trabalho, pelos telefones dos veículos das empresas e pelos próprios jornalistas que indicavam e davam o contato de outros jornalistas esportivos. Os horários de entrevistas foram bastante diversificados, uma vez que cada jornalista tinha uma rotina e horários disponíveis diferenciados. Desta maneira, foi dada a preferência ao horário e disponibilidade que o jornalista esportivo escolhia. Todas as entrevistas foram feitas em ambientes de trabalho. Primeiro foi aplicado um pré-teste a fim de verificar o andamento da entrevista, observar se o questionário estava correto e conferir se as perguntas estavam claras. O entrevistado avaliou o questionário de forma muito positiva, sendo assim, nada foi modificado e a entrevista foi considerada como parte da pesquisa. Numa avaliação geral, as entrevistas foram respondidas com êxito e os profissionais atenciosos. Segue a tabela com os dados descritivos das entrevistas e as respectivas

ambientações. (O discurso usado no quadro está em primeira pessoa por se tratar de experiências vividas pela pesquisadora).

<b>Entrevistado A</b>	
Data da entrevista: 26/03/2009 Local: Ambiente de trabalho Horário: 9h Duração: 1h13m56s	O entrevistado estava tranquilo e receptivo às perguntas. Respondeu com bastante animação e estava seguro das respostas. O ambiente estava calmo e não havia barulho. O celular do entrevistado nos interrompeu uma vez. O entrevistado avaliou o questionário de forma muito positiva. Ao final da entrevista me passou o contato de outros jornalistas esportivos.
<b>Entrevistado B</b>	
Data da entrevista: 27/03/2009 Horário: 14h30 Local: Ambiente de trabalho Duração: 43m23s	A conversa foi muito agradável, o entrevistado foi bem atencioso e explicava suas idéias de forma detalhada, até desenhava algumas coisas no papel. Ficou bastante interessado no resultado do trabalho. O ambiente estava tranquilo e não fomos interrompidos. Ele me passou o telefone de vários jornalistas esportivos.
<b>Entrevistado C</b>	
Data da entrevista: 09/04/2009 Horário: 16h39 Local: Ambiente de trabalho Duração: 1h23s	O ambiente era de redação, bastante agitado com pessoas entrando e saindo da sala o tempo todo. O celular do entrevistado tocou várias vezes, ele atendeu uma vez e tive que lembrá-lo do que estávamos falando. Mesmo assim, a entrevista foi muito produtiva. O entrevistado foi bastante atencioso e era enfático nas respostas.
<b>Entrevistado D</b>	
Data da entrevista: 09/04/2009 Horário: 17h50 Local: Ambiente de trabalho Duração: 35m17s	O entrevistado estava receptivo às perguntas e respondia tranquilamente. O ambiente era de redação, bastante agitado com pessoas entrando e saindo da sala o tempo todo. O celular do entrevistado tocou uma vez e ele atendeu. Ao final me mostrou como funciona o trabalho dele.
<b>Entrevistado E</b>	
Data da entrevista: 14/04/2009 Horário: 8h30 Local: Ambiente de trabalho Duração: 1h44m50s	No início o ambiente estava bem tranquilo, depois ficou um pouco barulhento, com muita movimentação de pessoas e conversas. O entrevistado parecia estar bem confortável e à vontade. Falava bastante e tinha determinação em suas respostas. Foi bem receptivo e se interessou pelo resultado da pesquisa.
<b>Entrevistado F</b>	
Data da entrevista: 14/04/2009 Horário: 13h Local: Ambiente de trabalho Duração: 29m30s	O ambiente estava tranquilo, sem barulho e não tivemos nenhuma interrupção. O entrevistado foi bem simpático e respondeu às perguntas de forma objetiva. Estava seguro em suas respostas. Ao final da entrevista me passou o telefone de outros jornalistas esportivos e chamou um jornalista da equipe dele para responder ao meu questionário.
<b>Entrevistado G</b>	
Data da entrevista: 14/04/2009 Horário: 13h40m Local: Ambiente de trabalho Duração: 41m11s	O entrevistado foi pego de surpresa já que não tínhamos marcado entrevista. Mesmo assim foi bem receptivo à entrevista e respondeu de forma objetiva. O ambiente estava tranquilo e não fomos interrompidos.

<b>Entrevistado H</b>	
Data da entrevista: 16/04/2009 Horário: 15h28m Local: Ambiente de trabalho Duração: 53m31s	O ambiente estava movimentado, porém não fomos interrompidos. O entrevistado estava bem à vontade. Respondeu às perguntas tranquilamente, era bem convicto no que dizia. A entrevista foi bem fluída. Ao final da entrevista me passou o contato de outros jornalistas esportivos. Também se interessou pelo resultado da pesquisa.
<b>Entrevistado I</b>	
Data da entrevista: 16/04/2009 Horário: 17h Local: Ambiente de trabalho Duração: 39m38s	O ambiente estava tranquilo, sem barulhos e não fomos interrompidos. O entrevistado respondeu às perguntas com bastante firmeza. A entrevista foi bem produtiva e rápida.
<b>Entrevistado J</b>	
Data da entrevista: 17/04/2009 Horário: 13h Local: Ambiente de trabalho Duração: 24m25s	O ambiente era de redação, com bastante movimentação e barulho, mas não fomos interrompidas. A entrevistada foi bastante simpática e atenciosa. Demonstrava preocupação em responder às perguntas de forma correta. A conversa foi rápida e fluída. Ao final da entrevista me passou contatos de outros jornalistas esportivos.
<b>Entrevistado K</b>	
Data da entrevista: 17/04/2009 Horário: 15h30m Local: Ambiente de trabalho Duração: 36m56s	O ambiente era calmo e sem barulho. O telefone do entrevistado tocou e nos interrompeu. Ele tinha acabado de receber um furo jornalístico. Por conta disso teve que fazer uma matéria imediatamente. Mas não deixou de me dar atenção, me explicou o que estava acontecendo e ainda pediu para ajudá-lo a desenvolver a matéria. Depois voltamos normalmente com a entrevista que foi muito produtiva. O entrevistado tinha muita determinação nas respostas. Ao final ligou para outro jornalista para marcar entrevista para minha pesquisa. Também me convidou para ir ao estádio de futebol acompanhar o trabalho dele por um dia.
<b>Entrevistado L</b>	
Data da entrevista: 18/04/2009 Horário: 15h30m Local: Ambiente de trabalho Duração: 31m46s	O ambiente era calmo e não fomos interrompidos. O entrevistado demonstrou tranquilidade e respondeu às perguntas com bastante segurança. Foi bem receptivo e simpático. A entrevista foi muito boa.
<b>Entrevistado M</b>	
Data da entrevista: 20/04/2009 Horário: 15h Local: Ambiente de trabalho Duração: 14m51s	O ambiente era de redação, tinha muito barulho, mas não fomos interrompidos. O entrevistado parecia apressado. Respondeu às perguntas de forma muito objetiva. Foi bem sincero e demonstrou ter idéias diferentes dos demais entrevistados. A entrevista foi rápida.
<b>Entrevistado N</b>	
Data da entrevista: 20/04/2009 Horário: 15h20s Local: Ambiente de trabalho Duração: 47m42s	O entrevistado foi muito simpático e receptivo. Respondeu às perguntas de forma segura e clara. A entrevista foi bem descontraída, um bate-papo. O ambiente era de redação, com muito barulho, mas não fomos interrompidos. Ao final da entrevista o jornalista me apresentou uma jornalista esportiva para que eu a entrevistasse.

<b>Entrevistado O</b>	
Data da entrevista: 20/04/2009 Horário: 16h10s Local: Ambiente de trabalho Duração: 33m40s	A entrevistada foi pega de surpresa já que não tínhamos marcado entrevista. Estava muito envergonhada, disse que não estava acostumada a dar entrevistas. Mesmo assim deu a entrevista e foi muito atenciosa. No início estava tímida, um pouco travada nas respostas. Ao correr da entrevista, demonstrou estar à vontade e respondeu às perguntas de forma segura. O ambiente era de redação, a entrevistada sentia dificuldade em falar com tanto barulho. A entrevista foi produtiva e ocorreu com bastante sucesso.

Durante as entrevistas foi observado que a maioria dos jornalistas esportivos entraram na área porque sempre gostaram de esporte, então já almejavam entrar nessa área específica. Sendo que um não é jornalista, mas sempre se interessou por esporte, tanto que fez seu mestrado sobre o assunto. Apenas um entrevistado via com preconceito o jornalismo esportivo e só entrou na área porque foi a única oportunidade que teve quando saiu da faculdade. Mas, hoje, admira muito e diz que sabe o valor que o esporte tem.

Outra observação é que quanto mais tempo na profissão, mais o jornalista tinha a falar. Os profissionais de rádio são os que mais falam, os de impresso variam, já os de televisão eram mais objetivos. É possível perceber que quando os jornalistas trabalham no mesmo veículo, o discurso de todos parece o mesmo. A visão das coisas pouco muda. Como se tivessem o mesmo pensamento. Outros sentiam receio de falar das áreas que nunca trabalharam. Quem trabalha em TV, por exemplo, tendia a responder as perguntas voltadas às questões somente da TV.

### **3.2 Tratamento dos dados**

Após a realização das entrevistas em profundidade, nos debatemos com a enorme quantidade de material gerado por elas. Para que a análise se tornasse possível foi preciso separar o todo em partes para examinar cada uma. De acordo com Jorge Duarte (2005, p. 79), as informações devem ser classificadas a partir de determinado critério, estabelecendo e organizando grupos de temas comuns, como que as agrupando em “caixas” separadas para se dedicar individualmente e profundamente a cada uma. Esta estrutura geral assume a forma de esquema de análise e cada conjunto (caixa) é chamado categoria, uma unidade de análise completa e única em si mesma.

Categorias são estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir

do fracionamento e da classificação em temas autônomos, mas inter-relacionados. Em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria, citando frases colhidas durante as entrevistas e a tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado. (DUARTE, 2005, p. 79)

O principal critério na construção de cada categoria é que tenha coerência interna, mas é possível estabelecer alguns princípios gerais. Um conjunto de categorias deve:

a) ser derivado de um único princípio de classificação; b) ser exaustivo, sendo possível colocar qualquer resposta em uma das categorias; c) as categorias devem ser mutuamente exclusivas; não deve ser possível colocar determinada resposta em mais de uma categoria. (SELLTIZ, 1985, p. 441-442 apud DUARTE, 2005, p. 79)

Duarte acrescenta ainda que no caso de entrevistas abertas, as categorias são identificadas ao longo da pesquisa. Nas entrevistas semi-abertas, as categorias têm origem no marco teórico e são consolidadas no roteiro de perguntas semi-estruturadas. “No relatório final tanto é possível agrupar em uma categoria o obtido com duas perguntas semi-estruturadas quanto separar em duas categorias os resultados obtidos com uma pergunta” (DUARTE, 2005, p; 79).

Seguindo as orientações de Jorge Duarte, após o ciclo de entrevistas, as perguntas foram separadas em categorias. Para facilitar o entendimento foram montadas planilhas para cada pergunta, com suas devidas categorias e com as respostas individuais de cada entrevistado. (No **Anexo C** é possível ver todas as planilhas na íntegra). Inicialmente, o questionário aplicado aos entrevistados continha sete perguntas. Para que o material colhido nas entrevistas fosse separado em categorias viu-se a necessidade de excluir perguntas e agrupar outras. (No **Anexo B** é possível ver todas as entrevistas na íntegra). As categorias foram separadas a partir das próprias perguntas que já permitiam esse recorte e também por encontro de idéias em comum nas respostas, além de acrescentar em algumas tabelas a categoria denominada Livre a fim de aproveitar idéias que não se encaixavam nas categorias, mas que eram relevantes à pesquisa. Desta maneira ficaram assim divididas:

**A) Planilha 1 – Perfil.** Para separar as categorias, as perguntas 2 e 3 do questionário foram unidas por conter assuntos em comum e na planilha foram transformadas em pergunta 1. As categorias nesta planilha foram divididas

em sete: 1) Texto; 2) Postura/valores; 3) Postura profissional; 4) Merchandising/jabá/patrocínio; 5) Informação/opinião/comentário; 6) Mudança do perfil/mídia; 7) livre.

**B) Planilha 2 – Impacto novas tecnologias.** Para separar as categorias, as perguntas 1 e 4 do questionário foram unidas por conter assuntos em comum e na planilha foram transformadas em pergunta 2. As categorias nesta planilha foram divididas em quatro: 1) Impacto; 2) Mudança do papel do jornalista esportivo; 3) Novas formas de trabalho; 4) Mercado.

**C) Planilha 3 – Faculdades.** A pergunta que abordava esta questão das faculdades no questionário era a 5, esta por sua vez foi transformada em pergunta 3 na planilha devido às mudanças das perguntas anteriores. As categorias nesta planilha foram divididas em quatro: 1) Preparo pelas faculdades; 2) Sugestão/formação acadêmica; 3) Fundamental aprender; 4) Livre.

**D) Planilha 4 – Futuro do jornalismo esportivo.** A pergunta que abordava esta questão do futuro do jornalismo esportivo no questionário era a 6, esta por sua vez foi transformada em pergunta 4 na planilha devido às mudanças das perguntas anteriores. As categorias nesta planilha foram divididas em quatro: 1) Futuro na área; 2) Profissionais preparados; 3) Como se preparar; 4) Livre.

Desta maneira ficaram divididas as quatro planilhas. É importante destacar que a sétima pergunta não entrou nas planilhas uma vez que foi verificado que não tinha relevância ao objetivo da pesquisa.

### **3.3 Análise e discussão dos resultados**

Após a montagem das planilhas com as perguntas e respostas dos entrevistados separadas por categorias, cada pergunta foi lida individualmente a fim de encontrar nas respostas dos entrevistados palavras-chaves e localizar as idéias em comum e também idéias divergentes. Depois dessa leitura foi possível fazer a análise detalhada das respostas com o intuito de aproveitar todas as idéias. Abaixo, segue a discussão dos resultados separados por categorias como feitas antes nas planilhas.

## **Pergunta 1: Perfil**

- Texto

Em relação a como deve ser o texto no jornalismo esportivo, 20% dos entrevistados não comentaram e 80% opinaram que ele deve ser coeso, ser feito com boa gramática, ser explicativo, claro e imparcial. Enfatizaram que os jargões e chavões usados antigamente já caíram em desuso. Todos que responderam alertaram que o texto deve ter um diferencial para prender a atenção do público e que precisa ser analítico. O lead deve ser sempre respondido, matérias factuais e objetivas estão para internet. Em específico, o texto no jornalismo esportivo, diferentemente de outras editorias, deve ser leve, criativo e divertido, mas sem exageros.

- Postura/ Valores

No quesito postura e valores que o jornalista esportivo deve demonstrar, 20% dos entrevistados não comentaram. Para os 80% que responderam a esta questão é preciso ter ética quando o assunto tratado é a relação de amizade com as fontes. Destacaram que o jornalista não pode ser amigo da fonte, caso contrário poderá haver situações onde este profissional sonegue informações para proteger o amigo. Para eles, o jornalista deve ser ético e não pode aproveitar de situações privilegiadas por causa da profissão. Todos afirmam que o jornalista esportivo deve ser isento, independente, honesto e crítico, porém a ética é relativa, pois deve haver flexibilidade (jogo de cintura) em alguns casos. As imposições econômicas (jabá/ merchandising) que muitas vezes são determinadas pela empresa podem comprometer a ética.

- Postura Profissional

Sobre como deve ser a postura profissional do jornalista esportivo, 100% dos entrevistados deram sugestões. Na opinião deles, é essencial ser curioso, atualizado/ bem informado, pesquisador, ágil, criativo, observador, dinâmico, responsável, estudioso, falar bem (mais de uma língua), escrever bem (em todas as mídias) e ser carismático. Para o profissional se destacar nessa área também é preciso que seja empreendedor. Ter credibilidade é fundamental. Além disso, o jornalista esportivo deve ser especialista/ ter domínio da área que cobre. Deve ter

noção da amplitude do esporte (marketing esportivo, política no esporte, história do esporte e regras).

- Merchandising

Em relação ao jornalista esportivo fazer merchandising, várias opiniões surgem. De todos os entrevistados 7% não comentaram, outros 7% são a favor desta prática. Já 53% dos entrevistados são contra. Para eles, jornalistas não são publicitários nem garotos-propagandas. Alegam que o jornalista esportivo não pode ser refém do merchandising. O argumento é que a apuração é a chave para o bom jornalismo e que o merchandising compromete o comentário e a notícia, além de fazer o jornalista esportivo perder a credibilidade. Alguns dos entrevistados, 33% deles, são contra o jornalista fazer merchandising, mas fazem, alegando que é um caminho inevitável. Para eles, o merchandising viabiliza coberturas e não compromete quando o patrocinador não tem ligação com o esporte. Afirmam que é uma prática muito comum, que os anunciantes querem associar a marca à imagem do jornalista. Destes 33%, todos afirmaram que se fosse para escolher não fariam merchandising, mas que por questão de sobrevivência no mercado fazem, pois precisam de patrocínio.

- Informação/ Opinião/ Comentário

Em relação à mistura de informação com opinião, de todos entrevistados 13% não comentaram o assunto, 7% acham que as notícias devem conter opinião e que o jornalismo esportivo segue este caminho. Já 27% são contra. Para eles, a imparcialidade é fundamental e a opinião pode comprometer o trabalho. A maioria, 53% dos entrevistados, acha que a opinião é válida, desde que esteja no lugar certo do jornal (artigo, opinião, editorial, coluna), não pode ser misturada com informação. Para eles, a opinião é importante, mas não pode ser imposta ao leitor, que deve tirar suas próprias conclusões. Afirmam ainda que numa matéria não cabe opinião (deve prevalecer a isenção), já na análise sim, mas sempre com base em dados, entrevistas e argumentos.

- Perfil/ Mídia

Todos entrevistados, ou seja, 100% deles, fizeram comentários se o perfil do jornalista esportivo varia dependendo da mídia que ele trabalha. O consenso é que

ter credibilidade, boa conduta, estudar, escrever bem, ter iniciativa, conhecimento na área, curiosidade, fazer matérias diferenciadas, carisma e responsabilidade se encaixam em qualquer mídia. O que muda de mídia para mídia é a técnica, o texto e a linguagem. Alertam que o profissional mais completo é o multimídia, que tem o domínio de trabalhar todas as técnicas e linguagens independentemente da mídia. Enfatizaram que o perfil do profissional é influenciado pela proposta do veículo.

- Sugestões livres

De todos os entrevistados, 33% fizeram sugestões no espaço destinado a livres comentários. Uma sugestão é que os jornalistas esportivos escrevam matérias de fatos que acontecem nos bastidores do esporte como a segurança dos torcedores, cartolagem e as instalações de estádios. Uma dica é que o jornalista esportivo deve ficar atento aos meios de imprensa de outros países que estão sempre inovando. Mais uma vez é lembrado que o jornalista esportivo precisa fazer matérias diferenciadas, deve ter cartas nas mangas, mas que isso está cada vez mais difícil, uma vez que alguns atletas e dirigentes só dão entrevistas coletivas. Um alerta é que seria antiético o jornalista esportivo ser assessor de imprensa de um clube ou atleta e ao mesmo tempo trabalhar na redação de um jornal.

## **Pergunta 2: Novas Tecnologias**

- Impacto

Enquanto 7% dos entrevistados acham que as novas tecnologias não causaram impacto na prática do jornalismo esportivo, 93% acham que causaram bastante. Os 7% afirmam que ainda não houve impacto em Brasília e que talvez em São Paulo ou no Rio de Janeiro possa ter tido. Já a grande maioria assegura que o impacto foi grande. Para eles, as novas tecnologias trouxeram facilidade e agilidade, principalmente com as agências de notícia. Argumentam que as tecnologias abriram espaço para todos escreverem (blogues). De acordo com os entrevistados, houve uma convergência de mídias para o grupo de comunicação. O consenso é que o jornal impresso foi o que mais sofreu este impacto, dentre outras coisas não consegue dar “furo” por causa da internet. Outra mudança observada foi a proximidade dos veículos de comunicação com o público através da interatividade (cidadão também faz notícia). Além disso, a linguagem mudou assim como o jeito de dar notícia, que hoje invade a privacidade das pessoas. Outras alterações podem

ser comparadas: antes (redações barulhentas, máquina de escrever, telex, fax, equipamentos pesados, uma única linha telefônica), hoje (computador, internet, equipamentos leves, câmeras e microfones sem fio, celular, linha de transmissão nas salas de imprensa, gravadores digitais, laptop, máquina fotográfica digital).

- Mudança do papel do jornalista esportivo

Quando questionados se as novas tecnologias estão mudando o papel do jornalista esportivo, todos os entrevistados, ou seja, 100%, confirmaram que sim. Alegam que as novas tecnologias causaram uma massificação do esporte e que para sobreviver a esta área é preciso escrever matérias diferenciadas, com enfoque/ ângulo diferentes do que a internet faz instantaneamente, por isso é preciso sair do factual e buscar um texto mais aprofundado, crítico e analítico. A linguagem hoje deve ser objetiva e sem jargões. Uma questão bastante enfatizada é que as novas tecnologias são fator chave que põem em risco a credibilidade do jornalista. Mudou o cuidado na hora de soltar informação, afirmam que o jornalista está sendo mais vigiado/cobrado/exigido. Os entrevistados lembram que antes os jornalistas se achavam o 4º poder porque detinham a informação, mas que hoje os blogueiros, por exemplo, também tem o poder de informar. Com isso, os jornalistas precisam ser mais ágeis e dinâmicos e devem estar sempre bem informados e preparados. A questão mais ressaltada é a de que o jornalista esportivo precisa ser multimídia. Deve fazer tudo: gravar, editar, tirar foto, narrar, escrever, produzir, sugerir arte e infografia, apurar, apresentar, comentar, fazer podcast. O receio destes jornalistas é roubar o emprego de outras pessoas como de cinegrafistas e fotógrafos, já que fazem tudo.

- Novas formas de trabalho

Diante da evolução tecnológica, novas formas de trabalho surgiram, 100% dos entrevistados confirmaram isto e citaram alguns exemplos: hoje não é preciso estar na redação para trabalhar (videoconferência, e-mail, celular, laptop, MSN, Skype, Iphone); pela internet, é possível apurar, checar informações, entrevistar jogadores que moram no exterior; hoje, os próprios jornalistas têm seus blogs; é possível guardar arquivos no computador; algumas ilhas de edição são digitais, aumentando a velocidade e qualidade das matérias; o podcast é a nova mídia mais

usada; mudou o formato de programas por causa da interatividade com o público (por telefone, enquete, vídeo).

- Mercado

Já em relação às novas tecnologias e mercado de trabalho, 77% dos entrevistados comentaram o assunto. Para eles, as novas tecnologias permitiram a criação de sites e canais específicos de esporte/*pay-per-view*, abrindo o mercado. Porém, o mercado de trabalho está mais competitivo e exigente. As empresas jornalísticas estão contratando menos funcionários e acumulando funções. Todos os entrevistados destacaram que só irá sobreviver a este mercado o profissional multimídia.

### **Pergunta 3: Faculdade**

- Preparo pelas faculdades

Questionados se as faculdades estão preparando os estudantes para essa área específica esportiva do jornalismo, de todos os entrevistados 7% não responderam a esta pergunta, 13% acham que preparam para algumas coisas e não para outras. Já 80% asseguram que a faculdade não prepara os estudantes para o jornalismo esportivo. Afirmam que o que é ensinado na faculdade foge à realidade do mercado. Lembraram que o texto dos estudantes que entram no mercado é muito ruim. O alerta maior é para a falta de prática nas faculdades. Garantem, ainda, que as universidades são omissas e cegas ao jornalismo esportivo.

- Sugestão/ formação acadêmica

Diante da crítica, 93% dos entrevistados deram sugestões para haver uma boa formação acadêmica destinada ao jornalismo esportivo. Os outros 7% não comentaram. A maioria sugeriu que as universidades ofereçam palestras e oficinas com profissionais esportivos do mercado. Outra sugestão é que os professores incentivem a produção acadêmica em jornalismo esportivo que no Brasil é escassa e no mundo é ampla. Aos professores também cabe conhecer o perfil do aluno/ saber que área cada um quer seguir, para melhor orientá-los. A prática deveria ser desenvolvida por meio de projetos experimentais e cobertura na rua voltada ao jornalismo esportivo. A faculdade também deve incentivar os alunos a fazer estágio

na editoria de esporte. Outra recomendação é que houvesse a cadeira de jornalismo esportivo nas faculdades ou que fosse matéria optativa.

- Fundamental aprender (estudante)

De todos os entrevistados, 93% sugeriram o que seria fundamental aprender na faculdade para atuar no jornalismo esportivo hoje em dia. Aconselharam o treinamento da prática por meio de exercícios, laboratórios e estágio. Na opinião dos entrevistados, é preciso que os estudantes leiam, se informem e pesquisem. É fundamental ter noção das dimensões do esporte (Marketing, Política e Economia Esportiva). Devem conhecer as modalidades e regras de vários esportes. Alertam que os futuros jornalistas devem se preparar para serem profissionais multimídia.

- Sugestões livres

No espaço destinado a livres sugestões 34% dos entrevistados registraram comentários. Os entrevistados alertaram o cuidado com a língua portuguesa que tem sido deixada de lado pelos estudantes. Lembravam que o jornalista esportivo pode trabalhar não só nas redações, mas também nas assessorias de imprensa. Além disso, afirmavam que o profissional é o que ele mesmo faz, então cabe a cada um buscar suas metas e objetivos.

#### **Pergunta 4: Futuro**

- Futuro na área de jornalismo esportivo

Em relação ao futuro do jornalismo esportivo, 54% dos entrevistados acreditam que é promissor. Para eles, a realização de grandes eventos esportivos no Brasil como a Copa do Mundo de 2014 e, possivelmente, uma Olimpíada em 2016 proporcionarão abertura ao mercado para os jornalistas esportivos. Outro fato observado é que com as novas tecnologias a qualidade do trabalho nesta área tende a ficar cada vez melhor. Muitos destacaram que, ao contrário de antigamente, hoje é possível seguir a carreira de jornalista esportivo e que é sim uma boa opção de trabalho. Enfatizavam que o brasileiro é apaixonado por esportes e sempre exigirá notícias, portanto, sempre haverá mercado de trabalho. Além disso, os entrevistados acreditam que o mercado na área está em crescimento com os canais televisivos e sites esportivos. Já 13% acham que o futuro é esperançoso e ao mesmo tempo decadente. Essa parcela afirma que o rádio está cada dia mais desvalorizado e o

mercado cada vez mais restrito. Mas também acreditam que com tantos sites esportivos o mercado está abrindo, além de serem que sempre haverá mercado na área, decorrente da paixão dos brasileiros por esporte. Os 33% restantes são preenchidos por entrevistados que não esperam um futuro promissor na área. Na opinião deles, o mercado está cada vez mais difícil/ apertado/ restrito/ fechado. Dessa maneira, não há espaço para novos talentos. Outro fato comentado é que ainda existe preconceito dentro das redações que dividem jornalismo de esporte, como se este não fizesse parte do outro. Alguns detalhes também foram lembrados como o medo de no futuro os repórteres não saírem das redações para apurar. De acordo com os entrevistados, a internet trouxe acomodação neste sentido. E que o jornalista esportivo depende que os times de sua cidade se desenvolvam, mas, que para isso, é preciso políticas públicas. É importante destacar que do total de entrevistados, 60% fizeram questão de lembrar que no futuro só sobreviverá o profissional multimídia.

- Profissionais preparados

Questionados se os profissionais estão preparados para o futuro na área de jornalismo esportivo, 7% asseguram que sim, 26% acham que não. De acordo com os entrevistados, falta formação nos aspectos: bastidores, gestão e administração esportiva. Afirmam também que alguns profissionais não querem mudar e são conservadores, não acompanham o desenvolvimento tecnológico, criaram uma barreira. Para eles, parte dos jornalistas esportivos estão reticentes e acomodados. Já 20% dos entrevistados acham que há profissionais preparados e outros não. Para eles, alguns jornalistas estão tentando se adaptar às novas tecnologias e a multifuncionalidade, mas que alguns estão atrasados quanto a isso. Os 47% restantes são preenchidos por entrevistados que acreditam que os profissionais mais “antigos” não estão preparados e que os mais novos estão. Essa parcela crê que os profissionais mais novos são mais receptivos a mudanças, nasceram inseridos no campo tecnológico e que é mais fácil se adaptarem, estão mais abertos. Ainda acreditam que a maioria sai das faculdades preparada.

- Como se preparar

Todos os entrevistados, ou seja 100%, deram sugestões de como os jornalistas esportivos podem se preparar para o futuro na área. Para eles, o profissional deve em primeiro lugar ter espírito empreendedor (criar seu próprio veículo). É preciso ler, buscar informações e estudar. O profissional deve estar disposto (aberto) a aprender coisas novas, se especializar e estar sempre se reciclando. Deve aprender a lidar com as novas tecnologias (se modernizar), ampliar conhecimentos em multimídia. Uma opção é fazer cursos de especialização multimídia. Muitos destacam que as universidades é que deveriam preparar estes profissionais.

- Sugestões livres

De todos os entrevistados, 40% quiseram comentar no espaço destinado a livres sugestões. Um comentário diz respeito ao preconceito que ainda existe nas redações com o jornalismo esportivo. De acordo com os entrevistados, o jornalista esportivo precisa mostrar mais trabalho que os profissionais de outras editorias para ser valorizado. Observaram também que alguns jornalistas pecam pela vaidade, se acham o supra-sumo e se fecham para novas possibilidades. Outro comentário é que o jornalista esportivo depende dos times da cidade. Quando há investimento, os esportes melhoram de qualidade, aí a televisão transmite, o anunciante se interessa, é um ciclo. Outro destaque foi dado aos eventos esportivos que acontecerão no Brasil. Acreditam que, como consequência, as faculdades terão muito mais alunos procurando a área de jornalismo esportivo. E, por último, é bastante destacado que para sobreviver ao mercado de jornalismo esportivo o profissional deve buscar pautas e fazer matérias diferenciadas. Mas a cada dia fica mais difícil ter uma entrevista exclusiva para fazer uma matéria assim. Na Europa, por exemplo, os jogadores não dão entrevista individual, só coletiva.

### **3.4 Considerações sobre os resultados**

O perfil do jornalista esportivo está em mudança. O profissional que usa jargões, faz matérias com informações só dos resultados dos jogos e não sabe lidar com as novas tecnologias é considerado um “dinossauro”. O mercado agora exige

profissionais avançados, que saibam escrever para todas as mídias, que tenham um texto diferenciado e que sejam especialistas na área que cobrem. E que de preferência já saiam assim das faculdades.

O texto no jornalismo esportivo hoje vai muito além da divulgação de resultados. O jornalista precisa colocar “molho” na matéria, ter um diferencial, o ângulo que ninguém viu, é preciso chamar a atenção do leitor, ouvinte, telespectador. No caso da internet, que tem como grande trunfo o “furo”, o texto deve ser claro e objetivo. Em todas as mídias o texto de jornalismo esportivo precisa ser mais leve e solto. Se for divertido é melhor, mas sem excessos.

A relação do jornalista com a fonte ainda é uma preocupação que ronda o jornalismo esportivo. É preciso ter cuidado, ser profissional acima de tudo. A postura deve ser sempre de honestidade e independência, a ética deve prevalecer. A credibilidade é a coisa mais importante que um jornalista deve ter, mas esta pode ser comprometida pelas pressões das empresas jornalísticas e pelo merchandising presente no jornalismo esportivo. Em relação à postura profissional além de ler, estudar, falar e escrever bem, ser ágil, pesquisador e bem informado, o jornalista esportivo deve ser empreendedor. O mercado exige isso do jornalista, que tenha uma visão mais aberta. O empreendedorismo pode ser a solução para o mercado restrito e sem rotatividade do jornalismo esportivo. Criar seu próprio veículo, site, blog, tem sido uma alternativa. Hoje para ter sucesso na carreira é preciso ser especialista na área que cobre e ter noção da amplitude do esporte (marketing esportivo, política no esporte, história do esporte), além, é claro, de ter domínio das regras de campeonatos, esportes e jogos.

O merchandising está encravado no jornalismo esportivo. O profissional que entrar nesta área hoje deverá ter a consciência que este será um problema que terá que encarar. Este por sua vez pode ser encarado com naturalidade ou com desdém. O alerta é que o merchandising pode comprometer a credibilidade do jornalista. Além disso, o merchandising tira a liberdade dos jornalistas esportivos que comentam e emitem opiniões. Porém, a prática do merchandising é inevitável no Jornalismo Esportivo hoje, é um caminho sem volta e que tende a crescer.

A opinião sempre fez parte do jornalismo esportivo, mas agora está diferente de antigamente. Antes a opinião era uma coisa explícita e imposta, misturada com a informação. Ainda é permitido que a opinião seja explícita, mas, para isso, há o local certo (opinião, editorial, coluna, artigo, comentário). Que seja imposta não é mais

permitido. Agora a opinião é dada, mas quem tira as conclusões é o público, cabe ao jornalista persuadi-lo através de bons argumentos, entrevistas, dados, estatísticas, exemplos. Cabe a análise na matéria, aliás, muitas vezes é exigida, mas a imposição não. Acima de tudo a opinião deve ser separada da informação.

Quanto ao perfil poder ser diferente dependendo da mídia em que o jornalista esportivo trabalha, a resposta é: credibilidade, boa conduta, escrever e falar bem (todos os valores já mencionados acima) se encaixam independentemente da mídia. Mas o perfil pode ser influenciado pela proposta do veículo. De mídia para mídia o que muda são questões de técnica, linguagem e texto.

As novas tecnologias causaram grande impacto na maneira de se fazer jornalismo esportivo. Trouxeram facilidade e agilidade ao trabalho. A mídia que sofreu mais impacto foi o jornal impresso. Por causa da internet, o “furo” já não faz parte dele. O texto teve de ser modificado, afinal, a internet dá tudo de imediato, agora é preciso fazer textos mais aprofundados e diferenciados para atrair o leitor. O jornalista deve ter cartas nas mangas, mas a cada dia é mais difícil conseguir entrevistas exclusivas no esporte. Isso porque as entrevistas coletivas estão se tornando rotina. A maior mudança é que todos os jornais impressos agora têm seu site com vídeos, blogues e podcast. Houve convergências das mídias nos grupos de comunicação. Outra grande mudança foi na linguagem e na maneira de abordar as matérias, houve invasão da privacidade das pessoas, principalmente atletas.

O papel do jornalista esportivo foi modificado. Com as novas tecnologias o jornalista esportivo precisa estar mais bem preparado e deve ter ainda mais cuidado na hora de soltar uma informação. Isso porque com a internet os jornalistas estão sendo mais cobrados e exigidos, afinal, o público deixou de ser passivo e tornou a ser ativo. Ele também escreve, opina, corrige, responde na mesma hora. Mas, a maior mudança no papel do jornalista esportivo é que agora ele é obrigado a ser multimídia, caso contrário está fora do mercado. Não existe mais o profissional só de TV, só de impresso ou só de rádio. Os profissionais devem saber trabalhar em todas as áreas. É preciso saber fazer tudo, inclusive filmar, editar e fotografar. Saber escrever e falar bem em todas as mídias é essencial. Os jornalistas estão preocupados com esta questão, mas sabem que é a tendência do mercado. Muitos estão vivenciando esta mudança agora. Também demonstram preocupação de estarem “roubando” o lugar de outros profissionais como do cinegrafista e do fotógrafo.

Diante da evolução tecnológica, novas formas de trabalho surgiram. A facilidade aumentou, uma vez que hoje é possível mandar suas matérias pelo laptop, filmar tudo ao vivo pelo *Skype* e conversar com seu chefe pelo *Messenger*. A maior mudança é nos formatos dos programas que estão cada vez mais próximos do público. A interatividade é fundamental. Hoje os ouvintes/ telespectadores/ internautas/ leitores participam ativamente, mandam vídeos, sugerem pautas, comentam as matérias, o que não acontecia antigamente.

As novas tecnologias permitiram a criação de sites e canais especializados de esportes abrindo o mercado. Porém, o mercado está mais competitivo e exigente. As empresas estão contratando menos funcionários e aumentando a multifuncionalidades deles. Além disso, só irá sobreviver ao mercado o profissional multimídia.

O jornalismo esportivo já é reconhecido como uma importante editoria dentro dos jornais, aliás, é a mais lida segundo pesquisas. Mas ao que tudo indica as faculdades estão cegas e omissas a esta questão. Dentro das faculdades o ensino não é nem um pouco voltado para esta área. Os estudantes entram no mercado com textos ruins e com total falta de prática. Para os entrevistados, há preconceito com a editoria de esportes dentro das faculdades.

A falta de preparo pelas faculdades poderia ser resolvida com as sugestões dos entrevistados como, por exemplo, palestras e oficinas com profissionais esportivos do mercado; projetos experimentais, incentivo ao estágio na editoria de esporte e principalmente colocar a matéria jornalismo esportivo como optativa do curso de jornalismo. Aos alunos caberia aprender, ler e se informar sobre as dimensões do esporte, conhecer as modalidades e regras, fazer estágio na área, e se prepararem para o futuro multimídia.

O futuro no Jornalismo Esportivo é promissor na opinião de alguns entrevistados. O mercado tende a crescer com a vinda da Copa de 2014 para o Brasil e com a possível Olimpíada em 2016. Além disso, o esporte é a paixão do brasileiro que sempre terá interesse por notícias desta área, portanto sempre terá mercado de trabalho. Porém, é um mercado cada vez mais fechado, restrito e exigente. De acordo com os entrevistados há preconceito também está nas redações que separam jornalismo de esporte, como se um não fizesse parte do outro. Quanto ao futuro, a única certeza é que o profissional de jornalismo esportivo será o multimídia.

A maioria dos profissionais não está preparada para o futuro multimídia no jornalismo esportivo. Há aqueles profissionais que já estão no mercado há muito tempo e que são resistentes a mudanças, não querem lidar com as novas tecnologias. Alguns que estão no mercado de trabalho tentam acompanhar a mudança e sentem “na pele” o desafio. A maioria dos entrevistados acredita que os mais jovens conseguirão se adaptar ao futuro multimídia porque já nasceram inseridos no meio tecnológico. Muitos acreditam que os estudantes já saem da faculdade preparados, mas ao mesmo tempo crêem que a faculdade não dá nada de prática nem preparo, o que torna esta idéia contraditória.

As sugestões de como se preparar para este futuro é estar disposto a aprender coisas novas, se especializar e estar sempre se reciclando. É importante manter-se sempre atualizado e ampliar os conhecimentos multimídia. Para quem já está no mercado, uma boa opção é fazer cursos de especialização multimídia.

#### **4. Conclusão**

O objetivo proposto no início deste trabalho era levantar o perfil do jornalista esportivo contemporâneo. E compreender qual é o perfil ideal do profissional desta área, pela visão dos próprios jornalistas esportivos que estão neste mercado hoje. Depois das entrevistas com 15 jornalistas esportivos de Brasília de diversas mídias e veículos foi possível levantar e alcançar o objetivo proposto. Agora a pergunta-problema pode ser respondida: Qual o perfil do jornalista esportivo contemporâneo? O perfil está em plena fase de transição. Neste momento as novas tecnologias exercem grande influência nele. O perfil profissional do jornalista esportivo é: Um jornalista com credibilidade, que seja multimídia, que tenha um texto diferenciado, especialista na área que cobre, que tenha noção da amplitude do esporte e que seja empreendedor.

Já a hipótese era a de que os jornalistas esportivos têm dificuldade em definir o perfil do profissional do jornalismo esportivo na contemporaneidade. Esta hipótese não chegou a ser confirmada totalmente. Quanto a valores, realmente cada jornalista entrevistado acha que deve prevalecer um, não há muito consenso. Mas, ao mesmo tempo, não há tanta dificuldade na definição deste perfil, uma vez que foram abordados todos os aspectos que o compõem, como o texto, a postura, o

merchandising e a mistura de opinião com informação. Alguns pontos causaram mais polémicas, como o merchandising. Nesse caso, realmente, as opiniões eram bem divergentes.

Na hipótese também era afirmado que não havia consenso entre os jornalistas esportivos para o preparo acadêmico. Neste aspecto, a hipótese estava errada, uma vez que há enorme concordância nas respostas. Os entrevistados asseguram que as faculdades não preparam os estudantes para o jornalismo esportivo, que estão cegas e omissas em relação a este assunto. Além de haver este consenso, ainda foram dadas sugestões para que houvesse uma boa formação acadêmica.

Outra afirmação na hipótese era que os jornalistas esportivos não sabiam o que esperar do futuro nesta área. Neste ponto a hipótese se confirma, não há uma concordância nas respostas no que diz se o futuro é promissor ou decadente. As opiniões são muito divididas. Há jornalistas otimistas, que acham que o mercado tende a crescer, e os pessimistas, que detectam a área cada vez mais restrita. Mas quando o assunto é que no futuro só sobreviverá ao mercado o profissional multimídia, o consenso é geral. O jornalista esportivo é um dos que mais precisam ser multimídias.

A última declaração feita na hipótese era que havia uma crise de identidade recorrente na reflexão que os jornalistas esportivos fazem sobre si próprios. Realmente, há uma crise de identidade. Os jornalistas esportivos passam agora por uma fase de transição por causa das novas tecnologias. A crise de identidade atinge tanto os mais antigos no mercado quanto os mais novos que estão chegando. Essa exigência de ser um profissional multimídia assusta os jornalistas. O desafio para quem já está no mercado é se reciclar para a modernização e para quem chega é conseguir fazer tudo, num mundo totalmente novo. Há a preocupação de estar “roubando” o emprego de outras pessoas, como o de cinegrafistas e fotógrafos. Esta questão ainda não está esclarecida para eles. Há dúvidas como, por exemplo, se o acúmulo de função será pago, se terão de trabalhar horas a mais, se quem trabalha no impresso terá que escrever para o site do jornal e se vai receber por isto. Esses contratempos que a multifuncionalidade traz, ainda não estão esclarecidos para os jornalistas esportivos.

A conclusão é que o mercado está cada vez mais exigente e o público também. O jornalista esportivo, ao contrário do que muitos pensam, é um

profissional que precisa dominar várias áreas além do esporte. A linguagem e o texto mudaram, saíram apenas do factual e cada vez mais é preciso ser analítico e criativo. O merchandising está encravado na área esportiva e o profissional precisa ter jogo de cintura para não perder a credibilidade e a ética. Porém, é um caminho inevitável. A proliferação de informação pelas novas mídias obriga o jornalista esportivo a estar mais bem preparado profissionalmente. Quem não souber lidar com as novas tecnologias ficará para trás. As novas tecnologias podem ter acabado de vez com o profissional generalista que escreve sobre todos os esportes. A tendência é que o jornalista esportivo se especialize em determinado esporte.

O preconceito, por incrível que pareça, ainda ronda o jornalismo esportivo. Tanto nas redações como nas faculdades. No mundo inteiro é pujante o esporte, o jornalismo esportivo requer uma atenção maior da academia. Ainda não há disciplina específica e nem estudos voltados para a área nas faculdades. A demanda é grande pelo esporte nacional e internacional, as empresas jornalísticas já atentaram para isso, mas as faculdades ainda não. As universidades precisam deixar de tratar o jornalismo esportivo como uma coisa menor, menos importante. A impressão é que o jornalismo esportivo não requer estudos acadêmicos. Mas esta pesquisa mostra o contrário. Aponta que é preciso ter conhecimento, especialização e ser multimídia num mercado cada vez mais exigente.

## 5. Referências

### Livros

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 4ª ed., 1990.

BARBEIRO, H; RANGEL, P. (Orgs.) **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOAS, S. V; BETING, M. (Orgs.) **Formação e informação esportiva: Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

COELHO, P. V. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 1ª ed., 2003.

DUARTE, J; BARROS, A. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2ª ed., 2005.

FONSECA, O. **Esporte e crônica esportiva**. In: TAMBUCCI, P.L.; OLIVEIRA, J.G.M.; COELHO SOBRINHO, J. (Orgs.) **Esporte & Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

GUERRA, M. O. **Você ouvinte, é a nossa meta – a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol**. Rio de Janeiro: ETC Ed, UFRJ, 2000.

MELO, J. M. **Jornalismo brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RESENDE, E. **Compreendendo o seu CHA: Conheça o perfil de competências, habilidades e aptidões do seu cargo ou profissão**. São Paulo: Summus, 2008.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2ª ed., 2002.

### Revista

PAVLÍK, J. O impacto das novas tecnologias da informação na prática do Jornalismo. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 23, n. 1, 2006.

### Sites

CICLO DE CONFERÊNCIAS A IMPRENSA DISCUTE A IMPRENSA, 7., 2008, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: Imprensa Nacional, 2008. Disponível em:

[http://portal.in.gov.br/in/noticia\\_imprensa/conferencia-enfoca-jornalismo-esportivo/](http://portal.in.gov.br/in/noticia_imprensa/conferencia-enfoca-jornalismo-esportivo/). Acesso em: 28 fev. 2009.

HAUBRICH, A. **Entrevista com Sérgio Xavier e Mauro Beting**. Disponível em: <http://jornalismob.wordpress.com/2008/09/11/entrevista-com-sergio-xavier/> Acesso em: 28 fev. 2009.

PILATTI, L. A. **Esporte e mídia: projeção de cenários futuros para a programação regional e global**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd79/midia.htm> Acesso em: 28 fev. 2009.

## **6. Anexos**

### **6.1 Anexo A: Questionário**

- 1)** Levando em conta a sua experiência em jornalismo esportivo, houve mudanças na maneira de se fazer jornalismo esportivo comparando a época que você começou com os dias atuais?
  
- 2)** Qual o perfil que o jornalista esportivo precisa ter para se destacar na área hoje em dia diante de tantas transformações por que passa o jornalismo? Quanto ao texto, a postura, a cobertura, o comentário, a mistura de opinião e informação e outras coisas que você quiser acrescentar.
  
- 3)** Este perfil de que você comenta varia dependendo da mídia que o jornalista esportivo trabalha?
  
- 4)** As novas tecnologias causaram algum impacto na prática do jornalismo esportivo? Essas novas tecnologias estão mudando o papel do jornalista esportivo? Essa situação exige que o profissional desta área aprenda a trabalhar de outras formas? Com que, de que maneira?
  
- 5)** Você acha que as faculdades estão preparando os estudantes para essa área específica esportiva do jornalismo? Quais sugestões você daria para que houvesse uma boa formação acadêmica? O que seria fundamental aprender na faculdade para atuar no jornalismo esportivo hoje em dia?
  
- 6)** O que um jornalista esportivo pode esperar do futuro nesta área? Você acha que estes profissionais estão preparados para isso? Se não, como devem se preparar?
  
- 7)** Há alguma peculiaridade ou particularidade sobre jornalismo esportivo em Brasília que seja importante destacar?

## 6.2 Anexo B: Respostas questionário

**Pergunta 1) Levando em conta a sua experiência em jornalismo esportivo, houve mudanças na maneira de se fazer jornalismo esportivo comparando a época que você começou com os dias atuais?**

**Entrevistado A** – Para mim não houve muita mudança. Em 2002 já tinha internet e tecnologias. Eu não vejo muitas diferenças. Posso falar dos tempos de alguns colegas, por exemplo, Jorge Wamburg, ele comentava que na época dele a redação parecia um tiroteio por causa do barulho das máquinas de escrever e papéis chegando sem parar no fax. Hoje em dia não, o trabalho é mais silencioso, computador, não tem muito erro, as agências de notícias ajudam muito com informações, isso facilita muito o trabalho, ao mesmo tempo você não pode deixar de ter aquela cautela de verificar a veracidade das informações que chegam. Seu poder de seleção e checagem das informações você tem que trabalhar o tempo todo. Você tem que buscar o significado, relacionar as informações, tentar buscar uma interpretação daquilo para o leitor, isso é que faz a diferença e não simplesmente preencher o espaço em branco do jornal. Às vezes chega até informações inverídicas que na pressa de terminar passa, aí acaba dançando.

**Entrevistado B** – Não sinto diferença da época que eu comecei. Mas eu diria que a internet mudou tudo. Porque se você pensar nas três mídias tradicionais: jornal impresso, rádio e televisão, todas elas tinham informações estáticas, o rádio tinha aquele quadro do programa naquela hora, o jornal com a edição diária, que só de manhã você tinha as informações do jornal, na TV você só tinha informação naquele exato horário. Na internet não, você tem informação a qualquer hora, então acho que foi a internet que mudou esse panorama. A internet é a convergência dessas três mídias tradicionais também. Se você perder o programa de rádio, você tem a possibilidade de escutar, dependendo do rádio, o programa depois pela internet. Se você quer ler uma notícia antes de receber o jornal, você entra na internet e lê, não precisa mais esperar chegar o outro dia para você ler. Se você perder os gols da rodada, eles estão disponíveis na internet. Da época em que comecei, de 2005 para cá não tem muita novidade, mas anteriormente com a chegada da internet sim.

**Entrevistado C** – Houve mudanças radicais. Primeiro no formato das matérias, segundo na maneira de se expressar, terceira na maneira que você invade a notícia. (O jornalista imita a voz de outra pessoa) Antigamente o Zico machucou. Manchete: Zico machucou. Hoje é: O Zico machucou porque estava na noite, porque bebeu, porque saiu demais, porque estava com travesti. Então hoje há uma invasão, a mídia possibilitou a imprensa para dar dez passos à frente simplesmente da notícia. Então hoje você dá a notícia, mas você acaba invadindo a privacidade das pessoas. Porque existem duas maneiras de mostrar, você pode falar do problema pessoal e não falar do problema pessoal. Exemplo, um jogador está num dia de folga, vejo o jogador tomando uma cerveja à noite. Isso não é problema meu. O mesmo jogador nas vésperas de um jogo está sentado em um bar tomando um chope e fumando um cigarro, é problema meu. Interfere diretamente no meu assunto, afinal, como pode um atleta não se cuidar nas 24 horas antes de um jogo quando ele tem que estar concentrado naquela partida? Então eu acho que a mídia entrou mais, não nas notícias, ela entrou mais na vida pessoal. A mídia também ajudou a mudar a linguagem que hoje está mais moderna, naquela época esse negócio de pedalar, essas coisas não eram termos. Hoje em dia usamos facilmente. Fulano deu uma pedalada, um elástico, drible da vaca. O linguajar e a penetração na vida das pessoas são fatores determinantes para o jornalismo esportivo ficar mais aberto ao público.

**Entrevistado D** – É uma época diferente e eu já peguei essa nova fase, para mim é mais recente. Acompanhei de fora essa mudança, mas nessa nova fase eu acho que não, segue um caminho. Eu só acho que o jornalismo esportivo em Brasília, em termos de emissora de rádio e a TV está começando a pegar isso agora, acho que ela tem que ser levada a sério. A TV Brasília, não é porque estou aqui não, já passei pela TV Record, começou com esse trabalho que é valorizar o esporte e valorizar o nosso esporte, o esporte da cidade. Essa é a principal mudança que tem que acontecer nos outros veículos. Acho que jornal já está consolidado, apesar da gente ter uns cadernos de Esportes com dez páginas e só duas falando do esporte de Brasília e a nossa luta é para que a gente se estruture para que a gente tenha dez páginas ou nove falando daqui e uma falando de fora. Então o que mudou na minha fase foi pouca coisa e eu acho que o que deve mudar para frente é a seriedade das empresas quanto aos esportes de Brasília. A TV já está mudando isso, a Record já tem uma equipe consolidada de esporte, a TV Brasília também tem, acho que está faltando isso para o rádio. Porque isso ajuda o esporte daqui. Quanto mais a gente tiver emissoras falando de esporte daqui, mais vai ajudar com que a gente chegue lá e isso possa mudar ainda mais ao nosso favor.

**Entrevistado E** – A mudança é gritante e eu até passei por essa mudança, isso para mim foi uma experiência maravilhosa. Vou te dar um exemplo: Na Olimpíada de Seul em 1988, os chineses e os japoneses já tinham lá o computador, um laptop pesadíssimo, mas para nós, sul-americanos o chique era levar uma máquina de escrever portátil. Então a gente escrevia nossa matéria, nossa lauda e depois tinha que entrar numa fila aonde a gente entregaria a matéria para passar por telex e só tinha uma pessoa para fazer isso. Então naquela época as comunicações eram assim, o pessoal para transmitir a fotografia levavam verdadeiros laboratórios para essas viagens, eram equipamentos enormes, pesados e pagavam excesso de bagagem para levar. Eles tinham que fotografar, revelar e transmitir, acontece que a transmissão também era via satélite, naquela época não existia linhas disponíveis como hoje, então demoravam meia hora para transmitir uma foto. A própria ligação daqui para lá, a gente tinha que fazer via Embratel, mas você tinha que ligar para Embratel e eles que iam fazer a ligação para você. Então a coisa era muito precária. Para você fazer uma ligação demorava a manhã inteira no hotel esperando linha para poder discar e o mais interessante, quando você conseguia linha, mas o número que você discou estava ocupado, você tinha que fazer tudo de novo. Orelhão não existia, aliás, quando surgiu era uma coisa moderníssima. Aí foi passando o tempo e à medida que o homem foi conquistando as tecnologias e as telecomunicações foram avançando de forma espetacular. E hoje você tem celular, imagina! Hoje você faz uma cobertura pelo celular, dá para gravar, tirar foto, tudo por lá. Você acessa a internet e manda teu texto. Em Sydney eu já levei laptop, então já fazia meu material na pista mesmo e já transmitia de lá. Hoje quando a gente vai para uma cobertura dessa a gente já aluga cabines, então o jornal alugou cabines no vôlei, no basquete, então era só plugar e já tinha linha disponível, você já tinha pagado por aquilo e ali você se conectava com o mundo. Então o grande diferencial foi esse. O que tem de melhor hoje em dia tendo esta tecnologia em sua disposição? O laptop, o telefone celular, a máquina fotográfica instantânea, enfim, você produz mais, porque à medida que você vai vendo o evento, já vai escrevendo, depois desce e entrevista o vencedor ou perdedor, o brasileiro, completa sua matéria e já remete, daí você pega o taxi e já vai para outro evento. Hoje os laptops são pequenininhos, fáceis de carregar, não são pesados como antigamente, ele que surgiu aqui para nós em 2000 já se tornou uma coisa de antigamente, para você ver a rapidez das tecnologias. Marshall McLuhan já dizia que a tendência era o mundo se transformar numa aldeia global. Estudei jornalismo em 70 e eu não entendia o que ele queria dizer com isso, hoje a gente vive nessa aldeia global, a gente entra na internet e fala com quem está no Japão ou na China, participa de uma conferência, entrevista alguém que está em outro país. Tudo sem problema nenhum, a coisa é feita instantaneamente e é o que McLuhan previa, o mundo se tornou pequeno. Então repara que as telecomunicações mudaram de tal forma, outro autor que não me lembro o nome, escreveu a Terceira Onda e disse que: No futuro vai dominar o mundo não o país que

detiver o domínio sobre o petróleo, mas aquele que tiver o domínio das telecomunicações. A instantaneidade da informação é uma coisa tão importante que se você puder usar, você ganha dinheiro. Eu me lembro bem que o Leonardo Meireles, nas Olimpíadas de Atenas em 2004, hoje ele dirige o Aqui DF, e o diferencial era esse, ele lá e eu aqui, e conversando com ele numa facilidade estupenda, conseguíamos programar o jornal do outro dia. E ele com laptop e telefone fazia isso com uma facilidade enorme. Em Santo Domingo em 2003 nos Jogos Pan-Americanos, foi a última competição grande que eu cobri, eu pude experimentar essa sensação de poder fazer várias coberturas no mesmo dia, escrever no local e no outro dia você ter quatro, cinco matérias publicadas no jornal. Isso para o jornal é excelente, mas para nós jornalistas é péssimo, isso tem que ser levado em consideração porque hoje em dia quando você pensa em cobertura internacional, você pensa em poucos repórteres, algumas empresas não pensam mais em gastar. Então a tecnologia faz com que empresas menores pensem em mandar um ou dois e pronto acabou, mas não é assim porque você vai trabalhar mais e seu desgaste físico, emocional é muito grande porque você está correndo mais do que o normal. Numa olimpíada você trabalha 15 dias sem folga, a própria emoção do grande evento, das grandes competições, das grandes finais te coloca muito ligado, sua adrenalina vai lá em cima, mas seu desgaste é muito grande, então a tendência é cair a qualidade do teu texto. Você chega no pique, mas depois ele cai, isso é normal. Então esta instantaneidade, este contato com a informação que as telecomunicações te botam hoje em dia, faz com que você corra mais, faz você agir mais, mas a ganância empresarial muitas vezes pode te levar ao prejuízo de qualidade de texto. Enfim as tecnologias deram um salto tão grande que nos tornou muito mais elétricos, mais ligados e desgastados também. Mas observo uma coisa também: quando me formei e acontecia alguma coisa importante, nós íamos para a rua buscar informação, para o estádio, para o treino, para a beira da piscina, para a pista. Hoje quando alguma coisa acontece, o repórter fica dentro da redação onde vai acompanhar pela internet. O repórter formado nos últimos anos está muito preso às redações, está indo pouco para a rua e é na rua que está a informação. O pessoal fica preso na internet, fazendo contato só por telefone, mas isso não substitui ir para rua, lá você coloca o olho na informação, você vai sentir a reação do seu entrevistado à medida que faz tuas perguntas, quando você vai para as ruas você obtém dados que não conseguiria por telefone. Então com as tecnologias se ganhou em tempo, em velocidade, sobretudo em qualidade de imagem também. Olha eu não sei o que está reservado para daqui dez anos porque hoje você já tem até câmeras acopladas no laptop, precisamos de um novo McLuhan para prever.

**Entrevistado F** – O tratamento do conteúdo eu acho que mudou um pouco por causa da exposição do esporte. Porque o esporte é um assunto que traz muita audiência para qualquer emissora, para qualquer tipo de veículo. Então o tratamento do conteúdo precisou ser melhorado porque o público exige que seja melhorado. O que mudou desse tempo de lá para cá foi basicamente isso, não tiveram grandes modificações no jeito de dar notícias, mas principalmente no conteúdo. Por exemplo, as matérias que a gente faz de treino de futebol não pode se prender só ao treino, escalação de equipe, atleta que se machucou, atleta contundido, quem vai jogar, a gente tem que procurar coisas diferentes ali porque aumentou a concorrência, tem mais gente fazendo esporte. Agora se você der a mesma coisa de todo mundo, seu programa vai ser igual ao de todo mundo. Então sempre que o repórter vai fazer uma matéria de treino que é aquela coisa rame-rame, aquela coisa diária, ele tem que achar alguma coisa diferente ali para trazer para a redação. É essa a principal mudança que eu vejo porque antes tinha os furos, mas agora não é o furo diário, tem que tratar de uma forma diferente para poder atrair, trazer o telespectador.

**Entrevistado G** – Acho que não porque sou novo ainda, tenho 26 anos, trabalhando mesmo faz só cinco anos, então acho que de lá para cá, muito difícil, muda a rotatividade. A área de esportes é uma área muito mais rotativa do que uma área de cidades que apesar de ser muito maior porque a demanda é maior, mais gente vai pra lá, troca mais também. Mas no esporte troca mais no sentido de que pessoas que vão, mas não sabem fazer, porque área

esportiva é só para quem gosta mesmo, a pessoa que não gosta não vai conseguir ficar. Pode ir lá, enrolar, mas uma hora vai encher o saco e vai embora mesmo. No caso de cidades o pessoal fica vários anos, tem gente que trabalha só nisso há 40 anos. No esporte é difícil você ver uma pessoa assim com tantos anos. Em apenas cinco anos eu já vi várias pessoas entrarem e sair do esporte na rádio, TV, jornal, em todos os jornais de Brasília, a rotatividade é grande. É um meio fechado que é muito difícil ter jornalista esportivo. O pessoal de faculdade, por exemplo, é muito difícil ter alguém que fala: Quero ser jornalista esportivo. Na própria faculdade a gente já vê essa segregação, a gente até brinca que o pessoal fala que esporte não é jornalismo. Jornalismo é cidade, cultura, polícia, política, esporte não é. Separam esporte e jornalismo. A gente briga contra isso aqui, somos totalmente contra. Isso acontece em todos os lugares, o próprio pessoal de esportes já se separa dos outros, isso também acontece por causa dessa diferença, uns acham que é jornalismo outros acham que não é. Porque eles acham que a gente só fala de futebol, não tem outro assunto. Mas então não vejo muitas mudanças nesse meu pouco tempo, mas em longo prazo sim, daqui uns anos vou notar diferenças. Em termos de cobertura não, houve a mudança normal do jornalismo com a internet, com as tecnologias, a televisão hoje é diferente, os programas são feitos mais próximos do público. O jornal também não é mais aquela coisa formal, o texto de esporte hoje é uma coisa mais leve, tem mais brincadeira.

**Entrevistado H** – Quando eu entrei no jornalismo esportivo em Brasília não era tão desenvolvido. Ainda falta muito, obviamente nós temos equipes muito menores do que o eixo Rio – São Paulo e até Minas Gerais e Rio Grande do Sul, mas o esporte em Brasília sempre foi uma área que demandava muita paixão porque era muito engatinhante. Hoje em dia já melhorou! Até falo muitas vezes para os estudantes que você pode fazer uma carreira de jornalista esportivo. No Brasil nem se fala, a gente têm canais a cabo, temos grandes emissoras, grandes canais e em Brasília você já pode optar por essa carreira. Antigamente, no jornalismo romântico era normal o cara entrar para o esporte ou para polícia, mas para galgar outras áreas como política ou economia. Hoje eu acho que não, de um tempo para cá você pode optar por esporte e seguir esta carreira. Aí o cara sabe que acabou fim de semana porque tudo acontece nesse período, mas você tendo paixão e entendimento, sabendo traduzir aquela linguagem, aquele jargão esportivo para o leitor, é interessante e é possível seguir essa carreira. O jornalismo esportivo hoje, além de ter angariado respeito, temos vários ícones na área como o Juca Kfourri, o José Cruz, então hoje você tem grandes nomes, essa já é uma mudança fundamental de como se via a editoria de esportes de quando comecei, no início da década de 90. Outra mudança fundamental, mas aí já é de conteúdo mesmo, o jornalismo esportivo abriu um leque muito grande, o esporte deixou de ser só a competição em si, ou seja, o jogo de futebol, o jogo de vôlei, a crônica desse jogo, no máximo uma entrevista ou um personagem ou um jogador. Agora não, hoje você tem esporte intrincado na área da política esportiva, ou seja, Congresso Nacional, negócios, você vê agora a Copa do Mundo no Brasil, estrutura Olímpica, então você tem que aprender todos os meandros de gestão profissional, como funciona o marketing esportivo. E justiça também, quantas vezes vemos casos de esportistas irem parar primeiro no Tribunal de Justiça Desportiva, depois no STJD e às vezes até no Tribunal de Justiça comum. Tivemos aqui em Brasília na década de 90 o caso do Gama que lutou contra CBF e Fifa para se manter na 1ª divisão, houve muita confusão e nós editores e repórteres tivemos que aprender os termos jurídicos, ou seja, toda a questão de ir ao tribunal, saber o que é um mandado judicial, o que é um recurso, trâmites, sentença transitado e julgado, tudo isso. Ou seja, um jornalista esportivo teve que abrir sua cabeça e ampliar o seu leque de informações para se tornar um jornalista mais completo. Então a gente saiu daquela coisa que a gente chama de rame-rame que seria só o jogo em si e as entrevistas óbvias. Isso mudou e hoje você tem com o advento das TV's à cabo, de alguns anos para cá, uma coisa muito mais técnica, estatística, os jornais impressos usando muita infografia para explicar um esporte ou uma jogada taticamente, você vê o Paulo Vinícius Coelho da ESPN Brasil que é expert em tática. Então isso enriqueceu o jornalismo esportivo não só no Brasil como no mundo. Você vai à Europa ou aos Estados Unidos, eu fiz uma viagem em 2006, pelo Correio

Braziliense, para analisar e avaliar os principais jornais ingleses, para ver como eles tratam as notícias e ver como eles estavam tratando e trata a internet, a questão do jornalista multimídia. E lá você vê como o jornalista, de qualquer área, são muito ricos culturalmente e transmitem isso ao leitor em forma de texto muito bem articulado e muito bem escrito, com explicações táticas e técnicas sempre acompanhados de infográficos. Então é uma exigência que o jornalismo impõe hoje ao repórter esportivo, ao editor de esportes, você tem que estar com toda essa parnafenalha para mostrar ao leitor algo que esse leitor exige. Porque hoje a internet e a televisão dão rapidamente o fato, a informação do jogo, você já viu o gol, então o pessoal de jornalismo impresso e com a questão multimídia, você usar vídeo, usar áudio, o podcast, você pode enriquecer aquele material e oferecer ao internauta, ao leitor ou ouvinte um material analítico ou de prospecção. Não adianta mais ficar só no factual. Claro que o leitor de esportes, de impresso tem uma característica interessante: ao mesmo tempo em que ele viu o gol do time dele, no dia seguinte ele quer uma crônica de jogo que também diga que aos três minutos o gol foi feito. A gente tem que garantir essa coisa factual, mas ir além.

**Entrevistado I** – Na época que eu entrei já havia mudanças por causa da internet. A primeira Copa do Mundo coberta com internet intensamente foi em 1998 e a primeira Olimpíada foi a de Sidney em 2000, ou de Atlanta em 1996, em uma das duas. Mas a internet mudou e ainda vai mudar a forma de escrever a notícia. Principalmente no que diz respeito ao futebol. Por exemplo, com esse bombardeio de TV à cabo, televisão aberta e internet, e quem tem mais condição financeira recebe os resultados no palm, no celular, no iphone, então você não pode fazer a crônica de um jogo como se fazia antigamente. (O jornalista imita a voz de outra pessoa) Flamengo derrotou ontem o Vasco por 1 a 0 no estádio do Maracanã. Antigamente o lide era esse. Hoje o leitor exige um texto mais crítico e mais analítico. Por quê? O cara que gosta muito de futebol e quer ler sobre a partida Flamengo e Vasco, já viu o jogo pela televisão, já leu as notícias que saíram na internet. Então a crônica do jogo para ele não interessa mais, ele já sabe o resultado, já sabe quem fez o gol, já sabe com quantos pontos o time dele está, ele quer saber mais para frente. Hoje o leitor quer um texto mais analítico e mais crítico a respeito do jogo. É você pegar dados curiosos da partida, você chamar para o próximo jogo, dizer quem são os jogadores que vão participar do próximo jogo, quem não vai participar, por que não vai. Porque isso tudo está na internet, no celular, o cara que gosta de futebol compra esse tipo de serviço e recebe mensagens o tempo inteiro. Hoje, por exemplo, você tem o Iphone que você acessa a internet e vê o resultado do jogo onde você estiver, pode ver a crônica no Globo Esporte.com, no Lancenet, no site da preferência dele. Então no outro dia ele não precisa comprar o jornal para ler isso. Então esse é um desafio para os próximos anos para quem escreve esportes. Não dá para ficar contando o jogo que o cara já viu na televisão, escutou no rádio e leu na internet.

**Entrevistado J** – Não houve muita diferença não, eu vejo que a forma dos programas talvez mudou, eles estão mais interativos. Quando comecei não tinha este contato com o público que hoje tem. Hoje, por exemplo, no meu programa a gente atende o telespectador pelo telefone, começamos com um serviço que você pode mandar mensagem para participar da enquete do Esporte Record. Tem essa interatividade, você pode mandar seu vídeo que a gente divulga teu vídeo. Antigamente a internet não era tão forte, então não existia essa interatividade, hoje eu acho que o público participa muito mais dos programas. Nosso programa tem comunidade no Orkut, então eu sinto o público bem mais perto de mim.

**Entrevistado K** – Na essência não. A diferença mesmo está ligada mais à forma como as coberturas são feitas hoje em dia. Com a internet a dinâmica é muito maior, o jornal praticamente perdeu aquela coisa de furo, de novidade, hoje isso não tem mais por causa da internet. Por esse motivo, se você entrar nos principais sites de esporte hoje, Globo.com, Terra, Gazeta, todos já fazem transmissão, assim como o nosso Esporte Candango faz. Por ter essa dinâmica, a linguagem é outra, a forma de fazer é outra aquele rádio de

antigamente já não existe mais, está mais dinâmico também. Então eu acho que a principal mudança é isso em termos de dinamismo. Dinamismo pela interatividade. Hoje a agilidade da notícia não é nem sombra do que era antes.

**Entrevistado L** – Muito, o esporte na mídia, nos grandes veículos de comunicação passou por uma transformação. Antes não precisava se profissionalizar. O que era o esporte em Brasília? Era uma porta de entrada nos jornais, nas TV's. (O jornalista imita a voz de outra pessoa) Ah eu vou entrar no jornal, vou entrar na TV que aí eu faço esportes depois passo para cidades e vou para política. Deixou de ser isso. Hoje já está consolidado que as pessoas querem formar uma carreira em jornalismo esportivo. Para isso tudo contribuiu, o crescimento da mídia esportiva, hoje você tem o esporte como grande arrecadador de recursos para os meios de comunicação TV, rádio e os próprios jornais. Isso levou os profissionais a se profissionalizar, se especializar e se preparar para o currículo. Não adianta só gostar de esporte, você tem que estudar o esporte, você tem que evoluir, ser um pesquisador. Não basta você gostar de ver jogo de futebol, é muito mais do que isso. Hoje os jornalistas esportivos em Brasília caminham, isso já é uma realidade, são pessoas muito preparadas, pessoas que falam duas a três línguas até para entender o que os jornais, os meios de comunicação lá de fora estão fazendo, para entrevistas coletivas. O mundo esportivo ganhou uma dimensão enorme com a TV à cabo, com a internet, cada vez mais você busca informações no exterior, o futebol está globalizado. O esporte está globalizado, hoje você precisa ter gente preparada para uma olimpíada, para ir para um Pan-Americano, para uma Copa do Mundo. Acabou-se o amadorismo no futebol, acabou-se a época do romantismo em que o jornalista entendia de futebol, escrevia sobre futebol. Hoje ele precisa entender tudo, precisa escrever bem, apurar bem, ser crítico, investigativo, hoje ser jornalista esportivo é como ser jornalista político ou econômico, você tem que estar pronto para isso, se você não estiver pronto para isso, vai fracassar.

**Entrevistado M** – O que eu percebo mais é que aqui no Correio Braziliense de uns dois, três anos para cá já tem um caderno diário de esportes, então você tem mais espaço. Tendo mais espaço você consegue fazer uma cobertura maior dos fatos do dia a dia e tem a possibilidade de fazer matérias diferenciadas. O que muda mais ou menos é o espaço que o jornal tem e a reforma gráfica que às vezes você tem matérias maiores ou menores. Basicamente o dia a dia, a internet facilitou muito, você checar algum tipo de informação e ter acesso a outros dados. Mas eu acho que basicamente o modo de você trabalhar não mudou muito não.

**Entrevistado N** – Muita diferença. No meu tempo você corria mais atrás da notícia. Antes não tinha assessor de imprensa, mas também antes era mais fácil pegar entrevista. Você tinha mais liberdade dentro dos clubes, era só chamar fulano num canto e entrevistava. Hoje não, dois dão entrevista mais o técnico e não é você quem escolhe, são os assessores de imprensa. O diferencial hoje do jornalismo esportivo é que tudo está mais profissional. No tempo que eu cobria os clubes tinha mais liberdade, mais acesso à informação. Hoje em dia está tudo muito mecânico você não consegue fazer um negócio diferente. Para você conseguir produzir um material diferente, você tem que pedir para o assessor para conseguir fazer uma entrevista exclusiva. Então hoje está diferente, não me agrada esse tipo de jornalismo implantado hoje. E tem a internet, hoje você só toma furo se quiser, tem tudo nela, não sou contra a internet, mas ela causou muita acomodação por parte dos jornalistas.

**Entrevistado O** – É muito diferente, é completamente diferente. A começar pelo próprio equipamento que a gente usa, antigamente o equipamento era mais obsoleto, muito antigo, era máquina de escrever. A própria redação, o ambiente onde a gente trabalhava era completamente diferente do que você vê hoje que é um ambiente mais silencioso, as pessoas mais comedidas na redação, as coisas mais setORIZADAS. Na época em que eu comecei era máquina de escrever, muito barulho, TV ligada ao mesmo tempo, pessoas

gritando na redação, era permitido fumar dentro das redações, então existia não só a poluição sonora como a poluição ambiental. Era completamente diferente, hoje você tem um ambiente mais sereno, equipamentos mais modernos para você trabalhar não só com a parte propriamente dita do jornal, mas hoje em dia estamos usando recursos também de fazer vídeos, fazer podcasts, trabalhar com internet diretamente, interagir, então é completamente diferente, são realidades diferentes.

**Pergunta 2) Qual o perfil que o jornalista esportivo precisa ter para se destacar na área hoje em dia diante de tantas transformações por que passa o jornalismo? Quanto ao texto, a postura, a cobertura, o comentário, a mistura de opinião e informação e outras coisas que você quiser acrescentar.**

**Entrevistado A** – O jornalista precisa se atentar para as dimensões da qual eu falei. Não meramente ficar só no resultado do jogo. O jornalista esportivo tem que se preocupar e cobrar algumas questões como a segurança nos estádios de futebol, cobrar dos cartolas um tratamento mais digno aos torcedores, acomodações mais confortáveis, banheiros limpos. Nós temos uma função a dar sim. Temos um serviço a prestar, devemos ser parciais pela ética, pelo cumprimento da lei, pelo tratamento digno, pelo respeito às pessoas. Quanto à mistura de opinião com informação, acho que são válidos desde que você tenha base, coisas concretas para demonstrar. Não basta criticar o atleta e só. Você tem que ver o que há por trás disso também, às vezes há questões políticas. Acho horrível o jornalista que faz merchandising, não tem nada haver. Quando falo em imparcialidade, é nesse sentido, você não pode estar comprometido com A ou B, eu tinha um professor que falava muito bem sobre isso, ele dizia que o jornalista não pode nunca vender a sua alma. Se você é patrocinado por alguém, se você presta serviço para alguma empresa, você fica comprometido. O jornalista corre esse risco porque você precisa daquela fonte, precisa de um relacionamento diário, conversar, você tem que estabelecer uma relação de simpatia, não de amizade. Porque você pode correr o risco de um dia seu amigo fazer uma grande “cagada” e aí? Você vai escrever sobre aquilo e colocar sua amizade em risco? Você não pode se envolver, o jornalista deve ser implacável, o que ele ver, ele deve retratar, com cuidado, tem que apurar direitinho. Quanto ao texto, ele deve ser bom, tem que ter as regrinhas que aprendemos na faculdade, responder as perguntinhas do lead, aplicar direitinho a gramática no seu texto, fazer um texto coeso, explicativo, claro. Já tive muitos estagiários que tinham o texto terrível, eu tinha que praticamente reescrever o que me mandavam. O profissional que é valorizado pelo seu editor e tem chance de crescimento é aquele que tem um texto final, aquele repórter que você não tem que pegar o texto dele e reescrever, ou mandar refazer. Têm muita gente que não sabe escrever. O seu texto também não pode ser apenas um retrato do jogo, deve ter uma análise, desde que essa análise não seja o seu “eu acho”, sua opinião deve ter base, em fatos, dados, números, estatísticas e ciência. Quando você traz tudo isso, aí tudo bem, faça sua análise. Fazendo isso, você terá um texto diferenciado. Juca Kfoury é um exemplo, no programa dele na CBN, ele opina baseado em dados, tem argumento, tem as provas do que ele fala. Além de tudo isso, para se destacar na área o jornalista esportivo precisa ter boas fontes, você tem que ter sua rede de trabalho, mostrar seu valor a essas pessoas para conseguir oportunidades de trabalho. Isso porque você não vai ver uma vaga de trabalho para jornalista nos Classificados. Essa rede deve funcionar com valores éticos, claro. É difícil, o mercado está saturado e por isso, nós jornalistas precisamos rever nossa postura em relação ao mercado de trabalho, você tem que sair da faculdade não pensando, eu vou trabalhar aonde? No Correio Braziliense, na Folha de São Paulo, no Estadão? Acho que o jornalista deve pensar de forma empreendedora, será que não posso criar o meu veículo, o meu jornal, meu site? Além das técnicas jornalísticas é preciso dominar o mercado jornalístico. Perceber outras possibilidades de se fazer Jornalismo. É um desafio, mas por que não tentar?

**Entrevistado B** – Vamos tratar de dois lados. Um lado é você saber trabalhar bem em todas as mídias. Saber escrever bem, saber falar no rádio, saber se apresentar na televisão. Acho

fundamental. O profissional que conseguir isso é um profissional diferenciado no mercado. É difícil porque às vezes você tem o dom da palavra, mas não tem o dom da escrita. Fala bem na rádio, onde você pode estar lá de bermuda, sem se preocupar muito com o visual falar com o papel na mão, na televisão é diferente. Então o profissional que souber tratar da informação bem nas três mídias tradicionais, é um profissional diferenciado. O outro lado é essa divisão entre opinião e informação, você tem uma separação clássica entre os dois. A informação é o camarada que vai a campo mesmo, é o repórter que busca informação. A opinião é ter alguma informação e você traduzir essa informação ao público. O profissional de mídia, do jornalismo esportivo, ele vai ter que começar pelo lado da informação, aquele que está entrando no mercado. É difícil você imaginar alguém que tenha um background, alguém que tenha um currículo assim dentro do futebol para poder emitir opiniões, você tem que ter uma bagagem, uma experiência para poder transmitir isso. Então o profissional que estiver entrando no mercado vai começar sempre pelo lado da informação. O que é essa questão da informação? É ser curioso, buscar, acompanhar o que está acontecendo, apurar. Aliás, este é o lado que eu não tenho. Agora vamos falar da opinião. A opinião vem ao longo do tempo, na medida em que este profissional vai adquirindo experiência, conseguiu acompanhar como é que funciona o clube de futebol, como funciona o sistema de arbitragem, como funciona o marketing esportivo, aí já pode alcançar o lado da opinião. Quanto à postura, ética você tem que ter em qualquer área de atuação. Às vezes o próprio meio em que ele trabalha tem determinadas imposições. O jornalista pode ser uma pessoa íntegra, de caráter, ética, não aceita jabá, essa coisa toda, mas a empresa em que ele trabalha tem imposições econômicas que impede ele de colocar as notícias de forma correta. A questão do merchandising eu não acho errado, ele até viabiliza certas situações. O que a gente vê aqui é que esses patrocinadores que alimentam o futebol, basicamente são patrocinadores menores, de rádio, alguns de televisão, outros pequenos de jornal, não têm muita ligação direta com o futebol, então você não tem no seu comentário nada que vá denegrir a imagem do seu patrocinador. Não cria uma dependência. Existem algumas situações, quando entra o governo, por exemplo, aí já começa a ser complicado. Se o patrocinador é o governo, você não vai criticar o governo? Acho que tem que criticar sim, as ações e não as pessoas. Se o governo é seu patrocinador, mas agiu errado na hora de organizar o policiamento ou o que quer que seja a situação, aquilo tem seu lado de crítica, você não pode deixar passar em branco. A ética do profissional tem que caminhar junto com a habilidade e com uma flexibilidade para você aceitar determinadas condições.

**Entrevistado C** – Gosto de dar exemplos, vou dar um: Você tem dois jornalistas, dois comunicadores. Um deles é mentiroso e o outro fala a verdade. O que fala a verdade diz: Gente, hoje vi Jesus (com a voz fraca e baixa). Ele realmente viu Jesus. O mentiroso que não viu Jesus fala assim: Olha, hoje eu vi Jesus Cristo na minha frente, vocês não acreditam (com a voz firme e alta). Em quem as pessoas acreditam? No que enfatizou. A forma de você enfatizar e lógico não sendo mentiroso, sendo verdadeiro, o que rege o bom comunicador, o bom jornalista é a credibilidade. Você tem que ser sério, tem que ter credibilidade, tem que estar bem informado, tem que estar sempre dando notícias independentes de serem ou não exclusivas. A credibilidade é o fator principal para o comunicador sobreviver a todas as modificações. O cara que tem credibilidade sobrevive a qualquer coisa, circunstância e modificação. A credibilidade em primeiro lugar. Depois vem o comportamento, nós vivemos em um país onde vemos notícias horríveis com relação ao mau comportamento, com relação à retidão do ser humano. Então o cara que tem credibilidade, bom comportamento e competência irá se sobressair, irá sempre se manter nas nuances, nas mudanças do jornalismo esportivo. Escrever bem caminha ao mesmo passo de quem vai falar bem. Quando você junta um cara que fala bem e escreve bem, você consegue obter dele o máximo, exemplo, Pedro Bial, fala bem e escreve bem. Tadeu Shmith, fala bem e escreve bem. Escrever bem e falar bem são fatores primordiais para o jornalismo. O comentário é importante desde o momento em que você não seja igual alguns que a gente vê na televisão, que querem que você aceite, entenda, assimile e haja como ele pensa. Acho que você tem toda liberdade de dar a sua opinião, até porque a palavra crônica

esportiva já está dizendo que ela é altamente opinativa. Aqui na televisão quando narro futebol, eu narro futebol, não vou opinar, vou informar ao telespectador. Nós comunicadores temos um acesso muito maior de informação do que o telespectador, o leitor, o ouvinte, porque estamos intimamente ligados aos bastidores daquilo que está acontecendo normalmente, por exemplo, você como telespectador está vendo uma cena: Fulano foi punido porque xingou o juiz. Mas a gente que está nos bastidores tem muito mais detalhes, e sabe que isso tem um histórico antigo, um cara brigou com o outro, ele não gosta do irmão do outro que joga no outro time. Tem sempre alguma coisa. Então porque eu acho que é legal dar opinião? Porque você ajuda a exercitar o telespectador, o ouvinte, o leitor. Você faz de certa maneira que ele seja interativo a você. No site mesmo eu recebo 50 e-mails com críticas e elogios, respondo a todos eles. A opinião é importante desde que você deixe quem está te ouvindo concluir sozinho e não tente por na cabeça da pessoa que aquilo é aquilo e pronto. Principalmente lance de dúvida, foi gol ou não, às vezes na televisão mostra 50 vezes e a gente ainda fica com dúvida. (Imitando uma locução) Pela imagem que eu estou vendo foi pênalti, mas você em casa reveja o lance também e tire sua conclusão. A opinião é importante porque através dela você dá muito mais conhecimento para quem está do outro lado. Ela deve ser uma opinião informativa. Em relação ao merchandising, em excesso é ruim. O jornalista não pode virar refém da propaganda. O Milton Neves hoje é o cara que mais fatura com publicidade esportiva no país. Ele não está errado, todo mundo gosta de dinheiro. Acho que cabe ao dirigente dele, ao produtor, ao dono da emissora tentar arrumar métodos para que a coisa seja um pouco menos cansativa. O Milton Neves é um orador brilhante em minha opinião, mas o fato dele falar muito na televisão é cansativo, atrapalha, as pessoas não gostam, isso já foi alvo de pesquisa. Como ele já fala muito e junta com a publicidade ele acaba desgastando a publicidade. Ele deixa a publicidade como abobrinha e não como um produto fantástico. É uma necessidade que se tem porque as TVs precisam faturar, porém acho que há um exagero de publicidade.

**Entrevistado D** – Eu acho que é muito importante pro jornalista esportivo, primeiro dominar o que faz, não adianta nada você ficar falando de um assunto que você não domina, isso vale para qualquer área. Não adianta você colocar um cara de política para cobrir esporte porque vai dar problema, o cara vai fazer, mas não vai fazer tão bem feito quanto o cara que é especializado naquela área que gosta, porque geralmente você escolhe a editoria que você tem mais afinidade. Acho que cada um tem um olhar do perfil do profissional. Eu nunca tinha tido oportunidade de trabalhar com mulheres e fiquei impressionado como a mulher é mais detalhista e organizada que o homem. Funciona muito melhor com a mulher do que com homem. (O jornalista imita a voz de outra pessoa) Ah, mas mulher não entende nada de futebol. Mulher presta muita atenção nas coisas e é isso que eu acho mais importante. Como funciona a coisa numa televisão quando você faz um off, uma sonora, uma passagem, isso é muito mecânico. Se a profissional domina um pouquinho da situação, acabou, é isso que a gente precisa. O homem não presta? Presta lógico, têm muitos profissionais bons no mercado, mas a mulher presta muito mais atenção, ela tem riqueza de detalhes. Não que eu não queira trabalhar com homens, mas se você me perguntar qual perfil que você quer hoje para uma pessoa? Primeiro eu quero uma pessoa que fale bem e escreva bem. Mulher ou homem? Eu prefiro mulher porque é mais detalhista, se acomoda menos. Então eu acho que as principais coisas para um jornalista esportivo hoje é: dominar a área, escrever bem e falar bem.

**Entrevistado E** – Primeiro o que vou te dizer não é só para o jornalismo esportivo, depois vou falar especificamente. Considero duas coisas fundamentais: primeiro a credibilidade, as pessoas te darem crédito ao que tu escreves. E a segunda é você ter fonte, você tem que conhecer muitas pessoas, ter contatos. A nossa função de repórter é perguntar, perguntar, perguntar. Se o interlocutor quiser responder é outra história, mas você tem que perguntar. Mas perguntar sem ser ofensivo e agressivo, nós jornalistas somos muito nariz empinado, auto-suficientes, somos os donos da verdade, nos achamos os bons. É aquela coisa: os médicos pensam que é Deus, jornalistas têm certeza. Lamentavelmente somos assim, mas

não podemos ser assim porque nós também fazemos parte da sociedade, muitas vezes quando somos agredidos por um determinado fato, nós queremos nos colocar ali como defensores daqueles que foram agredidos. Mas não pode ser assim, nós temos que narrar os fatos. Para nos tornarmos defensores, temos um espaço específico no jornal que é o espaço de opinião, que vai com o nome de quem está defendendo aquela tese ali. Tem o lugar certo de emitir opiniões, mas muitas vezes no seu texto você pode deixar uma palavrinha escorregar, uma ironia escorregar para tornar a coisa um pouco mais quente, dar uma provocada no leitor, mas isso depende da matéria. Não precisa ser com uma palavra direta, com um adjetivo, mas você pode fazer uma analogia. Diante disso, você então tem que ter credibilidade e fontes. E a fonte você forma com o passar do tempo, você como jornalista tem que andar sempre com seu caderninho de telefones e por mais simples e humilde que seja a pessoa que você está ouvindo, anote o telefone dela. Depois pode passar até dez anos que você vai lembrar-se dela e vai precisar dela de novo. A fonte é uma coisa importantíssima e fundamental, não só para te dar informação, como para checar informação que outros te deram. E checar informação dá credibilidade àquilo que tu escreves. Às vezes você tem muitas pautas naquele dia e quer ser rápido, mas não, vamos com calma: Faça poucas perguntas, mas objetivas, se você não entender peça desculpas e diga que não ficou claro, peça para repetir. Outra coisa, peça para a pessoa soletrar o nome dela. Nome errado no jornal é uma coisa chata, as pessoas reclamam. Pergunte se a pessoa quer revelar a idade, se não quiser tudo bem. Pergunte se pode publicar o que a pessoa está dizendo. Então essas perguntas são básicas, mas te dão credibilidade. E é preciso ter paciência. Mas ter credibilidade é fundamental porque hoje em dia a gente sofre muitas acusações, em matérias polêmicas é até bom ter mais alguém por perto. Às vezes você critica a pessoa na matéria e mesmo assim essa pessoa ainda conversa contigo, ainda te dá entrevista, mas por quê? Porque você tem credibilidade, a pessoa sabe que você não está mentindo. Antes de publicar uma crítica eu sempre ligo para a pessoa querendo informação sobre determinado assunto, aí se a pessoa não quiser falar sobre tal coisa, aí tudo bem, mas eu ligo antes. Essa coisa da credibilidade você conquista com o passar dos anos, mas você tem que sair da redação para as pessoas te conhecerem. Os técnicos, os jogadores, eles te vendo lá todo dia, vendo que você realmente acompanha, vão te dar credibilidade. Outra coisa, as empresas jornalísticas estão exigindo cada vez mais dos seus repórteres agilidade em escrever. Isso acontece porque a empresa trabalha com cronogramas de horários de fechamento, pois quanto mais tarde a página chega na oficina, mais tarde ela vai rodar e quanto mais tarde ela roda, mais hora extra ele está pagando para o pessoal de oficina. Mas como ser um repórter ágil? Você tem que treinar, treinar e treinar. Como? Lendo jornal, se mantendo atualizado, exercitando a redação. Como exercitar a redação: leia, por exemplo, a Folha de São Paulo, o Globo e o Correio Braziliense e pegue a mesma informação em todos os jornais. Depois vai para o computador e escreva o seu texto, apaga, inverte a ordem, liga para o entrevistado e faz sua própria entrevista e faz isso se exercitando. E outra coisa que eu aconselho que foi de utilidade impressionante na minha carreira: fazer palavra cruzada. A palavra cruzada te dá uma diversidade de vocabulário impressionante, de sinônimos, coloca seus neurônios para funcionar, te dá agilidade de raciocínio e de pensamento e qualidade de texto. O repórter também precisa ser atento, precisa pesquisar sobre a pessoa que vai entrevistar. Mas a credibilidade é fundamental. O merchandising é um fato que faz o jornalista perder essa credibilidade. Não só o jornalista. Vou te citar um fato: o Joaquim Cruz que foi nossa medalha de ouro olímpico e até hoje ele é atleta da Nike. A Nike tem um projeto assim: atleta que ganha medalha de ouro olímpico, ela paga um salário até o final da vida dele, então o Joaquim tem credibilidade no mundo inteiro. O Joaquim faz quatro anos que é técnico da equipe paraolímpica de atletismo nos Estados Unidos. Recentemente estavam lançando um material novo de pista de atletismo e chamaram o Joaquim para fazer a propaganda e ele disse que não ia fazer porque ele não tinha corrido naquela pista e não sabia se ela realmente era boa. Ele disse que teria que passar uns dois meses treinando na pista para saber se o tempo dele iria melhorar, se o rendimento ia crescer, se teria contusão ou não, e disse que como ele não poderia fazer mais isso, que pedia desculpa, mas não ia fazer. Então é a mesma coisa com o jornalista,

como eu vou fazer uma propaganda de cerveja? (O jornalista imita a voz de outra pessoa) Ah, mas eu sou jornalista e tenho credibilidade, vou falar que essa é a melhor cerveja e as pessoas vão gostar. Mas é questão de paladar, não é? Ninguém pode garantir isso, então questões assim tiram um pouco a credibilidade. Há uma briga muito grande na imprensa brasileira sobre isso. Eu particularmente não faria.

**Entrevistado F** – O jornalista esportivo tem essa característica, ele mistura muito o caráter editorial do programa, do veículo, de quem está fazendo a matéria, do editor-chefe do programa, mistura mais que o jornalismo tradicional que faz matérias de cidade e política. Por quê? É um tipo de programa, de assunto, que mexe com as emoções de forma diferente, a gente sempre dá notícia boa dependendo do ponto de vista, mas normalmente é notícia boa, sempre vai ter alguém que vai gostar da notícia. Não tratamos de morte, de seqüestro, assalto, essas coisas, então é sempre um programa muito leve, então o jornalista que faz esse tipo de coisa, trata desse tipo de assunto, tem que ter isso na cabeça: as matérias têm que ser sutis no tratamento do assunto, precisam ser criativas, quanto mais divertido melhor, sem exagero, aí que está o ponto crucial do jornalista que trabalha nessa área. Às vezes a gente fica querendo ser engraçadinho demais, inclusive a gente recebe umas matérias de fora, às vezes o repórter não tem muito o costume de fazer esporte e fica querendo fazer umas gracinhas que são chavões no esporte, do tipo: Quem não faz, leva. É preciso ter muita atenção com isso. Como a velocidade da informação cresceu muito nos últimos anos, a gente tem acesso a todo tipo de veículo, na internet você tem acesso aos jornais impressos mais fáceis, às rádios mais fáceis, então a linguagem precisa fugir daquele chavão para não ficar chato, para a matéria não ficar chata também. Acho que a mágica do jornalismo esportivo é justamente essa, de não fazer igual. Quem começa hoje nessa área inevitavelmente vai procurar fazer esse tipo de coisa, essa gracinhas do mesmo jeito que todo mundo faz. Mas quando tiver na área vai ver que aquilo ali acaba empobrecendo a matéria dele. Aqueles chavões que o povo usava antigamente estão caindo em desuso completamente. O jornalista como um todo tem que ser muito criativo, tem que ter noção do ridículo, tem que ser observador, atencioso, curioso, porque se não for vai morrer de fome. Ele tem que saber mesclar esses itens para poder fazer um trabalho legal porque tem muita gente querendo entrar no mercado de trabalho e quem fica tem que se destacar nisso aí. Na forma de tratar a notícia o perfil do jornalista é esse, ele tem que estar atento ao que está acontecendo ali para fazer aquilo que eu falei antes de não trazer a notícia do jeito que todo mundo está trazendo, observar bem o que está acontecendo ali. Se um técnico chamou o jogador ali num canto para conversar, já é uma coisa diferente que está acontecendo, por que ele não está conversando junto com o resto do grupo? Muitas vezes é interessante o repórter ficar até um pouco fora do foco ali para ver o que está acontecendo ao redor porque às vezes a notícia está ali também. Quanto à opinião, o público quer, eu vejo assim, você assiste a um jogo num dia com a transmissão de alguém e no outro dia você ouve o comentário do povo na rua. O comentário do povo na rua é exatamente o que os narradores e comentaristas fizeram durante o jogo. (O jornalista imita a voz de um narrador) Ah o Flamengo está jogando muito retrancado. É o que o povo vai falar no outro dia. (O jornalista imita a voz de um narrador) Ah, porque o São Paulo com esse esquema de chuveirinho tem um futebol feio, mas está dando resultado. No outro dia na rua todo mundo está falando a mesma coisa. Então o público precisa desse tipo de opinião do jornalista esportivo porque ele precisa comentar na rua depois, então ele só vendo aquela coisa informativa, São Paulo ganhou 5x2, ele vai falar o que no outro dia na rua? Não estou dizendo que o público seja incapaz de criar suas próprias opiniões, mas se você joga as opiniões para eles, eles têm uma forma de analisar. Te falei aquilo do chuveirinho, São Paulo está jogando feio, o telespectador vai ver aquilo ali e vai falar: De fato, o São Paulo está jogando feio. Ou então ele vai falar: Não, o São Paulo ta jogando bonito. Então precisa ter essa parte da opinião. Na transmissão de televisão têm os especialistas nisso aí, os comentaristas. Esse papel também é importantíssimo para os repórteres, de fazer essa análise, mas o repórter precisa ser mais sutil porque ele está dando informação e vai ser crucificado pela torcida adversária se ele falar mal do time. Mas ele tem que, por exemplo,

tem um time que está com a zaga muito ruim, está sofrendo uma precariedade na parte de trás da zaga, não tá jogando direito, ele pode fazer uma brincadeira que meio que mostra essa situação, mas brincando. Não vai falar que a zaga está péssima, que eles não conseguem segurar ataque nenhum, que os jogadores não se entendem, não tem entrosamento, não precisam fazer isso porque isso o comentarista faz. O repórter tem que ter essa análise na matéria dele de uma forma muito sutil. Essa forma sutil é importante para que o telespectador receba aquela informação sem ter essa imagem pejorativa do repórter. Mas o jornalista esportivo tem que ter isso, é essencial porque o telespectador quer saber da informação com a análise. O texto do jornalismo esportivo precisa ser, com televisão e rádio já é bem parecido com o que a gente fala, com o corriqueiro. Com jornalismo esportivo tem que ser mais ainda porque é uma matéria muito corrida, muito leve, então se você usar uma linguagem muito rebuscada, ela foge do entendimento do telespectador. Então tem que ser um texto leve, simples, objetivo, muito direto, sem frases muito longas. Às vezes a gente fala assim na televisão: ah tem que mesclar uma frase mais longa com uma mais curta, por causa da locução. No jornalismo esportivo se você puder usar só frases mais curtas é melhor por causa da forma como a informação é transmitida, chega mais fácil ao telespectador. Inclusive matérias que são muito longas o lbope mostra isso para a gente, elas perdem audiência porque o telespectador fica desinteressado. Tem que ser rápido, coeso, mais objetivo possível. Dependendo do tipo de assunto você pode alongar um pouquinho mais, mas você tem que ter noção do que é informação e o que é entretenimento. Isso é importante na hora de fazer matéria, saber até que ponto isso aqui é informação? Se você souber fazer essa mescla prende o telespectador para poder fazer uma matéria maior. Se for só informativa não adianta fazer matéria grande que o povo não assiste, tem que ter uma coisa legal no meio. Em relação ao merchandising é uma prática muito comum hoje em dia, inclusive aqui e normalmente esse merchandising feito pelos apresentadores e jornalistas é uma exigência do cliente. Não propriamente o jornalista exige que aquilo aconteça, muitas vezes o cliente exige que o jornalista apresente, é o caso do Esporte Record, por exemplo, a nossa apresentadora, a Janice faz os merchans dentro dos programas porque o anunciante exige isso porque ele quer associar a marca dele à imagem do apresentador, à confiança que o telespectador tem no apresentador com a interação que ele tem com quem está assistindo. Então às vezes ele exige. Eu pessoalmente se pudesse escolher não faria, mas a gente sabe que hoje em dia o capital que gira em torno disso é muito grande, então como exigência do anunciante, acaba sendo um caminho inevitável. Agora é preciso fazer isso com inteligência porque se você bota o apresentador para ficar três minutos lendo um texto, o telespectador muda de canal e o anunciante perde aquela audiência também. Com certeza vai aumentar a quantidade de merchans, mas tem que ser uma coisa inteligente e isso é o mais difícil de fazer. Eu sou contra, mas é uma necessidade do mercado.

**Entrevistado G** – Primeiro tem que ter vontade, tem que querer. Vejo pela minha experiência, eu sempre quis ser, mas entre querer ser e ser tem uma distância grande. Então sempre quis e dentro do que eu podia procurei me especializar, na faculdade tinha gente que implicava comigo, falavam: (o jornalista imita a voz de outra pessoa) Pô, você só escreve sobre esporte, futebol, você não sabe escrever mais nada? Eu respondia: Ué, mas você também só escreve sobre filme, só escreve de cultura, ou só cidades. Cada um tem uma especialização, acho que você buscar essa especialização pode ser um caminho para você seguir nessa área. Se você tiver uma pessoa a que entende do assunto e escreva mais ou menos e uma que não entende, mas escreve ótimo, você vai na que entende e escreve mais ou menos. Porque você sabe que essa pessoa no treino de futebol não vai ficar perdida, vai saber o que é para fazer, não vai perguntar nenhuma coisa absurda ao jogador, não vai cometer uma gafe. Então tem que ter vontade, buscar uma especialização se é o que você quer, tem que ir atrás, tem que correr e aproveitar as oportunidades. A postura de um cara de cidades é um cara sério, engravatado, não sei, no meu caso eu vou mais na descontração, porque, por exemplo, um jogador de futebol não é um cara estudado igual é um economista consagrado e autor de tantos livros. Você não vai chegar ao jogador

e falar: Vossa senhoria fez um jogo tal. Vou para esse lado da descontração, de ser profissional, manter aquela distância, mas sendo mais próximo do que é um outro, porque aí você consegue um furo, uma informação exclusiva, consegue ter e manter as fontes. Se você for um cara muito sério ou frio, não dá. Falo muito no futebol porque é onde tenho mais experiência, você vai todo dia ao treino, todo dia você faz a mesma coisa, entrevista as mesmas pessoas, mas é aí que você vai ganhando essas coisas, suas fontes. Porque se você chegar lá formal, muito sério, seu entrevistado também será formal e sério e esse não é o espírito do jornalismo esportivo. O texto é meio pessoal, cada um tem um jeito de escrever, mas texto de esporte é texto leve, é brincadeira, é descontraído, tem que buscar coisa diferente. Aqui em Brasília é menos, mas pensa em São Paulo, o cara tá todo dia vendo o São Paulo e cobre só esse time, aí que ele tem que achar coisas diferentes para a matéria dele porque senão você vai escrever todo dia a mesma coisa. Você sempre tem que buscar o diferente, às vezes uma mínima informação pode virar uma matéria grande. Ainda mais na televisão, uma boa imagem pode me render uma matéria grande, legal. Essa coisa de misturar informação com opinião eu sou contra porque eu acho que a sua opinião pode não ser a mesma opinião do outro. Quanto mais você botar opinião pior porque é a sua visão, você como jornalista, você que está lá escrevendo, você que está falando na televisão, você que está falando no rádio, mas a sua opinião pode não ser a do outro. Isso pode até te causar problemas, por exemplo, para você um chute pode ter sido bizarro, para outra pessoa o chute foi uma tentativa boa. Numa coisinha dessa você pode criar problema com uma torcida. A opinião é uma coisa muito pessoal, sou contra, sou mais relatar os fatos como são, a opinião cada um tira a sua. Em relação ao merchandising, eu não condeno, mas eu não faria. Não acho que é uma boa, mas eu não condeno porque a gente quando vai ver, o salário não é lá essas coisas, você tem família e querendo ou não é uma chance de ganhar mais. Só que hoje, eu pelo menos já mudei muito meu conceito, era radicalmente contra, hoje nem tanto porque televisão é merchandising. Merchandising é dinheiro entrando. Dinheiro entrando é garantia de emprego. Emprego é garantia de crescimento. Todo programa hoje tem merchandising, não só os de esportes.

**Entrevistado H** – O repórter esportivo tem que ter o perfil bem amplo como tinha falado antes, já que o esporte abriu o leque tão grande, você tem outras áreas contaminando no bom sentido o esporte, então ele teve realmente que abrir a cabeça, não pode ser mais um cara bitolado só em fazer o jogo. Com o advento multimídia, hoje o repórter tem que ser multimídia. Quem está estudando na universidade ou quem quer seguir essa área, não só no esporte, tem que saber que vai ter que dominar as outras mídias. Têm que saber falar em vídeo, em áudio, dominar a questão de fazer um texto diferenciado para o jornal impresso, digamos mais amplo, mais completo, e sintético para internet. Saber fazer uma cabeça para uma matéria de vídeo, saber fazer um off para vídeo, então hoje já se exige do estudante de jornalismo muito mais complexidade. Antigamente, nem tão antigamente assim, quando comecei no jornalismo o repórter basicamente tinha uma pauta, você chegava na redação já tinha essa pauta datilografada e era entregue aos repórteres de manhã assim que chegavam à redação, e ele ia atrás daquela matéria, apurava, escrevia, deixava e ia embora. Ele não sugeria título, legenda para a foto, não pedia arte, não sugeria foto, ele só escrevia e tchau. E aí toda a cozinha, vamos dizer assim, da redação que ia titular, enfeitar aquela matéria, uma arte, fechar a página. Então apurar e escrever eram a função do repórter. Hoje a pauta vem muito do repórter, ele é o maior pauteiro do jornal. E esse repórter hoje já tem que pensar com uma cabeça multimídia. Ele tem que pensar para pauta de jornal impresso, por exemplo: é melhor colocar na matéria uma foto ou infográfico? Essa matéria pode ter uma entrevista em áudio com algum personagem? Ela pode ter um vídeo explicando como se joga o esporte, ou mostrando cada golpe desse esporte para entrar na internet? Então a cabeça do repórter desde a produção da matéria até o final dela, tem que estar pensando nessas coisas. Na questão do esporte especificamente, o repórter tem que ficar de olho em muita coisa, tem que estar com a cabeça atenta na Europa onde o esporte é fortíssimo, os melhores jogadores de futebol do Brasil estão lá, ficar ligado nos meios de imprensa de outros países que estão inovando e fazendo diferente. A

demanda de um repórter hoje seja esportivo ou de outra área, já é grande. E o esportivo especificamente teve que ampliar sua cultura para ser um repórter mais completo e oferecer ao leitor um material mais analítico. A postura de um jornalista em geral, a ética é comum a todos, o que a gente exige demais de um repórter esportivo é que ele evite a promiscuidade que muitas vezes a gente vê principalmente no futebol. O repórter vira amigo do atleta e por causa dessa amizade ele acaba sonhando algum tipo de informação para não ficar mal com a fonte. O jogador de futebol confunde muito isso, se você fizer uma matéria elogiando o jogador e no outro dia você diz que ele jogou mal, ele acha que é pessoal, aí briga diz que você é mau caráter, esse tipo de coisa. Então o jornalista esportivo tem que ter na cabeça que fonte é fonte e notícia é notícia e você sempre tem que buscar eticamente a notícia. Nós não podemos fechar os olhos para os erros e para as falhas. Então é preciso ter essa postura ética, eu sou jornalista e não seu amiguinho. O esporte é uma área que permite um pouco mais de, nem digo opinião na matéria, porque opinião é uma coisa e informação é outra. Para você exercer sua opinião você tem artigos assinados, uma coluna. Então o que acontece muito no esporte é assim: quando tem um jogo, você já tem que opinar quem jogou melhor, aí já vai uma coisa meio subjetiva, o olhar do repórter vai estar colocado naquele jogo. Em matéria de corrupção no esporte, por exemplo, a gente pode por nossa opinião no editorial, mas na matéria que fale sobre isso, vai ter entrevistas, as teses, os argumentos de um lado e de outro, mas no correr do texto não acho inválido que já se coloque um tom de cobrança. Mas claro que há doses, você não pode transformar as reportagens em um editorial, aí não faz sentido nenhum, o próprio leitor vai notar isso e vai reprovar. Você não pode nunca ter uma tese e escrever uma matéria só para defender sua tese, a sua opinião pura não cabe na matéria, mas uma análise cabe, mas onde o próprio leitor vai chegar à conclusão dele. Quanto ao merchandising, isso não é comigo, trabalho na redação, departamento de marketing, diretoria comercial é até em outro andar. Não tenho nada haver com isso. Estudei para fazer notícia, claro que você não pode ser uma ilha dentro de uma empresa se você não conversar com a área de marketing, por exemplo. Porque a área comercial pode querer sugestões para fazer cadernos especiais para que a gente vá às ruas conseguir anunciantes e faça esse produto especial para o leitor. Exemplo: vamos fazer um guia especial sobre Fórmula 1, um caderno sobre as cidades candidatas à Copa do Mundo, um caderno especial sobre os Jogos Pan-Americanos, aí é óbvio que você tem que conversar com a área de marketing. Você dá idéias jornalísticas, editoriais, isso você pode fazer e eles vão atrás dos anunciantes, eu não tenho nada haver com anunciante. Então eu não concordo com quem faz, mas você tem diferentes mídias com diferentes comportamentos. A televisão, por exemplo, você tem apresentadores de programas jornalísticos que fazem merchandising no programa, eu discordo, não gosto, acho que para isso que serve os intervalos comerciais. Eu discordo de âncoras que fazem essa coisa meio rádio, que sempre teve isso.

**Entrevistado I** – Hoje o texto vai ser mais opinativo, ainda não é, mas tende a ser. A Folha de São Paulo está fazendo um projeto editorial diferente, o projeto de futebol deles, vai ser mais ou menos o que estou falando, vão usar textos mais críticos e analíticos. O jornalista tem que ser preparado, antigamente o pessoal dizia que ia fazer esporte quem não sabe escrever economia, política. Muito pelo contrário, a pessoa que escreve esporte tem que saber história, por exemplo, porque senão ela vai sempre escrever o factual, mas no futebol a gente está sempre remetendo a alguma coisa que aconteceu no passado. Por exemplo: agora vai ter Flamengo e Bota-fogo, final da Taça Rio, segundo turno do Campeonato Carioca. Os dois times já decidiram os dois últimos Campeonatos Cariocas. O que aconteceu nesses campeonatos? Então você sempre faz um link do passado com o presente para você fazer sua matéria. Esse preparo em termos de conhecimento histórico dos jogos é muito importante, tem que ter. O dinamismo com a informação, por exemplo, se você trabalhar com internet, você tem que ter o preparo tecnológico muito grande. Por exemplo, o Globo Esporte.com, que é quem já acompanhei cobrindo seleção brasileira. A minha cobertura é de jornal, a deles não. O repórter do Globo Esporte.com que vai para a cobertura, vai com uma parnafenilha tecnológica, com laptop para atualizar constantemente

o site. A seleção está entrando no estádio Mané Garrincha, ele já tem que ter aquela foto e escrever o texto e jogar na internet. Ele faz tudo, não tem um fotógrafo com ele. Então esse é um perfil diferenciado que a gente encontra hoje. Em relação à postura do jornalista esportivo, deve ser de total isenção, por exemplo, o merchandising, hoje é um assunto que causa muita discussão no mercado. Há uma divisão muito grande entre os jornalistas que defendem que você pode anunciar, o Milton Neves, por exemplo, faz esse tipo de jornalismo, não o condeno por isso, mas não acho legal. Acho complicado você associar o seu programa jornalístico a uma marca que patrocina um time. É complicado, digamos que o Flamengo é patrocinado pela Petrobrás e você anuncia a Petrobrás no seu programa, é uma relação meio complicada. Eu defendo que a postura deve ser de independência. Publicidade é com publicitário e jornalismo com jornalista. No rádio isso já é normal, no rádio já não há o por quê. Para você fazer uma cobertura de rádio, é mais caro, então eles precisam de patrocínio. Você vai escutar eles falarem no patrocinador que é o cara que está ajudando a pagar os repórteres aí é um mundo meio diferente. Mas quando você fala de jornal, de internet, de programa de televisão, é mais complicado. Defendo então a postura de independência, mas ele depende do posicionamento do jornal. Ele pode ser um jornalista independente, mas se o jornal tem um posicionamento contrário ou favorável, aí já é outra história depende da relação do jornalista com a empresa. Devido à concorrência na internet e quando a gente fala de jornal impresso, acho que a criatividade tem que ser um diferencial. O lead: O quê? Quando? Onde? Como? Por quê? Esse lead virou da internet. Hoje você tem que contar o jogo com emoção, de uma forma diferente, com outro olhar, tem que ter criatividade para prender o leitor.

**Entrevistado J** – Não só no jornalismo esportivo, mas do jornalismo, eu acho que você tem que ter responsabilidade acima de tudo, tem que ser um profissional sério, essa coisa de chegar no horário certo, estudar sobre o assunto que você vai falar, de não ter preguiça, isso é essencial, não pode se acomodar e sempre apurar tudo, a verdade e nada mais que a verdade. No caso do esporte é legal você ser uma pessoa um pouco mais descontraída porque a linguagem do jornalismo esportivo é muito diferente do outro tipo de jornalismo. É uma linguagem que você pode brincar, pode usar gírias, pode fazer trocadilho, não é aquela linguagem muito séria, uma linguagem muito mais coloquial. É importante também você ter jogo de cintura porque você lida com os imprevistos e é bom você estar sempre bem informada porque não é fácil cobrir esportes, tem sempre que ler muito, assistir muita TV para saber o que está acontecendo no mundo do esporte, estar sempre interada. E acho legal também a pessoa ter carisma, claro, é um jeito muito mais de incentivar o público, de fazer o público se aproximar mais de você. Quanto ao texto, como falei você tem muito mais liberdade no jornalismo esportivo. Principalmente imagem é tudo, se você tem uma imagem legal, você pode fazer uma brincadeira e a linguagem é completamente diferente, tanto que eu já cheguei no jornalismo fiquei um mês e não dei conta, quer dizer, dei conta, mas apanhei muito porque a linguagem é muito diferente. No esporte você conta as historinhas, é uma linguagem mais bem humorada e você pode emocionar o público com a história, é bem diferente mesmo. Quanto à mistura de opinião com informação, você tem que ser imparcial acima de tudo claro, mas você acaba usando mais adjetivos que num jornalismo convencional. Porque você vai falar da campanha de um time, aí você já usa a péssima campanha do time, que é lanterna, que não vence há um tempão. Então sem querer querendo você põe sempre uma opinião. Mas acho que você não pode deixar explícito, acho que você tem que tentar ser o mais imparcial possível. Já o merchandising, quando eu era só repórter, eu não concordava, eu achava que poxa eu não estudei para fazer propaganda, depois que eu passei a apresentar, que aí quem faz o merchan é o apresentador, não é o repórter, eu mudei minha opinião. Hoje principalmente na TV e no rádio, para você sobreviver, você tem que fazer propaganda, tem que vender o seu produto. Hoje em dia nenhum programa de TV ou de rádio existe sem patrocínio, sem anunciante. Então para você sobreviver tem que acabar fazendo sua propaganda, tem que vender o seu peixe para conseguir manter o programa no ar. Vou ser sincera, eu preferia não fazer, se eu pudesse escolher, não faria merchan. Mas no Esporte Record eu faço porque se o

anunciante está lá pagando, se a gente tem patrocinador, ele tem que ter retorno, então entra merchan sim.

**Entrevistado K** – Ele tem que ser completo, tem que saber falar, escrever, tem que saber se expressar. Hoje em dia não tem mais aquela coisa de eu vou ser repórter de jornal porque não sou bom de vídeo. Hoje em dia não dá mais para isso não. Se você é um repórter de internet, por exemplo, mas e se sua internet coloca uma TV ao vivo? Você vai ter que estar lá senão você fica defasado. E se sua internet colocar uma rádio ao vivo? Você tem que estar lá, tem que saber falar no rádio. Então quanto mais completo você for, melhor para você. O jornalista esportivo tem que procurar se especializar para que ele saiba escrever, saiba participar de programa de televisão, programa de rádio, enfim que ele tenha todo esse jogo de cintura porque isso aí é fundamental hoje em dia porque o mercado pede. O texto não mudou muito do que era antes para agora. O texto deve ser o mais completo e objetivo possível. Porque se você pensar bem, uma matéria de esporte onde o cara não seja objetivo, ele acaba se perdendo, aí o texto dele fica maior, se torna cansativo e ninguém lê. Como é que eu uso no site? No lead já vai tudo. Em baixo um complemento do que coloquei em cima. A orientação que eu dou para os repórteres é essa. E no final ficha técnica, o que aconteceu ou deixou de acontecer, que time entrou ou deixou de entrar, enfim, acho que tem que ser mais ou menos por aí. Isso já aconteceu comigo, principalmente quando escrevia tudo sozinho, acabava fazendo texto muito longo e aí não combina para internet. Para o jornal podia até ser. Objetividade seja em qual mídia você trabalha. Não é todo mundo que consegue escrever em dez linhas, 20 linhas e expressar o que aconteceu em uma partida de futebol. A postura do cara deve ser fiel àquilo que o jornalismo propõe que é você apurar para você fazer. Acima de tudo correr atrás, buscar, ver se é verdade, apurar para não fazer bobagem. Infelizmente a gente não vê muito isso hoje. O que acontece hoje? O cara vai, fala, denigre, calunia para só depois se desculpar. Os fofoqueiros de plantão fazem isso, infelizmente acontece demais. São poucos aqueles que realmente buscam, querem levantar, sair da sua sala, da sua redação e ir lá fora apurar o fato para depois voltar. Têm uns que não se dão o trabalho nem de ligar para ver se aquilo realmente aconteceu, vai na onda de todo mundo. Então a postura do cara tem que ser correta e honesta de apurar. Eu falo para meus repórteres: na dúvida, não faça. Quanto à opinião misturada com informação, não deve ter. Eu até recebi crítica de um comentarista da Rádio Clube na semana passada por causa disso. Ele disse que nosso site está muito informativo, que deveria ser mais opinativo. Eu disse que não concordo, acho que você opinar sobre um determinado assunto, ainda mais repórter que cobre o dia a dia, ele acaba se comprometendo. O que acontece? Você está cobrindo o jogo do Gama, por exemplo, aí opina sobre aquilo ali, vai que o diretor não gosta? Seu trabalho foi prejudicado porque você terá que estar lá todo dia. Então para preservar seu ambiente de trabalho, você não pode ser opinativo, você tem que falar aquilo que aconteceu ali, aí você tem que usar seu jogo de cintura, correr atrás de informação, de furo de reportagem, correr atrás do diferencial. Você não pode se ater a falar o que os outros já falam. Você sempre tem que estar antenado para o que está acontecendo ao seu redor para você ter o diferencial em relação aos outros. O merchandising é um mal necessário. Porque hoje em dia a gente tem que viver de alguma forma, então tem que ter mesmo merchan, cada um tem que fazer o seu, vai da sua criatividade, isso até por questão de sobrevivência. Se der para fazer, faça porque é necessário. Mas tem que ser uma coisa bem livre dentro da proposta do veículo.

**Entrevistado L** – Além do que já falei você tem que gostar também. Porque o jornalista esportivo, ele hoje é o que vai para o sacrifício de uma redação, você perde suas quartas-feiras à noite, as quintas, os sábados e seu domingo. Você tem que viajar muito e fica longe da família, é sacrificante, mas é um proponente dessa profissão e você tem que estar preparado, tem que conhecer muito, ler muito acima de tudo e saber o que o mundo está falando de cada esporte. Há uma mudança hoje no que a gente compreende de texto no jornalismo esportivo. Hoje não adianta você ir para um jornal, não adianta no dia seguinte você ter um texto contando um jogo que todo mundo viu às quatro horas da tarde, depois

passou no Fantástico, na TV Record, ta na internet, então o jornalista esportivo hoje tem que ir além do jogo, além do fato em si. O fato em si já está contado, todo mundo sabe quem fez o gol, como foi, quais foram as polêmicas, então o jornalista tem que procurar sempre, tem que estar focado em buscar o diferente dentro do evento esportivo como um todo. Olimpíadas é a mesma coisa, se o Brasil ganhar medalha de ouro, todo mundo já viu, sabe o que aconteceu, então você contar o que aconteceu um dia depois o que já foi discutido é desnecessário. E para TV também é isso, se você não tiver um texto diferenciado, se você não buscar outras visões do jogo que você vai cobrir, você é engolido pelo imediatismo da mídia porque a TV transmite o jogo todo, você viu tudo. Então você tem que buscar sempre o diferente, o fato que as câmeras não viram, buscar outro enfoque para o que está vendo. Claro nunca se esquecendo das informações básicas. Hoje é um desafio para o jornalista esportivo porque acredito que mais do que todas as outras áreas o esporte é muito massificado. Todos os eventos hoje têm televisão, rádio e internet, então não adianta você só contar, tem que estar preparado para buscar naquela cobertura fatos novos e novos enfoques. Quanto à postura, acima de tudo, é como deve ser qualquer jornalista, tem que ser isento, ter senso crítico, tem que analisar, agora, você lida com uma questão cultural brasileira porque todo mundo tem um time de futebol. Essas paixões têm que ser deixadas de lado, você pode ter seu time, torcer por ele e gritar por ele quando você estiver em casa, mas quando você está trabalhando você tem que ser isento acima de tudo. O jornalista moderno hoje está trilhando por este caminho. Aqueles que fazem jornalismo fanático estão acabando e viraram folclore. Quanto à informação e opinião eu tenho uma posição muito objetiva quanto a isso. Para mim opinião é opinião e informação é informação, tem que estar bem marcado. Tem lugar para isso. Eu acho que a partir do momento que você assina o texto e esse texto é uma informação, você está contando ao seu leitor ou telespectador uma história, você tem que ser isento, não deve botar opinião. A partir do momento que você deixa de considerar isso uma informação, a partir de agora é minha opinião. O jornal marca muito isso, opinião, artigo, colunas, acho que as duas coisas são válidas, mas devem ser separadas. Agora você fazer textos informativos dando opiniões é muito complicado. O merchandising é uma polêmica, o jornalista esportivo que faz merchandising deixa de ser jornalista e passa a ser um apresentador, um mediador, como é o Faustão que apresenta um programa de entretenimento. A postura desses jornalistas que se dedicam a isso, que trilham esse caminho, eles têm que deixar inclusive de opinar sobre os assuntos, têm que ser apresentadores. Isso é válido porque hoje o merchandising está na imprensa, na TV, no rádio, mas eu acho que ao se misturar, o jornalista perde a isenção. Até porque você tem patrocinadores que são ligados a clubes, a empresas, ao evento, então acho que você perde um pouco a seriedade. Se você se comportar como um apresentador, tudo bem, mas aí deixa de ser jornalista esportivo. Merchandising é merchandising e jornalismo é jornalismo. As televisões, as empresas têm como separar isso dentro de seus programas. Mas neste momento acho que está havendo uma definição do que está acontecendo, do que vai acontecer com esse tipo de atividade, as pessoas vão saber separar de uma forma definida daqui pra frente.

**Entrevistado M** – Os jornalistas de uma forma geral aí valem para todos, devem ter uma postura de independência antes de tudo, postura crítica também e ter um texto diferenciado com estilo próprio, você arriscar mais, fazer textos que tentem despertar alguma curiosidade no leitor e que não sejam burocráticos, que fujam da mesmice. E fazer isso nas pautas também, tentar visualizar o que está fora do óbvio, fazer matérias diferenciadas. Este tipo de coisa é que dá maior destaque aos jornalistas de uma forma geral, acho que esporte também é isso, muda um pouco o tema. Misturar informação com opinião, essa pergunta é complicada porque eu não acho que isso seja fácil de fazer, mas também não vejo muito isso porque todo jornalista tem um time, tem uns que confessam outros não. Os que não confessam devem ter medo da reação das outras torcidas ou de achar que vai ficar marcado por aquilo. Mas acho que você consegue diferenciar opinião que é um lugar para artigo, editorial. No dia a dia você tem que relatar mais o que está acontecendo. Agora em algumas informações você tem que ser cético, por exemplo, o técnico foi demitido ou se demitiu?

Geralmente os times falam que o técnico pediu demissão, mas na verdade você tem sempre que desconfiar de algumas coisas e obviamente que sua opinião vai pautar um pouco o teu comportamento, mas na hora de escrever você tem que ser o mais isento possível. Já o merchandising na área de jornalismo impresso eu não conheço nenhum caso, quando as pessoas passam a ter uma fama, principalmente na televisão, eles se aproveitam disso. Eu acho complicado porque hoje você está fazendo propaganda para uma determinada marca, no outro ano você está fazendo propaganda da concorrente, eu acho muito complicado isso porque o jornalista não deve ser confundido com garoto propaganda e jornalista para ganhar mais dinheiro vende a sua imagem que é seu maior patrimônio. Então você pode confundir muito o público e pode levar até o caso de você fazer propaganda de uma marca hoje e amanhã essa marca está envolvida em algum tipo de escândalo ou coisa parecida e você vai se complicar.

**Entrevistado N** – Primeiro esse profissional tem que gostar do que está fazendo porque o jornalismo esportivo exige muito de você. Você tem que saber que não é todo final de semana que você está de folga. Você tem que se dedicar, ser bem informado da área que você for cobrir. Eu, por exemplo, já cobri dois grandes prêmios de Fórmula 1 e não entendia nada de automobilismo, mas quando tinha competição aqui eu cobria, aí eu conheci um piloto e falei: Meu irmão, eu não entendo nada de automobilismo, meu negócio é futebol, mas eu quero aprender esse troço. Aí ele me levou para o caminhão dele e começou a me explicar e me deu uma aula. Depois estudei mais e virei praticamente especialista nessa área. Tudo é especialização e não ter vergonha de perguntar. Se você não sabe, chega em alguém que você confie e pergunte. Já fiz isso muito, vela, hipismo, por exemplo, não entendia nada, no meu tempo não tinha internet para pesquisar então eu perguntava. Hoje fica mais tranquilo com a internet, mas mesmo assim não tenha vergonha de perguntar. Noto que hoje as pessoas têm vergonha de perguntar, ficam receosas, mas também você tira pelo Murici, se você faz perguntas o cara é super grosso, mas ele já é um cara irritado. Mas também numa entrevista se você faz uma pergunta e o entrevistado elogia sua pergunta, você pode ficar desconfiado, a pergunta não foi boa. Pergunta boa é quando ele fica irritado. Lembra da Soninha que perguntou para o Collor se ele estava com AIDS? Ele respondeu que não. Então ela teve a coragem de perguntar numa entrevista coletiva. Mas ali ela deu a matéria para todo mundo. Eu já não faria essa pergunta no meio de todos, eu chamaria ele num canto depois da coletiva, a matéria seria só minha, você tem que ter cartas nas mangas. Quanto ao texto, já passei por tantos diretores e redações que fica até difícil de falar. Mas o texto cada um faz da sua maneira, o importante é escrever bem e saber distribuir as palavras. Eu gosto de dar uma floreada no texto, pegar um personagem para abrir o texto, mas antigamente o texto era muito direto. Mas hoje para segurar o leitor você floreia, porque a internet já fala tudo, então no impresso você precisa ter um texto mais leve, mas sempre com informação. Às vezes você colhe tanta informação que você fica sem saber por onde abrir o texto. No meu tempo era máquina de escrever eu rasgava muitas laudas até achar a maneira certa de começar o texto. Agora, a opinião no texto só é válida quando você assina seu artigo, a sua matéria também. Mas uma reportagem é o que o repórter vê, você tem que transmitir ao leitor o que você está vendo, não pode mentir, foi isso que aprendi. Isso é fundamental, passar o acontecimento. Quando você está fazendo uma análise, aí é diferente, você põe sua opinião, mas claro nunca mentindo. Então existe diferença entre a opinião e a informação. A informação você diz os fatos ao leitor, foi o que você viu. A opinião é sua, que diante do que você viu concluiu tal coisa, é a sua impressão. A opinião é válida, mas tem seu lugar, um artigo, um editorial, uma coluna. Em relação ao merchandising, nunca fiz, não sou garoto propaganda. Mas não sei se é válido ou não, fico em cima do muro. Eu sou contra é você ser assessor de imprensa de um clube e ao mesmo tempo trabalhar num jornal, aí eu acho complicado, é antiético, você recebe as informações primeiro que todo mundo já que trabalha no clube, não dá certo. Me lembro que na Copa de 98 o Zagallo era técnico da seleção brasileira e tinha uma coluna no Jornal do Brasil, pô perai, sacanagem! Como vou furar o próprio técnico da seleção? Impossível! Aí eu sou contra. Outra coisa que acho importante é saber mais de uma língua, isso é fundamental e

me arrependo de não ter feito curso para aprender. O meu pai sempre me colocava na escola de inglês eu fazia dois ou três meses e saía. É muito ruim, por exemplo, fui cobrir a seleção brasileira na Itália, cobria tranquilo, mas na hora de fazer reportagem da seleção italiana, eu tinha que pagar um tradutor, gastava dinheiro e dependia de outras pessoas.

**Entrevistado O** – Não sei se existe um perfil ideal não, mas eu acho que é um gostar da área em que você for atuar, escolher e gostar daquilo ali, se entregar, fazer da sua pior matéria a sua melhor matéria. Tenho um amigo que trabalha aqui com a gente que até conta que uma vez ele foi sair para fazer uma matéria sobre uma cratera na rua, um buraco que existia na rua, aí ele pensou: O que vou escrever sobre esse buraco? Aí ele tentou fazer a melhor matéria dele e foi realmente uma grande matéria, ele criou mil coisas por conta daquele buraco. Então acho que você tem que gostar da área em que está atuando e acima de tudo a cada matéria que você for fazer, buscar coisas novas. Mas não tem um perfil ideal, a pessoa tem que optar pela área que ache em comum, tem gente que se dá muito bem com a política, já é uma área não muito do meu estilo, não gosto muito, me interessa a política do país sim, mas não gosto da cobertura política, é completamente diferente da minha área de atuação. No esporte dá para você ter um texto mais solto, um texto com mais molho, vamos dizer assim. Você pode explicar bem como é teu personagem, não precisa ser exatamente naquele formato que as faculdades ensinam que é: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê? Você pode mudar um pouco e brincar um pouco com teu texto, acho que até que em outras áreas isso é um pouco permitido, diria até em algumas matérias de cidades, cultura. Esporte permite mais ainda porque você tem todo um envolvimento, o atleta é mais descontraído também, fica mais fácil, dá para usar bem isso do que ter aquela coisa formatada que normalmente lá atrás a gente aprende. Na verdade muita coisa, em minha opinião, pelo menos aconteceu comigo, não sei como é que estão hoje os cursos, mas muita coisa que você aprende lá atrás, que vocês aprendem no curso, quando você entra na área é completamente diferente, não tem nada haver com o que você viu lá, aquele formatozinho e tal, é muito diferente, você tem que ter a prática mesmo. Em relação ao merchandising, não acho louvável, não acho legal. Acho que existem outras formas para se fazer merchandising, o jornalista não é o objeto para isso não.

**Pergunta 3) Este perfil de que você comenta varia dependendo da mídia que o jornalista esportivo trabalha?**

**Entrevistado A** – Cada mídia tem sua peculiaridade. Mas o perfil da qual eu falei antes é geral, são coisas fundamentais que o jornalista deve ter. Claro que dependendo da mídia você terá que adaptar seu texto. Aí tem muito a coisa da técnica, cada mídia exige a sua. A técnica na TV é diferente do rádio, da internet. Dominar a técnica é importante, por exemplo, se você trabalha com jornal impresso e entende de fotografia, sabe fazer a diagramação, sabe manusear bem seu computador e os programas dele, isso faz uma grande diferença, se a pessoa souber operar é muito melhor, facilita muito o trabalho. Emprego para essa turma não falta.

**Entrevistado B** – Você tem a mesma informação para várias mídias, tem que atingir vários segmentos, por exemplo, o meu tema, o bastidor do futebol, a administração, a gestão do futebol, do esporte. O público da rádio é diferente do público da internet e do público do jornal. Então você tem que saber lançar informação de forma diferente a cada um desses meios. Eu soube explorar muito bem a interação que o blog propicia. Em termos de jornalismo esportivo, o Fora das Quatro Linhas foi o primeiro blog a tratar do assunto esportivo aqui em Brasília. Meu blog começou no UOL, fazia junto com a rádio. Meu blog deu um salto quando foi para o Correio Web. O blog foi uma forma de mostrar que aqui existem torcedores de futebol no Distrito Federal. Conseguí criar muitas discussões e trazer vários temas à tona. Depois o blog foi para o site Esporte Candango que ficou lá de 2007 até agora, quase dois anos.

**Entrevistado C** – Não, sabe por quê? Você pode ser namorada, noiva ou casada, a sua fidelidade não vai mudar nesses três aspectos. Você será sempre fiel. É como um cara que mora num palácio maravilhoso e não tem felicidade. Aí o palácio dele vira um barraco. Eu conheço pessoas que moram num barraco e tem felicidade. Então o barraco deles vira um palácio. O sonho de todo profissional de comunicação é trabalhar na TV Globo. Então o que eu faço da minha vida: em todo veículo que eu trabalho, procuro fazer dele a minha TV Globo, torná-lo grande. Por exemplo, a TV Brasília, sabemos a condição que ela tem hoje no mercado, é uma TV pequena. Mas todo dia que eu entro aqui ela é enorme, ela tem os melhores estúdios, o melhor áudio, as melhores câmeras, os carros são maravilhosos. Porque se eu não conseguir transformar a empresa que trabalho numa coisa grande, eu vou ser pequeno também. O grande problema de quem quer ser grande é saber as suas limitações. Eu conheço as minhas. Eu posso nem enxergar Madagascar que é longe, mas eu vou fazer todo mundo saber que eu quero chegar lá e eu vou trabalhar todo dia para chegar lá. Posso não chegar, mas vou trabalhar todo dia para chegar. Se você parar para pensar, boa conduta, honestidade, ter credibilidade, ser verdadeiro, estudioso, esses valores se encaixam em qualquer profissão, qualquer uma. O jornalismo esportivo é como as outras profissões. Lógico que televisão tem coisas complicadas, as pessoas não tem noção às vezes. Aqui na TV Brasília, por exemplo, tem um personal styles, ele fala se a camisa tá amassada porque você não pode entrar no ar com a camisa amassada. A gente tem um salão aqui dentro, não pode entrar no ar com a testa brilhando, tem que passar pó. São cuidados que você tem que ter. Eu comecei minha vida como assistente de produção, depois fui repórter 12 anos de futebol, acompanhei o Flamengo seis anos na minha vida, sou carioca, em 1995 ganhei a oportunidade de narrar futebol no rádio e sempre prezei por uma coisa: Eu não vou para o microfone se eu não estiver preparado. Se eu não tenho tempo, vou arrumar, não durmo a noite, viro a madrugada. Eu não vou para o microfone se não tiver preparado de maneira nenhuma. Posso ir com a roupa rasgada, sujo, com sono, com fome, com sede, sem lavar o rosto, mas ir para uma transmissão sem estar preparado jamais. Seja lá de qual jogo, e olha que eu já transmiti Copa do Mundo, Campeonato Brasileiro, transmiti do campo do Barcelona, já fiz Fórmula 1, pra tudo há um preparo diferente, não interessa se eu vou transmitir Taguatinga e Gama ou se vou transmitir Flamengo e Vasco, para mim é tudo a mesma coisa, eu sei que tenho que ir preparado para os dois.

**Entrevistado D** – Acho que varia de acordo com que o que o patrão quer e segundo com que o chefe imediato quer. Esse perfil que defini aprendi aqui na TV, mas pode ser que não seja o mesmo perfil que o cara em outra emissora, em outro veículo de comunicação, outra mídia queira. Às vezes ele vai fazer um trabalho que o repórter vai ficar dez horas no meio de homens, ele não vai por uma mulher lá. Mas escrevendo bem, falando bem, tendo iniciativa e conhecendo a área, você é um profissional completo, aí não precisa variar, se dá bem em qualquer lugar.

**Entrevistado E** – Nós quando saímos da faculdade de jornalismo e queremos fazer jornalismo esportivo, os jornalistas homens principalmente, têm a idéia fixa do futebol. Futebol domina essa cultura esportiva no Brasil de forma impressionante. Querem fazer futebol porque é o que te dá visibilidade. Quando o Brasil se candidatou a sede da Copa do Mundo, a Fundação Getúlio Vargas fez um estudo e identificou o seguinte: 80% do espaço de esporte nos jornais é futebol. Os outros 20% é ocupado pela modalidade que está na ordem do dia, por exemplo, se nós temos a Formula1 naquele dia é Formula1 que ocupa esse espaço. Então para você ver como a cultura do brasileiro está voltada ao futebol. E a gente vê a cobrança na redação, ligam reclamando que a gente não deu informação do Campeonato Amazonense. Então a gente tem essa visão de querer fazer um jornalismo futebolístico que é o que dá retorno e visibilidade. Eu digo por experiência que não é. Seu perfil vai se formar em cima das pautas que você bolar. Uma vez observando os garis no caminhão de lixo e eu escrevi uma reportagem: Os atletas do lixo. Porque eles correm, fazem arremesso, e foi uma pauta de criatividade que ficou muito boa e diferenciada. Outra

vez vi duas pessoas agarradas ao rádio no estádio de futebol e vi que eram cegas, fui em casa peguei a máquina e fiz a reportagem na hora. Eles me disseram que iam ao estádio para sentir a vibração da torcida. A criação da pauta é uma coisa que ajuda muito na formação do teu perfil. Então você trazer pautas diferenciadas e não a mesmice para o jornal. O jornal hoje em dia está se pautando muito pelo cotidiano e está faltando a grande reportagem. A reunião de pauta deveria ser para saber quem vai fazer o que, mas a pauta está na rua. Às vezes uma palavra dita pelo técnico ou pelo atleta te dá uma pauta diferenciada que outro jornalista não vai ter, isso faz um bom jornalista. É preciso sair da mesmice, olhar os personagens e ver o que acontece fora das quatro linhas. O que te faz um repórter diferenciado é isso: escrever matérias diferenciadas e escrever matérias convencionais, mas bem escritas, bem apurada que esclareçam todas as dúvidas do leitor. Tudo isso forma o teu perfil independente da mídia.

**Entrevistado F** – Vale para qualquer mídia, mas é claro que o tipo de linguagem para cada veículo muda. O jornal impresso precisa ter uma análise maior sobre o assunto, ele não pode ser só notícia. Na rádio e na televisão muitas vezes você tem que dar só notícia porque senão fica muito chato porque se você falar uma coisa que chega lá no final o telespectador não tem com voltar para ver, o que aconteceu mesmo ali para estar falando isso agora? Então você tem que se prender a algum assunto e ir nele até o final da matéria. No jornal, na revista você pode trabalhar um pouco melhor isso aí, botar outros pontos de vista, uma coisa mais trabalhada. Eu acho que sim, o perfil do jornalista é o mesmo para todos, tem que ser curioso, ser perspicaz, prestar atenção, ser observador, mas a diferença do jornalista que cobre esporte para o que cobre outras áreas é a noção da leveza que ele tem que dar ao texto. O jeito de tratar é o mesmo, tem que saber o que é notícia e o que não é, mas como ele trata o assunto deve ser mais leve, não pode ser muito sério, aquela coisa muito turrona porque senão não vira texto de esporte. O perfil é o mesmo, a técnica de tratar o assunto é que muda.

**Entrevistado G** – Do que eu vejo local, Brasília, as pessoas que são do meio e jornalistas, eu acho que não foge muito desse perfil não. A maioria que eu vejo são assim: descontraídos, brincalhões, um pessoal até mais largado, não tem que estar todo arrumadinho como alguém que vai ao Fórum fazer uma matéria. Pelo menos o que vejo em Brasília é assim, no Rio de Janeiro sei que é assim também, o pessoal lá é bem brincalhão, descontraído. Já em São Paulo o pessoal é mais sério, mais crítico, analítico, então varia de lugar para lugar. Em Brasília não, um ou outro que destoa desse padrão, mas a maioria não varia.

**Entrevistado H** – Existe um perfil para cada mídia, mas isso está virando cada vez mais necessidade, o jornalista ser completo. Com essa questão multimídia, a gente aqui do jornal, por exemplo, a minha coluna já se transformou numa coluna de vídeo na internet onde a gente faz uma vez por semana, aí a gente faz um programa de debate esportivo na internet. Então a gente estava acostumado a fazer só jornal impresso, sem mostrar a cara, não tinha necessidade de concatenar as idéias como tem que fazer ao vivo ou em vídeo, mas tivemos que nos adaptar, estamos dando a cara à tapa, usando essa mídia que nos era estranha. Esse compartimentação, esse é de rádio, esse é de televisão, este é de jornal impresso, esse é de internet, isso está acabando. O jornalista tem que conseguir bater bola em todas essas posições, jogar na lateral, jogar no meio, na frente e até catar a bola e ser goleiro de vez em quando. Mas é claro que você tem um tipo de texto para TV, um tipo de texto para impresso, hoje a internet é muito em tempo real, então o texto de internet no Brasil é super resumido, objetivo, sem adjetivação. Eu questiono um pouco isso porque na Europa e nos Estados Unidos você já tem sites de jornais como o New York Times que você tem textos mais ricos ali na internet, grandes reportagens e aqui no Brasil não tem isso. Então você tem diferenças, características mais técnicas de texto entre a televisão, o rádio, a internet e o impresso, mas o jornalista tem que dominar todas essas características, o mercado exige dele que ele seja multimídia.

**Entrevistado I** – Varia. Se for de jornal é o que estou te falando, ele vai ter que proceder de uma forma, se você escreve para internet, você vai proceder de outra, na televisão também. Agora a criatividade é um requisito para todas as mídias. Onde ele estiver é legal que faça um material diferenciado. O que varia é a técnica, o estilo de cada um. E o conhecimento, o repertório histórico que ele tem do futebol. O repórter comum vai escrever um texto comum, o jornalista pesquisador que sempre quer trazer um diferencial para o leitor, vai buscar essas informações históricas. Esse se dá bem em qualquer mídia.

**Entrevistado J** – Não muda, você tendo profissionalismo, seriedade, responsabilidade, carisma, acho que todas essas qualidades são essenciais, manter-se bem informado. Mas claro que dependendo do veículo muda um pouquinho. A linguagem da TV é mais direta, é mais objetiva, usamos frases curtas, a linguagem do jornal impresso já é mais longa, você não tem o recurso da imagem, então você tem que descrever melhor como foi aquele gol, por exemplo, eu estou na TV eu mostro o gol e pronto acabou, já no jornal eu tenho que contar os detalhes, a descrição é muito mais minuciosa. Mas tem algumas diferenças, por exemplo, no rádio o profissional não precisa se cuidar tanto, eu digo fisicamente, afinal você não vive da sua imagem. Já na TV é completamente diferente, você vive da sua imagem, então seu cuidado nesse ponto é maior, você tem sempre que estar com a unha bem feita, sempre com o cabelo limpo, tem que estar em vestida, maquiada, não pode aparecer na TV com a cara inchada, tem que dormir bem. Então você é mais cobrada pela aparência física na TV do que no rádio ou no impresso. Então o que muda de uma mídia para a outra é o texto, o de rádio é diferente do texto da TV que é diferente do impresso. Mas as qualidades que falei que o profissional deve ter serve para qualquer área seja assessoria de imprensa, seja internet, seja o que for.

**Entrevistado K** – Muda porque depende da proposta do seu veículo. Se teu veículo exige que você seja um repórter informativo, você vai ser informativo. Se sua TV quer que você apresente um programa opinativo, você vai ter que fazer. Então você acaba mudando o perfil, às vezes até por necessidade de querer trabalhar ali você acaba se adaptando. Claro que você não pode fugir dos seus princípios. Mas dependendo do veículo muda o perfil sim. Agora aquilo que falei de apuração deve continuar sim, é fundamental. Se você tem que tornar um perfil mais opinativo, você tem que apurar ainda mais porque você vai ter que falar a notícia e em cima daquilo por sua opinião, mas dentro do correto, do apurado e não para fazer média com ninguém e não porque alguém está te pagando.

**Entrevistado L** – Hoje varia, a gente vê alguns meios de comunicação, por exemplo, o rádio, pela mistura que permite ainda hoje na legislação, de ter radialistas levando notícias como jornalistas você ainda acaba misturando um pouco as funções, mas eu acho que todos eles vão passar por uma depuração, vão ter que passar por uma especialização, cada vez mais as pessoas especializadas vão tomar lugar. Então aquele radialista que hoje cobre esporte, ele vai ter que se especializar tanto quanto o jornalista. Isso o mercado vai depurar, já está depurando, hoje você em muita gente preparada para fazer um jornalismo esportivo, essas pessoas vão dominar o mercado. Agora o que falei de ser crítico e escrever bem vale para todas as mídias. Esse é o futuro da profissão como um todo, você estudar, aprender e ser um profissional muito aberto. No meu tempo quando comecei a trabalhar, passei a me interessar pelo jornalismo, havia uma divisão muito marcada dentro das redações, (o jornalista imita a voz de outra pessoa) ah o jornalista esportivo só sabe de esporte, não eu acho que todas as áreas se completam você tem que entender de todas elas. Até porque há conseqüências em todas quaisquer atitudes hoje no esporte estão ligadas às questões econômicas, políticas, tudo inclui. O Presidente da República fala sobre futebol, então você não pode se alienar. O jornalista hoje tem que estar preparado para fazer matéria sobre qualquer coisa, este é o perfil do jornalista moderno, é o que vai ocupar os espaços no esporte, na política e em tudo.

**Entrevistado M** – Eu falo por mim porque sempre trabalhei com mídia impressa no jornalismo, não sei como funciona nas outras, não tenho experiência para falar sobre rádio e televisão. Mas eu acho que no geral, em questão de independência, de arriscar, de tentar ser diferente, acho que vale para todas. Mas eu não teria experiência para falar especificamente das outras áreas.

**Entrevistado N** – No jornalismo hoje, você tem que ter cuidado na área em que você for trabalhar. Primeiro tem o interesse da empresa que nem sempre é o interesse do que você traz da rua. Por isso tem o editor, o subeditor, editor-geral, diretor de redação, tem tudo. Porque é uma área onde a imprensa tem que lucrar, não adianta você chegar aqui com uma bela história, mas quem dá publicidade é o Governo. São poucos os jornais hoje que você pode falar assim: Esse tem isenção completa. Hoje nenhum veículo de comunicação tem isenção completa, você vê nas eleições. Em época de eleição Globo domina, ela cria Presidente e derruba Presidente. Então ela jamais vai deixar os interesses dela serem derrubados por causa de uma notícia. Ela tem que faturar para pagar os funcionários, então é meio complicado. Então acho que a empresa influencia no perfil do jornalista porque ela pode barrar. Mas de qualquer maneira de veículo para veículo você tem uma diferença, tive pouca experiência em TV e rádio, mas as diferenças são mais de técnicas.

**Entrevistado O** – Na TV a postura do jornalista é completamente diferente, não no sentido da notícia, mas no sentido de que você está mostrando sua imagem, tem que acordar e estar com a voz muito boa, tua imagem tem que estar boa, você tem que estar bem arrumada, pintura, uma roupa legal. No jornal impresso já não, você vem trabalhar de tênis, vem de camiseta, às vezes o cabelo está molhado. Nesse sentido é diferente, mas no sentido da notícia não, o repórter sempre está atrás do fato, da notícia, isso não muda em nenhum lugar, seja rádio, TV ou jornal. Sendo que a TV e o rádio são meios mais velozes, mais rápidos para a notícia chegar. O que muda em jornal é que você tem que tentar buscar um diferencial para suas matérias para não ser igual a TV e no rádio onde a notícia já foi dada no impacto, na hora. No jornal, às vezes, você acaba tendo a responsabilidade de procurar um algo a mais para sua matéria não ficar igual ao que já saiu porque todo mundo já deu aquilo e se você der a mesma coisa, não tem novidade. Tem que ir por outro caminho, vamos supor que teve um acidente e morreram dez, aí todo mundo dá: Morreram dez e não sobrou ninguém. Você vai ter que buscar o diferencial, se alguém ali naquele meio era um artista, você vai atrás do tio do artista, não interessa, você tem que ir por outro caminho para sua notícia ser notícia porque o fato já foi dado por todos.

**Pergunta 4) As novas tecnologias causaram algum impacto na prática do jornalismo esportivo? Essas novas tecnologias estão mudando o papel do jornalista esportivo? Essa situação exige que o profissional desta área aprenda a trabalhar de outras formas? Com que, de que maneira?**

**Entrevistado A** – Causaram bastante impacto. As novas tecnologias trouxeram facilidades ao trabalho, principalmente para a cobertura de grandes eventos. Por exemplo, cobrir Copa do Mundo há 30 anos não é a mesma coisa que cobrir a Copa hoje, uma Olimpíada. Principalmente a cobertura de um evento, você acompanha ao vivo, online, antigamente isso não era possível. A propagação da notícia é muito mais fácil, muito jornal hoje vive das agências de comunicação, nós mesmo do Jornal Coletivo, nós precisamos muito das agências, em época de Copa do Mundo, de Olimpíadas, nós não temos jornalistas lá, não bancamos essas viagens, a gente não tem essa despesa. A gente acessa a internet e têm as agências disponíveis, então nesse sentido facilitou muito. O trabalho é facilitado e dinamizado. Com as novas tecnologias sua relação de trabalho muda, por exemplo, você não precisa estar na redação para trabalhar, você se corresponde por e-mail com seu chefe, por vídeo-conferência, por celular, você está lá no campo de futebol com seu laptop e manda a notícia na hora para seu chefe, sem enfrentar trânsito. Na TV você tem aquelas câmeras portátil que você mesmo faz o vídeo e grava, muitas vezes roubando o emprego do

cinematógrafo. Se você entende de fotografia, você não precisa ter um fotógrafo te acompanhando. O papel do jornalista muda nesse sentido. Mas também não é desejável que você faça tudo, porque senão fica punk. Porque senão você cai num esquema de exploração. Esta relação de trabalho tem que estar muito bem estabelecida. Afinal você é um ser humano, sua saúde vai pifar, você tem relacionamentos além do trabalho, se você for fazer tudo, vai virar escravo do seu emprego. Isso não é desejável. Se você souber diagramar, melhor, mas desde que seja previsto este trabalho dentro de sua carga de horário de trabalho. Tem que ter um limite.

**Entrevistado B** – A internet causou um grande impacto no jornalismo porque você não ficou mais naquela situação de você ter um repórter cobrindo um time para botar no jornal, um setorista de rádio para dar informação no programa, hoje você não tem só um repórter em campo de televisão para dar informação. A internet abriu espaço para muita gente escrever, criar seu blog. Hoje você tem vários profissionais cobrindo os clubes, as competições e tendo espaço para divulgar tudo isso. A internet abriu um bom espaço, criou um leque de informações. Um exemplo mais claro, você tem hoje algumas páginas de internet que fazem transmissão online dos jogos, tem que por lá fulano de tal fez gol, a escalação do time, alguém está fazendo isso, esse é um exemplo de uma porta que foi aberta por esta questão das novas tecnologias. A disponibilização na internet de informações de gols, tem alguém fazendo isso, não é uma coisa automática, alguém vai lá seleciona e coloca isso a disposição. Mais um ponto que eu quero colocar aqui a respeito da televisão. A televisão passava até pouco tempo muito poucos jogos, que era só TV aberta, então a TV fechada abriu um mercado para um grupo de profissionais e agora com esse pay-per-view, claro que ainda é um produto exclusivo da Globosat, mas enfim, abriu um mercado para muitos profissionais, repórteres, narradores, comentaristas. Então o pay-per-view foi um fator tecnológico que é a TV por assinatura chegando à casa do público, abriu um espaço a esses profissionais. E esse é um profissional que talvez não tivesse chance na rádio, e da rádio foi para televisão. Então até certo tempo atrás esse profissional estava fora do mercado, então o pay-per-view trouxe esse profissional. O exemplo de Brasília do pay-per-view, a Globo precisava de alguém para transmitir os jogos daqui, do Brasiliense, aí foi buscar quem? Um profissional do rádio, o Eduardo Carvalho que era o locutor dos jogos daqui de Brasília, então abriu mercado para este profissional. Abriu também para repórteres e comentaristas. A rádio que em minha opinião continua mais tradicional, mais clássica. Quanto ao papel do jornalista talvez mude o cuidado na hora de soltar uma informação. Ele agora está sendo vigiado, antes se ele soltasse uma informação equivocada não era muito contestado. Hoje em dia ele solta uma informação, se essa informação não for verdadeira, alguém pode fazer um vídeo, soltar no Youtube contradizendo aquilo que ele falou. Então realmente aumenta o cuidado na hora de soltar informações. O que eu acho mais interessante é você como jornalista esportivo estar aberto a esse leque de informações e aprender com isso, essa interação vai aparecer de enes maneiras, começou com o e-mail, hoje tem o blog, na rádio tem a participação do ouvinte, no programa da Jovem Pan eles fazem muito bem isso, com o Eduardo Santana. Essa interação de informação é importante, até porque o público compreende muito o que acontece em termos de futebol, não é um público leigo, você tem que estar muito bem informado, conhecer muito do futebol para poder ser um profissional diferenciado no mercado, senão você será apenas um torcedor que tem um espaço para falar. Um dos motivos que deixei essa minha carreira em stand by foi exatamente esse, não estava conseguindo me preparar para ir para o rádio. Quem olha acha que é só chegar lá e falar cinco minutos, mas tem muita pesquisa por trás. Eu sempre gosto de pesquisar, analisar, pensar e isso requer tempo, até para escrever uma nota no blog, não sai na hora da minha cabeça saí dessa interação, desse estudo. Como vou dar uma nota se eu não vou ao estádio, se não li alguma coisa, se eu não acompanhar de perto? Isso tudo depende dessa interação que hoje está disponível para a gente. O profissional hoje tem que saber operar as novas tecnologias. Tem que saber usar o celular como meio de comunicação, internet e é uma coisa difícil, para essas pessoas das antigas principalmente. Eu não sou das antigas, mas sou muito tradicionalista daqueles de ouvir

rádio de pilha no ouvido. Acompanhei o surgimento do pay-per-view, então estou no meio termo, não sou um dinossauro, mas também não sou o mais avançado em termos de tecnologia. Sinto falta às vezes de ter mais tecnologia, por exemplo, eu podia ter o blog alimentado pelo celular, mas eu não tenho essa habilidade de colocar uma informação via celular. Eu gosto muito, por exemplo, do site Esporte Candango que tem acompanhado os jogos do campeonato candango, muitas vezes não dá para eu acompanhar pela rádio, na televisão só está passando jogos aos sábados, se eu quero saber qual foi o resultado de tal jogo é só entrar lá, time tal ganha de tal time, a velocidade da informação é muito rápida. O profissional tem que saber pegar um notebook com conexão wireless para do estádio já soltar essa informação ou usar um celular para lançar o resultado do jogo. Depois é hora de fazer um texto mais apurado, detalhado com a ficha técnica do jogo. É nesse sentido que o profissional precisa estar por dentro das novas tecnologias.

**Entrevistado C – Lógico. Positivo.** Porque as novas tecnologias só chegam para ajudar. Por exemplo, você tinha um tipo de telefone, depois você teve o telefone celular que pra mim foi a maior invenção dos últimos 200 anos, depois você tem o Nextel que estreitou mais essa comunicação. As linhas de transmissão eram físicas, hoje você tem linhas de transmissão por fibras ópticas, linhas de transmissão por dados. Os dados hoje não servem só para usar o computador nem para você enviar ou receber, faz transmissão. Conheço gente que foi fazer cobertura de Copa do Mundo e não usou satélite, usou notebook, Skype, MSN e fez uma transmissão de matéria, de jornalismo, jogou no computador, editou e mandou. Eu vi gente fazer matéria ao vivo pro jornal de uma televisão de Belo Horizonte pelo Skype. Então eu acho que essa tecnologia, ela mudou demais. Hoje você vai num helicóptero e você coloca uma câmera sem fio, hoje as motocicletas que faz São Silvestre não tem fio. Então facilitou demais, as câmeras mesmo, aqueles trambolhos não existem mais, você hoje pega uma câmera pequenininha põe no ombro e ela dá um show em qualquer outra. A própria tecnologia do rádio, no rádio para o repórter ir pra campo, e eu vivi muito isso porque eu já cheguei a trabalhar no Mineirão, por exemplo, com 600 metros de cabo, e eram cabos dobrados porque num cabo vai o que você fala e no outro vai o seu áudio, então era complicado, era uma macarronada. Nos grandes estádios, em São Paulo, Maracanã, Morumbi, era muito repórter para isso, então você tinha problemas sérios de áudio, porque a Embratel, a telefônica responsável, não estava preparada para tantas coisas. Hoje, Nossa Senhora, o repórter pendura um negócio do tamanho de um maço de cigarros que é onde ele vai ouvir e anda com um microfone sem fio na mão, não se suja, não se molha, não tem problema, não se enrola cabo, não perde entrevista! A modernidade chegou a um ponto que você instala linha de transmissão dentro da sala de imprensa, então quando você sai de campo não tem problema de arrastar cabo, lá dentro você já tem outra linha e microfone te esperando para você fazer uma entrevista coletiva. Hoje tem os gravadores digitais, como esse que você está que tem um HD dentro, cheguei a trabalhar com cada gravador que você nem imagina! Esses microfones sem fio hoje e esses rádios-comunicadores, eu trabalhava com um que não é brincadeira não, era do tamanho de um teclado de computador, eu usava para entrevistar, era enorme! Na Rádio Nacional mesmo, nos anos de 86, trabalhava com esses rádios, parecia rádio de guerra, isso para a gente entrevistar os caras em campo. Hoje você pega uma básica do tamanho de um celular, encaixa no microfone e vai fazer. Então eu acho que essa tecnologia facilitou e também faz parte da tecnologia o fato de ter internet porque aumentou a velocidade de informação. Hoje o brasileiro é muito mais atualizado, tem a cabeça aberta em termos culturais, muito mais que anteriormente. A facilidade de informações hoje é fantástica. Hoje só não estuda, só não vai atrás de informação, quem não quer. Se você não tem computador em casa, pega dois reais e vai à lan house, se você não vai à lan house liga a televisão, ouve um rádio e por aí vai. Então eu acho que a tecnologia só ajudou, só colaborou para o avanço das coisas, para o entendimento, para a abertura, para as pessoas ficarem mais inteligentes, participarem mais ativamente. Eu falei para você que honestidade, aqueles aspectos que formam pessoas para qualquer coisa, hoje o jornalista multimídia está um passo a frente. Hoje você tem que falar bem, escrever bem, se apresentar bem, comunicar bem, então o cara que tem isso, ele

é diferenciado. A televisão, por exemplo, tem uma propriedade que é a da imagem. O poema de Vinícius de Moraes funciona na televisão: Os feios ou as feias que me perdoem, mas beleza é fundamental. A televisão trabalha desse jeito. Essa coisa da beleza ainda é acentuada na televisão. Nas outras situações, nas outras circunstâncias, só vai prevalecer isso aí: é quem estudou mais é quem sai na frente. Aí o que acontece? Às vezes a pessoa não tem o padrão de beleza que a emissora exige, mas tem uma série de padrões que estão na frente do outro. Então isso está caindo, a beleza está começando a perder para a competência. Eu tive que me adaptar às tecnologias, por exemplo, cheguei aqui na televisão e fui gravar uns off's para o SBT, porque a TV Brasília é dona da TV Alterosa que é o SBT em Belo Horizonte, quando cheguei aqui me falaram que iam chamar alguém para gravar. Eu não quis, e perguntei como fazia e quis aprender a mexer em tudo. Tô afim de aprender! A modernidade também tem um problema sério, para algumas categorias da comunicação, as tecnologias e a internet foram prejudiciais: câmera man, operador de rádio, auxiliar de cinegrafia. Por quê? Isso tudo porque hoje o repórter vai para uma cobertura internacional, ele bota dentro da bolsa dele o microfone, uma câmera, bateria, um telefone celular e um notebook, ele faz tudo sozinho. Ele filma, ele faz a matéria, grava o off no computador, ele dirige, vai lá edita e pronto. Na guerra é que se faz muito isso. Então prejudicou algumas categorias, mas como o mercado é competitivo, aqueles que tiverem aqueles valores que te falei dificilmente vão perder para a tecnologia. A máquina tem um ponto que ela para, ela não consegue ter a criatividade de um ser humano. Ela tem a velocidade, mas a velocidade pode te levar à morte mais rápido. Algumas categorias de rádio perderam, eu já fiz muita viagem levando gravador, microfone, notebook e o operador que costumava ir comigo não precisou ir. De certa forma eles até ficam chateados com a gente e questionam porque fazemos isso sabendo que estamos tomando o lugar deles. A gente tem que saber fazer tudo, escrever bem, comunicar bem, aparecer bem, pensar bem, produzir bem, esse é o multimídia. É o cara que está preparado para qualquer coisa. As empresas querem caras que sabem tudo. Quanto mais você estuda a chance de dar um passo à frente é maior.

**Entrevistado D** – Acho que sim, ficou muito mais fácil. Antigamente dava muito trabalho fazer as coisas e hoje a tecnologia ajudou muito a gente. Não só no rádio, na época que entrei no rádio, que eu era rádio-escuta eu andava com uma cartucheira, se você quisesse achar alguma coisa dentro da cartucheira, demorava muito! Hoje a gente dá dois cliques no computador e já achou e já roda. Na TV é a mesma coisa, você quer achar um arquivo com gols, antigamente você tinha que colocar a fita de 90 minutos para frente, até chegar lá você já perdeu quatro minutos. Hoje você vai na pasta do computador, dá um clique e achou o gol e coloca para reproduzir. Então eu acho que isso ajudou e muito o jornalismo esportivo. Acho que mudou sim o papel do jornalista esportivo, com essa crise financeira mundial, isso determinou a diminuição de empregos, de pessoas, então a multifuncionalidade hoje dos profissionais está muito grande. Hoje é muito importante que o profissional saiba fazer de tudo. Sempre foi muito importante, mas antes você tinha o sonoplasta, tinha o editor, o locutor, o cara que fazia a produção. Hoje você tem que fazer a locução, tem que editar, narrar, tem que saber fazer tudo porque ajuda o profissional a se vender para a empresa. Você chegar com um currículo sabendo fazer tudo. Acho que é extremamente importante, então isso fez com que houvesse uma diminuição no número de pessoas trabalhando e um aumento de demanda para o profissional, o que não deixa de ser bom para ele porque vai saber fazer de tudo.

**Entrevistado E** – Está mudando o papel sim porque a instantaneidade da informação está exigindo um jornalista mais ágil. Aqui no jornal quando vamos para a rua, por exemplo, o Luiz Roberto Magalhães vai cobrir o Universo, time de basquete, que estará viajando para disputar uma partida do Campeonato Brasileiro amanhã. Ele vai com o gravador e ele faz um podcast lá, mas o Luiz quando se formou ele não aprendeu a fazer isso, ele aprendeu aqui dentro. Nos dois últimos semestres de 2008 o Correio Braziliense contratou uma equipe de professores do Centro Universitário de Brasília, o UniCEUB, para nos dar um curso de atualização sobre multimídia. Porque ali estou escrevendo para o jornal de amanhã e do

meu lado está o pessoal de internet já trabalhando a mesma informação que você só vai dar amanhã. Então não dá para trabalhar a mesma informação, você tem que fazer alguma coisa diferenciada. Por exemplo, o Rogério Ceni se machucou durante o treino. A internet já deu isso ontem às seis da tarde, o jornal da Globo deu à noite na TV, o Juca Kfourri já deu no CBN Esporte Clube às oito horas e hoje nós estamos dizendo isso? Mas se você não der essa informação, o leitor, o assinante vai ligar para o jornal e vai reclamar. Nesse caso o ideal é fazer a cobertura diferenciada. Pesquisar, qual foi o último goleiro que sofreu uma contusão tão grave? Que prejuízos o clube vai ter? Porque além de goleiro ele é artilheiro. Então isso tudo está fazendo com que você repórter hoje, não seja mais aquele que vai só com caderninho e caneta na mão para rua, ele tem que ir com telefone, máquina fotográfica, com tudo. Agora, quem vai dar essa formação é a universidade. A formação prática ele vai ganhar aqui nas redações. O repórter que está chegando às redações hoje tem que chegar aqui preparado para enfrentar a multimídia. Geralmente tem uma equipe aqui para escrever para internet pro Correio Web, mas a editoria de esporte tem que fazer muito isso de escrever para o jornal e para a internet. E o texto de internet é leitura rápida, o internauta não está acostumado com textos longos na internet. Nós do esporte estamos com este espírito multimídia. Há casos que o Luiz Roberto ou a Eneila Reis vão para a rua e fazem imagem, levam cinegrafista, fazem entrevista, fazem podcast e depois ainda vão fazer a matéria para o jornal do dia seguinte. O ideal seria que o jornal tivesse a grande equipe de internet e não uma para tudo, mas não tem, o jornal tem suas limitações, seus orçamentos, então o repórter tem que ser multimídia. E ainda tem os blogues onde todo mundo está virando jornalista porque hoje em dia o internauta além de ler, já pode participar. Então está desenvolvendo também essa concorrência, o que faz com que você apure cada vez mais porque você é questionado na hora. No mais as tecnologias aumentam a velocidade da informação e o repórter tem que estar mais veloz como já tinha dito antes.

**Entrevistado F** – Com certeza. Aqui na Record mesmo eles estão trocando o sistema analógico pelo digital. Isso deu uma agilidade sem tamanho para a gente, é uma coisa excepcional. A velocidade que a gente tem para editar as matérias é muito grande e você ganha mais tempo para trabalhar melhor o assunto, para deixar a matéria visualmente mais interessante, bota uns efeitos, coisas assim que tornam a matéria mais atraente para quem está assistindo. Então isso influenciou muito porque antigamente a gente usava só corte seco nas matérias, se precisasse fazer uma coisa mais elaborada a gente tinha que levar para a pós-produção. Na pós-produção eles colocavam os efeitos, coloca música e tudo, mas demora muito por causa do sistema que é usado, precisa renderizar aquilo, às vezes uma renderização de uma matéria de dois minutos leva dois dias. Então esse sistema digital de edição melhorou muito a vida da gente para editar as matérias, a velocidade, a qualidade para deixá-la mais atraente ao telespectador. Isso no programa diário. Na parte de transmissão ao vivo nem tem comparação porque a tecnologia melhorou muito. A qualidade dos cabos que a gente tem para fazer as transmissões melhorou também, então o risco de erro é menor. Para você fazer uma transmissão ao vivo, o uso de helicópteros, outros mecanismos para fazer as transmissões, com a tecnologia que evoluiu nesse setor facilitou muito também para levar informação para quem está assistindo. Então ainda bem que teve essa evolução tecnológica, facilitou muito nosso trabalho. Acho que principalmente na questão da agilidade, a tecnologia trouxe muita agilidade na veiculação daquela informação, então se você não dar agora o outro já deu e sua notícia já ficou velha. Então o jornalista precisa ter muito jogo de cintura para fazer logo aquele negócio e não errar, mas se ele não der logo o outro vai dar primeiro. Mas se ele errar também todo mundo vai saber que ele errou porque todo mundo tem acesso aquelas notícias. Mudou muito na forma do jornalista trabalhar por causa disso, por causa da velocidade, se você não der agora os outros dão e ele vai ficar defasado. Isso é uma coisa muito boa, principalmente para quem está vendo. Quem está vendo vai escolher o veículo pela primeira mão, pelo furo, pela atenção, pela forma como é tratada a matéria, então se o jornalista não faz aquele trabalho direito, outros vão fazer. Então a tendência é melhorar cada vez mais o conteúdo e a velocidade que você está dando aquela notícia.

**Entrevistado G** – Acho que sim. Nós da televisão, por exemplo, temos portal de voz, enquetes, participação do público. A TV está com uma postura de estar mais próxima do público. Antes você nunca pensava num telespectador participando do programa, ajudando a fazer o programa, ligando para participar. Até pouco tempo atrás isso não existia, hoje isso existe e está aumentando cada vez mais. Até cito a Globo com o Bola Cheia e Bola Murcha com o Tadeu Schmidt, é um quadro totalmente interativo, hoje a interatividade é tudo. Isso se deve à revolução tecnológica que nos dá condição de fazer isso. Daqui a pouco vamos ter a TV Digital, você vai poder pausar sua televisão, você vai clicar como no computador, vai poder buscar informações na internet sobre aquilo que está sendo mostrado ou sobre aquela pessoa, ou sobre o lugar. É a revolução tecnológica, quem não mudar vai ficar para trás. Eu acho que não muda o papel do jornalista esportivo não. Quando surgiu a televisão todo mundo achou que ia acabar o rádio e ele está aí até hoje. Acham que por causa da internet o jornal vai acabar e tá aí até hoje também. Dentro disso eu acho que nosso papel também não vai mudar, vai continuar sendo a mesma coisa. Agora vamos buscar mais a interatividade, essa proximidade com o público, você não pode achar que (o jornalista imita a voz de outra pessoa) ah, eu sou jornalista, sou o bonzão, eu sei, vou escrever assim e quem não gostar dane-se, essa postura não rola. Acho que você vê o que está evoluindo e tem que acompanhar, mas não mudar. Claro que você tem que estar ligado em todas as tecnologias, você tem que ser hoje um jornalista preparado para trabalhar no rádio, na TV, no jornal, na internet, ter um blog, você tem que ser multimídia hoje. Já que têm tantas tecnologias, você tem que estar preparado para lidar com elas. Você vai sair da faculdade e tem que estar preparado porque você pode trabalhar tanto no rádio quanto na televisão, como na internet, como no jornal. Cada um tem sua particularidade, mas é importante a pessoa saber fazer tudo, ainda mais questão de mercado, de procura de emprego, você precisa estar preparado. Se você é multimídia, você estará na frente de muitas pessoas. Eu mesmo já passei por jornal, televisão e internet, eu trabalhei no site Esporte Candango durante um ano. Cada um é uma linguagem, mas você tem que saber escrever para todos.

**Entrevistado H** – Um impacto imenso no jornal impresso. O jornal impresso hoje está sendo bombardeado pelas outras mídias, como já falei, o cara de esporte não vai fazer mais só o jogo, todo mundo já viu o jogo, já escutou os comentários na mesa redonda após os jogos. O leitor quer uma prospecção, uma informação dos bastidores que ninguém tem, quer algo diferente. Então esse impacto no jornal impresso é muito forte e o jornalismo esportivo se insere nisso, tem que mudar e sair do factual para acompanhar essa revolução midiática e tecnológica que nos atinge, hoje é tudo em tempo real. No Brasil e em alguns países de 3º mundo o jornal impresso ainda é a primeira leitura, mas isso está acontecendo cada vez menos. Nós tivemos um crescimento nos últimos três anos das classes D, E e C, que começaram consumir jornal que antes não consumiam, tivemos até o crescimento do jornal popular, então pessoas que não liam jornal antes, estão lendo. Mas a tendência é que as pessoas tenham acesso à primeira informação pela internet, pela televisão, pela internet no próprio celular, então você tem o Iphone onde você pode ler o jornal por lá. A sobrevivência do jornal impresso e de um jornalismo diferenciado, seja Esportivo ou não, é praticamente virar uma revista e mesmo assim não sei até quando porque as plataformas de leitura hoje, claro no Iphone é meio difícil você ler um jornal, é mais cansativo. É mais gostoso você ter um livro nas mãos, uma revista, o papel mesmo, mas as tecnologias já têm plataformas do tamanho de uma revista que você vai passando as páginas, se você quiser até os barulhinhos da página tem. O Correio Brasileiro já tem, você pode ler o jornal pela internet passando as páginas. Então daqui uns anos quem sabe, nem isso o jornal impresso, de papel, esse que suja as mãos vai ter de vantagem. Então a gente tem que estar preparado para isso e fazer o jornalismo cada vez mais diferenciado do que você tem do tempo real que essas novas mídias te dão na hora exata. Então é o que eu disse, os jornalistas têm que saber dominar as outras mídias. Nesse ponto um jornal que a gente chama de jornal impresso que talvez não seja mais impresso daqui a pouco, mas o Jornalismo em si que é a coisa de você apurar bem, procurar a boa informação com análise, com prospecção, isso vai

continuar seja na tela do computador ou na tela de um Iphone, seja aonde for, isso vai continuar, nunca vai acabar esse Jornalismo bem feito. Num momento como hoje, mudou completamente até a postura do repórter, do jornalista. Antigamente os jornalistas se achavam o 4º poder porque detínham a informação e passavam a informação aos leitores, telespectadores, ouvintes e internautas. Hoje temos blogueiros que não são jornalistas e sabem muito mais do que você, pode ter um especialista em handebol que sabe mais do que eu sobre esse esporte. Ou seja, o jornalista está muito mais exposto hoje porque as pessoas estão participando, o internauta participa do jornal, reclama na hora, ele já bota o comentário dele, critica, corrige, então a gente está muito mais sob pressão. Então o trabalho tem que ser muito mais abalizado, muito bem desenvolvido. O público agora não é mais só um receptor da informação, ele está interagindo com você e vai exigir cada vez mais de você.

**Entrevistado I** – Causaram. Principalmente a internet mexeu muito com o estilo do jornalismo impresso. Hoje não dá para você escrever o que o cara da internet já fez. Hoje é mais difícil você dar um furo no jornal impresso. Muito mais difícil porque a internet está aí o tempo inteiro, você pode ter um furo, mas aí esse furo vazou e a internet rapidamente publicou. O outro impacto foi essa mudança na forma de escrever uma crônica de um jogo, de um vôlei, de um basquete, isso realmente afetou. Precisa sim aprender a trabalhar de outras formas, é o caso do repórter do Globo Esporte.com que já citei. O repórter que vai a campo, vai com laptop, vai com gravador, vai com uma máquina fotográfica, então está tudo na mão de um só cara. Ele tem que ter o domínio de tudo isso, tem que ser multimídia. E de repente isso vai ser uma tendência para o jornal impresso também, ter que tirar a foto, escrever o texto, chegar com a arte dele, a infografia dele. Hoje por exemplo a gente está com um repórter lá em Goiânia cobrindo o jogo entre Brasiense e Goiás, falei para ele: Escreve o texto durante o jogo, quando faltar quinze minutos para acabar o jogo, faz o lide e manda. Depois você desce para fazer o vestiário e me passa por telefone o que os caras disseram. Então ele tem que dominar a tecnologia ali, para dar tudo certo na hora de me mandar a matéria, porque se não der certo ele vai ter que me passar tudo por telefone, o que dá muito mais trabalho e leva mais tempo e tem o deadline. Então o domínio não só da plataforma onde ele escreve como também das tecnologias, da internet, de modem, dessas coisas. Então isso realmente mudou e muito.

**Entrevistado J** – Mudou não só do esportivo como do geral. Mudou muita coisa para a gente, por exemplo, aqui na Record mudou muito, antigamente nossas ilhas eram analógicas, agora com essa tecnologia toda passou a ser digital. Então o processo de edição mudou muito, até o nosso equipamento, hoje só temos microfones sem fio, as câmeras são digitais, estão acabando com as fitas betas estão virando tudo CD e DVD. O papel do jornalista sempre muda porque antes não tínhamos a concorrência da internet. Então hoje a velocidade da informação é muito mais rápida, tá muito mais ágil e você não pode se acomodar tanto. Então você tem que mudar um pouquinho porque as notícias ficam velhas muito rápidas. Então, por exemplo, está acontecendo alguma coisa hoje no Flamengo e vou falar disso só amanhã ao meio-dia, nesse caso vou ter que aprofundar muito mais no assunto para não ficar no superficial da internet. A internet serviu para não deixar muito o jornalista de rádio, de impresso e de TV acomodado porque você tem que buscar um algo a mais, dar outro enfoque, procurar outro ângulo que ninguém falou. E por questão de sobrevivência o profissional tem que ser multimídia. Aqui em Brasília até poucos anos atrás a gente só tinha três faculdades de jornalismo e aumentou muito, a concorrência está muito grande, então você tem que jogar de todas as formas, atacar de todas as frentes, essa coisa de cobrar escanteio, correr, cabecear e fazer o gol. Sempre gostei de TV que é um meio que eu sempre trabalhei, aqui eu não sou só repórter, eu produzo minhas matérias, vou para rua faço a reportagem, eu chego, edito minhas matérias e vou e apresento. Então aqui eu sou apresentadora, repórter, editora e produtora, por questão de sobrevivência mesmo. Você tem que entender um pouquinho de cada porque na ausência de uma pessoa, você tem que aprender a se virar.

**Entrevistado K** – Total e absoluta, diga-se internet. Isso aí é batata. Do meu ponto de vista a internet já matou o jornal, está praticamente morto. Hoje em dia o jornal não dá furo de mais nada. Um amigo meu, o Roberto Naves do Correio Braziliense, já me disse que não me agüenta mais porque depois que entrei com o site eu “quebro” ele e não consegue mais dar furo. Ele para dar furo faz as matérias no Correio Web antes. E acho que vai matar o rádio também, com a entrada da TV Digital as pessoas vão poder acessar a internet por ali e logo o rádio vai embora. Com essa mudança da internet o profissional agora tem que ser mais preparado, ele tem que ser mais dinâmico e mais ágil sempre. Claro que muda o papel do jornalista. Aquele cara que narrava Osmar Santos, por exemplo, teve aquele acidente hoje em dia ele mal consegue falar, mas o Osmar Santos daquela época, hoje em dia ele teria que se interar, ser um profissional muito mais ágil, “pimba na gorduchinha” ele teria que esquecer isso porque hoje é uma linguagem mais objetiva, hoje não tem mais aqueles jargões. Você vê a diferença grande entre o Luís Roberto e o Galvão Bueno. Luís Roberto é da nova geração e Galvão Bueno da geração antiga, a dinâmica deles no ar é diferente. Gosto muito mais do Luís Roberto pela forma como ele age, pela forma como ele informa, o tipo de narração dele prende o telespectador. Galvão Bueno não, ele é mais opinativo, às vezes ele fala que está acontecendo coisas que não estão acontecendo, mas é dele isso, ele observa pouco, comete muitos erros na narrativa dele. Mas a internet muda tudo, a velocidade da informação. Hoje em dia não tem mais como esconder os fatos como faziam antigamente. Acho que essa mudança foi boa para o público em geral porque agora não tem como esconder fatos, nem como manipular nada. O jornalista tem que saber fazer tudo, aliás, o jornalista novo já sai da faculdade sabendo mexer com as novas tecnologias, ele tem que saber fazer isso porque qualquer redação que você for vai ser assim. Até os antigos tiveram que se adaptar, você vê grandes comentaristas esportivos, como Fernando Calazans, Juca Kfoury, eles têm blogs, então acabaram se aperfeiçoando.

**Entrevistado L** – Sim, muito. É o que a gente estava conversando, temos a TV que mostra tudo, tem internet mostrando tudo, cada vez mais a internet te dá alternativas de pesquisa para apurar suas matérias. Mudou muito, na década de 80, você ia para o estádio era só você e seu bloquinho de anotações, você contava com a realidade. A internet hoje é em tempo real, a televisão grava tudo com dez câmeras, tem tira teima, você vive hoje em outra realidade. Você hoje consegue conversar com jogador brasileiro que vive no exterior pela internet, consegue entrevistar, consegue informações sobre ele. Hoje um jornalista esportivo consegue informações sobre um time da China, são coisas que a gente há 20 anos jamais poderia conseguir. Hoje você vai para uma Copa do Mundo sabendo tudo sobre todas as equipes que estão ali. Na Copa de 2006 eu levei o nosso Caderno para corrigir em casa, ainda não estava pronto era o print e meu filho tinha então dez anos e ele corrigiu para mim várias coisas sobre os jogadores, seleções, (o jornalista imita a voz do filho) ah esse jogador não joga mais na direita, joga na esquerda. Por quê? Porque ele está ligado na internet. Você hoje tem como falar dos assuntos, conhecer a realidade dos esportes do mundo inteiro, tem como saber qual é a marca dos 100 metros rasos e essas informações te ajudam nas produções das matérias, na produção de um bom material. Hoje você não pode saber apenas escrever, tem que saber comentar, saber escrever para internet, tem que emitir sua opinião é isso que faz a diferença hoje. Muitas empresas já fazem você fotografar, você tem que ser jornalista fotográfico também. O jornalista hoje tem que ser multimídia. Confesso que estou longe disso, mas a gente tem que aprender, é uma questão de sobrevivência.

**Entrevistado M** – O fenômeno da internet ainda está um pouco recente para a gente perceber isso e no Brasil, por exemplo, eu não vejo tanto impacto ainda porque o povo já não tem acesso nem ao jornal impresso quanto mais a internet. Ainda existe essa restrição. Em Brasília no jornalismo esportivo a gente demora um pouco mais a sentir isso, mas acho que no Rio e em São Paulo, principalmente São Paulo que eu acompanho um pouco mais, têm muito jornalista que tem blog. A própria ESPN Brasil e Sport TV que são canais

assinados específicos de esporte, acho que eles entraram um pouco nisso, tentam fazer uma interatividade maior. A própria Globo busca um pouco isso naquele Bola Murcha, Bola Cheia do Fantástico, então tá tentando aumentar o relacionamento direto com o público. Mudar o papel do jornalista esportivo? Acho que isso pode até acontecer no futuro, por enquanto não vejo isso não, mas a gente vê, por exemplo, vou citar um caso da ESPN Eldorado que é um canal de TV à cabo lá em São Paulo que agora os jornalistas também comentam para rádio, não sei se está ganhando mais para isso. Há repórteres de rádio que estão virando repórter de TV, mas continuam ao mesmo tempo. Então existe um acúmulo de funções, a gente percebe mais em São Paulo, aqui em Brasília a gente vê um pouco disso, o Correio Braziliense agora está tentando entrar muito na área de internet, está investindo nisso, mas acho que ainda é prematuro para fazer uma análise sobre o impacto disso na carreira.

**Entrevistado N** – Acho que as novas tecnologias vieram para melhorar. Antes era na máquina de escrever, até para foto era filme, hoje já é digital, hoje tem internet que te dá muitas informações, dá para saber o que está acontecendo no mundo. As tecnologias só vieram para somar. Agora, têm pessoas que se adaptam e outras que não. Você tem que saber mexer nos programas, eu, por exemplo, não fiz nenhum curso de informática, mas aprendi tudo aqui no jornal. Mas hoje se a pessoa já vier com certo conhecimento em informática já ajuda. A tecnologia veio para avançar, agilizar a informação porque antes como eu fiz duas Copas do Mundo, olha a mão de obra: Você vai e escreve na máquina de escrever, enviava pelo fax, chegava aqui o cara colava, lia, titulava na máquina depois despachava, passava na revisão e se estorava a margem tinha que fazer de novo. Nas minhas viagens eu tinha que levar máquina de escrever portátil, laudas e depois de fazer a cobertura do evento ainda tinha que procurar um hotel que tinha fax, olha a cansaça. Hoje não, melhorou muito a velocidade. Você cobre ali, faz sua matéria no laptop e já manda para redação, nem precisa voltar para lá. Já está mudado o papel, o jornalista hoje trabalha de outra forma. Hoje todo veículo tem internet, tem seu site. Mas aqui no Correio, por exemplo, a equipe de internet é pequena, então nós temos que abastecer o site também. Então você tem que aprender a gravar, fazer vídeo. Nós temos um repórter aqui o Luiz Magalhães que faz tudo, escreve para o jornal, faz vídeo para internet, faz podcast. Ele foi para as Olimpíadas e mandava de lá o vídeo, ele mesmo levou a máquina, filmava, fazia tudo. Então quer dizer, o repórter hoje tem que ser multimídia.

**Entrevistado O** – Sim, com certeza. Inclusive agora, a gente tem sentido o impacto na pele, a gente hoje sai para fazer uma matéria e você não vai buscar só a matéria do jornal você tem que sair com o equipamento para tentar fazer uma matéria também de TV, que na verdade não é TV, é uma matéria mais para internet. Você também tem que sair para fazer às vezes um podcast que já está acoplado ao jornal agora, é a nova mídia do jornal. Então isso causa impacto, muita gente resistente, muita gente reclama porque eles acham que aumentou o serviço e o salário continua o mesmo. Você ficou com menos tempo e tem que trabalhar na matéria do jornal, da TV, do rádio, como é que você faz? Isso causou impacto, muita gente gostou, assimilou bem. Se você não parava, hoje você tem muito mais serviço, você fica muitas horas, sua vida acaba sendo aqui dentro (da redação). Às vezes até brinco e falo que vou trazer meu travesseiro e um colchão porque você está aqui de manhã, só sai de noite, você acaba vivendo aqui. Estamos vivendo uma atualidade, naquela época da mudança, lembro que quando saiu da máquina de escrever para o computador, também foi uma guerra, alguns amigos quase deixaram a profissão porque tinham muita dificuldade com o computador. Então com essa mudança que a gente está vivendo hoje, essa coisa multimídia, também a gente sofre um impacto, mas talvez menos porque as tecnologias estão mais aproximadas e antes era muito distante. As mudanças sempre geram impacto. As pessoas sempre vão reclamar de uma forma ou de outra, mas quem gosta da profissão acaba se adaptando, sofre, mas depois acostuma, faz parte do dia a dia.

**Pergunta 5) Você acha que as faculdades estão preparando os estudantes para essa área específica esportiva do jornalismo? Quais sugestões você daria para que houvesse uma boa formação acadêmica? O que seria fundamental aprender na faculdade para atuar no jornalismo esportivo hoje em dia?**

**Entrevistado A** – Acho que algumas estão preparando, outras não. Tive um estagiário que enquanto estava na faculdade cobriu as Paraolimpíadas e tinha divulgado este material no Correio Braziliense. Então ele já tinha este portfólio, isso é legal. Ele já tinha essa experiência, a faculdade proporcionou esta prática a ele. Mas no geral acho que os estudantes não estão preparados. Está faltando muito texto, falta prepará-los para o que vão encontrar aqui nas redações em termos éticos, termos de postura profissional, de como se portar nesses ambientes, as redações às vezes parecem um intervalo de segundo grau na escola, muita conversinha, piada, paquera, isso me deixa triste. Falta troca de informações úteis que nos ajudem a crescer. Talvez os jornais laboratórios com projetos do tipo que mencionei do estagiário pudessem ajudar mais. A academia sempre passa aquela formação mais genérica, sociológica, filosófica, que é importantíssimo, isso enriquece, quem se dedica a isso passa a interpretar as coisas de maneira diferente. Teoria e prática andam juntas, uma depende da outra. Para ajudar na prática, as faculdades deviam fazer mais projetos de extensão. Não precisa ser um grande projeto como cobrir uma Olimpíada ou uma Copa, mas cobrir, por exemplo, esporte comunitário. É extensão, levar a faculdade para fora dos seus muros, do seu meio acadêmico. Além disso, tem a cobrança pessoal, cabe a cada um cobrar a si mesmo. Tirar nota na faculdade e passar é fácil, tem que ter comprometimento e a academia ter mais rigor, cobrar mais dos seus alunos. Hoje tem muito PPP (papai pagou passou), então cabe a cada um estudar, ter comprometimento de se tornar um profissional melhor, fazer a faculdade só para ganhar diploma qualquer um faz. Talvez as faculdades devessem ser mais rigorosas, acompanhar mais, exigir mais de seus alunos, não aceitar qualquer coisa. Não sei o que seria fundamental aprender para atuar nessa área de jornalismo esportivo, não sei, talvez ter noção da história do esporte, regras dos esportes, esclarecer aquelas dimensões do esporte da qual falei, dizer que esporte não é só resultado, não é só a festa da torcida, mas toda essa formação, essa ciência por trás do esporte, falta abrir o olho do estudante para essas questões.

**Entrevistado B** – Isso é difícil responder por que não sei quais são as matérias. Talvez em determinado momento do curso a faculdade deveria disponibilizar determinados temas para você ter aulas não com jornalistas mesmo, mas profissionais especializados nessas áreas mais segmentadas como o esporte. Por exemplo, você está querendo se especializar na área de jornalismo esportivo, dentro da faculdade você não vai ter isso específico, mas se a faculdade disponibilizasse via seminário, via matérias optativas e trouxer profissionais que venham de outras áreas, mas que possam dar uma palestra e falar sobre jornalismo esportivo, seria um caminho interessante. Assim como quem quer se especializar em cinema, traz um profissional de cinema para dar uma orientação. Quero jornalismo econômico, traz um economista. Alguém que atue na área para dar um início do que vem pela frente no mercado de trabalho no que é importante.

**Entrevistado C** – Não, nunca. Eu tenho uma visão assim: se você não aprendeu a escrever seção no ginásio, a faculdade não vai te ensinar a escrever seção. A faculdade vai te dar um lado comportamental, ético, técnico, mas segundo pessoas com quem eu convivo, a prática é fundamental, é muito diferente disso. Eu trabalho com um cara que é professor de Ética, eu acho isso uma coisa super importante, é uma matéria que eu gostaria muito de dissecá-la porque a ética está ligada ao comportamento. Então eu acho que as faculdades deveriam hoje ter mais prática. Existem as práticas, faculdade com rádio, com televisão, mas que pelo que a gente vê os estagiários que a gente trabalha, noto que o preparo da faculdade nos veículos de comunicação internos é muito diferente do que a pessoa vai pegar no dia a dia. A faculdade deveria tirar um pouco os alunos de dentro dos laboratórios e por na rua. Falar: Hoje a matéria é na rua, hoje você vai à Câmara dos Deputados, vai ter uma sessão

plenária e você vai entrevistar dois deputados, você vai apurar e quando você trazer para cá, aí sim, você terá alguém para te orientar como editar, te falar se você perguntou certo ou errado, se sua maneira de fazer matéria foi boa, se não foi boa dizer onde você errou e onde pode melhorar. Então eu acho que o grande defeito é esse, é não por na rua. Quem gosta de laboratório é rato. Eu não posso aqui discutir a parte teórica da faculdade, não seria correto da minha parte, mas eu tenho competência para discutir as maneiras. Não existe hoje, que eu conheça, em Brasília, uma faculdade que direcione o seu trabalho laboratório ou o seu trabalho externo para um estádio de futebol. Como você vai ser um bom jornalista político se você nunca entrou no Senado Federal? Como você vai ser um bom jornalista esportivo se você não vai a um estádio, a um ginásio, ver um jogo do Universo de basquete, se interar, ver como funciona, acompanhar uma transmissão de rádio, de televisão in loco, ao lado de um repórter em campo? É isso que falta, ligar mais o aluno à realidade. Acho que o laboratório é muito fictício, ele não tem o time da pancada que a gente vive.

**Entrevistado D** – Não e não estão preparando o profissional para pegar o mercado de trabalho do jeito que ele é. Por que estou te falando isso? Porque também fui vítima disso. A faculdade não prepara, pelo menos na minha época e aquilo que eu tenho visto e observado aqui nos estagiários, não preparam os alunos para essa multifuncionalidade. Não prepara para essa situação de que você vai ter que fazer um monte de coisas, que você vai ter muito trabalho, que você não vai ganhar aquilo que você acha, então quando a pessoa chega aqui, acaba se decepcionando com a profissão. Mas é assim mesmo, não sei se diferente de outra profissão, não sei, acho que a faculdade deveria prepará-los e dizer: Olha vocês vão pegar o mercado assim pela frente. Tem que mostrar para a pessoa que vai ter que chegar aqui e vai ter que ralar. O pessoal até brinca, fala que é escraviário e não estagiário, mas é assim para conhecer como é que funciona. A gente tem que aprender de tudo, saber fazer de tudo, e a gente ainda faz tudo achando que está ótimo e ainda vai ganhar bronca. A prática na faculdade é muito superficial porque essa prática é muito diferente do dia a dia. Um ponto principal que eu sempre falo para quem chega para trabalhar comigo é: quem escolhe fazer jornalismo, escolhe não ter fim de semana. Principalmente esportivo onde tudo rola no sábado e no domingo. Porque tem gente que acha que é trabalhar de segunda a sexta. Direcionado para o jornalismo esportivo, as faculdade e universidades deveriam primeiro ter palestras com pessoas do meio esportivo, do jornalismo esportivo, que passem essa idéia de que fim de semana acabou. Não orientar bem é uma falha grave porque quando o aluno chega à empresa, o que a empresa pede hoje? Ela já quer um cara sabendo editar, que seja bom de vídeo, que saiba falar bem, isso é impossível, são poucos casos que você já sai da faculdade com experiência e já arrebetando. As empresas querem um profissional assim para ontem. E só a faculdade pode ensinar e dar essa oportunidade de saber fazer isso tudo com aulas de vídeo, de rádio, porque nenhuma grande empresa vai querer alguém que ainda não saiba.

**Entrevistado E** – Lamentavelmente não estão. A gente pode ver isso hoje, não tem uma disciplina chamada jornalismo esportivo. Quando eu vou fazer algumas palestras nas faculdades, antes eu sempre faço um teste. Eu digo: Vou falar uma palavra e vocês escrevam no papel o que lhes vem em mente. A palavra é esporte. Aí quando pego os papéis têm lá: Flamengo, futebol, gol, essas coisas, 70% são coisas ligadas ao futebol. A visão que ainda se tem do esporte, é futebol. Nossa cultura é futebolística. Então quando você chega à faculdade, esse consumidor da informação que está lá estudando jornalismo, a visão dele também é que a cobertura esportiva seja futebol, é só o futebol e o jogo e não existe mais nada atrás disso aí. Quando não é, porque temos 28 modalidades esportivas olímpicas, têm as não olímpicas, têm as paraolímpicas que é um mundo riquíssimo, os estudantes não têm noção disso aí. E quando vou dar a palestra e mostro um pouco desse universo, mostro minhas matérias, a variedade de coisas que produzo modéstia parte, eles ficam animadíssimos. E eles dizem: Meu Deus isso existe? E eu digo: Meu Deus vocês não sabem? (risos) Então se a gente aprende Jornalismo Econômico, Político, Cultural, por que não aprendemos jornalismo esportivo? O pessoal do Instituto de Educação Superior de

Brasília (lesb) pediu para eu fazer um programa de um mês de oficina de jornalismo esportivo com aulas aos sábados. Não tem texto mais gostoso de escrever do que o de esporte, porque não é um texto rígido, burocrático como o de política ou economia, mas as faculdades não estão ensinando isso aí. Vejo que as faculdades estão preocupadas com as questões multimídia, vi no UniCEUB a tecnologia que estão investindo lá, então o pessoal chega aqui dominando essa tecnologia, mas na área de esporte eles estão muito distantes daquilo que podem fazer. É preciso investir não só na teoria, mas ir para a prática. Hoje as faculdades poderiam dizer assim: Hoje você vai ao treino do Universo ou você vai descobrir como está o vôlei em Brasília. Aí o estudante teria que ir até a Federação, ver que times têm, onde treinam, conversaria com os técnicos e teriam que trazer o material amanhã. Teria que haver essa prática. Uma manhã na semana: Hoje você vai ao Banco Central, você vai ao Congresso Nacional. Eles tinham que fazer isso, fazer o repórter entrar no pique, não só da leitura que é importante, a pesquisa é importante, mas entrar na prática, no pique, isso é fundamental. É importante para quando ele chegar aqui no jornal, não ficar amarrado, nervoso na primeira pauta e entrar já com naturalidade. E acho que nossos jovens no último ano da faculdade deveriam ir para a batalha, fazer estágio. Eu sei que as faculdades têm seus jornais laboratórios, mas elas não te dão o mesmo pique da redação, do dia a dia. As faculdades podiam levar jornalistas esportivos para darem palestras uma vez por semestre e colocar os alunos para debater e não só para ouvir. E outra coisa, as faculdades devem alertar aos alunos que o mercado de trabalho nessa área não está só nas redações. O mundo de assessoria de imprensa nesta área é enorme, temos os Ministérios, as Confederações, os próprios atletas precisam de assessores e por aí vai. E será que as faculdades estão preparando os estudantes para atuar nestas outras áreas?

**Entrevistado F** – Não de jeito nenhum. As faculdades dão uma noção muito superficial de todos os veículos. Você tem contato com todo tipo de veículo, impresso, ainda mais agora que as particulares estão conseguindo investir nos laboratórios, então tem um contato muito melhor que na minha época, com jornalismo televisivo, com os impressos, a linguagem, a parte técnica toda. Mas é muito superficial. Quando há interesse do estudante em determinada área, se ele não correr atrás, a faculdade não dá aqueles parâmetros para ele possa aprender a trabalhar naquela área. Tem gente que é contra, mas eu acho que os estudantes têm que fazer estágio antes, porque depois que você se forma e for procurar emprego sem ter experiência não consegue. Então a faculdade não dá embasamento para o jornalista sair pronto para o mercado de trabalho e muito menos especificamente para cada editoria. Não dá, tem que ter um contato com a redação porque o que você aprende lá na faculdade, muitas vezes é o campo teórico. Então aquela teoria às vezes se aplica na prática, mas às vezes não, se você não tiver um contato com a redação, você não sai preparado da faculdade. Pode sair preparado para você dar aula, para o aluno que pretende continuar na vida acadêmica, fazer um mestrado, uma pós-graduação e voltar para faculdade para dar aula. Aí pode ser que ele tenha um embasamento pouco melhor porque ele se interessa por aquilo e o curso dá aquilo ali. Agora, para quem vai para redação é muito pouco o que as faculdades oferecem. Seria importante os estudantes terem contato com os esportes, saber como funciona as modalidades, estranho isso para o jornalismo, né? Mas para quem vai trabalhar na área é muito importante, por exemplo, você vai coordenar uma transmissão de um jogo de rugby, que é isso? O que eu vou fazer aqui? Quantos jogadores têm no time? Quanto tempo tem, se tem falta, se expulsa? Porque se você tem o horário da grade para cumprir da TV, como eu vou colocar isso aqui se eu não sei nem o tempo de duração do esporte? Então é importante ter uma noção de todos os esportes, saber as regras para não chegar boiando e dentro das faculdades que tivesse uma cadeira de jornalismo esportivo. Porque tem jornalismo econômico, político, editorial, então de repente poderia ter uma cadeira para jornalismo esportivo. Não sei se caberia afinal são muitas editorias, mas pelo menos colocasse como disciplina opcional, uma matéria optativa. Não precisava ser obrigatório, mas quem tivesse o interesse faria. Muita gente tem o interesse de entrar nessa área, inclusive na faculdade eu via. Quando estava na faculdade eu fazia parte do movimento estudantil, então tive contato com muitas faculdades de fora

também, então em todas eu via gente interessada nessa área. De repente seria uma saída, nunca tinha pensado nisso, ter uma cadeira voltada para essa área.

**Entrevistado G** – Acho que não. Tiro isso até da minha experiência, para dizer que não aprendi nada, se botar numa escala eu diria que aprendi 1% de 100. Para começar não tem uma disciplina jornalismo esportivo. No máximo você tem jornalismo especializado que dentro dele você fala de política, economia, esporte, cultura, de todos. No máximo você faz um jornal laboratório onde com certeza o professor não entende nada de esporte. Então o preconceito começa na própria faculdade, a gente não tem oportunidade de estudar isso na faculdade. Porque na faculdade eu já pensava em seguir essa área de esportes e olha que estudei no UniCEUB e na Católica e nenhuma me deu suporte. Se você depender só da faculdade para se especializar, você está ferrado. Eu não conheço tudo sobre esporte, mas eu conheço um pouco sobre cada um, mas isso eu sei por que sempre busquei por conta própria aprender, ler e corri atrás para saber. Se na faculdade não te ensinam nada disso, como você vai chegar à redação querendo ser jornalista esportivo? A dificuldade é muito grande porque você não sabe como fazer, como agir, não sabe o que esperar, como proceder, não sabe como faz no treino, como entrevistar um jogador. Aí vai escrever uma matéria de esporte e escreve como se fosse de política ou economia, porque você aprende isso na faculdade. Então é uma coisa que eu sempre fui contra, não ter a disciplina jornalismo esportivo, isso é surreal. Se é uma área grande no Brasil, como não tem uma disciplina para ensinar como fazer? Hoje a pessoa só aprende fazendo como aconteceu comigo, você erra, acerta e vai aprendendo. Minha sugestão é que tivesse a disciplina jornalismo esportivo e que fosse lecionada com alguém experiente que já tenha trabalhado na área, de preferência em mais de uma mídia. Porque o cara que só trabalhou em rádio durante 30 anos, não vai saber ensinar alguém que vai trabalhar no jornal, na internet ou na TV. Não que tenha que explicar como surgiu o esporte e tal, mas prepará-los para as redações para não chegarem totalmente perdidos. Saber tudo, ninguém sabe, mas saber alguma coisa é bem mais que não saber nada.

**Entrevistado H** – Eu me lembro que quando estudei na Universidade de Brasília, quando eu entrei no Campus que é um jornal laboratório, me lembro que um ou dois semestres antes, um grupo de estudantes tinham pela primeira vez colocado uma editoria de esportes no jornal laboratório. Começou só com matérias porque ninguém dava nada por esportes, no semestre seguinte virou uma editoria e quando minha geração assumiu o Campus a gente manteve a editoria de esportes e durante alguns anos outras gerações mantiveram, hoje não tem mais. Mas para você ver, precisou de uma geração de estudantes que gostavam de esportes para colocar ali como tema no jornal. Hoje tem no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo cursos específicos de pós-graduação em jornalismo esportivo. Mas eu ainda não vejo na graduação alguma coisa bem direcionada para isso. Não sei se é totalmente necessária que haja uma matéria de jornalismo esportivo na graduação, acho que pode ser uma coisa para pós mesmo. Mas nos anos de graduação você tem que ter acesso à informação, à pesquisa e a papos com pessoas que entendam de jornalismo esportivo, econômico, político, cidades, cultura, informática. Essa conversa dentro da academia é completamente necessária. Eu acho que esporte hoje já tem um lugar no jornalismo geral, um lugar de destaque. É óbvio que é muito mais masculino o público de jornalismo esportivo até hoje, as pesquisas mostram, a gente luta contra isso o tempo todo, a gente tenta fazer matérias que atraiam o público feminino, mas basicamente só em Copa do Mundo o público feminino acompanha as notícias de esporte. Mas ao mesmo tempo você vê no mundo inteiro como é pujante o jornalismo esportivo, transmissão de competições por TV, matérias de revistas com personalidades do esporte, então esse lugar já é bem forte, o esporte no jornalismo e ele requer uma atenção maior da academia. Você vê até a pouca produção de literatura esportiva, no país você não tem muitos especialistas escrevendo e isso tem que aumentar. Você vai a outros países e a literatura é imensa, você vai numa biblioteca, numa livraria em Londres e você tem uma seção inteira só de livros que tenham haver com esporte, de biografias de jogadores a professores de universidades fazendo

análises periódicas de um esporte tal. Então isso precisa realmente crescer no Brasil e a academia tem um papel fundamental nisso, de deixar de tratar o jornalismo esportivo como uma coisa menor do tipo é só uma diversão e é menos importante. É preciso ter palestras nas faculdades com especialistas na área, essa é uma ponte entre a academia e o mercado que muitas vezes não acontece. É bom também para nós que estamos no mercado que só ficamos dentro das redações e acaba não vendo o que está havendo de criatividade dentro de uma academia. Quando a academia fica muito distante do mercado, o profissional formado acaba chegando às redações meio crus e levam muita porrada da vida, no mercado, no dia a dia jornalístico. Então tem que haver uma troca de informações entre a academia e o mercado, palestras, seminários, deixar a informação rolar o máximo possível para quem quer seguir essa área do jornalismo esportivo para ter um background quando sair da academia. Agora é fundamental que o estudante goste de esporte, trabalhar vários fins de semana, o cara tem que gostar muito. E gostar muito faz acontecer uma coisa que é fundamental, entender os esportes. Não adianta você querer escrever sobre um jogo de vôlei sem entender as regras do vôlei. Você tem que ter fundamentação na hora de discutir aquele esporte, na hora de entrevistar um jogador, um treinador. Acho fundamental para um jornalista esportivo ler demais. As novas gerações são inteligentíssimas, sabem tudo de informática, e conseguem fazer tudo ao mesmo tempo, mas estão se esquecendo um pouco da parte da língua, ou seja, no Messenger eles usam só gírias, mudam as palavras e acabam desaprendendo o português. O jornalista hoje precisa ler muito, ler clássicos, Machado de Assis, ler revistas, ler jornais porque só assim vai conseguir escrever direito. E como o jornalista esportivo está bastante intrincado com as outras mídias, tem que trabalhar muito essa coisa de saber fazer um texto interessante para a questão da imagem e saber ter um linguajar para essa questão. O jornalista esportivo é um dos que mais precisam ser multimídia.

**Entrevistado I** – Não. Eu falo por mim, me formei em 2002. O jornalismo esportivo ainda é discriminado dentro das faculdades. Se você diz que vai fazer um trabalho de esportes, eles não gostam muito, principalmente aqui em Brasília, eles falam: Por que você não faz um trabalho sobre política, economia, ou nas embaixadas? Quando você vai falar de esporte há certa discriminação. Algumas pessoas ainda vêem o jornalista esportivo, o jornalista policial com o pé atrás. Mas quando você entra na profissão, você vê a importância que os jornais dão hoje ao jornalismo esportivo. Você pode ver o investimento que a Globo faz. Todos os sites de jornais hoje têm editoria de esporte, então a demanda é muito grande hoje, não somente pelo esporte nacional como também com o esporte internacional. Você vê hoje o interesse que a Liga dos Campeões da Europa, por exemplo, desperta, mobiliza muita gente. Hoje você vê, por exemplo, um molequinho pedindo ao pai para comprar uma blusa do Chelsea, do Manchester, ele não quer mais a camisa do Vasco. Então isso criou uma nova demanda. Os caras querem saber da Liga dos Campeões, do Campeonato Espanhol, do Campeonato Inglês. Então eu acho que as faculdades deveriam se preocupar muito mais com isso. Ter uma disciplina chamada jornalismo especializado, nessa disciplina seria o momento de descobrir o potencial de cada um, se você quer fazer jornalismo esportivo, economia ou política, então é hora de investir nisso, no potencial de cada um. A faculdade também poderia contribuir levando profissionais para debates, palestras, para os estudantes conhecerem o mercado, a profissão. Levar profissionais que acrescentem ao estudante a técnica, por exemplo, fazendo uma semana de oficina de jornalismo esportivo, levar o estudante com o repórter para fazer a cobertura de um treino ou para uma partida de basquete com o Universo, ou para cobrir uma regata que tem muito em Brasília. Agora talvez uns 50, 60% disso tudo esteja muito no interesse do estudante, o cara tem que ler esporte, assistir programas, ter uma visão crítica das coisas, ter seu juízo de valor, mas principalmente ler muito. Ler sobre Olimpíadas e Copa do Mundo principalmente, conhecer regulamento de campeonato. Às vezes os estudantes se acomodam também, (o jornalista imita a voz de outra pessoa) Ah, a faculdade não me ensina nada. Mas se você estudar, ler, entrar na internet, nos sites das confederações, pesquisar regulamentos, os esportes, você já deu um passo muito grande porque as técnicas você já tem, já sabe escrever lide, sub

lide. Agora sabendo o que é cada esporte, você já deu um salto muito grande e é um forte candidato para estar no mercado. Quando eu entrei na redação, sempre fui fanático por futebol, basquete, vôlei, agora teve alguns momentos que eu tive que cobrir campeonato de handebol, saltos ornamentais, patinação, automobilismo, isso tudo é muito complexo. Então o que eu fazia? Quando eu sabia da minha pauta, eu ia para a internet pesquisar, saber quem é quem, como é o esporte para você não ficar perdido.

**Entrevistado J** – Não. Quando eu fiz faculdade, isso já tem quase sete anos, eu até questionava isso: Por que eu tinha disciplinas como jornalismo cultural, jornalismo econômico e não tinha jornalismo esportivo? Eu acho que jornalismo esportivo podia sim ser uma disciplina. Principalmente porque é uma área que está crescendo muito e esporte todo mundo gosta, não há quem não goste. Tanto é que qualquer jornal impresso que você pegar o caderno, a editoria mais lida é o de esporte em qualquer jornal. Eu acho que as faculdades não ligam para o esporte mesmo, é o aluno que tem que se virar, tem que estudar por conta própria, ele que tem que ir atrás e depois fazer uma especialização. Deveria ter a matéria jornalismo esportivo. Claro que você tem que absorver um pouquinho de tudo, mas os alunos saem da faculdade sem saber em que área vão se especializar. Eu acho a faculdade extremamente superficial, não aprofundam em nada. Eu sempre gostei de TV, mas eu tinha colegas que não sabiam o que queriam se era rádio, fotografia, web. Então falta isso não só no esporte, mas falta a faculdade ajudar mais, guiar melhor os alunos. O aluno sai muito cru da faculdade de jornalismo. Falta prática na faculdade, a gente sai muito pouco para rua para fazer uma matéria, as faculdades tinham que pegar pesado por este lado. Depois a gente tem que aprender é na marra mesmo, depois você sai da faculdade e entra num trabalho, quando eu cheguei aqui eu não sabia, meu Deus, escrever um off, onde colocar uma sonora, de verdade, era assim mesmo! Como infelizmente não tem disciplina jornalismo esportivo na faculdade, o aluno deve correr atrás das informações, claro, tem que sugar o máximo das aulas que ele vai ter de Radiojornalismo, de Telejornalismo para ver qual meio de comunicação ele se identifica mais. Já que não tem essa matéria de esporte ele tem que estudar, comigo foi assim. Desde o começo queria jornalismo esportivo então estudei muito, li muito, assinei a revista Placar, assino a TV a cabo por causa as ESPN e do Sport TV, fiz o curso de arbitragem para me interar mais sobre as regras. Tem que acompanhar os jogos, é isso, vai aprender mesmo na prática.

**Entrevistado K** – Acho que não, pelo menos os estudantes que chegam para mim, acham que é interessante fazer esporte para você aprender, ter dinâmica, mas que aí depois é legal você ganhar a vida cobrindo política, economia, Congresso Nacional. Eles estão no esporte só de passagem porque para eles esporte não serve para nada. Funciona assim até hoje, te digo isso porque têm estudantes que chegam aqui para se aperfeiçoar, mas todos eles têm a mesma opinião. Alguns gostam, se apaixonam e mudam de opinião depois. A grande maioria que chega das faculdades não está despreparada, têm os textos fracos. Trazem muitas idéias, mas isso não é a faculdade que dá, isso vem de cada um, do seu dom. A faculdade tem que ensinar, pô tem tantas matérias, tem matérias de vídeo, matérias de escrita, faz laboratório, mesmo assim não preparam bem. Principalmente a parte escrita, observo não só no jornalismo, mas no universitário em geral que eles estão escrevendo muito mal, todos. O português é mal cobrado, aí que tá, é o inverso, é o mal da internet, do Orkut, do MSN, a garotada de 12, 13 anos que está na fase de formação só escrevem textos inteligíveis, você não consegue decifrar o que está escrito ali. A faculdade tem que acima de tudo prezar pelos princípios do curso de jornalismo, por exemplo, para ele ser um bom jornalista ele tem que ter o dom, tem que gostar daquilo, saber escrever bem, saber expressar aquilo que ele está apurando de forma objetiva e concisa, as faculdades têm que focar nisso. Precisam formar profissionais qualificados, aqueles que na teoria domina tudo e pode desenvolver a prática. Não pode sair um cara da faculdade que mal sabe escrever para depois querer aprender na redação e para só depois fazer o que realmente precisa que é fazer matérias. Recebo aqui pessoas que chegam da faculdade com textos ruins, erros primários de português, de regência, de concordância, de semântica e isso não pode

acontecer. Agora as regras dos esportes, isso aí é muito complicado, a vivência, a experiência, você vai estar nos estádios, nas quadras, enfim, você vai vivenciar aquilo e vai ganhar experiência ali, isso não tem como você tirar das faculdades. A principal coisa que o aluno tem que tirar da faculdade é a teoria, o princípio, ética, isso é o suficiente. Trazendo isso é o suficiente para que ele consiga ser um bom profissional na área, vai se destacar porque vai ter uma bagagem para aí sim, você jogar em cima dele a prática para que ele consiga juntar as duas coisas e evoluir por conta própria. Acho que poderia ter a matéria Jornalismo Esportivo na faculdade porque se você já tem a tendência, essa vontade, por que não? Por que não mostrar um pouco de cada coisa? Por que não pedir para ele cobrir um jogo de futebol? De basquete? Acho que é interessante sim, até para despertar nele a vontade. Entrevistar um jogador, comentar um treino, fazer trabalhos nesse sentido.

**Entrevistado L** – Não. Acho que as faculdades não estão preparando jornalistas para o mercado de hoje. Não só jornalismo esportivo, todos. Isso não é culpa só das faculdades de hoje, na minha época também. A teoria é válida, ela tem que existir, mas eu acho que ainda falta um pouco de prática, de pessoas que tenham um pouco a dizer sobre todas as áreas. O jornalismo esportivo ainda é um pouco deixado de lado nas faculdades, ainda não é encarado. As faculdades, as pessoas que trabalham, que idealizam os cursos, que comandam os cursos ainda têm um pouco daquele ranço que acontecia no final da década 80, começo da década de 90, ainda não se atentaram para essa realidade de que o jornalismo esportivo é sim um mercado, é possível ganhar bem, se sobressair, fazer sucesso e crescer na carreira. É uma opção e as faculdades ainda não entenderam e não mostraram aos jornalistas: (o jornalista imita a voz de outra pessoa) Olha você tem política, tem economia, tem cidades, mas tem esporte também. É até um pouco mesmo de preconceito que vem de jornalistas mais antigos e que hoje ainda fazem as faculdades. Deveria ter cadeiras específicas para o jornalismo esportivo, cursos com pessoas que já passaram pela área. Não tenho como opinar muito porque conheço muito pouco como hoje funcionam as faculdades, de repente há umas iniciativas de algumas faculdades, mas eu não as conheço. Vejo que uns profissionais entram mais no jornalismo esportivo por aquilo que conversamos no começo, mais pela vontade, pelo gosto do que efetivamente por saber que é uma opção. É importante aprender na faculdade primeiro a formação como jornalista e a compreensão de que é uma área como as outras que exige especialização, dedicação e conhecimento. Entender que o esporte tem sua relevância, conteúdo e informação. E tem que se preparar para isso com seriedade.

**Entrevistado M** – Não, a minha experiência de faculdade aí já vai mais de 16 anos, pelo o que eu passei de UNB, ela tem uma formação teórica muito forte, mas prática muito pouco, não sei como funciona as outras, não tenho muito contato com isso. Mas acho que a função da universidade é mais para preparar o jornalista, não vejo muito como preparar especificamente numa área, ainda mais uma área mais restrita aqui em Brasília. Aqui o forte do jornalismo em Brasília é o jornalismo político e econômico até porque é a capital do país e o futebol, falando do meu caso, não é tão forte aqui. O esporte mais forte hoje porque existe uma equipe forte no cenário nacional é o basquete masculino e eu não vejo também motivo para a universidade se especializar tanto na formação. Você formando um bom jornalista, ele depois vai se especializar na área de interesse. Uma sugestão é o próprio estudante fazer estágio. E pelo o que me lembro da UNB, é uma formação muito teórica e o jornalista na prática vai aprender quando estiver fazendo um estágio ou trabalhando ele vai aprender no dia a dia. Então eu acho que falta um pouco a questão prática na universidade, mas isso pode ser resolvido se o jornalista conseguir um ano de estágio. O ideal seria que fosse possível que todo estudante de jornalismo que quisesse conseguisse fazer estágio durante um ano. Agora como possibilitar isso não sei precisar isso, mas eu acho ideal que o jornalista consiga fazer estágio durante a sua formação.

**Entrevistado N** – Olha vou te dizer que não tenho muito conhecimento de como estão as faculdades hoje, então vou tirar como base as pessoas que chegam aqui como estagiários.

Pelo que vejo, tem que dar uma mexida, mas hoje as faculdades treinam melhor porque tem seus jornais laboratórios onde você pode treinar. No meu tempo isso não existia, então em relação ao meu tempo, está melhor. Agora se você me perguntar se eles estão saindo preparados da faculdade, eu digo que não. Você só aprende praticando, para isso você tem que estar empregado, depois você vai se adaptando. Eu quando entrei no Jornal do Brasil estava cru, eu não tinha nem curso de digitação, digitava com dois dedos, tudo é força de vontade. Primeiro eu acho que quem for dar aula de Jornalismo tem que ter passado por redação de jornal, ou de TV, ou de rádio. Tem que partir do princípio que o próprio professor tenha tido essa experiência. Ele tem o papel de não iludir o aluno: Você sabe o que está fazendo aqui? É essa a área que você quer? Tem que perguntar: Você quer ser jornalista, mas do que você gosta, de política, cultura, economia, esporte? A realidade de uma empresa é totalmente diferente do que eles ensinam na faculdade. Eles têm que deixar claro que sua matéria nem sempre vai sair do jeito que você quer, se seu chefe achar sua matéria meio polêmica, ela vai passar por muitas mãos, pelo subeditor, editor, editor-chefe, e aí vai. Esse mecanismo da matéria, os professores têm que deixar claro para o aluno. Tem que alertar os estudantes da realidade do mercado, que nessa profissão você não vai ficar milionário. As faculdades estão jogando no mercado cada vez mais formandos na área de Comunicação e o mercado está escasso. Acho que as faculdades estão formando os alunos muito para o Jornalismo em geral, mas não acho que deve ter um professor para cada área do Jornalismo, mas tem que ter alguém com noção, por exemplo, se eu chego nele e falo: Professor, quero seguir a área esportiva. E ele consiga me orientar. Você tem que ter algum professor que tivesse noção na área que você interessa trabalhar. Porque hoje você está ali e o professor nem quer saber que área você gosta, que área você quer trabalhar. Se ele souber o perfil de cada aluno que está ali, ele vai saber orientar melhor e aí você não sai tão cru. Do jeito que está, o ensino é muito genérico aí você chega à redação e diz que quer fazer esporte. Aí te perguntam: Você estudou esporte na faculdade? Você responde: Não, mas estudei política. O que adianta? (risos) Acho que na faculdade eles acham que esporte é moleza, estão muito enganados, não é não.

**Entrevistado O** – Não sei se estão preparando bem, até porque estou distante de uma realidade de faculdade há muito tempo. Não acompanho isso de perto, mas o que eu vejo de pessoas que chegam ao mercado de trabalho é que existe muita gente interessada em jornalismo esportivo. Grande parcela das pessoas que vem, mandam currículo vêm procurar emprego, todos querem entrar no jornalismo esportivo. Isso me causa até uma curiosidade porque você tem outras áreas tão ou mais interessantes. Porque se você trabalha numa editoria de política, seu mercado de trabalho é muito maior, você tem mais caminhos a percorrer. No jornalismo esportivo não, é uma área muito restrita, aqui na cidade principalmente. E eu vejo que essas pessoas que chegam, não só no jornalismo esportivo como em outras áreas, vejo que estão muito bem preparadas sim, com a formação gramatical mesmo e com a forma de atuar como jornalista. Alguns, isso é natural com qualquer pessoa que entre, têm dificuldade no início de como proceder com o entrevistado, mas isso aí é fácil, a gente tem que dar apoio, ajuda e dá dicas. Mas vejo que as pessoas chegam empolgadas e preparadas, alguns têm dificuldade às vezes na montagem dos textos, mas isso é natural, é com a prática que se pega. Mas especificamente da faculdade eu não tenho muito como falar por não estar mais nessa realidade. Agora o que seria fundamental ele aprender para atuar nessa área? Essa é uma pergunta difícil, acho que é aquilo que eu já falei, não só para a área esportiva, as pessoas têm que gostar e se optar pela área esportiva tem que estar buscando, se informando, lendo, a pessoa tem que se informar. Uma das coisas importantes para fazer uma matéria seja de vôlei ou de esgrima, é muito ruim quando você chega ao entrevistado sem nenhuma informação, então é interessante que você dê uma pesquisada, leia um pouco sobre o assunto, busque informações sobre seu entrevistado para você não chegar lá crua sem saber nada do esporte. Ter pelo menos uma base da informação, aí se você não conseguir, já aconteceu comigo e acontece até hoje em alguns momentos, você tem que ter humildade e falar, olha eu não domino muito esse assunto eu tentei até pesquisar, mas você pode me ajudar?

Tenho certeza que o entrevistado vai ser parceiro contigo e vai te ajudar. Tem gente que fala muito, até me lembrei de um caso, Nelson Piquet não gostava que as pessoas chegassem com perguntas cretinas, ele sempre tinha uma resposta para dar, as pessoas achavam ele grosso. Eu já fiz muita matéria com ele, com o filho dele, enfim é aquele o jeito dele, mas exatamente por isso, ele não gostava que as pessoas chegassem cruas até ele, mas também é o gênio dele.

**Pergunta 6) O que um jornalista esportivo pode esperar do futuro nesta área? Você acha que estes profissionais estão preparados para isso? Se não, como devem se preparar?**

**Entrevistado A** – O futuro é promissor, o esporte continua sendo um excelente negócio, podemos ver pelas cifras por aí. Em termos do Brasil, acho que estamos vivendo um ciclo de crescimento e quem estiver atento às oportunidades pode se dar muito bem. Tivemos o Pan-Americano, em 2014 teremos a Copa do Mundo e 2016 estamos pleiteando as Olimpíadas, são eventos que vão chamar muita atenção ao esporte e quem tiver fazendo uma cobertura de qualidade, diferenciada, vai se dar muito bem, é uma oportunidade muito boa que vai forçar as empresas a crescer, vão precisar de mais gente fazendo essa cobertura. Quem tiver uma visão empreendedora, nesse momento, pode se dar muito bem. O Pan-Americano deixou contas terríveis de dinheiro mal usado e poucos jornalistas cobriram isso. Copa do Mundo vai ser outra farra em cima do dinheiro público, temos que ficar em cima. A China se preparou para a Olimpíada, investiu no esporte e por isso liderou o quadro de medalhas. O Brasil está fazendo o caminho inverso, ele quer trazer o evento para depois desenvolver o esporte e não é por aí. Não estamos aqui para julgar, mas devemos retratar o que está acontecendo. As informações devem estar claras e acessíveis. Eu acho que estão preparados sim, os bons profissionais estão preparados, mas a formação nunca se acaba. A gente está se formando e aprendendo todos os dias. Para você crescer tem que estar disposto a aprender até o último dia da sua vida. Os bons profissionais devem estar dispostos a isso. Você tem que estar aberto, não pode estar fechado. É um desafio, quando surge uma nova tecnologia, não que devemos ser escravos das tecnologias, mas se é uma ferramenta que pode te auxiliar porque não aprender a mexer com isso? Temos que estar abertos, sempre lendo, trocando informações, a formação nunca acaba, nunca está completa. Alguns jornalistas pecam muito pela vaidade, se acham o supra-sumo, esse sentimento não é bom porque às vezes você se fecha para novas possibilidades, para o novo.

**Entrevistado B** – Eu acho que nos próximos anos, muita coisa, você vai ter uma Copa do Mundo aqui no Brasil, você vai ter talvez a possibilidade de ter os jogos olímpicos aqui. Cada vez mais o esporte vira um negócio, é um negócio. Acabou aquele romantismo dos anos 70, dos anos 80, o esporte é um negócio e você precisa ter profissionais que saibam buscar informações e saibam também emitir opiniões sobre esse assunto. Então com tanto evento acontecendo é uma área que está crescendo. Apesar de que acho que o esporte não seja uma das áreas mais importantes da nossa vida, tem muita coisa importante na frente, mas enfim, é uma área que tem seu impacto porque mobiliza, o lazer mais tradicional do brasileiro é o esporte. Acho que precisa mais formação em dois aspectos importantes, por um lado é muito importante você tomar conhecimento desses aspectos de bastidores de futebol, de gestão e administração de futebol, isso é uma carência muito grande no Brasil, não digo só na área específica de jornalismo esportivo, na área do esporte mesmo, na prática, então quanto mais os profissionais tiverem conhecimento e formação nessa área, mais enriquecido é o profissional para questionar os dirigentes. Para isso você tem que ler, buscar informações. Livros é um grande caminho, você deve buscar ler livros de assuntos de marketing esportivo, administração esportiva, tem muitos no mercado. Conversar com as pessoas, deixar só o foco de entrevistar os jogadores e treinadores e falar só sobre a partida, sobre o evento em si, mas conversar também com os dirigentes esportivos sobre o que acontece também fora das quatro linhas, esses bastidores do futebol, interagir com os

dirigentes. Tem um ponto ruim no jornalismo esportivo no Brasil que é rotular todos de cartola, tem muito dirigente ruim mesmo, mas tem muito dirigente fazendo coisas boas e merecem maior destaque e o profissional tem saber buscar essas informações também.

**Entrevistado C** – O jornalismo esportivo tem dois lados: a televisão e o rádio. Todo dia a televisão achata o rádio. E olha que o rádio é o veículo de comunicação do mundo. Por exemplo, eu transmiti a Copa do Mundo e recebi uma carta que veio de Tefér, no Norte do país onde não tem nada, era um grupo de militares agradecendo porque eles só tiveram acesso aos resultados dos jogos da seleção brasileira porque existia Rádio Nacional em onda curta que eles pegavam no meio de uma estrada de ferro, num matagal. Então, o rádio chega mais rápido aonde ninguém chega. E, no entanto há uma desvalorização do rádio muito grande. O rádio tem um compromisso no país importantíssimo, o rádio é ação social, é cidadania, é companheiro, é amigo, o rádio tira gente do suicídio, reata casamento, motiva as pessoas, o rádio instrui. Mas infelizmente nossas autoridades competentes não vêem o rádio com a força que ele tem. E muito menos o esporte. O esporte é visto hoje como fruto de produto financeiro. Tanto que quiseram proibir as empresas de bebida alcoólica de anunciar no futebol, isso está um problema danado porque na maioria do país você tem Brahma, Nova Schin, no Norte você tem Pitu, Ipioca no Ceará, você tem muita bebida patrocinando o futebol, eles quiseram tirar, mas o mercado não deixa. Não é porque a bebida incentiva você a beber, é porque bebida dá dinheiro para anunciar e é parceira eterna do futebol. E com isso o rádio está cada vez mais lá embaixo. Aquelas duas vertentes que eu falei, uma delas é que estão acabando com os repórteres de rádio em campo, a televisão tem uma idéia de que não pode trabalhar mais ninguém no gramado, só televisão pode. Mas espera aí, só pode ter o direito de ouvir o Romário quem tem televisão? Isso não é uma situação de domínio público? Como brasileiro, como homem que paga seus impostos, você não tem o direito de ouvir o seu ídolo, seu craque? Então estão querendo tirar o rádio, estão achatando o rádio, querendo tirar os repórteres de campo, tirar informação, querendo exorcizar o direito daquelas pessoas que moram em condições desfavoráveis em que a tecnologia chega, mas não pode ser alcançada. Mas ao passo que achataram o rádio eles abriram sites de esporte. Os sites abriram espaço, eles vão tomar conta do esporte. Eu ainda acho que o esporte é um grande caminho para o jornalista. Com esporte você viaja como viaja os correspondentes, você tem que falar inglês ou duas a três línguas, tem que estudar, tem que ter suas fontes, jogo de cintura, velocidade, mas isso em qualquer profissão você tem que ter. Só acho que o campo do esporte hoje tem uma abertura maior e uma competitividade menor. Principalmente as mulheres. As mulheres no jornalismo esportivo têm mais facilidade de se destacar mais rapidamente, com menos preconceito do que em outras funções. Hoje há mulheres comentaristas, anos atrás tivemos uma emissora de São Paulo e do Rio com equipes só de mulheres. Hoje você tem arbitragem, mulheres apitando jogos. Temos uma brasileira que foi duas vezes consecutiva eleita a melhor jogadora do mundo que é a Marta. É um mercado promissor. Se eu tivesse uma filha grande jornalista eu falaria que pode vir por aqui que você vai se dar bem, claro que se ela tiver competência também. Existem profissionais preparados, existem profissionais não preparados. Existem profissionais que a mídia fabrica e existem profissionais que fabricam a mídia. O profissional que não está preparado e não quer estar preparado, ele se perde fácil. O profissional que não tem a mídia, a mídia vai colocar onde ele quer, mas ele vai ser de aceitação ruim pro leitor, ouvinte e telespectador. Existe o profissional que faz a mídia, esse é o cara, é aquele que estuda, lê, constrói, que luta todo dia para conquistar o espaço dele, faz questão de dar informação primeiro, que faz questão de estar um passo a frente, que tomou a bronca porque errou e não porque ficou parado.

**Entrevistado D** – É um mercado em Brasília muito difícil. Tô falando da parte televisiva. Porque se for falar de rádio então a situação piora. Na realidade é uma faca de dois gumes. É um mercado pequeno, mas é um mercado que se encontrar muita qualidade vai ter que abrir. Se sair gente com qualidade da faculdade, formando os profissionais com a idéia que tem que ter do mercado, ninguém entra assustado. É difícil você achar profissionais hoje,

mas se eles vierem com qualidade, as emissoras vão abrir e dar lugar a esses profissionais. Hoje é muito difícil ingressar na área, na parte de televisão para o jornalismo esportivo é complicado. Na parte de rádio, falta profissionalismo em Brasília e por isso é muito difícil você ter jornalista esportivo no rádio. Por quê? Porque não dá dinheiro, não te tratam com profissionalismo, você é desrespeitado. Acho que para tudo tem salvação, mas é um mercado apertado no jornalismo esportivo. Em Brasília, porque nos outros lugares isso não acontece, nos outros lugares tem muito espaço, muita coisa para trabalhar, muita coisa nova aparecendo, é muito legal. Principalmente quem vem do rádio, sempre sofreu essa falta de profissionalismo e já vem meio resabiado quando vai para TV ou para outras mídias. Se eu trabalhei no rádio recebendo atrasado ou não recebendo, você já vai para outras mídias, você já passou por tantas coisas que já não é mais surpresa se acontecer alguma coisa ruim. Acho que nós devemos estar preparados para isso ou fazer alguma coisa para que isso mude. Mas é muito difícil porque a gente mora numa cidade politizada, as principais emissoras são ou de políticos ou de alguma coisa e a gente depende desses caras para fazer algo. Os profissionais, principalmente do rádio, tem que estar preparados para essas mudanças, ruins ou boas. Se estão preparados para isso eu não sei. Acho que tem uma parcela que sim e outra que não. Boa parte dessa parcela que não está preparada já está ultrapassada. E você pegar pessoas ultrapassadas para fazer alguma coisa é mais complicado. Outras não aceitam, acham que estão sempre com a razão e não querem mudar o modo de ser. E tem uma parcela que não quer. Então eu acho que são três tipos de pessoas que de repente não querem chegar lá, mas que atrasam a vida dos demais. Essa parcela teria que se modernizar para poder conseguir chegar nesse futuro que a gente prevê.

**Entrevistado E** – Acho que ele deve estar ligado nas novas tecnologias antes de tudo, na área de cobertura. A cobertura em si, não vai mudar nunca, os meios mudam, mas a cobertura não. Essa coisa de acompanhar o evento, acompanhar o treino, isso não vai mudar. Porque no treino ele está vendo a tática que o cara está dando, ele vai conversar sobre o adversário com os jogadores, um jogador poderá se contundir e ele está lá para registrar esse fato, então essa presença que o repórter deve ter, isso não vai mudar. Os meios de comunicação vão agilizar esse tipo de cobertura, de ir para rua. Então acho que a cobertura em si não vai mudar. Agora, os meios de comunicação vão exigir do repórter aquilo que a gente já conversou que são agilidade e diversidade no texto. O repórter terá que estar preparado para escrever dois tipos de matéria: a do jornal com mais detalhe e profundidade e da internet curto e objetivo. E ele poderá trazer também o podcast, leva o gravador e faz, por exemplo, a entrevista com o técnico do time. Agora nós estamos numa fase de transição, estamos pegando essa mudança, nós que já estamos no mercado e aqueles que estão chegando. E não, não estamos preparados, tanto que o pessoal do Correio fez aquele curso de atualização em multimídia que é para a gente aprender a usar esses recursos que já estão à nossa disposição, mas não sabemos usar. E onde é que fomos buscar essas informações? Na academia, na universidade, no banco escolar. E é a universidade que tem que fazer isso, ela que tem que preparar esse profissional. Olha que coisa interessante: o médico cuida do corpo, do organismo, da saúde e o jornalista trata com a mente das pessoas. Então esse jornalista tem que ser bem preparado para lidar com a mente humana. E tem que ser bem preparado por pessoas bem preparadas e supõe-se que estas pessoas estejam na academia.

**Entrevistado F** – O futuro da área de jornalismo esportivo é muito bom, eu vejo um caminho bem legal, principalmente por causa das tecnologias. A tecnologia evoluindo, ela vai melhorar muito a nossa condição de trabalho, iremos fazer menos esforços para chegar àqueles resultados, de uma matéria bem feita, bem editada, bem elaborada. E quando a gente tem que fazer menos esforço para chegar naquele resultado, podemos pensar mais na forma de como tratar aquele assunto. Para os programas do dia a dia, para as transmissões ao vivo é um caminho bem legal porque o esporte vai se profissionalizando. Todos os esportes estão melhorando de condição. Quando tem investimento, dinheiro, os

esportes melhoram de qualidade, aí a televisão transmite, aí o anunciante se interessa por aquele esporte, vira aquele ciclo. Quanto mais a gente dá atenção, mais anunciante vai ter, tendo mais anunciante, melhor pra gente porque tem o retorno financeiro para a TV. O esporte tendo qualidade a gente transmite um negócio mais legal, é sempre aquele ciclo. Então o caminho pro jornalista esportivo é muito bom daqui para frente. A maioria não está preparada. A maioria é muito reticente com esse negócio de tecnologia ainda. Acho que na nossa área de jornalismo esportivo, os jornalistas que estão entrando agora no mercado estão muito receptivos para essa mudança porque já tem contato com coisa básica, com computador, com edição não linear, com equipamento digital de transmissão de edição. Então essas pessoas que estão entrando no mercado agora estão muito receptivos, quem ta hoje ainda é muito reticente com essa questão de tecnologia, às vezes ele lida com aquilo ali porque ele é obrigado, se ele não aprender, ele vai embora porque os outros vão chegar. O problema está em cada um, é da pessoa. Ela tem que enxergar que aquilo ali vai ser positivo para a carreira dela. Se não enxergar isso, ela não vai sair do lugar. Eu vejo até alguns editores de imagem aqui que estão tendo que lidar com essa mudança para o sistema digital, que trabalharam 20, 40 anos com o sistema de corte seco que não tem interesse de aprender, não quer nem saber. Este tipo de profissional vai ficar para trás. Porque se você não se interessa, outros vão se interessar. Ou você aprende e faz aquilo com gosto ou você vai ser substituído.

**Entrevistado G** – Que vai ralar porque é difícil. O mercado é fechado, mais segmentado. As pessoas que você entrevistou, são as mesmas que há dez, 20, 30 anos fazem cobertura. Então é muito difícil surgir alguém novo. Você terá que ter um pouco de tudo para conseguir, de sorte, de talento, tem que batalhar, correr atrás, mas é uma área muito difícil. O jornalista esportivo, por causa daquela separação que rola nas redações, tem que provar mais do que os outros porque o dele vale menos que dos outros na visão geral. Para eles o esporte é menos. Então você tem que se esforçar mais que os repórteres de outras editorias. Mas eu sou esperançoso quanto ao futuro, ainda bem que a gente mora no Brasil que é um país que valoriza o esporte, apesar da política ainda não se voltar para o esporte e têm vários problemas, mas o brasileiro é apaixonado pelos esportes. Então o brasileiro sempre vai querer saber de esporte, não importa o que aconteça, seu time pode estar na quinta divisão, mas ele vai querer notícias sobre o time. É realmente uma paixão nacional o esporte. O futebol principalmente. O esporte em si, sempre terá público. Então sempre vai ter mercado de trabalho e espero que cresça mais ainda para abrir espaço para outras pessoas. Espero que não diminua porque hoje nas redações o primeiro lugar a cortar gastos é no esporte, o preconceito é grande. Acho que os mais novos estão mais preparados que os mais velhos. Esses que já estão aí há muito tempo talvez não acompanhe tanto essa mudança multimídia. Mas esses que saíram ou estão saindo da faculdade agora são pessoas que já nasceram inseridas nesse campo tecnológico, sempre acompanharam. É preciso se preparar, se especializar, buscar, se não conhece procurar saber. Até os mais novos, se não sabem tem que correr atrás. A televisão, por exemplo, que é um meio que mexe com muita tecnologia, eu nunca tinha trabalhado na TV, faz só dois anos que estou, o que eu fiz no começo? Quis aprender, perguntava: Como é isso, pra que serve isso? Como faz isso? O que é melhor nesse caso aqui? E essa imagem é assim ou assado? O que eu posso usar de tecnologia para melhorar minha matéria? Então tem que buscar saber, ninguém nasce sabendo, quem se interessa e corre atrás está mais na frente de quem está parado e acha que está bom assim. Fica acomodado achando que não precisa aprender mais nada.

**Entrevistado H** – Acho que o futuro para a área esportiva é terno. As pessoas sempre vão gostar de esportes e sempre vai querer consumir aquela reportagem, aquele jogo, aquele perfil, então as possibilidades do jornalismo esportivo são muito grandes nesse sentido. Sempre vai haver essa paixão pelo esporte que vai demandar um Jornalismo Esportivo bem feito. Porém o futuro é mais complexo em termos da multimídia, você terá que ser mais completo e o público irá exigir informações diferenciadas, em tempo real, então precisa que o repórter tenha mais informações, mais fontes, mais beleza de texto, nesses aspectos o

repórter esportivo terá que crescer cada vez mais. Como em toda profissão alguns estão preparados e alguns não. Você sente muita gente conservadora, não querendo sair, o que é natural do ser humano, se você se acostuma a fazer um tipo de trabalho é muito complicado alguém chegar e dizer: Olha esse trabalho aí, não é mais assim que se faz, você vai ter que fazer diferente. Eu mesmo tive que aprender a fazer diferente, a gente fica com medo, é um desafio, ao mesmo tempo é super interessante, te dá um tesão em fazer as coisas diferentes. A gente vai ter pessoas que até saíam da redação porque talvez não vão se acostumar a esse tipo de nova realidade no jornalismo. Mas isso acontece, temos várias profissões que já evoluíram outras já acabaram. Surgem novas profissões como Gestor Ambiental, há 30 anos não existia esse cargo e hoje todas as empresas têm um gestor ambiental. Então é uma questão de adaptação. O ser humano é adaptável ao mesmo tempo em que ele tem medo da mudança e resiste a isso, mas é muito adaptável. Alguns vão se adaptar, outros não. Tem muita gente no jornalismo esportivo da minha equipe, praticamente ela toda, que está pronta para o desafio, mas alguém pode me falar: Não, eu gosto é de escrever mesmo e publicar no jornal e não quero fazer nada mais do que isso. Mas o futuro está aí, aliás, não é mais futuro é presente e a adaptação tem que ser feita. Para se preparar é preciso abrir a cabeça. A gente aqui do Correio fizemos em duas turmas, eu participei da primeira, no Centro Universitário de Brasília, no UniCEUB, um curso sobre Especialização de Multimídia. Passei quatro meses fazendo esse curso, tendo várias aulas super interessantes de, por exemplo, Telejornalismo, Rádiojornalismo, para se adaptar a fazer vídeos, podcasts. A gente está sempre no impresso, escrevendo e foi bom reaprender isso, foi super legal fazer esse curso. Nós temos ali nosso diplominha de especialização de multimídia, não chega a ser um curso de pós-graduação completo, mas é super importante ele é inclusive aceito pelo MEC. E nos fez ter contato com algumas técnicas e algumas discussões teóricas também que nas redações a gente não tem. Esses cursos são uma das possibilidades desses profissionais que não estão preparados irem novamente para o banco da academia para aprender um pouco sobre essas novas tecnologias. E eu acho que a gente tem que estar sempre se reciclando, não é só aprender a editar um vídeo e ponto final, discuta também o que esse novo jornalismo pode ser, quais são suas características e fundamentos desse jornalismo, o que a gente pode fazer de melhor. Até para ter um novo conceito de jornalismo, nós devemos aprender mais, irmos atrás desses novos conceitos e técnicas para que a gente possa se tornar mais completo.

**Entrevistado I** – Eu acho que é um segmento em crescimento. Antigamente não dava para viver de jornalismo esportivo. Antigamente você tinha que fazer jornalismo esportivo e trabalhar em outra área como política para se manter. Hoje você já vê pessoas que vivem do jornalismo esportivo, são bem remuneradas. Você vê, por exemplo, a ESPN que é um canal que emprega muitos jornalistas, você vê Sport TV, os sites se espalharam. O grupo Globo, por exemplo, eles geralmente não dão tiro errado, ou seja, eles eram um grupo só de televisão e rádio, mas agora eles têm o Globo Esporte.com porque eles sabem que é uma demanda muito grande, o cara quer saber cada vez mais sobre o time dele. O Lance! é a mesma coisa, só que ele já começou como site e depois teve o jornal também. Então é um segmento em expansão e com certeza ainda mais por causa da Copa de 2014 que vai dar uma alavancada no jornalismo esportivo, as redações vão precisar contratar mais gente. Porque quando é Copa do Mundo em outro país você manda um ou dois repórteres, mas a Copa vai ser na nossa casa, você vai ter que mandar um grupo cobrir em Goiânia outro grupo em São Paulo, então isso vai dar uma alavancada ainda mais. E se vier as Olimpíadas de 2016 aí vai aumentar ainda mais, de repente as faculdades vão ter muito mais alunos procurando essa área do jornalismo esportivo. Vamos ter mais oportunidade, mas acho que alguns, aliás, a maioria não está preparada. Alguns se apegam muito, principalmente ao glamour. (O jornalista imita a voz de outra pessoa) Ah, vou ter acesso liberado! Quando teve Brasil e Chile aqui em 2005, no Mané Garrincha eu via muito, o cara fica deslumbrado porque vê todo mundo, vê o ídolo dele, vê Galvão Bueno, enfim, o jornalista esportivo pode se empolgar com essas coisas, mas ele tem que ser um cara concentrado. Isso é um dos requisitos básicos, tem que estar focado no trabalho. A gente vê

muita gente chegando, que gosta de fazer, mas não estão preparados, esse tipo de gente talvez vá demorar um pouco mais. Por exemplo, você faz o teste lá, quantos títulos o Ayrton Senna ganhou? Quantos títulos têm a seleção brasileira na Copa do Mundo? O cara geralmente não sabe esse tipo de informação, então ele sabe as técnicas, sabe fazer o texto, mas se ele não tiver esse tipo de conhecimento ele vai fazer aqueles textos rame-rame. A pessoa que quer entrar nesse mundo esportivo tem mesmo que se aprofundar, estudar, meter a cara mesmo. Para se preparar têm que ler mesmo, se informar, devorar textos, nesse aspecto os editores podem ajudar pegando no pé mesmo, falando: Seu texto está ruim, refaça e me devolva. E às vezes até chagando a medida extrema que é derrubando o texto, e mostrar os pontos, onde está errado, isso está ruim e por aí vai. Agora na questão multimídia, acho que hoje os que estão entrando, estão preparados sim porque todo mundo tem internet em casa hoje, todo mundo tem máquina de fotografar no celular, então eles têm o domínio da tecnologia. Aí varia de um para o outro na questão da velocidade, a velocidade do texto hoje, se você trabalha para internet é uma coisa louca. Se você acompanha hoje a rotina de um jornalista que está fazendo a crônica de um jogo online, ele vai escrevendo muito rápido, quando o juiz apita, ele já tem que colocar na internet. O cara que está fazendo impresso ainda tem um tempinho porque o jornal só sai no outro dia. E o cara da TV também porque tem que fazer edição. Então tem que ter velocidade, ter habilidade de sacação de fazer o lide rápido, escrever e pegar tudo e lançar. Agora os jornalistas que já estão no mercado, geralmente criam uma barreira, um obstáculo para as novas tecnologias. Esses geralmente ficam mais na redação. Algumas pessoas que têm essa barreira tecnológica se fecham mais na redação. Mas outros não, tentam dominar. Esses que não estão aprendendo vão ficar para trás, a tendência é essa, não adianta tampar o Sol com a peneira. Essas pessoas têm que se ligar, se antenar, procurar fazer um curso de informática, se atualizar. Correr contra o tempo mesmo, porque na Copa de 2014 a gente vai ter uma cobertura totalmente diferente do que a gente tem hoje, aposto nisso. Imagino que vai ser um repórter com seu laptop, de repente nem vai ser laptop vai ser um Iphone mesmo e o cara que não dominar isso vai se complicar porque é velocidade mesmo, não adianta a gente se enganar. Há quem questione até o futuro do jornal impresso acham que vai ser tudo na internet, ou que vai ter jornal impresso, mas vai ser distribuído de graça, então não tem como omitir isso, a questão da velocidade vai ser cada vez mais cobrada.

**Entrevistado J** – O esporte é o primo pobre, o primo feio do jornalismo a verdade é essa. Tanto que as pessoas dividem, me perguntam: Onde você trabalha, no esporte ou no jornalismo? Como se esporte não fosse jornalismo. E vejo a própria Record Nacional deixando o esporte de lado. As emissoras de rádio se fossem mais espertas iriam ver que se soubessem investir, é uma fonte certa de dinheiro, de audiência, de público porque o esporte sempre dá audiência, não há quem não goste, você lida com a paixão, você lida com a emoção do seu telespectador, do seu ouvinte, do seu leitor. Isso é um mistério, o time é uma coisa terna para ele. Então eu acho que falta investimento, às vezes eu fico meio triste quando fico vendo aqui em Brasília mesmo, tem muito jornalista que está se formando que quer esporte, mas é um mercado minúsculo, não sabe para onde entrar. Eu até penso nisso, se eu sair aqui da Record eu vou para onde aqui? Porque não tem, infelizmente aqui em Brasília o mercado é muito restrito. As pessoas que mexem com esporte tinham que abrir mais a cabeça, é a Capital Federal, tinham que investir mais em esporte. Um jornalista recém-formado no Rio de Janeiro ou em São Paulo, claro que vai ter muito mais perspectivas do que em Brasília. Ainda tem a questão de no futuro o profissional ser multimídia. Se eu fosse chefe e fosse contratar um profissional, claro que eu ia querer aquele mais completo, que sabe mais. Quanto mais completo você for, melhor para o seu currículo e melhor para você. Por isso que eu acho que você não deve se bitolar e ficar só fechado em um lugar. Não se acomode nunca. E eles querem profissionais que atacam por todas as frentes. Querem profissionais polivalentes. Com esse mercado tão concorrido a tendência é essa você tem que ser melhor possível em tudo o que você puder ser. Os que estão chegando agora, como falei, falta prática. Falta um pouco de informação, mas os estagiários que chegam aqui na Record, a gente sente muita vontade deles, são esforçados,

querem aprender. Isso é importante, quem está começando sente muita vontade, muita força para aprender, tem muita curiosidade. O esporte tem renovado muito. Se você ver, até na concorrente, na Globo, tem muitos repórteres novos, isso porque como te falei, no esporte tem muita gente acomodada. Você pega aqueles radialistas que já estão ali há 50, 60 anos. Vejo que está surgindo essa reciclagem, essa renovação, essa juventude, também querem mão de obra mais barata. Acho legal essa safra nova de pessoas que estão começando, principalmente mulheres, muitos estudantes estão mais interessados em esporte, coisa que eu não via tanto. Então esta turma que vem aí é boa, só falta a prática. Para se preparar é o que falei, estudando mesmo, tendo cara de pau de chegar um dia ligar aqui na Record e falar: (a jornalista imita a voz de um estudante) Olha aqui, eu sou estudante eu quero um dia ir para a rua com você para saber como faz, como é. Já que a faculdade não faz isso o aluno podia tomar essa iniciativa. Em Belo Horizonte eu fazia isso, ligava, por exemplo, para o Estado de Minas e dizia: Olha, me dá uma forcinha aí, eu não sei como é, posso ir ao treino com vocês?

**Entrevistado K** – Do jeito que está pouca coisa. Porque evolui pouco, o jornalista esportivo fica muito estagnado, ou ele busca novas formas de fazer a mesma coisa ou então ele acaba ficando de saco cheio. O futebol, o basquete, o vôlei, a Fórmula 1, não vão mudar, vai ser isso o resto da vida, então você tem que arrumar formas diferentes de cobrir aquilo ali, um diferencial, um enfoque diferente, um texto mais leve, um pouco de humor. Quem é o maior destaque no jornalismo esportivo hoje, o cara não era nada e hoje está super bem? Tadeu Schimdt da TV Globo. Por quê? Porque ele arrumou um jeito diferente de fazer, mais divertido, uma linguagem mais dinâmica, uma linguagem mais jovem e que agradou. Então as pessoas têm que partir para esse lado de tornar a coisa mais interessante menos chata, menos enfadonha e mais atraente. Olha, os jornalistas têm que estar preparados para esse futuro porque é exigência do mercado. A grande maioria não está. Vamos colocar assim: os que estão na faculdade podem até, se realmente se interessarem, saírem de lá um pouquinho preparados, quem está aqui já no mercado, se você me perguntar estão preparados? Eu lhe respondo que se estivessem preparados um Tadeu Schimdt só não se destacava, vários apareceriam. Como se preparar? Você tem que estar em constante mudança, você tem lá os seus valores, tem suas opiniões, tem suas premissas, mas você não pode se prender aquilo. Você tem que ler, ver, entender, saber o que está acontecendo, correr atrás, se informar e buscar dentro daquilo que você já faz, novas formas de fazer. Dessa forma você acaba conseguindo não ficar estagnado. A partir do momento que você acha que já sabe tudo, pode esquecer, acabou, pode parar, vai para casa, esquece. Se você nunca está satisfeito com aquilo, ótimo, continue não satisfeito que sempre vai sair coisa nova.

**Entrevistado L** – O crescimento da mídia como um todo está voltada para o esporte, a profissionalização. Eu acho que uma das áreas que tende a crescer mais é a do esporte. Principalmente porque o próprio país está vivendo uma profissionalização do seu futebol, do seu esporte, o esporte amador está entendendo que se continuar amador morre. Está vindo uma Copa do Mundo, já veio o Pan-Americano, podemos ter uma Olimpíada, é um campo a ser mais estudado, é uma opção de trabalho sim. Lembrando também de que só vai sobreviver o profissional multimídia. Ainda não estão preparados. É um trabalho que a faculdade deveria fazer dar essa visão a eles. E dentro do mercado de trabalho ter essa evolução contínua, diária, seguida e com essa perspectiva de que é uma área a ser estudada, trabalhada e que exige especialização. Eu não vejo hoje uma saída, como fazer isso, mas eu acho que é a dedicação mesmo dos jornalistas. A partir do momento que você tem pessoas preparadas, as faculdades vão enxergar isso. Acho que já estão enxergando, tem que enxergar. É uma mídia que está crescendo, o espaço vai crescer e aí é uma área que tende a ganhar tanta relevância que hoje o Jornal de Brasília, por exemplo, dá tanta relevância ao esporte quanto aos outros setores. O leitor exige, quer, o telespectador também está se preparando até pela quantidade de informações que recebe. Hoje se você não estiver pronto para responder os questionamentos dos telespectadores e levar

informações novas, você é desmascarado por ele na mesma hora, ele tem tantas informações quanto você. Leitores preparados são o que a gente encontra hoje diariamente.

**Entrevistado M** – Eu falo mais sobre Brasília, perspectiva de Copa em 2014, Brasília fatalmente vai ser uma das cidades escolhidas, então possivelmente algum clube de Brasília consiga aproveitar essa ocasião para poder subir para a série A, então a gente pode ter novamente uma boa época de cobertura. Especificamente em termos de futebol. De basquete, por exemplo, a gente tem o Universo que já foi campeão brasileiro, atual vice-campeão, então é um mercado de trabalho onde o jornalista depende que os times da cidade se desenvolvam. Em relação a Rio e São Paulo também depende muito dos resultados dos próprios dos times, eu vejo isso especificamente em relação à cobertura do dia a dia. Com relação à questão mais geral, a gente tem que ver como é que vai ser esse casamento de internet, desses novos meios com o jornal impresso, qual o papel que o jornalista vai ter nessa situação. Provavelmente o jornalista terá que ser multimídia porque a imagem está entrando cada vez mais dentro do jornal impresso, então ele pode ser comentarista, ser repórter, filmar, a tendência é essa. Acho que não estão preparados porque a gente não foi preparado lá atrás, não sei como é que é hoje em dia. Acho que é mais fácil o novo se adaptar a essa nova situação. Mas provavelmente quem está no meio e não conseguir se adequar a uma situação vai ficar realmente para trás, vai perder espaço no mercado. Acho que se preparar é só na prática mesmo, conforme for entrando questão de imagem ou de gravação de sonora, por exemplo, para lançar na rede, isso quanto mais a pessoa se adaptar a isso na prática mesmo, conforme a necessidade do próprio jornal, mais fácil vai ser a permanência dele naquela função.

**Entrevistado N** – Está cada vez mais difícil, cada vez mais você precisa ter mais fontes dentro dos clubes para conseguir fazer matérias com diferencial porque hoje está tudo igual. Está difícil, para você ter uma idéia na Europa os jogadores não dão entrevista, só coletiva. É tudo através dos assessores de imprensa. As pessoas acham que cobrir esporte é fácil que posso falar com o Dunga qualquer hora e não é assim, é difícil, você tem que ter um bom relacionamento, posso até ser amigo do Romário, mas não posso passar por cima do assessor de imprensa dele. Cada vez mais você tem que ter habilidade, você tem que ter um nível de conhecimento daquilo ali. Esse conhecimento você só adquire frequentando a área que você vai cobrir, tem que sair da redação. O que está prendendo hoje os jornalistas na redação é a internet porque você tem a informação ali, isso não pode acontecer. Essa é uma coisa complicada que vejo no futuro, meu medo é daqui uns tempos ninguém sair da redação para fazer as matérias. Você tem que lutar muito hoje para conseguir fazer uma matéria diferenciada, e tem que fazer, senão vai cair na mesmice de todo mundo. E no futuro você será ainda mais cobrado na questão multimídia, você tem que ampliar seus conhecimentos nessa área. Você tem que fazer parte da empresa e se a empresa tem um site, ou usa muito essa coisa multimídia, você terá que aprender a filmar, gravar um podcast, mas isso também não é nenhum bicho de sete cabeças. A Eneila Reis e o Luiz Magalhães fazem muito isso. Eu e o Paulo Rossi temos agora um programa onde a gente debate sobre futebol no site do Correio, a gente filma e faz o vídeo. Em relação a isso acho que as pessoas no vídeo deveriam ser mais espontâneas, hoje parecem bonecos no vídeo nem se mexem, deveria ser mais natural, com a roupa que você se sentir à vontade, claro que sem esculhambação. Agora, se não estiverem preparados para esse futuro, têm que estar. Só aprende quem faz, quem coloca a mão na massa. Eu não gostava de fazer vídeo, quando Paulo Rossi veio com essa história de vídeo para internet eu falei: Tô fora, não me chama porque não vou. Mas acabei experimentando e hoje eu gosto. Eu tive que me adaptar.

**Entrevistado O** – É como te falei, aqui em Brasília eu particularmente não espero muito, o que a gente acaba vivenciando de mais forte é quando acontece um Pan-Americano, Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, Fórmula 1, que são eventos maiores e a gente sempre tem um ou outro lá cobrindo, participando, isso é bom para o currículo. Mas eu não vejo um campo

assim, não tem muito que esperar, a não ser que você entre num jornal esperando ser chamada daqui um tempo para a TV que é uma área onde você sempre desejou, e de repente você é chamada para a TV do Rio. Mas eu mesma faço aqui por gosto, por gostar da profissão, por gostar do jornal. Jornal é contagioso, eu pensava naquela época em que me formei que nunca trabalharia em jornal, queria TV, rádio que é mais dinâmico, mais interessante e a partir do momento que entrei no jornal, nunca mais saí. Dentro do jornal especificamente os cargos que você pode almejar são os de subeditor e editor. Você entra como estagiário, passa a ser um repórter, dali você vai ser um subeditor e depois editor. Não galgo esses cargos para mim porque gosto de fazer reportagens, ir para rua, é mais dinâmico, só almejo permanecer no emprego, se Deus quiser (risos). Mas você me perguntou do futuro nesta área, a questão multimídia, não podemos esquecer, já está sendo exigida. Boa parte do jornalismo em geral, da comunicação irão exigir ainda mais e as pessoas que não se especializarem, forem de encontro a isso, provavelmente vão estar fora do mercado. Às vezes a gente até questiona, poxa, mas eu me formei em Jornalismo optando pelo jornal porque eu gosto mais de jornal, então vai dar muita encrenca aí, as pessoas ficam meio aborrecidas, mas é uma tendência mundial. Eu só lamento o fato de que às vezes você se tornando multimídia, me dá essa impressão, você acaba tirando outros empregos porque às vezes você fazendo a matéria do jornal, podcast, parte de vídeo, me dá essa impressão, que você está roubando o lugar daquele profissional que poderia fazer aquele vídeo, a pessoa do rádio, o próprio câmera porque hoje a gente já tem que saber como mexe ali, porque às vezes você tem a necessidade de ir sozinho e faz a filmagem. A coisa está ficando mais enxuta, vai se fechar um pouco o campo, muita gente pode estar fora do mercado e é essa parte que eu lamento porque muita gente precisa de emprego e o mercado está se estreitando. Se estão preparados? Os que estão na área, alguns já tem essa coisa nata, outros meteram a cara mesmo, gostaram e estão fazendo. Outros que já estão na área acho que não estão preparados, estão vendo a coisa acontecer, mas me parece que não estão acreditando que está acontecendo e não vão estar preparados. Alguns estão resistentes mesmo e não tem jeito. As pessoas que estão chegando, me dão a impressão que estão mais abertas a esse novo formato, até por estarem começando enfim, vai ser tudo novo, é mais fácil de adaptarem. Como se preparar? Bom nós mesmo aqui do jornal fizemos um curso onde toda essa linguagem foi passada para grupos de repórteres, ainda estão acontecendo os cursos. Teve um, depois teve o segundo, talvez tenha um terceiro. Não é que os antigos não estejam abertos, mas tem pessoas que você vê pelo perfil delas que não é o que elas gostam, não é o que elas planejaram. É aquela coisa, às vezes a pessoa gosta de impresso porque não gosta e não quer aparecer na TV, mas vai ser obrigada a fazer isso. Vai ter gente que serão resistentes a isso, não vão querer talvez participar desse processo. Enquanto esse processo for adiado, vamos dizer assim, até porque hoje não há equipamento para todos fazer isso ao mesmo tempo, acho que as pessoas estão adiando esse processo e na hora "H" talvez não estejam preparadas. Mas hoje não tem mais essa coisa de não quero, você tem que fazer de tudo um pouco, gostando ou não, porque caminha para isso.

**Pergunta 7) Há alguma peculiaridade ou particularidade sobre jornalismo esportivo em Brasília que seja importante destacar?**

**Entrevistado A** – O esporte em Brasília tem crescido muito, se comparado a grandes centros nós ainda somos pequenos. Brasília não tem times de futebol na primeira divisão, temos times instáveis que não se seguram. Mas temos crescido muito, temos bons atletas como a Lucélia Carvalho bicampeã Pan-Americana de caratê, temos um time campeão nacional de basquete. O esporte em Brasília, aos trancos e barracos está crescendo. E o jornalismo esportivo também, pois vai criando um interesse, um público. Brasília tem uma tradição no atletismo, nós temos o Joaquim Cruz, nosso campeão olímpico. Nós temos aqui em Brasília uma grande fonte, o José Cruz do Correio Braziliense trabalha nisso muito bem, que é a questão política do esporte, temos o Ministério dos Esportes o Congresso Nacional, então temos aqui essa dimensão política do esporte que é pouco trabalhada. O Cruz

trabalha isso muito bem e eu só sei falar dele. Poucas pessoas se atentam para isso. É uma coisa que Brasília tem a dar e que poucas pessoas exploram isso.

**Entrevistado B** – Hoje aqui em Brasília você tem duas mídias que são de massa, que atingem um grande público, uma é a TV Globo e a outra o Correio Braziliense. As rádios já tinham um grande público, mas são pulverizados. Não tem uma rádio que atinja um grande público, são várias rádios atingindo ao público. A TV Globo dá um devido destaque ao futebol até porque ela tem os produtos do futebol, como ela transmite série B, ela vende pay-per-view, quando é época de campeonato da série B, notícias sobre o Brasiliense, sobre o Gama, sempre deu abertura a isso. Dá muito destaque ao basquete, mas em compensação quando a gente tinha time da Brasil Telecom de vôlei, ela parou de dar destaque, parou de fazer matérias e tal, mas porque isso aconteceu? Aí vem a questão da relação, um dos editores de esportes da Globo é filiado a Federação de Vôlei, por conta de um atrito entre ele e o presidente da federação, a Globo parou de dar destaque ao vôlei como merecia. Então a gente está sujeito a esse tipo de coisa aqui na nossa imprensa candanga. Quanto ao Correio Braziliense, eu não sei por que, trata o nosso futebol candango em segundo plano. Entendo o fato de que aqui você tem muito torcedor de clubes de fora, do Rio, de São Paulo, de Minas, do Rio Grande do Sul, mas acho que o nosso campeonato hoje, não dá para comparar ele com esses principais estados, não dá para comparar com os demais estados, comparar o Campeonato Candango com o Campeonato Goiano, Catarinense, Paraense, estes estados tem o porte menor, mas são do mesmo nível do nosso em termos de técnica, de público nos estádios, acho que o Correio dá muito pouco destaque. Nos outros estados as matérias das partidas locais estão sempre na primeira página, aí depois que vem os outros estados, aqui é o contrário. Aqui tem um problema que ninguém vai aos estádios, mas isso não significa que o torcedor não queira acompanhar o esporte local. O torcedor às vezes quer acompanhar no jornal, na rádio as informações sobre o jogo. Observa como o Correio Braziliense escreve Campeonato Candango. Letra minúscula. Todo nome de competição é um nome oficial, tem que ser com letra maiúscula. Na mesma edição do Correio você lê Campeonato Carioca, Campeonato Paulista, Campeonato Goiano com letra maiúscula e Campeonato Candango com letra minúscula. Por que isso? Eu acho que o futebol candango não é melhor que dos outros estados, mas é o nosso futebol e é informação local. Para mim tinham que vir na primeira página do jornal sempre informações ou do basquete local, ou do futebol local, ou de outra modalidade local, mas tinha que vir local, porque o jornal tem que ter esse caráter local dele, a internet também porque no CorreioWeb acontece a mesma coisa, raramente tem uma notícia do esporte local. Falta de profissional não é, talvez seja uma postura editorial mesmo. Essas são as peculiaridades que observo aqui do esporte candango. Eu acho que a gente tem um esporte que é ativo, é vivo, tem as suas vantagens, tem as suas histórias para contar e tal, mas por algum motivo tem essa linha editorial que realmente coloca em segundo plano o que é nosso.

**Entrevistado C** – Brasília é uma cidade projetada, o cara quando vinha para cá, já vinha com o bolo pronto. Então, por exemplo, porque é difícil a aceitação dos times de futebol aqui? Porque o meu pai, por exemplo, é Flamengo, eu sou carioca e sou torcedor do Flamengo. Vim para cá Flamengo. Como você vem para cá Flamengo e muda para Brasiliense, Gama ou Ceilândia de um dia para o outro? Então aqui as pessoas não tiveram raiz no esporte. Elas nasceram com a concepção de que se você nasceu em Goiás ou você vai torcer para o Goiás, ou pro Vila, ou para o Atlético, ou Trindade, Itumbiara, Santa Helena, vai ser para um time goiano. Se nascer em Pernambuco vai torcer pelo Náutico, Porto de Caruaru etc. O cara que nasceu no Rio Grande do Sul é a mesma coisa, ou ele vai ser Grêmio ou Internacional de preferência. Então aqui não se nasceu com o futebol no sangue, aqui o futebol é injetado na cabeça das pessoas. Você tem que chegar para seu filho e falar: Vamos ao estádio? Vamos, quem sabe você gosta do Gama. O filho não vai porque torce pelo Gama ou Brasiliense, ele vai por curiosidade. Tudo em Brasília já é formado, já existe, então é uma dificuldade você levar telespectador para o estádio, há um

preconceito. Há um preconceito de anunciante, por exemplo. Você vai anunciar e pergunta qual é o produto e dizem que é Gama e Brasiliense, você diz não eu vou colocar é na Bandeirantes que vai passar Santo André e Corinthians. Você tem esta disparidade na cidade e os anunciantes da cidade não acreditam no nosso produto porque já vem com a mentalidade que aqui não existe esse produto, ele já vem formado, então aqui não se cria paixão e esporte é paixão. Até no comportamento do jornalista esportivo de Brasília, o comportamento é diferente por causa disso. Os jornalistas aqui são pouco exigidos justamente por não ter esse comportamento que nós temos em outros centros em que o cara sabe que às nove da manhã tem que estar no clube, que às cinco da tarde acaba o treino e ele tem que estar muito bem informado porque senão tem mais dez rádios que vão furar ele e vão cobrar dele isso. Aqui a impressão que eu tenho é que o cara que vai pro campo e pensa assim, hoje tem jogo, o que será que o Correio Braziliense e o Jornal de Brasília deram? Vou assistir TV Brasília para saber se tem novidade, ver Record, Globo Esporte que pode ser que tenham falado algo. Corre para a internet, acabou o jogo ele guarda o papel e joga fora. Aqui as pessoas não vivem futebol. Boa parte dos profissionais de Brasília são mal informados, não respiram, não vivem futebol todo dia. Não respiram jornalismo esportivo todo dia porque aqui não tem essa tradição. Então fatalmente como não tem tradição e a não tradição não leva a anuncio, e não anuncio não leva a investimento e não investimento não leva a salário, todos têm que ter dois ou três empregos. Aí acaba fazendo do veículo de comunicação esporte, um esporte. A falta da nossa população acreditar no nosso esporte leva a um segmento de coisas ruins e isso acaba caindo em cima do profissional. Quantos profissionais já saíram daqui?

**Entrevistado D** – Quem faz jornalismo esportivo em Brasília, não faz para ficar milionário. Faz porque gosta. Grande parcela dela, 99,9% faz porque gosta. Pelo que eu vejo aqui, jornalismo esportivo no rádio são pessoas que matam no peito e decidem fazer porque querem, porque gostam. Nos outros você tem um pouco mais de profissionalismo, no impresso e na TV. Então o que eu admiro aqui? Quem vem do rádio para a televisão, da mesma forma de quem é do rádio e está no rádio, trabalham com muito amor no que faz. Então o cara gasta a gasolina dele perde o sábado e o domingo com a família, a esposa pergunta: (o jornalista imita a voz de uma mulher) Ah, mas o que você vai fazer lá em transmissão de jogo? Você vai lá só gastar gasolina, vai gastar dinheiro e não vai receber nada para fazer isso. Mas você responde: Eu vou porque gosto de fazer esse negócio, eu adoro. Então gostaria de destacar que é feito com o coração e quem faz gosta e isso é destacável e louvável no meio dessa turma toda aí.

**Entrevistado E** – Brasília é o centro do país, é a capital do poder, mas por não termos aqui times de futebol fortes, parece que aqui não se tem esporte. Pelo contrário, aqui nós temos muito esporte, temos muitos atletas. Estou preparado um livro: Os 50 maiores atletas de Brasília. É impressionante, tenho que fazer uma peneira para caber apenas 50 porque formamos muitos atletas bons aqui. Temos a Carmem de Oliveira no atletismo; temos aqui o Hudson de Souza com duas medalhas pan-americanas de ouro; temos o Marilson de Ceilândia que é bi-campeão de Nova York; temos Nelson Piquet; temos Joaquim Cruz; temos Eronildes Araújo que é tri-campeão de 400 metros com barreira; temos aqui em Brasília a recordista mundial de lançamento de dardo paraolímpico, a Shirlene dos Santos que ganhou medalha de ouro nos jogos da China em Pequim; temos a Tatiana Lemos que é atleta de natação de revezamento 4 por 100; Lucélia Peres, uma das principais maratonistas dos país. Então nós temos atletas. Temos aqui em Brasília espaço que nos incentivam à prática de esportes, em decorrência de surgir atletas, que por falta de estrutura vão embora daqui. Não é que falta espaço para treinarem, mas faltam competições, o atleta não pode viver só de treino. Mas isso falta no Brasil inteiro e o atleta precisa competir para poder se avaliar e melhorar. Então Brasília tem essa vantagem de ser uma cidade com características geográficas e físicas propícias para a formação de atletas em várias modalidades, lamentavelmente por falta de Políticas e não de recursos, recursos temos tanto financeiros como humanos. Brasília é a terceira cidade do país em números de academias. Então

temos recursos humanos, muitos professores de educação física, várias faculdade de Educação Física, temos atletas, mas não temos a política. Essa é a peculiaridade do esporte em Brasília. Se você pegar um fim de semana e ir ao Parque da Cidade, em todos os parques de Brasília você vai ver as pistas lotadas de pessoas caminhando, fazendo exercícios, pedalando, patinando, jogando futebol, vôlei, futevôlei então é uma cidade propícia, é uma cidade onde se pratica muito esporte. E tirando a questão da competitividade, de encarar o esporte como qualidade de vida, é uma cidade que se exercita muito. Mas a imprensa como um todo não dá muita cobertura a esse fato do esporte como qualidade de vida. Falam em criar Vilas Olímpicas, mas não falam em concurso para profissionais da educação física, então quem vai orientar essas crianças, nas Vilas? É nesse sentido que falo que não há política. Temos lugares maravilhosos para treinar, mas não temos profissionais para orientar, para descobrir talentos. Não é que faltem jornalistas para cobrir esse setor também, é que o espaço destinado ao esporte na edição é constituído na maior parte pelo futebol. O futebol dá mais venda dá mais leitura então você tem que publicar futebol em detrimento das outras modalidades. Então falta espaço, se você pegar o jornal de hoje você vai ver, têm oito páginas, a página central está coberta por anúncio, depois tem mais anúncios de comerciantes dos quais os jornais se sustenta porque precisa. Para aumentar o número de páginas o jornal teria que ter uma sustentação comercial que garanta ele aumentar esse número de páginas porque vai ter maior consumo de papel. Então é tudo uma matemática e o futebol domina. Não falta esporte, espaço, nem atletas, nos faltam políticas. No momento que tivermos uma política nos esportes, eles ganharão evidência e o espaço vai aumentar em consequência.

**Entrevistado F** – Com certeza. O futebol daqui não é tão destacado como em outros estados, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo. Tem estados que o futebol não tem tanto destaque, mas o povo gosta muito como é o caso de Goiás e Bahia, lá eles não ganham muitos títulos, mas o povo ama aquilo ali, eles dão muito futebol. A gente dá o futebol daqui por quê? Outros canais, outros veículos não dão muita atenção para o futebol daqui, então um canal para quem gosta de futebol do Distrito Federal é a Record porque a gente sempre dá matérias dos times daqui. A peculiaridade daqui é o seguinte: o forte de Brasília são os esportes amadores, tem muita gente do esporte amador que se destaca aqui e acaba tendo que ir embora porque não consegue financiamento aqui para continuar treinando aqui. Você vê aí o Luciano Corrêa do judô, o Hugo Parisi dos saltos ornamentais que foi embora e voltou, inclusive quando eu perguntei a ele porque ele voltou, ele me respondeu que como o esporte amador daqui é mais forte eles têm uma abertura maior na mídia do que o futebol, em outros estados eles não conseguem muito destaque na mídia. A peculiaridade da cobertura esportiva daqui é essa, a atenção que a gente dá para o esporte amador. O esporte amador destaca muita gente aqui em Brasília, muita mesmo.

**Entrevistado G** – Só em Brasília você pega um jornal e lê notícias dos times de fora mais do que daqui. Poxa, aqui é uma cidade grande. Vai em Porto Alegre e vê se no jornal sai alguma notícia do Flamengo, vai ter com certeza, mas uma notinha, coisa pequena, mas não vai ser a principal notícia do jornal. Mas isso é de Brasília, afinal é uma cidade criada por pessoas que vieram de fora. Então a pessoa já vem com um time e não vai mudar de time porque mudou de cidade. A pessoa que sai do Rio e vai para São Paulo não vai deixar de ser Flamengo para virar São Paulo. Aqui acontece a mesma coisa e querendo ou não atrapalha o desenvolvimento do esporte na cidade. É ruim porque tira o foco das coisas da cidade para dar foco às coisas de fora da cidade. Uma matéria do Flamengo, por exemplo, pode estar tirando o espaço de uma matéria sobre o Hugo Parisi dos saltos ornamentais que é um dos maiores atletas da modalidade e treina em Brasília. Tinha o César Castro dos saltos ornamentais também que foi embora, tinha a Rebeca Gusmão que teve lá o problema dela, tinha a Mariana Ohata do triatlo. Brasília sempre teve muitos atletas em outras modalidades. Triatlo aqui é grande, corrida é grande, vai nas corridas e vê quantas pessoas correm, vai no Parque da Cidade num sábado, quantas pessoas tem lá caminhando? Tem esporte na cidade, falta botar no jornal. Mas eu entendo também essa postura, numa

matéria do Hugo Parisi vão ter menos pessoas lendo que os flamenguistas, por exemplo. Têm mais flamenguistas comprando o jornal e lendo, então isso é do mercado, de venda, de comércio. Isso acontece na televisão também, às vezes eu mesmo reclamo que a gente coloca pouca coisa da cidade, a gente tenta buscar coisas diferentes, a gente dá valor ao futebol daqui que não é valorizado em outros lugares. Se você pegar o Correio Braziliense e o Jornal de Brasília sempre vai ter só uma matéria sobre o futebol de Brasília. Mas eu entendo que não é uma torcida igual a do Flamengo, do Vasco, do Bota-Fogo. Você realmente não vai tirar uma página do jornal com uma matéria do Flamengo para por uma sobre o Dom Pedro, se você fizer isso, no outro dia o telefone da redação vai tocar sem parar com os leitores reclamando. Então eu entendo isso. No nosso caso, o nosso programa é local, a Record não tem um programa nacional sobre Esportes e aí querendo ou não estamos numa cidade onde têm muitas pessoas de outros estados que torcem para outros times e querem saber o que está acontecendo no futebol do Brasil. Como a Record não tem um programa nacional a gente ainda tem essa desculpa, mas têm outros que poderia dar o foco para os times locais e não dão. Mas também você não consegue deixar no ar um programa de meia hora só com matérias dos times de Brasília, isso está fora de cogitação, você não vai ter pessoal, tempo e nem pauta para isso tudo. Então tem que dosar, não supervalorizar os de fora no programa inteiro e nem deixar lá um minuto só de Brasília só para falar que fez alguma coisa daqui. Como é que vai crescer se agente mesmo não dá apoio? O próprio jornalista não apóia, não dá incentivo? Isso é fato porque a gente faz estudo de audiência, a gente vê que matérias de esportes amadores fazem audiência cair, mas se a gente não botar lá todo dia, tem gente que reclama. Então se a gente mesmo não colocar na TV, no jornal, no rádio ou na internet, como é que as pessoas vão se interessar? Essas são as dificuldades que vejo em Brasília, mas que cabe a gente mudar e a você também.

**Entrevistado H** – Tenho uma, mas não sei se é de Brasília, acho que é uma peculiaridade no jornalismo esportivo em geral, todas em relação ao mundo inteiro, é o ambiente mais alto astral de trabalho. É engraçado como a coisa da paixão que você não pode ter quando escreve, obviamente todos nós temos um time, mas quando estou em casa torcendo para o meu time é uma coisa, quando estou aqui na redação escrevendo é outra completamente diferente então tem que separar isso. Mas a redação inteira, em todas as editorias, é engraçado que quando há um jogo importante tem várias televisões na redação, mas todo mundo se concentra na editoria de esportes para discutir, para provocar o outro. Então você tem essa característica de ter um alto astral, uma coisa mais passional que é legal para o seu dia a dia de trabalho. Você trabalha se divertindo também, e você não tem essa característica em outras editorias também porque digamos assim, são mais pesadas, como política e economia. Isso é legal porque te dá um sangue para trabalhar muito mais fins de semanas do que os outros, de ficar aqui até depois da meia-noite porque no Brasil é comum os jogos acabarem tarde por causa da TV, colocam aquele horário de dez horas da noite e acaba depois de meia-noite. Ontem mesmo saímos daqui meia-noite e quarenta, então a gente sabe que vai ter esses percalços ou ossos do ofício, mas ao mesmo tempo a gente trabalha muito se divertindo, acho que mais que em todas as áreas. É uma impressão que eu tenho e que me faz ficar nessa vida há tanto tempo porque é divertido, você fica ali, mas gosta do que está fazendo, sente tesão por aquilo. As redações de esporte em todo mundo têm essa característica diferenciada em relação às editorias de outras áreas. Agora em relação ao jornalismo esportivo de Brasília, acho que uma característica importante é que aqui você tem que ser bastante completo. Porque O Globo só publica esporte do Rio de Janeiro, futebol, por exemplo, você vai ver as semifinais do Campeonato Paulista, vai ter só uma notinha, no máximo uma matéria no segundo assunto porque o que importa e o que o leitor do O Globo quer é notícias dos times do Rio, Vasco, Flamengo, Fluminense, Botafogo. Na Folha de São Paulo, Estadão é a mesma coisa, são só os times de lá. Vai ao Zero Hora do Rio Grande do Sul, você vai ver a mesma coisa. Agora aqui em Brasília a gente tem que dar bem, muito bem: 1) Futebol do Rio porque tem uma tradição de Brasília de sempre ter transmissão do futebol do Rio desde a década de 70, então a maior parte dos torcedores

em Brasília torcem por times do Rio de Janeiro; 2) São Paulo que tem o São Paulo melhor time do Brasil há vários anos; 3) Rio Grande do Sul que tem uma colônia grande em Brasília; 4) Minas Gerais que tem uma colônia imensa em Brasília; 5) Tem os nordestinos, muitos em Brasília; 6) Ainda tem o futebol internacional onde estão nossos melhores jogadores; 7) Futebol local com o Brasiliense na série B que já disputou na série A, o Gama que estava na série A caiu para série C, mas são dois times que já criaram uma rivalidade; 8) Esporte amador local, quantos atletas Brasília já revelou no triatlo, no vôlei, basquete, hoje nós temos o Universo que é muito forte no basquete nacional, já foi campeão brasileiro há dois anos. Então olha a gama de informações que o jornal, que Brasília precisa dar. Os outros jornais não, claro que todos precisam dar esporte internacional, mas os outros jornais não precisam dar ênfase aos outros estados. Já em Brasília têm, os jornalistas esportivos de Brasília tem que saber da sua paróquia e saber da paróquia dos outros também e da paróquia universal. Essa é uma característica que nos torna até bastante interessantes como profissionais. O profissional de Brasília se dá bem em qualquer lugar porque ele já tem o background de tudo que está acontecendo porque o leitor, o telespectador, o internauta, o ouvinte de Brasília exige. Até pelas características de formação da cidade que é jovem e tem muita gente que veio de fora com colônias de outros estados e até internacionais porque a gente tem as embaixadas aqui, tem essa demanda internacional, você tem muitos estrangeiros aqui.

**Entrevistado I** – A maneira como a gente cobre, o jeito dos nossos cadernos. Nós somos uma cidade nova, fizemos 49 anos agora. A gente não tem ainda uma identidade de torcida. Você tem hoje o torcedor do Gama que é o time mais tradicional que temos na cidade, time antigo que já disputou Campeonato Brasileiro várias vezes, de 99 até 2002 disputou o Campeonato Brasileiro em série, quatro campeonatos seguidos. Depois veio o Brasiliense e disputou um campeonato em 2005, na série A, eles tem torcida também, mas não é aquela torcida apaixonada. Se você pensar: Hoje tem Brasiliense e Gama. Não é de parar o trânsito, não vai dar engarrafamento, não é aquela mobilização na cidade que há em outros estados. Não vou nem falar de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul que é exagero, mas você tem, por exemplo, Belém do Pará onde você tem Paysandu e Remo, que é o clássico de lá, o morador de Belém já se posiciona e quando é o dia do clássico a cidade pára. Aqui não tem isso. E a peculiaridade, qual é? O Brasiliense pode ter vencido de sete a zero do Gama, no outro dia, a menos que não tenha nada mais importante do que isso, a capa do jornal vai ser o Flamengo, o Vasco, São Paulo, Palmeiras, por quê? A gente trabalha com leitura, com ibope, é como se fosse a televisão, o que vai dar mais ibope, a capa do Flamengo ou a do Brasiliense? A capa do Flamengo porque Brasília tem gente de tudo quanto é canto. É aí que te digo que nossa cobertura é diferente. Se você for ao Rio de Janeiro e quiser achar uma notícia dos times de São Paulo, você vai sofrer, você acha no máximo uma notinha. Aqui não, a gente dá uma página de Flamengo, uma de Fluminense e se você não der, no outro dia teu telefone toca com o cara reclamando que você não deu nada do Flamengo. Ninguém liga na redação para reclamar que a gente não deu nada do Brasiliense. Um ou outro liga reclamando que a gente dá pouco o futebol local. O mais peculiar aqui é isso, esse lance de Brasília, de você ter que atender a todos os estados. Aqui você têm muito carioca, que Brasília começou com eles, aí nascem os filhos já torcendo para o Flamengo, Vasco, Botafogo. A gente cobre o que está fora daqui.

**Entrevistado J** – Essa coisa de time. Se você vai para Belo Horizonte, o que você vai falar? De Atlético e Cruzeiro. Se você vai para o Rio, Flamengo, Fluminense, Bota Fogo e Vasco e por aí vai. Brasília não tem time, eu digo assim, infelizmente Brasiliense e Gama não são os primeiros times de ninguém. Brasília tem essa peculiaridade que nenhum outro lugar tem, lá eles vão falar do futebol local aqui não. Aqui infelizmente não dá. Eu queria muito fazer um programa 100% local, falar sobre o Dom Pedro, sobre Brasília, do Luziânia, mas por questão de sobrevivência, não dá audiência. Para eu conseguir ter meu ibope legal, ter minha audiência eu tenho que falar do Flamengo, do Vasco, do Bota Fogo, do Fluminense.

Brasília é uma cidade muito nova, só 49 anos, ainda não tem torcedores nascidos aqui. O Brasiliense é um clube que tem apenas oito anos de idade. Ainda não tem torcedores do Brasiliense, pode ser que daqui 20 anos tenha. Por ser uma cidade muito nova, é isso, não tem torcedores formados aqui.

**Entrevistado K** – Um amadorismo muito grande. O Choque, aquilo que a gente conversou, entre os antigos e os novos é muito grande. Muitos antigos não querem perder esta questão da antiguidade na força, (o jornalista imita a voz de outra pessoa) Ah, porque eu estou no ar há muito tempo, é assim, sempre foi assim e vai ser assim. Eles não querem evoluir. E os novos estão chegando. Eu procuro manter o equilíbrio entre quem está chegando e quem já está no mercado, esses é um dos motivos que levaram o Esporte Candango a crescer tão rápido. Para quem está chegando é muito difícil ter oportunidade, principalmente no rádio que digamos seja o meio mais forte nessa área, jornais são poucos que cobrem esporte, você conta nos dedos, são quatro. De site só tem eu, dou oportunidade para todo mundo que aparece, acho interessante você dar oportunidade para novos talentos porque você acaba evoluindo com isso. Você não dar oportunidade para uma pessoa que está chegando é bobagem, é porque você não confia em você mesmo. Se você confia, você dá. É isso que observo em Brasília, um amadorismo muito grande. Quem sabe um dia a gente consegue? (risos).

**Entrevistado L** – Brasília foi uma cidade que viveu para a política durante anos de sua existência, já vamos chegar aos 50 e imaginou-se que só teria política em Brasília e economia. E o que aconteceu foi que a cidade cresceu, tem vida, tem seus moradores que gostam de esporte, de cultura, de tudo. Hoje a política é mais um concorrente na cidade. O jornalismo esportivo em Brasília ao contrário de outras cidades como Rio de Janeiro e São Paulo que sempre tiveram um esporte forte, um futebol forte, já trilhavam por esse caminho. Mas agora se percebeu isso, há uma cidade que quer mais do que política. Estamos um pouco mais tarde, mas estamos no caminho. Brasília em pouco tempo vai ter um esporte tão interessante, tão presente na vida das pessoas como acontece nas outras cidades.

**Entrevistado M** – Aqui o que a gente sofre um pouco na área de futebol, por exemplo, é que como aqui é a capital do Brasil, você tem torcedores de quase todos os clubes. A exigência é muito grande para que se saiba do resultado de campeonatos mais variados possíveis. Aqui tem torcedor de Minas, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, então o papel é limitado, mas a exigência é muito grande. Aqui existe essa característica de você fornecer informação para um público muito grande de vários clubes diferentes. E nisso numa forma até de edição.

**Entrevistado N** – Olha, eu acho que os repórteres aqui tiram leite de pedra. O mercado aqui não tem muita projeção nacional. O futebol aqui não tem muita projeção nacional e não te dá leitura. Porque aqui você é torcedor do Vasco, do Flamengo, ninguém torce para o Gama ou Brasiliense, não tem aquele torcedor roxo. Tinha um mercado no atletismo, mas com tanta gente indo embora não tem como. O esporte em Brasília está meio jogado. Aqui só te dá boa leitura quando acontece algum evento grande, ou pauta do Universo, ou quando o Lars Grael da Vela aparece aqui. Então aqui é complicado.

**Entrevistado O** – Brasília é uma das maiores exportadoras de atletas. A gente tem muitos atletas de nome nacional e até internacional que saíram daqui da cidade. E acho isso uma particularidade porque Brasília não é igual aos grandes centros que têm estruturas e facilidade. Aqui a gente tem várias figuras, não dá nem para enumerar, mas tem o Oscar que saiu daqui, tem a Leila, o Harley que está no vôlei de praia, inclusive no Mundial, temos o Pipoca que deu uma aposentada nas cestas, temos nadadores, triatletas, é muita gente. Não sei se é pelo espaço ou ociosidade da cidade que as pessoas aqui ou estão trabalhando, ou estão em casa, alguns estão no boteco, então alguns para sair dessa vida meio ociosa, meio rotineira e alguns até para não se envolverem em coisas piores acabam

pendendo para o lado esportivo e se entregam mesmo. Eu sou do Rio de Janeiro sempre vou lá, é completamente diferente, é um grande centro com muita estrutura, mas não vejo em outros lugares tantos atletas despontarem de um universo tão pequeno, é uma peculiaridade de Brasília. Do ponto de vista de quem entrevista, o futebol no Rio de Janeiro, por exemplo, vai ter muito mais gente cobrindo futebol, o cara tá ali todo dia, lá tem muito mais notícias, surgem mais notícias pelo número de times também. Aqui nós temos menos times, mas também temos setoristas todos os dias lá no Brasiliense, no Gama que são times menores, mais novos em relação aos outros. Aqui a gente se desdobra porque existem muitas modalidades acontecendo, a gente é muito cobrado, sempre tem um ou outro ligando, reclamando que a gente deu a natação, mas não deu a bocha, reclamam que demos o xadrez, mas não demos o dominó. Todos cobram e a nossa realidade de jornalistas na editoria é pequena, então a gente tenta dar atenção a todos. Vejo que em outros estados eles não tem isso, eles setORIZAM mais para as grandes modalidades como basquete, vôlei, natação, hipismo e tal. Aqui não, a gente podendo vai lá ao karatê, no hipismo, vôlei, basquete, no esgrima, críquete, onde a gente vê que rende uma boa matéria a gente vai. Exceto alguns que não são esportes olímpicos, muitas vezes a gente deixa de lado.

### 6.3 Anexo C: Planilhas

Planilha 1 - Perfil

Pergunta 1/ Perfil	Texto	Postura Valores/atitude	Postura Profissional	Merchandising/Jabá/Patrocínio	Informação/ Opinião/ Comentários	Mudança do perfil/ Mídia	Livre
Entrevistado A	Coeso/ boa gramática/ responder perguntas do lead/ explicativo/ claro. Texto final é um diferencial (pronto). Texto JE - analítico, não só retrato do jogo - dados; números; estatística; ciência (não é opinião "eu acho"). Juca Kfourri é exemplo.	Valores éticos; rede de relacionamento.	Jornalista deve pensar de forma empreendedora. Pensar no mercado; (criar seu próprio veículo).	Merchandising - Jornalista ser pago por alguém (Jabá)/ Contra/ Apuração é chave para o bom jornalismo.	Imparcialidade é fundamental. O risco opinião -comprometimento "O jornalista não pode vender a sua alma".	Cada mídia tem sua peculiaridade. Mas o perfil é geral. Dependendo da mídia você terá que adaptar seu texto. Ai tem muito a coisa da técnica, cada mídia exige a sua.	Pauta: segurança/ torcida/ cartola/ instalação de estádios.
Entrevistado B		Ética é relativa, pois deve levar em consideração flexibilidade (jogo de cintura). Ética é um valor que fica comprometido pelas imposições econômicas (jabá, merchandising).	O diferencial profissional é saber trabalhar em todas as mídias. Saber trabalhar a informação nas três mídias tradicionais. O JE deve ser curioso, estar sempre atualizado.	Merchandising ajuda a viabilizar coberturas. Porém compromete a notícia quando é governo e grandes empresários. Não compromete quando o patrocinador não tem ligação com o esporte. A informação e a notícia ficam comprometidas, mas se é governo ainda há espaço para críticas.	Informação e opinião não podem ser misturados. A informação está para o jornalista novo, a opinião vem com experiência de conhecer arbitragem, marketing esportivo e o clube de futebol como empresa.	Você tem a mesma informação para várias mídias, tem que atingir vários segmentos. O público da rádio é diferente do público da internet e do público do jornal. Mas você tem que saber lançar informação de forma diferente a cada um desses meios.	
Entrevistado C			Enfático/ Comunicador/ Falar bem/ Escrever bem e falar mais de uma língua são fatores primordiais para o jornalismo. Ser sério, estar bem informado. Ter credibilidade é o ponto crucial pois ajuda a superar crises e a passar por mudanças.	Merchandising é ruim em excesso. Jornalista não pode ser refém do merchandising. O Merchandising em excesso compromete a notícia e o comentário.	Informação é diferente de opinião. Opinião é importante, mas o leitor, ouvinte, telespectador que deve tirar suas conclusões. A opinião não pode ser imposta, deve ser uma opinião informativa.	Boa conduta, honestidade, ter credibilidade, ser verdadeiro, estudioso, esses valores se encaixam em qualquer profissão, qualquer mídia.	
Entrevistado D			O jornalista deve ter domínio sobre o assunto que cobre/ especialização. O JE precisa falar bem e escrever bem.			Acho que varia de acordo com que o que o patrão quer. O perfil que quero para a TV, pode não ser o mesmo que o cara de outra mídia queira. Mas escrevendo bem, falando bem, tendo iniciativa e conhecendo a área, você é um profissional completo, ai não precisa variar, se dá bem em qualquer lugar.	A mulher como JE é mais detalhista, organizada e menos acomodada que o homem.
Entrevistado E	Devemos narrar os fatos no texto. Para escrever o texto é preciso ouvir os dois lados. O texto deve ser imparcial.	Ter sua rede de relacionamentos é importantíssimo. O JE consegue formar sua rede com o passar do tempo. A fonte serve também para checar alguma informação. O JE precisa ser muito paciente. É preciso apurar fora da redação para as pessoas (técnicos/jogadores) te conhecerem.	Ter credibilidade é fundamental para ser um bom JE. O repórter deve perguntar sem ser agressivo/ Jornalistas são muito nariz empinado; auto-suficientes; "donos da verdade". Para ter credibilidade é essencial checar informação; perguntar se pode publicar o que ele está dizendo. As empresas exigem do JE agilidade em escrever/ deadline. O JE deve ser atento/pesquisador.	Contra/ O merchandising faz o jornalista perder a credibilidade."Como posso afirmar que uma cerveja é a melhor do mercado? É questão de paladar. Posso perder minha credibilidade por isso".	Nunca podemos escrever uma matéria para defender uma tese. A opinião é válida desde que esteja no lugar certo do jornal (Opinião, editorial, artigo, coluna). No texto informativo pode deixar uma ironia escorregar para esquentar a matéria/ nunca com adjetivo, mas com analogias.	Teu perfil vai se formar em cima das pautas que você bolar. É preciso sair da mesmice, olhar os personagens e ver o que acontece fora das quatro linhas. O que te faz um repórter diferenciado é isso: escrever matérias diferenciadas e escrever matérias convencionais, mas bem escritas, bem apurada que esclareçam todas as dúvidas do leitor. Tudo isso forma o teu perfil independente da mídia.	Em matérias polêmicas é bom ter alguém por perto para testemunhar. Contra o JE que é assessor de imprensa de um clube que ao mesmo tempo trabalha num jornal.
Entrevistado F	O texto no JE deve ser leve; simples; objetivo; sutil; criativo; coeso; quanto mais divertido melhor, mas sem exagero. Chavões estão em desuso. Além de informação a matéria deve trazer uma análise. O texto na TV deve ser feito com linguagem corriqueira (não rebuscada) e sem frases muito longas. As matérias de JE na TV devem ser curtas/ matérias longas o lobo cai.		O JE deve ser simpático, sem ser "engraçadinho" demais/ noção do ridículo. Precisa ser criativo, atencioso, observador, curioso e sempre atualizado. Fazer matérias diferenciadas do factual é a mágica do bom JE. No jogo é preciso observar "fora das quatro linhas".	Merchandising é uma prática muito comum. Os clientes exigem que os apresentadores e jornalistas façam merchandising./ Anunciante quer associar a marca dele à imagem do apresentador. Contra/mas é um caminho inevitável, o capital que gira em torno disso é grande. Vai aumentar o número de merchandising nos veículos/ necessidade do mercado.	O público precisa das opiniões do JE para poder fazer a análise do jogo. A pessoa certa para emitir opinião é o comentarista. O repórter deve fazer a análise, mas de forma sutil. O público quer informação, mas com análise.	Este perfil vale para qualquer mídia, mas é claro que o tipo de linguagem para cada veículo muda. Ser curioso/ perspicaz/ prestar atenção/ ser observador, vale para todos. A diferença do jornalista que cobre esporte para o que cobre outras áreas é a noção da leveza do texto. O perfil é o mesmo, a técnica de tratar o assunto é que muda.	

Planilha 1 - Perfil

Pergunta 1/ Perfil	Texto	Postura Valores/atitude	Postura Profissional	Merchandising/Jabá/Patrocínio	Informação/ Opinião/ Comentários	Mudança do perfil/ Mídia	Livre
<b>Entrevistado G</b>	O texto no JE é leve/ descontraído.	Para ser um bom JE tem que gostar do que faz. O JE precisa ter muitas fontes, mas deve manter uma certa distância (não ser amigo da fonte).	Deve entender o assunto/ especialização. O bom JE é aquele que faz matérias diferenciadas. O JE deve ser descontraído.	Não condeno o merchandising, mas não faria. TV é merchandising o tempo todo. "Merchan é dinheiro entrando; dinheiro entrando é garantia de emprego; emprego é garantia de crescimento".	Contra/ "A minha opinião pode não ser a mesma do outro". Opinião pode causar problemas. A opinião é muito pessoal/ cada um tem a sua.	Em Brasília as pessoas que são do meio não fogem desse perfil. A maioria são descontraídos, brincalhões. Já em São Paulo o pessoal é mais sério, mais crítico, analítico. Varia de lugar para lugar.	
<b>Entrevistado H</b>	O texto de JE no impresso deve ser mais amplo, completo e diferenciado. Já o de internet deve ser sintético. No geral o texto precisa ser analítico.	O JE deve ter ética. Não pode ser promíscuo/aproveitador de certas situações. Cuidado com a relação com a fonte/ "Sou jornalista e não seu amiguinho". O JE não pode sonegar uma informação por causa da amizade que tem com uma fonte.	O JE não pode ser uma pessoa bitolada só em jogo/ deve entender de mais áreas como marketing esportivo. Tem que ser multimídia. Deve escrever bem, apurar, sugerir pauta. Quando for escrever uma matéria deve pensar nas legendas/ título/ foto/ arte/ infografia/ vídeo/ podcast.	Contra. O jornalista estuda para dar notícias e não para fazer propaganda. O merchandising deve aparecer somente nos intervalos comerciais e nunca dentro dos programas.	A opinião pode ser colocada nos lugares certos (editorial, coluna, artigo). Na matéria não cabe opinião, mas análise com base em dados/ entrevistas/ argumentos. Na análise o leitor vai chegar à conclusão dele.	Existe um perfil para cada mídia, mas isso está virando cada vez mais necessidade, o jornalista ser completo. Tem diferenças técnicas de texto entre a televisão, o rádio, a internet e o impresso, mas o jornalista tem que dominar todas essas características se dá bem em qualquer lugar. O mercado exige que seja multimídia.	O JE deve ficar ligado nos meios de imprensa de outros países que estão inovando e fazendo diferente.
<b>Entrevistado I</b>	O texto tende a ser mais opinativo/crítico/analítico. O lead ficou para o texto de internet. Para o impresso o texto precisa ser mais criativo.	O JE deve ser isento acima de tudo, o merchandising pode atrapalhar isso. A postura deve ser de independência, mas às vezes as empresas jornalísticas atrapalham.	O JE deve ter conhecimento histórico dos esportes, jogos. Ser dinâmico, criativo. O diferencial profissional é ser multimídia.	É complicado associar um programa jornalístico a uma marca que patrocina um time. Publicidade é com publicitário e não com jornalista. As empresas às vezes impõem que seja feito merchandising.	Deve ter opinião, o JE segue para este caminho.	Varia. Se for de jornal vai ter que proceder de uma forma, se for de internet vai proceder de outra. O que varia é a técnica, o estilo de cada um. O profissional que é criativo/ faz matérias diferenciadas e tem um conhecimento histórico, se dá bem em qualquer mídia.	
<b>Entrevistado J</b>	A linguagem do JE é mais bem humorada, leve, você pode brincar; usar gírias e fazer trocadilhos.	O JE deve ter jogo de cintura para lidar com os imprevistos.	Acima de tudo o JE deve ser responsável/sério/estudioso/ atualizado/bem informado. Não pode ser preguiçoso/acomodado. O JE deve ser descontraído/ carismático.	Para sobreviver ao mercado tem que fazer merchandising. Para o programa se manter no ar é preciso de patrocinadores. "Eu preferia não fazer merchan, mas o anunciante paga e quer ter retorno".	O JE deve ser imparcial acima de tudo, mas usa-se mais adjetivos que no jornalismo convencional. "Sem querer querendo você coloca sua opinião". Mas não pode ser explícito.	Profissionalismo/ seriedade/ responsabilidade/ carisma/ ser bem informado, são qualidades essenciais para qualquer mídia. O que muda é o texto/ linguagem. Você é mais cobrada pela aparência física na TV do que no rádio ou no impresso.	
<b>Entrevistado K</b>	O texto para internet deve ser o mais completo e objetivo possível. Não pode ser longo. Em todo caso é preciso ir além do factual e fazer matérias diferenciadas.	O JE precisa ter jogo de cintura, o mercado pede. Precisa ser fiel ao que vê. A postura deve ser correta, de honestidade sempre.	O JE deve ser completo: Falar bem/ escrever bem/ saber se expressar em todas as mídias. É preciso ter objetividade independente da mídia em que trabalha. Deve apurar/correr atrás/ checar as informações. Fazer matérias diferenciadas é essencial.	"O merchandising é um mal necessário". O merchandising é questão de sobrevivência no mercado.	Contra/ Emitir opiniões pode comprometer o trabalho do JE. "Para preservar o ambiente de trabalho (convívio) você não pode ser opinativo".	Muda porque depende da proposta do seu veículo. Se exige que você seja um repórter informativo, você vai ser. Se exige que você seja opinativo, você vai ter que fazer. Então acaba mudando o perfil. Agora a apuração deve ser feita em qualquer mídia.	
<b>Entrevistado L</b>	O texto hoje não pode ser só o factual/ o JE precisa buscar um diferencial. "Se você não tiver um texto diferenciado, você será engolido pelo imediatismo da mídia".	Para ser um bom JE tem que gostar do que faz. A postura de um JE deve ser de isenção, ter senso crítico, analisar. A isenção pode ser comprometida pelo merchandising. O JE deve deixar a paixão pelo time de lado.	Deve estudar muito/ler/saber notícias do esporte do mundo inteiro.	Quem faz merchandising, deixa de ser jornalista e vira apresentador, deve inclusive parar de opinar sobre os assuntos. Alguns patrocinadores estão ligados à clubes, empresa e eventos/ o jornalista perde a seriedade.	Opinião é diferente de informação, as duas coisas são válidas, mas devem estar bem marcadas no jornal. Tem o lugar certo para opinar (artigo/opinião/coluna).	Ser crítico e escrever bem vale para todas as mídias. Esse é o futuro da profissão, você estudar, aprender e ser um profissional muito aberto. O jornalista hoje tem que estar preparado para fazer matéria sobre qualquer coisa, este é o perfil do jornalista moderno, é o que vai ocupar os espaços no esporte, na política e em tudo.	
<b>Entrevistado M</b>	O texto deve ser diferenciado, com estilo próprio. Devem despertar a curiosidade do leitor. Não pode ser burocrático, devem fugir da mesmice.	O JE deve ter uma postura crítica e de independência acima de tudo.	Para o JE se destacar, ele precisa buscar pautas diferenciadas, fazer o que está fora do óbvio.	Contra. O JE não deve ser confundido com garoto propaganda. "A imagem do jornalista é seu maior patrimônio. Você faz propaganda para uma marca hoje e amanhã ela está envolvida num escândalo, aí você se complica".	Para o dia a dia você deve relatar os fatos, a opinião tem seu lugar (editorial, artigo). Ao escrever uma matéria é preciso ser isento.	Em relação a independência, arriscar, tentar ser diferente, vale para todas as mídias.	
<b>Entrevistado N</b>	A internet traz o factual. No impresso é preciso dar uma floreada no texto, com personagens. O texto é leve, mas sempre com informação.	O JE deve gostar muito do que faz.	O JE deve ser dedicado, escrever bem. Ser bem informado na área que vai cobrir/ especialização. Não pode ter vergonha de perguntar. É fundamental que o JE saiba mais de uma língua/ evita o gasto com tradutor.	"Não sou garoto propaganda, mas não sei se é válido, fico em cima do muro". Contra o JE que é assessor de imprensa de um clube e ao mesmo tempo trabalha num jornal.	A opinião só é válida quando você assina seu artigo/editorial/coluna. Na matéria você coloca os fatos. No artigo você pode por sua opinião, fazer uma análise, mas nunca mentir.	No jornalismo hoje, você tem que ter cuidado na área em que você for trabalhar. Primeiro tem o interesse da empresa, ela influencia no perfil do jornalista porque pode barrar. De veículo para veículo você tem diferença de técnicas.	O JE precisa ter cartas nas mangas. Em entrevistas coletivas você não consegue uma pauta diferencial.

**Planilha 1 - Perfil**

Pergunta 1/ Perfil	Texto	Postura Valores/atitude	Postura Profissional	Merchandising/Jabá/Patrocínio	Informação/ Opinião/ Comentários	Mudança do perfil/ Mídia	Livre
<p><b>Entrevistado O</b></p>	<p>O texto no JE é mais solto, pode por mais "molho", com personagens, pode brincar um pouco. Não precisa ser no formato convencional do lide que é ensinado nas universidades.</p>	<p>O JE deve gostar da área que atua acima de tudo.</p>	<p>A cada matéria o JE precisa buscar coisas novas.</p>	<p>Contra/ não é louvável. "Existem outras formas para fazer merchandising, o jornalista não é objeto para isso".</p>		<p>Na TV a postura do jornalista é diferente, você mostra sua imagem/ aparência. No jornal impresso já não precisa se preocupar tanto com isso. No sentido da notícia não muda, o repórter sempre deve estar atrás do fato independente da mídia. O que muda em jornal é que você tem que buscar um diferencial para suas matérias para não ser igual a TV e rádio onde a notícia já foi dada na hora.</p>	

## Planilha 2 - Impacto Novas Tecnologias

Pergunta 2/ Impacto novas tecnologias	Impacto	Mudança do papel do JE	Novas formas de trabalho	Mercado
<b>Entrevistado A</b>	Bastante; Trouxe facilidades, mudou a forma de fazer cobertura porque usa agências e não precisa gastar dinheiro com viagens e coberturas ao vivo. Antes: redações barulhentas/ máquinas de escrever/ fax. Hoje: redações silenciosas/ computador.	Câmeras, vídeo - jornalista grava, edita, tira foto - roubando emprego do cinegrafista e fotógrafo. Mas tem que ter cuidado senão vira punk porque faz tudo. O risco é a exploração. "Se fizer tudo vai virar escravo do seu emprego". É preciso ter limite.	Não precisa estar na redação para trabalhar (e-mail, videoconferência, celular, laptop); Não enfrenta trânsito.	
<b>Entrevistado B</b>	Grande; Abriu espaço para todos escreverem; criando blogs; há espaço para divulgar tudo; (internet criou mais espaço para o JE). A internet é a convergência das três mídias tradicionais.	"Mudou o cuidado na hora de soltar uma informação". O jornalista está sendo vigiado./ Novas tecnologias são fator chave que põe em risco a credibilidade. Com a interação de informação, o jornalista precisa estar mais bem preparado. Não é chegar e falar. É preciso pesquisar. Saber operar as novas tecnologias. Texto mais detalhado.	Jornalistas com blog. (Celular para alimentar o blog; lap top dentro das quadras esportivas)	Sites - cobertura online; TV à cabo; <i>pay-per-view</i> . Mercado aberto para profissionais (narradores, comentaristas, repórteres); rádio é tradicional.
<b>Entrevistado C</b>	Lógico; grande. Trouxe facilidade. Antes: dificuldade com áudio; equipamentos pesados; uma única linha telefônica./ Hoje: (câmeras e microfones sem fio; celular; linha de transmissão dentro da sala de imprensa; gravadores digitais). Hoje você dá a notícia, mas acaba invadindo a privacidade das pessoas. A mídia também ajudou a mudar a linguagem que hoje está mais moderna.	As pessoas estão mais atualizadas/cultas por causa da internet. O JE multimídia está um passo à frente dos outros. Problema sério: "Para algumas categorias, a modernidade foi prejudicial: câmera-man; fotógrafo; operador de rádio". O JE faz tudo, filma/edita/tira foto.	Hoje faz matéria com o laptop; com o <i>MSN</i> você apura e com o <i>Skype</i> você transmite ao vivo do campo.	"Hoje o mercado quer pessoas competentes, aquele padrão de beleza que era exigido antigamente, está caindo". O mercado está mais competitivo e exigente.
<b>Entrevistado D</b>	Houve impacto; facilitou muito o trabalho.	O JE precisa ser multimídia, saber gravar; editar; narrar. Diminuiu o número de pessoas nas empresas e aumentou a demanda.	Hoje você guarda tudo no computador, se precisar achar um arquivo é só dar dois cliques.	Com a crise financeira mundial os empregos diminuíram, a multifuncionalidade dos profissionais está grande. O JE multimídia se vende melhor para as empresas.
<b>Entrevistado E</b>	Houve impacto; Instantaneidade mudou o JE. Convergência de mídias para o grupo de comunicação. Cidadão também faz notícias - informação. Antes: máquina de escrever/ telex/ equipamentos pesados/ uma linha telefônica (precário; muito trabalho). Hoje: laptop/ celular/ máquina digital/ internet/ equipamentos leves.	JE mais ágil;- podcast; levar para rua celular, máquina fotográfica, gravador. "Caneta e caderno não servem mais". O JE precisa ter "espírito multimídia". Por causa das tecnologias o JE produz mais e mais rápido. Isso para o jornal é excelente, mas para os jornalistas é péssimo porque vão trabalhar mais e o desgaste físico, emocional é muito grande. Aí a tendência é cair a qualidade do texto.	Texto diferenciado para o impresso, pois a internet já deu o factual (Contextualização; histórico, exemplos). Texto de internet é de leitura rápida; O JE precisa dar conta de todos os formatos de mídia.	Formação multimídia para o mercado de trabalho deve partir da universidade e a prática é no dia a dia (dentro das redações).

## Planilha 2 - Impacto Novas Tecnologias

Pergunta 2/ Impacto novas tecnologias	Impacto	Mudança do papel do JE	Novas formas de trabalho	Mercado
<b>Entrevistado F</b>	Com certeza; As tecnologias trouxeram agilidade na veiculação das informações. Ganha-se mais tempo para trabalhar as matérias/ visualmente/ com efeitos.	O JE precisa ser rápido em dar notícia ou vai ficar defasado. A matéria deve trazer coisas diferentes para atrair o telespectador. Hoje se o jornalista errar, todos vão ter acesso ao erro dele.	O sistema analógico mudou para digital. Antigamente só usavam corte seco nas matérias de TV, se fosse para a pós-produção uma matéria de dois minutos demorava dois dias para renderizar. Com o sistema digital melhora a velocidade e qualidade das matérias. O risco de erro é menor.	
<b>Entrevistado G</b>	Houve impacto. A TV está com uma postura de estar mais próxima do público.	O JE deve ser multimídia/ saber trabalhar em todas as mídias.	Interatividade com o público/ portal de voz/ enquetes/ blog/ participação do ouvinte. A TV Digital irá mudar ainda mais a relação com o telespectador.	Estará um passo à frente dos outros, para conseguir um emprego, aquele que souber manusear as tecnologias e estiver preparado para trabalhar em qualquer mídia.
<b>Entrevistado H</b>	Impacto imenso. O jornal impresso está sendo bombardeado pelas outras mídias.	Tudo em tempo real. Tem que sair do factual e procurar o diferente nas matérias. O JE deve saber dominar todas as mídias. "Antes os jornalistas se achavam o 4º poder porque detinham a informação, hoje alguns blogueiros sabem mais que eles". O JE está sob pressão/ vigiado/ cobrado/ exigido. O público agora interage.	Hoje você lê o jornal pelo celular/iphone. Podcast.	Canais à cabo especializados em esporte (abriu o mercado).
<b>Entrevistado I</b>	Muito impacto. Principalmente no jornalismo impresso. Por causa da internet não existe mais o "furo" no impresso.	Mudou a maneira de escrever o texto/ é preciso buscar o diferente/ além do factual/ texto crítico e analítico. O JE precisa ser multimídia (grava; tira foto; escreve; sugere infografia; arte).	No futuro vai ser um repórter com seu laptop, de repente nem vai ser laptop vai ser um Iphone mesmo e o cara que não dominar isso vai se complicar porque é velocidade. Notícias chegam no palm/ celular/ iphone.	
<b>Entrevistado J</b>	Houve muito impacto. Hoje os equipamentos facilitam: (microfone sem fio, câmeras digitais, estão acabando com as fitas Betas). O formato dos programas mudaram, estão mais interativos.	A internet aumentou concorrência, o JE não pode se acomodar, deve ser ágil. O texto deve ser mais aprofundado para ser diferente do que a internet já deu. É preciso dar outro enfoque/ outro ângulo. O profissional deve ser multimídia por questão de sobrevivência (produzir, apurar, escrever, gravar, editar, apresentar).	Antes as ilhas de edição eram analógicas, agora são digitais. Hoje o telespectador participa do programa: (por telefone/ enquete/ manda vídeo/ mensagem).	Para sobreviver ao mercado precisa ser multimídia. "A concorrência está muito grande. Hoje você tem que atacar de todas as frentes, cobrar escanteio, correr, cabecear, tudo para conseguir fazer um gol".
<b>Entrevistado K</b>	Impacto total. "A internet já matou o jornal". O jornal não consegue dar furo. Convergência de mídias para o grupo de comunicação.	Por causa da internet o profissional deve estar mais bem preparado/ ágil/ dinâmico. Linguagem mais objetiva, sem jargões. Velocidade da informação/ hoje é impossível ocultar um fato. O jornalista precisa ser multimídia.	TV Digital. Blogues/ Fernando Calazans e Juca Kfourri têm. Interatividade com o público.	Hoje qualquer redação quer uma pessoa que saiba lidar com as tecnologias.

## Planilha 2 - Impacto Novas Tecnologias

Pergunta 2/ Impacto novas tecnologias	Impacto	Mudança do papel do JE	Novas formas de trabalho	Mercado
<b>Entrevistado L</b>	Houve muito. A internet te dá informações que ajudam a produzir um bom material. Facilitou muito.	"Antes era só você e seu bloquinho de anotações, hoje isso acabou". Hoje o JE precisa ser multimídia. Escrever para impresso, internet/ comentar/ emitir opinião/ fotografar.	A internet ajuda na apuração e permite que você entreviste um jogador que mora no exterior, por exemplo.	Por questão de sobrevivência no mercado os JE devem se adaptar às novas tecnologias.
<b>Entrevistado M</b>	Ainda não houve impacto. Talvez em São Paulo ou no Rio de Janeiro possa ter tido. "O povo não têm acesso ao jornal impresso quanto mais à internet". A TV está aumentando a proximidade com o público.	"Em São Paulo vejo repórteres de rádio que também são repórteres de TV. Há um acúmulo de funções. Mas em Brasília ainda é prematuro para fazer uma análise sobre o impacto das novas tecnologias na carreira".	Jornalistas com blog. Canais específicos de esporte estão mais interativos. Internet facilita checar informações e obter dados.	
<b>Entrevistado N</b>	Muito impacto. As novas tecnologias vieram para somar. Antes era máquina de escrever/ portátil, fax (trabalhão). Hoje a internet melhorou a velocidade, dá muitas informações.	O JE precisa ser ágil. Deve saber escrever para todas as mídias (gravar/ fazer vídeo/ podcast/ fotografar). O JE tem que ser multimídia.	Máquina digital. Hoje cobre o evento e manda a matéria pela internet, não precisa voltar para a redação. (laptop) Todo veículo tem seu site.	Se a pessoa aprender a mexer com as tecnologias na universidade melhor.
<b>Entrevistado O</b>	Sim, com certeza. "Estamos sentido o impacto na pele. Quando vou fazer uma matéria, ainda na produção tenho que pensar como farei para o impresso, para o vídeo na internet e para o podcast". Antes: máquina de escrever/ equipamento pesado, obsoleto/ ambiente de redação com poluição sonora e ambiental (fumantes).	O JE precisa ser multimídia. (Escrever matéria para o impresso/ internet/ matéria para TV/ podcast). O jornalista trabalha mais e o salário é o mesmo/acúmulo de função. " Às vezes me dá impressão que estamos roubando o emprego do cinegrafista, da pessoa do rádio".	Computador; laptop; internet. O podcast é a nova mídia. Interatividade com o público.	"Toda mudança gera um impacto. Hoje não tem mais essa coisa de não quero, você tem que fazer de tudo um pouco, gostando ou não, porque caminha para isso".

### Planilha 3 - Faculdades

Pergunta 3/ Faculdades	Preparo pelas faculdades	Sugestão/ formação acadêmica	Fundamental aprender	Livre
<b>Entrevistado A</b>	Algumas preparam, outras não. Está faltando muito texto, falta prepará-los para o que vão encontrar nas redações. "A academia tem que ter mais rigor, cobrar mais dos seus alunos, hoje tem muito PPP (papai pagou passou)".	Precisa de prática: (Jornais laboratórios/ projetos de extensão). "É extensão, levar a faculdade para fora dos seus muros".	História do esporte/regras dos esportes. O estudante precisa ver que esporte não é só resultado, há outras dimensões (economia, marketing esportivo, política no esporte).	Cabe a cada um cobrar de si mesmo na faculdade, estudar, ter comprometimento de se tornar um profissional melhor.
<b>Entrevistado B</b>		A faculdade deveria disponibilizar seminários com profissionais especializados na área do esporte. Ou colocar JE como matéria optativa.		
<b>Entrevistado C</b>	Não preparam. A faculdade vai te dar um lado comportamental, ético, mas esquecem da prática. "Falta ligar mais o aluno à realidade. Acho que o laboratório na faculdade é muito fictício, ele não tem o <i>time</i> da pancada que a gente vive."	A faculdade deveria tirar um pouco os alunos de dentro da faculdade, de dentro dos laboratórios e por na rua. "Quem gosta de laboratório é rato". Mandar os alunos apurar, ir ao estádio, cobrir um jogo e depois os professores orientariam como escrever a matéria.	A prática é fundamental.	"Não existe hoje, que eu conheça, em Brasília, uma faculdade que direcione o seu trabalho laboratório para um estádio de futebol. Como você vai ser um bom jornalista esportivo se você não vai a um ginásio, se interar, ver como funciona, acompanhar?"
<b>Entrevistado D</b>	Não estão preparando o profissional para pegar o mercado de trabalho do jeito que ele é, para essa multifuncionalidade./ Tudo é muito superficial.	Palestras com pessoas do meio esportivo. A faculdade deve preparar os alunos para a realidade do mercado (muito trabalho/ que não vão ganhar aquilo que eles acham/ que não vão ter mais fins de semana).	Aprender a editar, fazer vídeo, falar bem. Só a faculdade pode ensinar a fazer isso tudo com aulas de vídeo, de rádio. Nenhuma grande empresa vai querer alguém que ainda não saiba.	
<b>Entrevistado E</b>	Lamentavelmente não estão. As faculdades estão preocupadas com as questões multimídia, mas na área de Esporte estão muito distantes daquilo que podem fazer. É preciso mostrar que a cobertura esportiva não é só futebol. Investir não só na teoria, mas também na prática/ laboratórios não dão mesmo pique das redações.	Deveria haver a prática de mandar os alunos apurar na rua (cobrir jogos/ treinos). No último ano do curso deveriam fazer estágio. As faculdades podiam levar jornalistas esportivos para darem palestras uma vez por semestre e colocar os alunos para debater, não só para ouvir. Fazer oficinas de JE.	É fundamental saber o grande universo da qual o esporte faz parte. "A leitura/ pesquisa é importante, mas entrar na prática, no pique, isso é fundamental".	As faculdades devem alertar aos alunos que o mercado de trabalho nessa área não está só nas redações, o mundo de assessoria de imprensa nesta área é enorme.
<b>Entrevistado F</b>	Não de jeito nenhum. As faculdades dão uma noção muito superficial de tudo. Não dá embasamento para o jornalista sair pronto para o mercado de trabalho e muito menos especificamente para cada editoria.	Deveria ser obrigatório aos estudantes fazer estágio, procurar emprego sem ter experiência é difícil. Deveria ter uma cadeira de JE ou ter como matéria optativa.	Seria importante os estudantes ter contato com os esportes/ saber como funciona as modalidades/ as regras .	

### Planilha 3 - Faculdades

Pergunta 3/ Faculdades	Preparo pelas faculdades	Sugestão/ formação acadêmica	Fundamental aprender	Livre
<b>Entrevistado G</b>	Não preparam. "O preconceito começa na própria faculdade, a gente não tem oportunidade de estudar JE lá. Se você depender só da faculdade para se especializar, você está ferrado".	"Não ter a disciplina JE na faculdade é surreal". Essa disciplina ainda deveria ser lecionada por alguém experiente que já tenha trabalhado na área, de preferência em mais de uma mídia.	É fundamental prepará-los para as redações para não chegarem totalmente perdidos/ Saber como fazer; como agir; o que esperar; como proceder; saber como cobrir o treino; como entrevistar um jogador.	
<b>Entrevistado H</b>	Não vejo na graduação algo direcionado para o JE. No mundo inteiro é pujante o JE, o esporte no jornalismo requer uma atenção maior da academia. "A faculdade precisa deixar de tratar o JE como uma coisa menor, menos importante".	Nos anos de graduação você tem que ter acesso à informação, à pesquisa. "É preciso ter palestras nas faculdades com especialistas na área, essa é uma ponte entre a academia e o mercado que muitas vezes não acontece". A literatura esportiva no Brasil é muito fraca. Em outros países a literatura é imensa. Então isso precisa realmente crescer no Brasil e a academia tem um papel fundamental nisso.	É fundamental que o estudante goste de esporte. Devem entender os esportes/ regras. Ler muito é importantíssimo/ ler clássicos, revistas, jornais. "O JE é um dos que mais precisam ser multimídia".	"As novas gerações são inteligentíssimas, sabem tudo de informática, mas estão se esquecendo da parte da língua, no <i>Messenger</i> eles usam só gírias, mudam as palavras e acabam desaprendendo o português".
<b>Entrevistado I</b>	Não, o JE ainda é discriminado dentro das faculdades. "A demanda é grande pelo esporte nacional e internacional, as empresas jornalísticas já se atentaram para isso, mas as faculdades ainda não".	Ter uma disciplina chamada Jornalismo Especializado onde poderia descobrir o potencial de cada um. Levar profissionais para debates, palestras, para os estudantes conhecerem o mercado, a profissão. Fazer uma semana de oficina de JE. Levar o estudante para fazer cobertura de esporte fora da faculdade.	É importante estudar; ler; entrar na internet, nos sites das confederações, pesquisar sobre os esportes/ regulamentos; assistir programas esportivos; ter uma visão crítica das coisas/ ter seu juízo de valor; ler sobre Olimpíadas e Copa do Mundo.	
<b>Entrevistado J</b>	Não preparam. "As faculdades não ligam para o esporte, é o aluno que tem que se virar, tem que estudar por conta própria e depois fazer uma especialização". A faculdade ensina tudo muito superficial.	JE deveria ser uma disciplina. Falta prática na faculdade/ coberturas fora da sala de aula.	Já que não tem a disciplina JE, o aluno deve correr atrás das informações; sugar o máximo das aulas de radiojornalismo, de telejornalismo; tem que estudar; ler muito; assinar revistas esportivas/ TV à cabo de canais especializados; saber as regras dos esportes; acompanhar os jogos.	
<b>Entrevistado K</b>	Não preparam, a grande maioria que chega das faculdades têm os textos fracos, a faculdade cobra pouco.	Ter a matéria JE na faculdade; Incentivar os alunos a cobrir um jogo de futebol, de basquete, entrevistar um jogador, comentar um treino, fazer trabalhos nesse sentido.	A principal coisa que o aluno tem que aprender na faculdade é a teoria, o princípio, ética, isso é o suficiente. As regras dos esportes, isso só a vivência/ experiência poderá te dar.	"O mal da internet, do <i>Orkut</i> , do <i>MSN</i> é que a garotada agora só escreve textos inteligíveis. Você não consegue decifrar o que está escrito ali, desaprendem o português".

### Planilha 3 - Faculdades

Pergunta 3/ Faculdades	Preparo pelas faculdades	Sugestão/ formação acadêmica	Fundamental aprender	Livre
<b>Entrevistado L</b>	Não estão preparando. "O JE ainda é um pouco deixado de lado nas faculdades, ainda não é encarado. Não se atentaram para essa realidade de que o JE é sim um mercado, é possível ganhar bem, se sobressair, fazer sucesso e crescer na carreira".	Deveria ter cadeiras específicas para o JE, cursos com pessoas que já passaram pela área. Falta prática nas universidades.	É importante ter na faculdade a compreensão de que é uma área como as outras que exige especialização, dedicação e conhecimento. Entender que o esporte tem sua relevância, conteúdo e informação. Tem que se preparar para isso com seriedade.	
<b>Entrevistado M</b>	Não preparam. As faculdades têm uma formação teórica muito forte, mas prática muito pouco.	A função da faculdade é preparar um bom jornalista, ele depois vai se especializar na área de interesse. Falta a questão prática na universidade, mas isso pode ser resolvido se o estudante conseguir um ano de estágio.	É fundamental que o estudante consiga fazer estágio durante a sua formação.	
<b>Entrevistado N</b>	Não. A realidade de uma empresa é totalmente diferente do que eles ensinam na faculdade, precisam alertar os alunos de como realmente é o mercado. "Na faculdade eles acham que esporte é moleza, estão muito enganados, não é não".	Quem for dar aula de jornalismo tem que ter passado por redação de jornal, ou de TV, ou de rádio./ Ter experiência. "Hoje você está ali e o professor nem quer saber que área você gosta, quer trabalhar. Se ele souber o perfil de cada aluno, vai saber orientar melhor e aí você não sai tão cru".	É importante que os professores orientem os alunos para o mercado de trabalho/ salários/ áreas de atuação/ horários; fins de semanas escassos/ matérias nem sempre vão sair do jeito que eles querem por causa do mecanismo (subeditor; editor; editor-chefe).	
<b>Entrevistado O</b>	Em dúvida. Estão muito bem preparadas com a formação gramatical e com a forma de atuar como jornalista. Alguns têm dificuldade na montagem dos textos, mas é natural, é com a prática que se pega.		As pessoas têm que gostar e se optar pela área esportiva buscar; se informar; ler; pesquisar; buscar informações sobre seu entrevistado para você não chegar na entrevista cru sem saber nada do esporte.	

#### Planilha 4 - Futuro do jornalismo esportivo

Pergunta 4/ Futuro	Futuro na área	Profissionais preparados	Como se preparar	Livre
<b>Entrevistado A</b>	O futuro é promissor. Em 2014 teremos a Copa do Mundo no Brasil e talvez as Olimpíadas em 2016, são eventos que vão chamar muita atenção ao esporte/ vai forçar as empresas a crescer/ vão precisar de mais gente fazendo essa cobertura.	Estão preparados sim, mas a formação nunca se acaba.	O profissional deve estar disposto (aberto) a aprender até os últimos dias de sua vida. Deve ter espírito empreendedor. Lendo/ trocando informações. "Não devemos ser escravos das tecnologias, mas se é uma ferramenta que pode auxiliar porque não aprender a mexer com isso?".	"Alguns jornalistas pecam pela vaidade, se acham o supra-sumo, esse sentimento não é bom porque às vezes você se fecha para novas possibilidades".
<b>Entrevistado B</b>	Futuro promissor. Copa 2014 no Brasil e talvez Olimpíadas em 2016. Com tantos eventos é uma área que vai crescer. Cada vez mais o esporte é um negócio e precisam de profissionais que saibam buscar bem as informações/ emitam opiniões.	Falta formação em alguns aspectos (Bastidores; gestão; e administração de futebol).	Buscar informações pelos livros de marketing esportivo/ administração esportiva. Colher informações além do jogo/ conversar com os dirigentes e saber o que acontece "fora das quatro linhas".	"Um ponto ruim no JE no Brasil é rotular todos de cartola, tem muito dirigente ruim mesmo, mas tem aqueles que fazem um bom trabalho e merecem destaque".
<b>Entrevistado C</b>	O rádio é cada vez mais desvalorizado. "Infelizmente as autoridades não vêem o rádio com a força que ele tem. E muito menos o esporte que é visto hoje como fruto de produto financeiro". Abriu o mercado com sites de esporte. O esporte ainda é um grande caminho para o jornalista (principalmente para as mulheres).	Existem profissionais preparados e profissionais não preparados. Os que não estão preparados vão ficar defasados rapidinho.	Estudando; lendo, construindo; lutando todos os dias para conquistar seu espaço; fazendo questão de dar a notícia primeiro; faz questão de estar um passo à frente; tomando bronca porque errou, mas não porque ficou parado.	
<b>Entrevistado D</b>	Em Brasília é muito difícil/ apertado, principalmente para rádio e TV. É um mercado pequeno, mas se sair profissionais com qualidade das faculdades, o mercado vai abrir e dar lugar à eles.	Os profissionais, principalmente do rádio, tem que estar preparados para essas mudanças, ruins ou boas. Uma parcela está preparada e outra não. Essa parcela que não está preparada está ultrapassada. Alguns não aceitam e não querem mudar o modo de ser.	Essa parcela que não está preparada teria que se modernizar para poder conseguir chegar nesse futuro.	
<b>Entrevistado E</b>	A cobertura em si não vai mudar/ o repórter nas ruas. "Estão muito presos à redação, tenho medo de no futuro ninguém ir buscar informação nas ruas". A tecnologia sim, muda. Os profissionais devem estar ligados nas novas tecnologias antes de tudo. Os meios de comunicação vão exigir do repórter agilidade e diversidade no texto.	"Estamos numa fase de transição, pegando essa mudança, nós que já estamos no mercado e aqueles que estão chegando. E não, não estamos preparados".	Para quem já está no mercado, uma opção é fazer cursos de atualização em multimídia para aprender a usar os recursos que já estão à nossa disposição. A universidade deve preparar os profissionais. E devem ser bem preparados por pessoas bem preparadas e supõe-se que estas pessoas estejam na academia.	

#### Planilha 4 - Futuro do jornalismo esportivo

Pergunta 4/ Futuro	Futuro na área	Profissionais preparados	Como se preparar	Livre
<b>Entrevistado F</b>	O futuro da área de JE é muito bom, principalmente por causa das tecnologias. A tecnologia evoluindo, vai melhorar muito a condição de trabalho. Ganharemos mais tempo para melhorar a qualidade e o conteúdo das matérias.	A maioria dos profissionais não estão preparados. Os jornalistas que estão entrando no mercado estão muito receptivos para essa mudança. Quem já está no mercado ainda é muito reticente com essa questão, mas se não aprender, vai ser mandado embora porque os outros vão chegar.	A pessoa tem que enxergar que saber lidar com as tecnologias vai ser positivo para a carreira dela. Se não enxergar isso, não vai sair do lugar.	Os esportes estão melhorando de condição. Quando tem investimento, os esportes melhoram de qualidade, aí a televisão transmite, aí o anunciante se interessa, é um ciclo.
<b>Entrevistado G</b>	O mercado nesta área é fechado, muito segmentado, não dão muito espaço para novos talentos. Ainda é dividido: jornalismo x esporte, nas redações. O futuro é esperançoso, o brasileiro é apaixonado pelos esportes então sempre teremos público. Sempre vai ter mercado de trabalho.	Os mais novos estão mais preparados, esses que saíram ou estão saindo da faculdade já nasceram inseridas nesse campo tecnológico. Os que já estão aí há muito tempo talvez não acompanhe tanto essa mudança multimídia.	É preciso se especializar. Se não conhece, procurar saber. Ninguém nasce sabendo, quem se interessa e corre atrás está na frente de quem está parado e acha que está bom assim.	"O JE ainda sofre preconceito dentro das redações, por isso tem que se esforçar mais que os repórteres de outras editorias".
<b>Entrevistado H</b>	O futuro para a área esportiva é terno. Sempre vai haver paixão pelo esporte que vai demandar um JE bem feito. Hoje já é possível seguir a carreira de JE. Porém o futuro é mais complexo em termos da multimídia, você terá que ser mais completo e o público irá exigir mais.	Alguns estão preparados e alguns não. Tem muita gente conservadora. Alguns vão sair da redação porque não vão se acostumar a essa nova realidade. Mas o ser humano é adaptável mesmo tendo medo da mudança.	Para se preparar é preciso abrir a cabeça. Uma das possibilidades é fazer um curso de Especialização de Multimídia onde os profissionais que não estão preparados irão novamente para o banco da academia aprender sobre as novas tecnologias. Tem que estar sempre se reciclando.	
<b>Entrevistado I</b>	É um segmento em crescimento. Há canais especializados em esportes onde emprega muitos jornalistas, os sites se espalharam. A expansão vai ser ainda maior com a Copa de 2014 no Brasil e talvez as Olimpíadas de 2016. As redações vão precisar contratar mais gente. Antigamente não dava para viver de JE, hoje dá, muitos são bem remunerados.	A maioria não está preparada. Na questão multimídia, os que estão entrando estão preparados porque já nasceram nesse meio. Os que estão no mercado criam uma barreira para as novas tecnologias. "Esses que não estão aprendendo vão ficar para trás, a tendência é essa, não adianta tampar o Sol com a peneira".	Para se preparar têm que ler/ se informar/ devorar textos/ tem que se ligar/se antenar/ fazer um curso de informática/ se atualizar.	Por causa dos grandes eventos esportivos que irão acontecer no Brasil as faculdades vão ter muito mais alunos procurando essa área do jornalismo esportivo.
<b>Entrevistado J</b>	O esporte é o primo pobre do jornalismo. Tanto que nas redações é dividido: jornalismo x esporte. As emissoras de rádio se fossem mais espertas iriam ver que o esporte é uma fonte certa de dinheiro, de audiência. O mercado é minúsculo, restrito. Ainda tem a questão de no futuro o profissional ser multimídia.	Os que estão chegando agora falta prática/ informação. Mas eles têm vontade, são esforçados, querem aprender. Então esta turma que vem aí é boa, só falta a prática. Já alguns que estão na área estão acomodados.	Para se preparar é preciso estudar mesmo, ter cara de pau de chegar um dia ligar num jornal, numa TV e dizer: Sou estudante me dá uma forcinha aí, eu não sei como é, posso ir ao treino com vocês?	

#### Planilha 4 - Futuro do jornalismo esportivo

Pergunta 4/ Futuro	Futuro na área	Profissionais preparados	Como se preparar	Livre
<b>Entrevistado K</b>	Do jeito que está, pouca coisa. Porque evolui pouco, o JE fica muito estagnado. Os esportes não vão mudar, vai ser isso o resto da vida, então você tem que arrumar formas diferentes de cobrir aquilo ali, um diferencial, um enfoque diferente, um texto mais leve, um pouco de humor.	Os jornalistas têm que estar preparados para esse futuro porque é exigência do mercado. A grande maioria não está. Os que estão na faculdade podem até saírem de lá um pouquinho preparados. Quem está aqui no mercado, se estivessem preparados um Tadeu Schimdt só não se destacava, vários apareceriam.	Tem que estar em constante mudança/ ler/ ver/ entender/ saber o que está acontecendo/ correr atrás/ se informar e buscar dentro daquilo que você já faz, novas formas de fazer. "A partir do momento que você acha que já sabe tudo, vai para casa. Se você nunca está satisfeito com aquilo, ótimo, continue não satisfeito que sempre vai sair coisa nova".	
<b>Entrevistado L</b>	O crescimento da mídia como um todo está voltada para o esporte, a profissionalização. É uma das áreas que tende a crescer principalmente porque está vindo uma Copa do Mundo e podemos ter uma Olimpíada. É um campo a ser mais estudado, é uma opção de trabalho sim. Lembrando que só vai sobreviver o profissional multimídia.	Ainda não estão preparados.	É um trabalho que a faculdade deveria fazer. E dentro do mercado de trabalho ter essa evolução contínua, diária e com a perspectiva de que é uma área a ser estudada, trabalhada e que exige especialização. "Não vejo hoje uma saída, como fazer isso, mas é a dedicação mesmo dos jornalistas".	
<b>Entrevistado M</b>	Teremos a Copa em 2014 em Brasília. O JE é um mercado de trabalho onde o jornalista depende que os times da cidade se desenvolvam. Provavelmente o jornalista terá que ser multimídia porque a imagem está entrando cada vez mais dentro do jornal impresso, então ele pode ser comentarista, ser repórter, filmar, a tendência é essa.	Não estão preparados porque não foram preparados lá atrás. É mais fácil o novo se adaptar a essa situação. Mas provavelmente quem está no meio e não conseguir se adequar vai ficar realmente para trás, vai perder espaço no mercado.	Se preparar é só na prática mesmo. A medida que a empresa implantar novas tecnologias, você vai aprendendo. Quanto mais a pessoa se adaptar, mais fácil vai ser a permanência dela naquela função.	
<b>Entrevistado N</b>	Está difícil, cada vez mais você precisa ter fontes/ bons relacionamentos/ habilidades/ bom nível de conhecimento para conseguir fazer matérias com diferencial. As pessoas acham que cobrir esporte é fácil. "A internet prende os jornalistas na redação, meu medo é daqui uns tempos ninguém sair da redação para fazer as matérias". No futuro será ainda mais cobrado a questão multimídia.	Se não estiverem preparados para esse futuro, têm que estar. "Tem que fazer parte da empresa e se querem ter um site, ou usa muito essa coisa multimídia, você terá que aprender a filmar, gravar um podcast, mas isso não é nenhum bicho de sete cabeças".	Para alcançar um bom nível de conhecimento tem que frequentar a área que você vai cobrir/ sair da redação. Ampliar conhecimentos na área de multimídia. "Só aprende quem faz, quem coloca a mão na massa. Não gostava de fazer vídeo, mas acabei experimentando e hoje gosto. Tive que me adaptar".	A cada dia fica mais difícil ter uma entrevista exclusiva para fazer uma matéria diferenciada. Na Europa os jogadores não dão entrevista, só coletiva. É tudo através dos assessores de imprensa.

#### Planilha 4 - Futuro do jornalismo esportivo

Pergunta 4/ Futuro	Futuro na área	Profissionais preparados	Como se preparar	Livre
Entrevistado O	<p>Aqui em Brasília não espero muito. Tem a questão multimídia, boa parte do jornalismo em geral, da comunicação irão exigir ainda mais e as pessoas que não se especializarem provavelmente vão estar fora do mercado. Mas é uma tendência mundial. A coisa está ficando mais enxuta, vai se fechar um pouco o campo, o mercado está se estreitando.</p>	<p>Alguns que estão na área já tem essa coisa nata, outros meteram a cara, gostaram e estão fazendo. Outros não estão preparados, estão vendo a coisa acontecer, mas parece que não estão acreditando. Alguns estão resistentes e não tem jeito. As pessoas que estão chegando estão mais abertas a esse novo formato, têm mais facilidade de se adaptarem.</p>	<p>Uma opção é fazer cursos de atualização/ especialização em multimídia. É preciso estar aberto às novidades. Precisa se adaptar.</p>	